



A RECESSÃO DAS NAÇÕES

Apenas olhe para o lado bom da economia



Paulo Galvão Júnior

ISBN: 978-65-5825-003-6

Paulo Galvão Júnior

A RECESSÃO DAS NAÇÕES: Apenas olhe para o lado bom da economia

Editora do UNIESP



Cabedelo
2020



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIESP

Reitora

Érika Marques de Almeida Lima Cavalcanti

Pró-Reitora Acadêmica

Iany Cavalcanti da Silva Barros

Editor-chefe

Cícero de Sousa Lacerda

Editores assistentes

Hercilio de Medeiros Sousa

Josemary Marcionila F. R. de C. Rocha

Editora-técnica

Elaine Cristina de Brito Moreira

Corpo Editorial

Ana Margareth Sarmento – Estética

Anneliese Heyden Cabral de Lira – Arquitetura

Daniel Vitor da Silveira da Costa – Publicidade e Propaganda

Érika Lira de Oliveira – Odontologia

Ivanildo Félix da Silva Júnior – Pedagogia

Jancelice dos Santos Santana – Enfermagem

José Carlos Ferreira da Luz – Direito

Juliana da Nóbrega Carreiro – Farmácia

Larissa Nascimento dos Santos – Design de Interiores

Luciano de Santana Medeiros – Administração

Marcelo Fernandes de Sousa – Computação

Márcia de Albuquerque Alves – Ciências Contábeis

Maria da Penha de Lima Coutinho – Psicologia

Paula Fernanda Barbosa de Araújo – Medicina Veterinária

Rita de Cássia Alves Leal Cruz – Engenharia

Rogério Márcio Luckwu dos Santos – Educação Física

Zianne Farias Barros Barbosa – Nutrição

Copyright © 2020 – Editora UNIESP

**É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei no 9.610/1998) é crime estabelecido no
artigo 184 do Código Penal.**

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do(os) autor(es).

Designer da Capa: Aline Silveira / Samara Cintra

Foto do autor: Samuel Elírio

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado (UNIESP)**

G182r

Galvão Júnior, Paulo.

A recessão das nações: apenas olhe para o lado bom da economia [recurso eletrônico] / Paulo Galvão Júnior. - Cabedelo, PB: Editora UNIESP, 2020.

276p. il.

Tipo de Suporte: eBook

Formato: PDF

ISBN: 978-65-5825-003-6

1. Economia mundial. 2. Economia - China. 3. Crise econômica. 4. Economia - Brasil. 5. Pandemia – COVID-19. I. Título.

CDU: 330(100)

Bibliotecária: Elaine Cristina de Brito Moreira – CRB-15/053.

Editora UNIESP
Rodovia BR 230, Km 14, s/n,
Bloco Central - 2 andar - COOPERE
Morada Nova. Cabedelo - PB.
CEP 58109-303



***Para a minha querida mãe,
Com muito amor.***

*Nada é permanente
neste mundo perverso,
nem mesmo
nossos problemas.*
Charles Chaplin (1889-1977)

*Não podemos querer que as coisas mudem,
se sempre fazemos o mesmo.
A crise é a maior benção que pode acontecer às pessoas e aos países,
porque a crise traz progressos.
A criatividade nasce da angústia
assim como o dia nasce da noite escura.*
Albert Einstein (1879-1955)

*Na adversidade,
uns desistem,
enquanto outros
batem recordes.*
Ayrton Senna (1960-1994)

*Uma economia diferente,
que faz viver e não mata,
inclui e não exclui,
humaniza e não desamuniza,
cuida da Criação e não depreda.*
Papa Francisco (1936-)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
SOBRE OS 70 ANOS DA REVOLUÇÃO CHINESA.....	14
GALVÃO JÚNIOR e BARROS, Rhianne Farias	
A VISÃO DE ADAM SMITH, ATUAL E DO FUTURO SOBRE A CHINA.....	34
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
OS 90 ANOS DA CRISE DE 1929.....	48
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
OS ENORMES DESAFIOS DO BRASIL NA ATUALIDADE.....	68
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
ENTENDA A DIFERENÇA ENTRE BRICS E RBCAI NA ATUALIDADE.....	79
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
O CENTENÁRIO DE CELSO FURTADO.....	94
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
UM OLHAR PREOCUPANTE SOBRE A ECONOMIA MUNDIAL.....	126
GOMES, Victorya e GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
A FALTA QUE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA FAZ NA VIDA ADULTA NUMA RECESSÃO.....	143
CABRAL, Mariana de Araújo e GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
A RECESSÃO DAS NAÇÕES: APENAS OLHE PARA O LADO BOM DA ECONOMIA.....	165
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	

POR QUE TANTO DESEMPREGO NO MUNDO E NO BRASIL?.....	170
NUNES, Grazieli de Araújo e GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
OS CENÁRIOS NACIONAL E INTERNACIONAL COM COVID-19 EM 2020.....	182
CARNIATO, Alexandre Saraiva e GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
A ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL EM PLENA PADEMIA DO COVID-19.....	199
SANTOS, Maria Clara e GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO NA ECONOMIA QUE QUEREMOS.....	205
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
OS 84 ANOS DA TEORIA GERAL DE KEYNES.....	224
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
AS CONSEQUÊNCIAS DO COVID-19 PARA O FIM DO CICLO ECONÔMICO ATUAL.....	228
SANTOS, Kleyton e GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
LER, RELER E LER DE NOVO EM PLENO ISOLAMENTO SOCIAL.....	236
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
FALA BRASIL: CHEGA DE TANTOS TRIBUTOS!.....	253
GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
OS IMPACTOS ECONÔMICOS E SEUS REFLEXOS NO DIREITO DO CONSUMIDOR EM PLENA PANDEMIA DO COVID-19.....	257
DINOÁ, Alexandre e GALVÃO JÚNIOR, Paulo	
SOBRE O AUTOR.....	275

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, aos 50 anos de idade, que completei no dia 13 de maio de 2020, eu estou apresentando em pleno isolamento social, o meu décimo quarto eBook de economia intitulado **A recessão das nações: Apenas olhe para o lado bom da economia**.

Quando eu nasci em João Pessoa, a capital do estado da Paraíba, o Brasil vivia os impactos do milagre econômico, em plena Ditadura Militar e o ministro da Fazenda era o economista Antônio Delfim Netto, o czar da Economia. Com cinco décadas de vida, eu já escrevi vários artigos em sites brasileiros e no site do jornal russo Pravda.Ru na versão em português. Nos dias atuais, o País passa por um pesadelo econômico, com três crises distintas, uma crise sanitária, uma crise econômica e uma crise política, e o ministro da Economia é o economista Paulo Guedes. Essas crises juntas provocarão uma forte queda da taxa de crescimento do PIB brasileiro em 2020. A minha previsão é uma retração entre 4,3% e 8,3% em 2020.

Em todo o mundo já há mais de 13,8 milhões de pessoas infectadas pelo COVID-19 e mais de 590 mil mortos em 188 países, em cinco continentes, segundo dados oficiais da Universidade de Johns Hopkins, em 17 de julho de 2020. Há 200 dias, o mundo quase parou! Em 31 de dezembro de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, aconteceu o primeiro caso do novo coronavírus no planeta. Um vírus invisível a olho nu, mas mortal, que já provocou 2.951 mortes por dia (Universidade de Johns Hopkins, 17.07.2020). O nome oficial do novo coronavírus é SARS-CoV-2.

Infelizmente, por causa da pandemia (*pandemic*) do COVID-19, estamos entrando na recessão global (*global recession*). Uma recessão econômica é um período contínuo de forte declínio do Produto Interno Bruto (PIB), normalmente perdurando de 6 (seis) meses a 35 (trinta e cinco) meses. Já podemos enxergar o pesadelo econômico no ano de 2020. Segundo a diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), a economista búlgara Kristalina Georgieva, “a pandemia do novo coronavírus provocará uma recessão maior desde a Grande Depressão dos anos trinta”. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), “o coronavírus poderá empurrar até 500 milhões de pessoas para a pobreza em 2020”. O mundo, o Brasil, a Paraíba nem a Grande João Pessoa não estão preparados para enfrentar uma doença infecciosa muito contagiosa e mais mortal do que

o SARS (2002) e o MERS (2012). Estamos em plena crise econômica mundial denominada pelo FMI: O Grande Confinamento (*The Great Lockdown*).

A recessão das nações será uma realidade em 2020. O fantasma da recessão ronda o Brasil e o mundo de novo. A recessão econômica já chegou forte nos Estados Unidos da América (EUA), com mais de 45 milhões de trabalhadores americanos que já solicitaram os pedidos de seguro-desemprego mensal. Infelizmente, os EUA já registram 3.576.430 casos do COVID-19, o primeiro lugar absoluto no planeta. A Rússia sofre com 758.001 casos (Universidade de Johns Hopkins, 17.07.2020), o quarto país com mais casos confirmados do COVID-19 e com a forte queda do preço do barril de petróleo em dólares, a economia russa tende a uma retração econômica de 8% no ano de 2020 (FMI).

Após a mais profunda e prolongada recessão econômica do País, entre o segundo trimestre de 2014 e o quarto trimestre de 2016, em seguida, a recuperação econômica mais lenta da História do Brasil, no triênio 2017-2018-2019. Agora é preciso enfrentar o mortífero SARS-CoV-2 em 2020, que se propaga rapidamente, com 2.012.151 casos, o segundo país no mundo em número de casos e com 76.688 mortes (Universidade de Johns Hopkins, 17.07.2020), o segundo país com maior número de mortes no planeta, atrás apenas dos EUA (138.360) e golpeando o valioso capital humano. Nunca foi tão necessário proteger as pessoas, sobretudo, os idosos, e em seguida, recuperar a economia brasileira o mais breve possível.

No Centenário de Celso Furtado, o célebre economista paraibano, ex-ministro do Planejamento (1962-1963) e ex-ministro da Cultura (1986-1988), o presente eBook tem 18 artigos: (i) Sobre os 70 anos da Revolução Chinesa; (ii) A visão de Adam Smith, atual e do futuro sobre a China; (iii) Os 90 anos da Crise de 1929; (iv) Entenda a diferença entre BRICS e RBCAI na atualidade; (v) Os enormes desafios do Brasil na atualidade; (vi) O Centenário de Celso Furtado; (vii) Um olhar preocupante sobre a economia mundial; (viii) A falta que a Educação Financeira faz na vida adulta numa recessão; (ix) A recessão das nações: Apenas olhe para o lado bom da economia; (x) Por que tanto desemprego no mundo e no Brasil?; (xi) Os cenários nacional e internacional com o COVID-19 em 2020; (xii) A economia criativa no Brasil em plena pandemia do COVID-19; (xiii) A contribuição do turismo na economia que queremos; (xiv) Os 84 anos da Teoria Geral de Keynes; (xv) As consequências do COVID-19 para o fim do ciclo econômico atual; (xvi) Ler, reler e ler de novo em pleno isolamento social; (xvii) Fala Brasil: CHEGA DE TANTOS TRIBUTOS!; e

(xviii) Os impactos econômicos e seus reflexos no Direito do Consumidor em plena pandemia do COVID-19.

Meus sinceros agradecimentos aos valiosos autores e coautores deste eBook: Rhianne Farias Barros; Victorya Gomes; Mariana de Araújo Cabral; Grazielle de Araújo Nunes; Alexandre Saraiva Carniato; Maria Clara Santos; Kleyton Santos e Alexandre Dinoá. Meus agradecimentos especiais a aluna Aline Silveira, do curso de Gestão de RH no UNIESP, pela linda capa do meu eBook, em plena pandemia do COVID-19, além da coordenadora Elaine Moreira, da Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado da UNIESP, pela elaboração da ficha catalográfica.

O PIB australiano recuou 0,3% no primeiro trimestre de 2020. Infelizmente, depois de 29 anos consecutivos, a Austrália já admite que estar em recessão, logo, caminha para sua primeira recessão econômica desde 1991. É preciso enfatizar que a Austrália faz parte do TOP 10 do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mundial desde 1990. A Austrália sofreu com os incêndios e com o novo coronavírus, com 11.235 casos (Johns Hopkins, 17.07.2020). A pandemia do COVID-19 provocará a recessão das nações no ano de 2020.

O divisor de águas será a descoberta da vacina contra o mortal SARS-CoV-2. Na Rússia, os cientistas russos do Instituto Gamaleya já estão prevendo o lançamento de uma vacina contra o mortífero COVID-19 em agosto. Nos EUA, a vacina da empresa Moderna avança para última fase de testes em seres humanos. Na China, a empresa SinoPharm já anunciou que a vacina contra o novo coronavírus já encontra-se nos testes finais. No Reino Unido, a vacina da Universidade de Oxford já está na fase 3 das etapas de testes. Portanto, a mudança será muito grande com uma vacina contra a COVID-19.

Infelizmente, o COVID-19 já matou 590.231 seres humanos na Terra e já iniciou a segunda onda da pandemia na China, Japão, Coreia do Sul e Índia (em terceiro lugar com 1.003.832 casos). Há mais de 110 dias consecutivos em *home office*, eu estou pensando na China, Adam Smith, Estados Unidos, BRICS, RBCAI, Brasil, Celso Furtado, Economia Mundial, Educação Financeira, Recessão, Desemprego, COVID-19, Economia Criativa, Turismo, Keynes, Ciclo Econômico, Isolamento Social, Tributos e Inadimplência.

No Brasil, o segundo maior epicentro da pandemia do COVID-19 no planeta, o Governo Federal se prepara para o terceiro ano não consecutivo de recessão econômica dos últimos seis anos, quando adotou vários auxílios governamentais para as pessoas físicas como o auxílio emergencial de R\$ 600 por mês e a prorrogação de tributos como o

Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF). Infelizmente, no primeiro trimestre de 2020, no Brasil, são 12,9 milhões de desempregados e 4,8 milhões de desalentados (IBGE, 2020). Infelizmente, 1,3 milhão de empresas brasileiras estavam com atividades suspensas temporariamente ou encerradas na primeira quinzena de junho (IBGE, 2020).

O sonho de um Brasil sem analfabetos é muito vivo e país membro do seleto grupo dos países com desenvolvimento humano muito alto é muito visível em meus atuais e antigos artigos. Este livro digital busca as melhores soluções das sérias questões do Brasil. Na bela *live* pelo *YouTube* Milton Nascimento cantou “Os sonhos não envelhecem”.

Estimado leitor, os erros, equívocos e omissões são de inteira responsabilidade do autor deste livro digital pela Editora UNIESP. Uma boa leitura e até o próximo eBook de economia.

Cabedelo, 17 de julho de 2020.

Paulo Galvão Júnior

Economista do Ano 2019 na Paraíba

SOBRE OS 70 ANOS DA REVOLUÇÃO CHINESA

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹
BARROS, Rhianne Farias²

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A China é um país milenar localizado na Ásia Oriental. Os antigos chineses inventaram a bússola, o carrinho de mão, a escova de dentes, os fogos de artifício, o garfo, o leme, o papel, o papel-moeda, a pipa, a pólvora, a porcelana, o sino e a seda. No século XIII, o jovem mercador e viajante veneziano Marco Polo conheceu, testemunhou e registrou no seu livro as riquezas da Rota da Seda, uma antiga rota comercial de caravanas que ligava as cidades chinesas de Xian, Chengdu, Lanzhou e Dunhuang até Veneza, na Europa Ocidental.

O presente artigo de economia internacional pretende analisar as grandes transformações sociais, econômicas, culturais e ambientais ocorridas na República Popular da China nas últimas sete décadas, a partir da Revolução Chinesa, liderada por Mao Tsé-tung. Por quase 27 anos consecutivos, de 01 de outubro de 1949 até a sua morte em 9 de setembro de 1976, o líder comunista Mao Tsé-tung mudou os rumos da China, ao buscar um crescimento social e econômico no modelo de uma economia socialista.

Nos dias atuais, a República Popular da China tem 1,4 bilhão de habitantes, é o país mais populoso do planeta. Há 70 anos, a China tinha uma população estimada em 500 milhões de habitantes, sendo que 87% da população vivia na área rural e apenas 13% viva na área urbana. Hoje, nas 22 províncias chinesas vivem 20% da população mundial, cujo idioma oficial é o mandarim.

A China é o terceiro país mais extenso do mundo, com aproximadamente 9,6 milhões de quilômetros quadrados, atrás apenas da Rússia e do Canadá. A China é um país de dimensões continentais, cuja capital é Beijing (conhecida no Brasil como Pequim) e a cidade mais populosa e mais rica é Shanghai (conhecida no Brasil como Xangai).

O principal ponto turístico chinês é a Muralha da China. A milenar Grande Muralha, uma das sete maravilhas do mundo moderno, com 8.850 km de extensão, foi testemunha

¹Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

²Aluna do Curso de Graduação em Administração no UNIESP. E-mail: rhiannabarros@gmail.com

da ascensão da China para uma superpotência econômica no planeta ao longo dos últimos 70 anos. A moeda chinesa é o yuan e as reservas internacionais já alcançaram mais de US\$ 3 trilhões.

A China é a segunda maior economia do mundo desde 2010, atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA), segundo os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI). Nos próximos oito anos, a China poderá conquistar o título de maior economia do planeta, com o Produto Interno Bruto (PIB) nominal maior do que o dos EUA. A China é a nova Fábrica do Mundo e caminha para o seu apogeu como maior superpotência econômica, um país de renda alta, então, surge uma questão muito importante: Qual é o futuro da economia socialista de mercado na China?

A China enfrenta sérios movimentos separatistas no Tibete, Xinjiang (uigures), Macau e Hong Kong. A ilha de Hong Kong é uma ex-colônia britânica e Região Administrativa Especial da China desde 1 de julho de 1997. Em 2014, os estudantes lideraram o Movimento dos Guarda-Chuvas nas ruas de Hong Kong por eleições diretas, contra a decisão de que os candidatos precisam antes ser aprovados pelas autoridades chinesas. Recentemente, os estudantes protestaram contra a extradição de moradores de Hong Kong para a China continental e gritaram nas ruas: "*Free Hong Kong*".

Este artigo é composto por oito seções distintas, com vários cortes cronológicos. A primeira seção aborda as considerações iniciais sobre a China. A segunda seção trata sobre os antecedentes da Revolução Chinesa. A terceira seção revela a Revolução Chinesa de 1949. A quarta seção retrata a China comunista entre 1949 e 1976. A quinta seção mostra a China moderna entre 1976 e 2019. A sexta seção analisa a guerra comercial entre os EUA e a China. A sétima seção aborda os novos rumos da economia chinesa. E a última e oitava seção são as considerações finais.

2. ANTECEDENTES

Os principais antecedentes da Revolução Chinesa são essenciais para entender o rumo da China. No século XIX, a China era um dos países mais fechados do mundo, pois em sua cultura predominava um ideal filosófico, o confucionismo. A filosofia de Confúcio pregava que a China era o "centro do mundo", seu imperador tinha um "mandato celestial", logo, no "império do meio" não haveria conveniência para qualquer tipo de oposição. Segundo o filósofo chinês Confúcio (551 a.C.-479 a.C.), "Onde quer que você vá, vá com todo o

coração", "Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo" e "Primeiro torne o povo rico. Depois, educado. Isso é essencial para governar um Estado". Esse ideal de sociedade norteou por séculos a visão de mundo dos chineses, que até hoje retificam isso de forma mais sutil.

Em 1839, a China ordena a destruição de um carregamento de ópio que viria da Inglaterra. O governo britânico, em resposta, considerando o ataque um vilipêndio aos seus interesses comerciais decide bombardear Cantão (hoje, Guangzhou) e realizar invasão armada à China. A Inglaterra vence a China em 1842 na Primeira Guerra do Ópio (1839-1842) com os seus navios de guerra repletos de canhões e domina o solo chinês. Surge então, no mesmo ano, o Tratado de Nanquim, documento pelo qual a paz foi estabelecida entre o Império Britânico e a Dinastia Qing (1644-1912) e versava sobre a conquista do Reino Unido de comercializar livremente em cinco portos chineses: Cantão, Amoy, Foochow, Ningpo e Shanghai; do mesmo modo, lograram o domínio sobre a ilha de Hong Kong, na foz do rio das Pérolas.

Na segunda metade do século XIX, o mundo passava pelo início da Segunda Revolução Industrial. Entre 1850 e 1870, esse movimento de industrialização cresceu muito no mundo e a China por ser um país muito populoso, rural e repleto de riquezas naturais, se transformou em um território desejado dos países imperialistas como o Reino Unido, a França e o Japão. A principal demonstração dessa tentativa foi a Segunda Guerra do Ópio (1856-1860). O Reino Unido ávido por mercados consumidores, exportou seus produtos industrializados e sofrendo com o protecionismo chinês, começou a exportar, de forma ilegal, o ópio para a China.

A China sentiu esse impacto de forma muito significativa, principalmente pelo fato de ter uma visão de mundo tão centralista. Esse sentimento será materializado nos levantes populares contra a Dinastia Qing. Em 1905, um médico chamado Sun Yat-sen, funda um partido político de cunho nacionalista e burguês denominado Kuomintang, que seria contra a Dinastia Qing e para fazer oposição aos desmandos imperialistas que estavam acontecendo. E assim se inicia a primeira fase da Revolução Xinhai em 1911, derrubando a dinastia em 1912 e instalando a República da China, mas de forma provisória. Entre 1912 e 1927, o líder Sun Yat-sen sofre com vários motins, como por exemplos, tentativas de golpes militares, tentativa de restauração da monarquia,

separatismo nas diferentes províncias chinesas que eram estimuladas pelos senhores da guerra e a continuidade do domínio estrangeiro sobre a China.

A China imperial com seu poder milenar irá chegar ao seu fim. O último imperador chinês da Dinastia Qing será expulso das muralhas da Cidade Proibida, que foi construída durante a Dinastia Ming. O imperador Pu-Yi abdicou forçadamente do trono em 1912 e os seus palácios imperiais foram invadidos por tropas do exército republicano. A China Republicana surge em 1912 com a liderança do Kuomintang (leia-se também Partido Nacionalista). Segundo o historiador Eric Hobsbawm (1995, p.76):

(...) o Kuomintang, então o partido de libertação nacional, cujo líder Sun Yat-sen (1886-1925) acolheu igualmente o modelo soviético, a assistência médica e o novo Partido Comunista como parte de seu movimento.

Esse período de instabilidade, a partir de 1917, com a Revolução Russa e o marxismo, o movimento socialista ganhou força dentro do território chinês. Muitos professores e estudantes universitários estavam lendo na íntegra a obra-prima do economista alemão Karl Marx, O Capital, de 1867.

Em julho de 1921 foi fundado o Partido Comunista Chinês (PCC). Inicialmente fundado com 57 membros, dentre eles estava Mao Tsé-tung. No período de 1923 a 1927, a luta contra os senhores da guerra, autoridades militares que tinham forte influência em sua província, estava estabelecida e o PCC estava submetido ao Kuomintang por uma ordem expressa do próprio Stalin. O líder da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ordenou que o PCC se aliasse ao Partido Nacionalista nessa luta contra os senhores da guerra, pois Stalin afirmava que o comunismo na China ainda não estava pronto para realizar a revolução do proletariado, mesmo com a queda do império milenar em 1911.

Em 12 de março de 1925, Sun Yat-sen, o primeiro presidente e fundador da República da China, morre aos 58 anos e quem toma seu lugar na liderança é Chiang Kai-shek. O novo líder, por sua vez, tem como maior característica a repressão fervorosa aos comunistas que cresciam muito, principalmente no meio rural e estes fundam a célula do Exército Vermelho que é inspirado no exército soviético que carrega o mesmo nome. O PCC tinha dominado Shanghai em 1927, então Chiang Kai-shek, através do Kuomintang, promove um verdadeiro massacre, conhecido como Massacre de Shanghai vencendo os comunistas. O PCC foge em outubro de 1934 a novembro de 1935, liderado pelo Mao Tsé-

tung, forçando a conhecida Longa Marcha, onde 100.000 membros do PCC percorrem mais de 9.600 km pelo interior da China em busca de apoio dos camponeses.

A guerra civil entre o Partido Nacionalista e o PCC foi interrompida pela invasão que a China sofreu pelo Japão em 1937, conhecida como a Segunda Guerra Sino-Japonesa. Japão invade a China e bombardeia suas cidades milenares. Os EUA colabora com a China nessa proteção, já que estava ocorrendo a Segunda Guerra Mundial e o Japão era um grande rival na Ásia, que terminaria em 1945, após o lançamento de duas bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e de Nagasaki por aviões bombardeiros dos EUA.

É importante ressaltar que antes da Segunda Guerra Mundial, o Japão estava dominando vários territórios na Ásia, inclusive um território chinês, a Manchúria. Como essa invasão é uma ameaça tanto ao PCC quanto ao Partido Nacionalista, então eles decidem dar uma trégua, um cessar-fogo e juntos lutarem contra a invasão japonesa. Depois que os japoneses foram derrotados em 1945, Chiang Kai-shek e Mao Tsé-tung retornaram a sua antiga rivalidade numa nova guerra civil.

3. A REVOLUÇÃO CHINESA DE 1949

Desde o início da luta por uma China comunista, com armas, munições e suprimentos apoiados pela URSS, os comunistas chineses expulsaram os japoneses e, em seguida, derrotaram os nacionalistas apoiados pelos EUA no continental território chinês.

A arma mais terrível de Mao era a impiedade. Em 1948, quando avançou sobre Changchun, na Manchúria, e um ataque direto não conseguiu tomá-la, foi dada uma ordem para obrigá-la a render-se pela fome. As palavras exatas usadas pelo comandante de Mao no local, Lin Biao, foram:

Façam de Changchun uma cidade de morte. O general Cheng Tung-kuo, que comandava a defesa da cidade, era um herói da guerra contra o Japão e se recusou a capitular. Como só havia alimentos suficientes para os 500 mil civis até o fim de julho, ele tentou evacuá-los (Jung Chang, 2006, p.180).

A Revolução Chinesa de 1949 possibilitou uma China sem nenhuma intervenção estrangeira em seu vasto território, e sobretudo, uma China comunista, onde ocorre a distribuição de bens igualmente entre toda a sociedade chinesa.

A Revolução Chinesa de 1949 difundiu o pensamento marxista entre os camponeses e os operários chineses, entre os professores e estudantes do campo e da cidade. Para Karl Marx (2016, p.84), "A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadorias".

Em 1949, cinco anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os chineses do PCC liderados por Mao Tsé-tung derrotaram os chineses do Partido Nacionalista liderados pelo general Chiang Kai-shek. Nesse final de guerra civil, muitos soldados do Kuomintang foram mortos e as lideranças fugiram para a província de Taiwan em 1950.

O PCC consegue alcançar sua vitória sobre o Partido Nacionalista e os comunistas conseguem chegar ao poder depois da Segunda Guerra Mundial. Inicia-se então o governo comunista de Mao Tsé-tung, que proclamou em Beijing, a República Popular da China, em 1 de outubro de 1949.

A República Popular da China recebeu como herança uma economia atrasada, cujo crescimento econômico foi freado pela dominação dos países imperialistas e pelos reacionários traidores dos interesses nacionais, que enriqueceram à custa da miséria do povo chinês. A República Popular da China liquidou com todos os vestígios feudais e antes de tudo levou a cabo a reforma agrária, com a entrega das terras improdutivas e produtivas dos latifundiários aos camponeses. A República Popular da China desenvolveu a indústria nacional, principalmente toda a indústria que se encontrava nas mãos dos capitalistas chineses e estrangeiros passou para as mãos do Estado.

Mao Tsé-tung, o "Grande Timoneiro", tinha como objetivo alavancar a China em suas ideias comunistas, porém mantendo a soberania nacional e dessa forma a Revolução Chinesa ficou tão conhecida no planeta, pois teve momentos de enormes tragédias e marcou o mundo com demonstrações de investidas de vitória a qualquer custo, exemplo disso foi o Grande Salto a Frente que ficou grifado como um plano extremamente falho e que falsificava números de produção agrícola e industrial, devido as secas e as enchentes, além de pragas.

4. A CHINA COMUNISTA ENTRE 1949 E 1976

Mao Tsé-tung, após a Guerra da Coreia (1950-1953), onde a China apoiou fortemente a Coreia do Norte, reinicia seu governo estabelecendo as mudanças econômicas no país,

uma das primeiras delas foi o Primeiro Plano Quinquenal (1953-1958). A ideia de Mao Tsé-tung era implantar suas ideias comunistas de igualdade social para o campesinato, principalmente para torná-los fortes e influentes.

Iniciou, então uma reforma agrária, a coletivização das terras, ou seja, ele fez a distribuição das terras. Diferentemente do comunismo na URSS, no Kremlin, Mao Tsé-tung observava que a noção de revolução a partir do proletariado urbano não se encaixaria na China, uma vez que os trabalhadores urbanos chineses era uma minoria, enquanto os camponeses eram a maioria da população pobre, ele acreditava que essa revolução aconteceria a partir do campesinato; diferentemente da ideia de revolução soviética, que acreditava que obrigatoriamente deveria acontecer a partir dos conselhos de trabalhadores urbanos.

Em 05 de março de 1953, ocorre a morte de Stalin, aos 74 anos, o que torna a relação da China e na URSS muito difícil, em plena Guerra Fria, pois o sucessor de Stalin foi Nikita Khrushchev, que demonstraria ter ideias reformistas aceitando a coexistência pacífica com os EUA e selando interferências capitalistas. Então ocorre o rompimento de duas grandes potências socialistas. Mao estava concentrando suas forças em reprimir críticas após a Campanha das Cem Flores de abril a junho de 1957. Com o sucesso do Primeiro Plano Quinquenal, Mao Tsé-tung estabelece o chamado Grande Salto para Frente (1958-1962) ou o Segundo Plano Quinquenal. A ideia era fazer a China industrializada, enviando até pessoas de lugares com alta produção para lugares de baixa produção, para que todas as terras estivessem sendo rentáveis para o país; instalaram equipamentos indústrias em áreas rurais para que a produção agrícola e industrial estivesse aproximada ao máximo e fosse colocado o fim a divisão do campo e da cidade que o capitalismo havia instituído. O objetivo era alcançar e ultrapassar o Reino Unido em menos de 15 anos. Mao, que agora se via sozinho sem o apoio financeiro da URSS, queria transformar a China em um país forte na industrialização. As indústrias siderúrgicas explodiram no país e os metais, principalmente, o aço, se tornaram íntimo dos trabalhadores, em sua maioria analfabetos.

Surgiu então na Conferência de Chengdu em 1958, as grandes cooperativas, lugares que abrigariam mais de 5 mil famílias, que recebiam ferramentais, mas eram obrigadas a cumprir metas. Os homens foram obrigados a trabalhar em outras terras, principalmente na parte industrial, e suas mulheres foram coagidas a intensificar o

trabalho agrícola fora de seus lares. Então surgiram, além do grande número de trabalho agrícola, tentativas de empreendimento industrial, e a formação de milícias.

Na tentativa exaltante de mostrar para o mundo a força da produção industrial e agrícola da China, o governo de Mao, altera números, fatos e manipula situações para corroborar com essas mentiras de produção; como por exemplo, em 1958, de 375 milhões de toneladas de grãos anunciados, seria analisado e reduzido para 250 milhões de toneladas. Nenhum funcionário teria coragem de contestar os números; alguns até foram mandados para a "reeducação pelo trabalho" e chamados de direitistas ou traidores. Sem nenhum estudo técnico realizado, sem organização, com muitos e eficientes concorrentes e sem nenhuma experiência, porém com muita ambição de crescimento, a produção industrial e agrícola iniciou uma queda desenfreada e surgiu, o que chamamos até hoje, de A Grande Fome. Os trabalhadores rurais se concentraram na industrialização, se fecharam em fornos de aço, e obras de manutenção de água e deixaram a produção agrícola em segundo lugar.

Em 1960, a quantidade média de grãos por pessoa estava diminuindo consideravelmente, em certas províncias, já estava inexistente, e até 1962 já haviam morrido mais de 20 milhões de pessoas, principalmente idosos e crianças menores de 10 anos de idade. Para alimentar os moradores das Comunas Populares, administradas em fazendas coletivas, os quadros do PCC procuravam grãos que poderiam ter sido escondidos por trabalhadores rurais, porém mais de 10 mil pessoas foram presas e destas mais de 700 morreram de fome nas casas de detenção. O caos social se instalou. Rebeldes saqueavam armazéns, trabalhadores mendigavam pelas ruas e esposas eram vendidas por comida. Em Beijing, a fome fez com que a morte subisse de 320.000 em 1957 para 790.000 em 1960 e em solidariedade, Mao retirou carne de sua refeição por sete meses.

A primeira bomba atômica chinesa foi testada em 1964. Em meados de 1966, se inicia a Revolução Cultural, um acontecimento histórico na China, incentivado por Mao e que trouxe uma das fases mais sangrentas dessa época. A China começa a perceber o crescimento do intelectualismo burguês e o revisionismo em suas províncias, principalmente depois do fim da aliança entre a China e a União Soviética e foi nessa época que ele convidou a ser levantado a bandeira da Revolução Cultural do proletariado chinês. A primeira medida foi pedir que houvesse uma exposição e expulsão de pessoas do PCC com ideias reformistas. Mao tinha quatro objetivos: corrigir o rumo das políticas do PCC;

substituir seus sucessores por líderes mais afinados com o que pensava; assegurar uma experiência revolucionária à juventude chinesa; e tornar menos elitistas os sistemas educacional, cultural e de saúde. E a História nos mostra que o "Grande Timoneiro" não mediu esforços para planificar a economia chinesa, ou seja, numa economia centralmente controlada e estatalmente planejada.

Mao Tsé-tung começa a fazer uma campanha entre os trabalhadores e, principalmente, os estudantes. Esses jovens que tiveram suas escolas e universidades fechadas, eram estimulados a participarem dos Comitês Revolucionários, e formou-se então os Guardas Vermelhos, que eram unidades paramilitares que detinham 11 milhões de estudantes, esses tinham em suas mãos um livro revolucionário de Mao Tsé-tung, Livro Vermelho, livro que pregava o fim das influências externas do capitalismo, orientava os estudantes a serem delatores de todos que tinham pensamentos reformistas, os principais perseguidos eram os professores, os jornalistas e os intelectuais que tinham seus nomes expostos e eram mortos ou torturados, além de obras literárias ou qualquer outro elemento que poderia ser considerado reformista era destruído. Enfatizamos que as estatais chinesas imprimiram cerca de 6 bilhões de exemplares do Livro Vermelho de 1966 até 1976.

5. A CHINA MODERNA ENTRE 1976 E 2019

Em 9 de setembro de 1976, Mao Tsé-tung morre aos 82 anos e inicia-se uma luta interna entre o PCC e a esposa do Mao que comporia um grupo reacionário que fora chamado de o Bando dos Quatro (Zhang, Wang, Yao e Jiang Qing). Porém, apenas um ano depois, a ala reformista iria vencer e condenar dois do bando para a morte e outros dois, um deles a viúva de Mao, Jiang Qing para a prisão perpetua. No mesmo ano, Deng Xiaoping sair da prisão política e volta ao poder em Beijing com suas ideias reformistas.

Em 1979, Deng Xiaoping inicia um novo ciclo de reformas na economia socialista da China, fazendo com passasse a ser uma economia socialista de mercado. A China era 120ª economia do mundo e Deng Xiaoping iniciou a reforma econômica, abrindo a China ao investimento de países estrangeiros, incentivando o capital privado e realocando a economia às exportações. Iniciou-se uma forte relação comercial e diplomática entre a China e os EUA, sendo os primeiros passos foram dados pelo Henry Kissinger, Secretário

de Estado dos presidentes americanos Richard Nixon e Gerald Ford. Henry Kissinger (2012, p.7) no Prefácio do seu best-seller Sobre a China enfatizou que no ano de 1971:

Desde minha primeira visita, a China se tornou uma superpotência econômica e um agente fundamental na formação da ordem política global. Os Estados Unidos saíram vitoriosos da Guerra Fria. A relação entre China e Estados Unidos tornou-se um elemento central na busca pela paz mundial e pelo bem-estar global.

Em 1979, no governo do democrata Jimmy Carter começou oficialmente as relações diplomáticas e comerciais entre os EUA e a China. Em 1980, surgem as Zonas Econômicas Especiais (ZEE), nelas são permitidas a atividade de uma economia capitalista, e, sem dúvida, foram a melhor solução para a estagnação econômica que assolavam países socialistas na época e que os afastavam do crescimento econômico e foram executadas as regiões de acesso ao comércio exterior e também a entrada de multinacionais, porém deveriam respeitar as moderações impostas e que se associem ao Estado ou aos empresários chineses por meio de *joint-ventures*. Em geral, a parceria vai dar 50% do lucro ao Estado chinês. A primeira empresa estrangeira a ser inaugurada na China moderna foi a Coca-Cola em 1980.

Deng Xiaoping enfatizou: "Não importa a cor do gato, branco ou preto, o que importa é que ele cace os ratos", assim realizou o processo de Quatro Modernizações: 1. Defesa; 2. Tecnologia; 3. Agricultura; 4. Indústria. Na indústria foi muito importante o bom funcionamento das ZEE, que fossem bem localizadas, portanto, elas ficavam perto de litoral leste chinês e perto de outros centros econômicos, como por exemplos, Coreia do Sul, Japão, Singapura e Taiwan, além de os empreendedores terem vantagens como rendimentos livres de tributos, redução de impostos, apesar de o Estado chinês virar sócio, devido a mão de obra abundante e barata, eles teriam baixo custo, liberdade para remessa de lucro no exterior, construção em terreno público, acesso à matéria-prima barata, entre outros benefícios. Assim sendo, finalmente a China estava ligada com o resto do mundo.

Ressaltamos que Taiwan não é a República Popular da China, porque é conhecida mundialmente como República da China, para nós, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), chamamos de Formosa, desde 1590. A ilha de Taiwan tem 23,7 milhões de habitantes, um PIB de US\$ 579,3 bilhões e é um dos principais exportadores da Ásia, um dos Tigres Asiáticos, cuja capital é Taipei e sua moeda é o novo dólar taiwanês.

Para China, a ilha de Taiwan é considerado uma província rebelde e não reconhece a independência política de Taiwan. A política de abertura da economia chinesa e a política de natalidade de filho único foram implementadas na China moderna nos anos 80. Ainda no governo de Deng Xiaoping houve a reaproximação entre a China e a URSS que, na época, estava sendo governada por Mikhail Gorbatchev, oitavo e último líder soviético.

Em 2010, a China superou o Japão como maior segunda maior economia do mundo, atrás apenas dos EUA. Sua participação na economia mundial cresceu de 1,8% em 1978 para impressionantes 18,2% em 2017. Em 1979, a China abandonou a economia planificada, onde o Estado determina o tipo, a quantidade e o preço das mercadorias que serão produzidas em seu território, e entrou na economia de mercado, onde a lei da oferta e da demanda estabelece os produtos que serão produzidos e vendidos, mas regulado fortemente pelo Estado comunista, logo, chamado de economia socialista de mercado.

Outro grande responsável por esse salto econômico foi Xi Jinping, em 2012 foi eleito secretário-geral do PCC e em 2013 foi eleito presidente da China. Xi Jinping com seu espírito diplomático apurado e com seu "sonho chinês" de tática do "Renascimento Nacional", substituindo a "diplomacia discreta" de Deng Xiaoping, a China moderna adotou um comportamento bem mais ativo no mundo com sua política militar e de segurança internacional bem estabelecida.

Nas últimas quatro décadas, a China conseguiu retirar da pobreza absoluta 700 milhões de pessoas, com enormes investimentos em infraestrutura. É na China que se localiza o maior porto do mundo (Shanghai), o maior aeroporto do planeta (Beijing) e a maior usina hidrelétrica da Terra (Três Gargantas). É na China que se encontra também "a mais longa linha de trem-bala do mundo. Com quase 2,3 mil quilômetros de extensão, a rota liga Pequim à cidade de Cantão, também conhecida como Guangzhou, (...)" (Veja, 26 dez. 2012); o trem Maglev, o trem de levitação magnética mais veloz do planeta, com velocidade máxima de 600 km/h e velocidade de operação de 400 km/h e que liga em Shanghai, do bairro de Pudong até o aeroporto principal da cidade, percorrendo 30 km em 7 minutos e 20 segundos; e "a mais alta ferrovia do mundo, que liga a cidade chinesa de Golmud, em Qin Ghai, até Lhasa, a capital tibetana. Inaugurada em 2006, a ferrovia possui pontos em que os trens circulam a 5 mil metros de altitude" (ALMANAQUE ABRIL, 2015, p.431).

Os rios Amarelo e Yangtzé são testemunhas do rumo da China, o maior produtor mundial de arroz, de trigo, de algodão e de chá e a maior aquicultura do planeta. Em 2015, o atual secretário-geral do PCC Xi Jinping mudou a política de natalidade para dois filhos na China, mas não mudou em relação aos rumos do Tibete, que luta pela sua independência política desde 1959. Em 2018, o atual presidente chinês Xi Jinping visitou as Três Gargantas no rio Yangtzé, que corta a China de Leste a Oeste, porém aumentou em 8,1% nos gastos militares, chegando aos atuais US\$ 175,0 bilhões.

6. A GUERRA COMERCIAL ENTRE OS EUA E A CHINA

A guerra comercial entre os EUA e a China começou em 01 de março de 2018. A guerra comercial entre as duas maiores economias do planeta é uma guerra de tarifas de importação sobre produtos, iniciada pelo presidente americano Donald Trump, aplicando inicialmente 25% de imposto de importação sobre US\$ 250 bilhões em produtos chineses como aço, e em seguida, com uma resposta do presidente chinês Xi Jinping com novas tarifas de importação de produtos americanos como soja, laranja e carne bovina. O atual presidente dos EUA tem pressionado a Organização Mundial do Comércio (OMC), cujo diretor-geral é o diplomata brasileiro Roberto Azevedo, para punir a China por não cumprir suas regras comerciais e industriais e acusa a China de práticas injustas, de roubo de propriedade intelectual e transferências forçadas de tecnologia.

A China cresceu e se modernizou numa economia socialista de mercado, tornando-se a segunda maior economia do mundo. A China é o maior exportador de bens do planeta e tem como principais produtos de exportação: equipamentos de transmissão (US\$ 231 bilhões), unidades de disco digital (US\$ 146 bilhões), peças de máquinas de escritório (US\$ 90,8 bilhões), circuitos integrados (US\$ 80,1 bilhões) e celulares (US\$ 62 bilhões). A China tem como maiores destinos de exportação: EUA (US\$ 476 bilhões), Hong Kong (US\$ 255 bilhões), Japão (US\$ 157 bilhões), Alemanha (US\$ 109 bilhões) e a Coreia do Sul (US\$ 98,1 bilhões). Em 2017, obteve um saldo comercial positivo de US\$ 873 bilhões nas exportações líquidas.

Nos dias atuais, a China é o maior mercado de bens de luxo do planeta. O povo chinês sofreu muito com uma monarquia milenar, uma república incompetente, em seguida, uma tirania desastrosa do líder autoritário, brutal, cruel e implacável de Mao Tsé-tung, cuja meta era falsificar números para fingir progresso econômico, deixando milhões

de pessoas com fome e mortas por pensar diferente do PCC, além de o governo acumular dívidas e promover a pior chacina já vista na China, a Grande Fome de Mao, "pelos menos 45 milhões de pessoas morreram desnecessariamente entre 1958 e 1962" (DIKÖTTER, 2017, p.12).

Ao contrário do passado, hoje a China cresce economicamente com as fortes exportações dos produtos industrializados *Made in China* para o resto do mundo e, apesar de conviver com grandes problemas sociais, econômicos e ambientais. A China é o maior emissor de gases de efeito estufa do planeta desde 2007, quando ultrapassou os EUA. Em Shangai já foi registrado um dos maiores níveis de poluição, deixando 20 milhões de moradores com sérios problemas respiratórios e alérgicos. A China, o maior país da Ásia Oriental, tem sérios problemas, todavia, rumo para novas transformações sociais, econômicas, culturais e ambientais.

A OMC é uma entidade internacional que tem como objetivo auxiliar a abertura do comércio exterior de seus 162 países integrantes. Em 2001, a China entrou oficialmente na OMC e neste ano a população total era de 800 milhões de habitantes. Essa adesão demonstra muito a atual posição da China no mundo, pois nessa organização mundial a meta é atuar como fórum de negociação para reduzir empecilhos ao comércio internacional, lutando contra o protecionismo, que prejudica o crescimento da economia mundial e da própria economia chinesa.

A China está na 86^a colocação no ranking mundial do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com IDH de 0,752, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), logo, um país integrante do grupo dos países de desenvolvimento humano alto. O Índice de Gini na China em 2008 registrou um pico de 0,491, mas devido as novas políticas sociais têm diminuído a grande desigualdade social e a China avança lentamente e positivamente com um Índice de Gini de 0,400 em 2018.

A China é um dos líderes mundiais na produção e no consumo de celulares, o novo celular da marca Huawei já vem com chip de velocidade de 5G. A China é líder global na utilização de robôs nas suas empresas. A adesão da China da OMC provocou uma força num sistema multilateral e como importância a cláusula Nação Mais Favorecida (NMF), onde uma abonação concedida a um parceiro internacional é imediatamente multilateralizada, e estendida a todos do tratado. A OMC também proíbe qualquer tipo de deslealdade em disciplina de subsídios entre seus integrantes, como por exemplo,

dumping (venda de produto com preço abaixo de mercado). A China pratica *dumping* no comércio exterior para eliminar os produtos concorrentes, no Brasil, dois entre vários produtos, destacamos os brinquedos e os guarda-chuvas *Made in China*.

Ressaltamos que a China é o maior parceiro comercial do Brasil, os chineses importam soja, minério de ferro, carne de frango, petróleo, açúcar, papel e celulose, suco de laranja, entre outros produtos. As exportações brasileiras para a China já alcançaram 21,8% do total no ano de 2018. Já os EUA são o segundo maior parceiro comercial do Brasil, com 12,5% do total. Segundo o ex-secretário de Estado dos EUA e Prêmio Nobel da Paz de 1973, Henry Kissinger, "As relações entre a China e os Estados Unidos são de vital importância para ambos e para o mundo". O encontro bilateral EUA-China foi um dos mais importantes da XIII Cúpula do Grupo do Vinte (G20) em Buenos Aires na Argentina, como também, da XIV Cúpula do G20 em Osaka no Japão. Recentemente, o presidente Donald Trump impôs tarifas de 10% sobre 300 bilhões de dólares em exportações chinesas aos EUA, para eliminar o déficit comercial dos EUA em sua balança comercial com a China, que chegou a US\$ 419 bilhões em 2018.

7. OS NOVOS RUMOS DA ECONOMIA CHINESA

O líder Deng Xiaoping morreu em 19 de fevereiro de 1997, aos 92 anos, mas foi o grande responsável para que de 1981 a 2001, o PIB chinês crescesse em média de 10,1% ao ano. Novos líderes do Politburo do PCC surgiram na China moderna, Jiang Zemin, Hu Jintao e Xi Jinping. Em 8 de agosto de 2008, os Jogos Olímpicos foram realizados em Beijing, com a participação de 204 países.

Quando Adam Smith publicou o seu segundo livro e sua obra prima em 1776, A Riqueza das Nações, a China era o país mais rico do planeta. Henry Kissinger (2012, p.97) no seu livro Sobre a China enfatizou que na época: "uma vez que o PIB chinês era ainda cerca de sete vezes maior do que o da Grã-Bretanha". O Reino Unido implantou um império com várias colônias e ex-colônias e foi a nação mais rica do mundo no início do século XIX até o fim da Primeira Guerra Mundial. No auge do Império Britânico, foi dito muitas vezes que "O sol nunca se põe" devido à sua extensão ao redor do planeta. No século XVIII, Smith (1983, p.219) enfatizou, "Na China, país mais rico do que qualquer outro da Europa, o valor dos metais preciosos é muito maior do que em qualquer parte da Europa".

Desde 2010, a China é a segunda maior economia do mundo, atrás apenas dos EUA e a frente do Japão. A China é conhecida mundialmente como a Fábrica do Mundo e caminha agora para ser o Shopping Center do Planeta. A China ruma para ser novamente a maior economia do mundo em 2026, nas futuras comemorações alusivas aos 250 anos de A Riqueza das Nações. A China é o maior emissor de dióxido de carbono na atmosfera do planeta, e ao mesmo tempo, o maior investidor global em energia limpa (energias eólica e solar).

A obra-prima de Adam Smith, a Bíblia do Capitalismo, é agora um livro ou eBook nas mãos dos estudantes universitários, em mandarim ou inglês, com o apoio da Universidade de Glasgow, a *Adam Smith Business School*, que organizou uma série de seminários em inglês, em Beijing e Shanghai, para ajudar os recém-licenciados navegar a primeira etapa de suas carreiras. Os acontecimentos marcantes atraiu alunos de toda a China, bem como altos funcionários das universidades chinesas para debater o pensamento liberal. No Livro I, Capítulo VIII (número de sorte na China), Adam Smith (1983) escreveu: "A China foi por muito tempo um dos países mais ricos, isto é, um dos mais férteis, mais bem cultivados, mais industriosos e mais populosos do mundo".

Segundo o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair, em entrevista à revista Isto É Dinheiro, em 03 de novembro de 2010 (pp.86-87), "(...) a inovação e a criatividade do setor privado, que são o motor do crescimento". Em seguida enfatizou que: "(...) o século XXI será dos países emergentes, como o Brasil, a China, a Índia". Em seguida Blair questionou: "Por que a China saiu-se tão bem desde os anos 70? Porque se abriu. A Índia também fez reformas e progrediu". Em sua obra-prima, Smith, aborda também o oposto da riqueza, o antônimo da opulência, a pobreza. No Livro Primeiro, Capítulo VIII, Smith (1983, p.96) disse: "A pobreza das camadas mais baixas do povo chinês supera em muito a das nações mais pobres da Europa". A "Nova Era" de Xi Jinping ainda não resolveu a enorme desigualdade social que prevalece na China nos dias atuais, mas a cada cinco anos a economia socialista de mercado planeja os seus próximos cinco anos, investindo mais em tecnologia e exportando mais os seus produtos como vestuário. A China é o país com mais registros de marcas, de patentes e de desenho industrial do planeta, conforme os dados de 2018 da Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI).

Em 15 de maio de 1989, a Praça da Paz Celestial seria palco da recepção do líder soviético Mikhail Gorbachev que selaria a retomada da união entre os dois gigantes

socialistas, mas dois dias antes milhares de estudantes ocupariam a praça em um protesto silencioso e posteriormente, com greve de fome, pois queriam ser ouvidos pelas lideranças do Estado chinês para exigir mais abertura política, menos corrupção e a concessão de benefícios sociais. O líder soviético que implantou a *perestroika* (reestruturação) e a *glasnost* (transparência) na URSS não foi recepcionado na maior praça do mundo, porém os estudantes conquistaram muito apoio na imprensa internacional e permaneceram em protesto e chegaram a construir uma estátua da liberdade de isopor, em frente ao grande retrato do líder comunista Mao Tsé-tung.

Em 4 de junho de 1989, há exatos 30 anos, em Beijing, acontecia na Praça Tiananmen, um dos maiores massacres da História da China no século XX, os estudantes lutavam por liberdade e democracia e contra uma ditadura de partido único. Quantas pessoas morreram no Massacre de Tiananmen? Não se sabe ao certo a quantidade exata de mortos, o PCC fala em 300 civis, a Anistia Internacional estima em mais de 1.000 mortos, já a imprensa internacional estima em mais de 10.000 mortos, de manifestantes até simples pessoas que passavam nas ruas de bicicletas, quando os tanques de guerra passaram por cima de tudo e os hospitais públicos foram proibidos de prestar socorro às vítimas. Até hoje, o PCC proíbe menção ao assunto e, sobretudo, a imagem em 05 de junho de 1989 de um jovem estudante de calça preta e camisa branca, segurando apenas duas sacolas, uma branca, outra preta, em frente a uma coluna de tanques de guerra.

Ocorreram reformas que desrespeitavam o direito dos chineses e foram implementadas por Deng Xiaoping, logo, fizeram que com estudantes se vissem na necessidade de ir as ruas exigir seus direitos políticos e humanos. Infelizmente, a China viola muito os direitos humanos em seu vasto território. No ano seguinte, exatamente, em 26 de novembro de 1990 foi inaugurada a Bolsa de Valores de Shangai, enquanto, a classe operária chinesa, no regime socialista, continuou elevando a produtividade do trabalho e com frequência crescente dá exemplos de grande heroísmo ao enfrentar o problema dos transportes, da moradia e do trabalho insalubre nas minas de carvão.

A China é um dos cinco países membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Este conselho é um órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável pela paz, pela segurança internacional e pela autorização de uma intervenção militar em país, sendo composto por cinco membros permanentes (EUA, Rússia, China, Reino Unido e França) e dez membros rotativos, estabelecidos pela Assembleia Geral por apenas dois

anos. Não obstante, antes da China chegar ao Conselho foi necessário à sua inclusão na ONU. Esse enquadramento rendeu uma grande pressão feita pelos EUA sobre a Assembleia Geral que foi a responsável por incluir a China na ONU em 1971.

A China tem uma ligação econômica muito forte com a Rússia, o Brasil, a África do Sul e a Índia. O BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) é um grupo de cinco países emergentes que tem fortes relações econômicas. A China representa uma grande força nesse grupo econômico, ela responde pela maior parcela do comércio intra-BRICS, representa quase 50% da população do grupo e tem um PIB de US\$ 1,5 trilhão maior que o dos outros quatro somados. Os BRICS têm juntos 41,8% da população mundial, 23% do PIB global, 16% do comércio mundial e 26% da área territorial da Terra.

A XI Cúpula do BRICS ocorrerá nos dias 13 e 14 de novembro de 2019, em Brasília, cuja presidência rotativa do BRICS é do Brasil neste ano, promovendo um crescimento econômico para um futuro inovador entre os BRICS, já que as exportações totais do Brasil para os demais países do grupo passaram de US\$ 49 bilhões em 2001 para US\$ 3,2 trilhões em 2017, de acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. O presidente chinês Xi Jinping e os demais líderes do BRICS poderão debater o IDH dos cinco países membros na atualidade, em Brasília, e sobretudo, descobrir que na verdade, neste campo, eles formam o grupo RBCAI (iniciais em português de Rússia, Brasil, China, África do Sul e Índia), porque apenas a Rússia com IDH de 0,834 se encontra no seletivo grupo dos países de desenvolvimento humano muito elevado, outros não, o Brasil com IDH de 0,759 e a China com IDH de 0,752 são países de desenvolvimento humano alto, enquanto a África do Sul com IDH de 0,699 e a Índia com IDH de 0,640 são países de desenvolvimento humano médio, conforme os dados de 2017 do PNUD.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Setenta anos depois da Revolução Chinesa de 1949, a China tem uma população total de 1.415.673.722 habitantes e uma área territorial de 9.596.961 quilômetros quadrados, logo, uma densidade demográfica de 147,5 habitantes por quilômetros quadrados, atraindo grandes investimentos estrangeiros, como também, realizando grandes investimentos no exterior, por exemplo, em breve, os empresários chineses mudarão os rumos do Porto de Cabedelo, na Paraíba. Na própria China ocorrem grandes investimentos internos, por exemplo, a construção da maior ponte marítima do mundo, a

ponte Hong-Zhuhai-Macau, ligando a ilha de Hong Kong (Região Administrativa Especial desde 1997) à Zhuhai (China continental) e a Macau (Região Administrativa Especial desde 1999) com 55 km de extensão. Enfatizamos que em Hong Kong e Macau vigora o princípio "Um país, dois sistemas".

Na primeira década do século XXI, a economia chinesa cresceu em média de 10% ao ano, segundo os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI). Em 2007, a taxa de crescimento do PIB chinês foi de 14,2% (FMI). O PIB nominal da China é de US\$ 13,4 trilhões e o PIB per capita é de US\$ 9.610 (FMI, 2018). O PIB chinês é cerca de cinco vezes maior do que o PIB brasileiro. É inegável a evolução econômica da China, mas a situação atual da China revela seus problemas ambientais (por exemplos, escassez de água e chuva ácida), econômicos (dívida pública interna e desaceleração econômica) e sociais (alta concentração de renda e envelhecimento da população).

Em 2014, a China passou a maior estiagem em mais de meio século no rio Yangtzé, que é o terceiro maior do mundo, cerca de 6,3 mil km de extensão. O uso abusivo de agrotóxicos e fertilizantes nitrogenados trouxe a China um evento único, a explosão de melancia em uma plantação do fruto no leste da China. Alguns camponeses fizeram o registro de perdas de até dois terços da produção. É notório que hoje um dos maiores inimigos do avanço chinês são os problemas ambientais, porque a chuva ácida, as tempestades de areia e a poluição do ar atrasam construções e frustram empreendedores.

Com o líder Deng Xiaoping a economia socialista faz sua transição para a economia socialista de mercado, com suas reformas na China. Em Shenzhen foi implantada a primeira ZEE e a realizar grandes investimentos em educação, sobretudo, o acesso às universidades pelos jovens', totalmente diferente de Mao. Segundo o historiador Eric Hobsbawm (1995, p.291), "O Grande Timoneiro praticamente aboliu toda educação superior durante a Revolução Cultural (1966-76)". A China, um gigante asiático, tem presenciado em todas as províncias do País, vários avanços ambientais, econômicos e sociais.

Atualmente, a China é um país de renda média alta, o maior produtor mundial de automóveis, de bicicletas e de televisores, com uma produção anual de aproximadamente de 28, 95 e 83 milhões de unidades, respectivamente. É a maior produtora global de aço bruto, com 420 milhões de toneladas, devido a uma mão de obra abundante e barata, pois a China tem uma população numerosa e empenhada no crescimento econômico rápido e

robusto. A China tem um superávit no balanço de pagamentos e um superávit na balança comercial invejáveis, além de uma reserva internacional de mais de três trilhões de dólares. A taxa de desemprego na China é mensurada semestralmente e em 2019 ocorreu uma queda em comparação ao ano anterior. Em 2018, a taxa de desemprego foi registrada em 3,80%, já em 2019 é de 3,67%. Importante lembrar que em setembro de 2017 a taxa de desemprego foi de 4,00%, devido ao processo de desaceleração econômica recente da China. Já a taxa de inflação atingiu 2,5% em abril de 2019, essa foi a maior taxa em seis meses, segundo dados do Índice de Preços ao Consumidor.

A China mudou muito nos últimos 70 anos, de um país de economia socialista, muita fechada, muito atrasada, muito pobre, em 1949, para uma economia socialista de mercado, muito aberta, muito moderna, muito rica, em 2019. Os próximos passos do dragão chinês, provavelmente, serão mais influência da moeda chinesa (a efígie de Mao Tsé-tung encontra-se no papel-moeda de cem yuanes, com a taxa de câmbio, em 02 de agosto de 2019, é equivalente a R\$ 56,04) na economia mundial, mais abertura econômica, mais liberdade econômica, mais parceiros econômicos, mais população urbana (nos dias de hoje, a taxa de urbanização é de 54% e estima-se em 70% em 2030), menos desigualdade social, e sobretudo, mais investimentos em educação de qualidade, a chave do crescimento econômico rápido e robusto no retorno a liderança da economia mundial, porque a China perdeu a hegemonia econômica para o Reino Unido na metade do século XIX. A prosperidade econômica continuará com uma China mais urbanizada, mais educada, mais empreendedora nos próximos oito anos.

Em suma, não obstante, em 2019, a China prevê crescer menos, por isso, tomou a atitude de cortar impostos e aumentar gastos públicos para estimular a economia. A China prevê também intensificar gastos em infraestrutura logística e melhorar as condições de crédito para combater a desaceleração econômica. De acordo com os dados oficiais do Escritório Nacional de Estatísticas, a economia chinesa cresceu 6,5% em 2017, 6,6% em 2018 e 6,2% no segundo trimestre de 2019, a menor taxa já registrada desde 1992. Todavia, em plena Quarta Revolução Industrial, a China irá crescer muito com a Nova Rota da Seda e com as inovações tecnológicas nos próximos oito anos. Recentemente, o presidente Xi Jinping visitou a França e no Arco do Triunfo, em Paris, conversou muito com o presidente francês Emmanuel Macron, ambos conhecem o pensamento de

Napoleão Bonaparte (1769-1821), "A China é um gigante adormecido, e quando acordar, o mundo vai tremer".

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. **China**. São Paulo: Abril, 2015.

CHANG, Jung. **MAO: A História Desconhecida**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DIKÖTTER, Frank. **A Grande Fome de Mao: A história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62**. [recurso eletrônico]. Tradução de Ana Maria Mandim. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FMI. **Word Economic Outlook**. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO>. Acesso em: 23 de julho de 2019.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. [recurso eletrônico]. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. [recurso eletrônico]. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 31ª. Livro Primeiro. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

PNUD. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2018**. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh/relatorios-de-desenvolvimento-humano/relatorio-do-desenvolvimento-humano-2018.html>. Acesso em: 23 de julho de 2019.

REVISTA EXAME. **Henry Kissinger: "Relação entre a China e os EUA é vital para o mundo"**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/henry-kissinger-relacao-entre-a-china-e-os-eua-e-vital-para-o-mundo/>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

REVISTA ISTO É DINHEIRO. **Tony Blair: O Brasil já é um poder global**. São Paulo: Editora Três, 03.11.2010. REVISTA VEJA. **China inaugura a linha de trem-bala mais longa do mundo**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/china-inaugura-a-linha-de-trem-bala-mais-longa-do-mundo/>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

A VISÃO DE ADAM SMITH, ATUAL E DO FUTURO SOBRE A CHINA

GALVÃO JÚNIOR, Paulo³

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A China é a segunda maior economia do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos desde 2010. A China era a nação mais rica do planeta, enquanto os Estados Unidos, uma das mais ricas colônias do Reino Unido, quando a obra prima do economista escocês Adam Smith (1723-1790) intitulada *Uma Investigação Sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações* foi publicada em 9 de março de 1776, em Londres.

Desde a segunda metade do século XVIII até os dias atuais, *A Riqueza das Nações* é lida, citada e debatida nas universidades da Escócia e do mundo. O presente artigo visa observar a China, o país mais populoso do mundo, um dos países pesquisados por Adam Smith e na atualidade é a locomotiva da economia mundial. Este artigo reflexivo pretende entender o passado da China, analisar o seu presente e desenhar os cenários futuros até 2026.

Para o pai da economia moderna, a lei da oferta e da demanda pode ser explicada por uma metáfora mundialmente conhecida pelos economistas, estudantes de Ciências Econômicas ou estudantes da disciplina Economia nas faculdades brasileiras e estrangeiras, a mão invisível (*the invisible hand*).

Para Adam Smith o mercado é guiado por uma mão invisível. Em pleno século XVIII, a mão invisível guiava as famílias e as empresas a interagirem no mercado, buscando satisfazer seus próprios interesses, e espontaneamente, organizavam a produção, a circulação, a distribuição e o consumo de bens de forma eficiente, sem nenhuma intervenção do Estado na economia. A mão invisível é uma força natural do próprio interesse que movia as famílias (consumidores de produtos de menor preço) e as empresas (produtores de bens de maior preço) a se encontrarem no mercado, em busca do preço de equilíbrio, em plena livre concorrência.

A visão de Adam Smith era de que:

³Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com.

Essa mão invisível avalia todas as informações sobre compradores e vendedores e direciona todos para o melhor resultado, conforme considerado pelo padrão de eficiência econômica. Na verdade, é um feito extraordinário. Por isso, os economistas defendem o livre mercado como a melhor forma de organizar a atividade econômica (MANKIW, 2013, p.141).

Há 243 anos, Adam Smith enfatizava que a mão invisível não funcionava perfeitamente se houvesse impedimentos ao livre mercado (*free market*), ao livre comércio (*free trade*). No século XVIII, o então professor de Filosofia Moral na Universidade de Glasgow defendeu a liberdade econômica em pleno mercantilismo e foi um forte oponente ao protecionismo, ao monopólio e aos elevados impostos nos princípios da Revolução Industrial.

O presente artigo está organizado em oito seções distintas, com vários cortes cronológicos, no objetivo principal de compartilhar conhecimentos sobre a economia mundial. A primeira seção aborda as considerações iniciais sobre a China e a obra-prima de Adam Smith. A segunda seção trata da China em 1776 e na atualidade. A terceira seção revela o preço das mercadorias na China nos séculos XVIII e XXI. A quarta seção retrata a China como a nação mais rica do planeta. A quinta seção mostra a política de natalidade na China. A sexta seção analisa a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China. A sétima seção retrata o consumo chinês. E a última e oitava seção são as considerações finais.

2. A CHINA EM 1776 E NA ATUALIDADE

A Riqueza das Nações, com dois volumes e cinco livros, é a obra fundadora das Ciências Econômicas. O segundo livro de Adam Smith possibilita uma visão clássica do progresso econômico de uma nação. A China foi citada pela primeira vez no Volume I, do Livro Primeiro, do Capítulo III, em 1776. De acordo com Adam Smith (1996, pp.79-80), "Os aperfeiçoamentos na agricultura e nas manufaturas parecem ter sido muito antigos também nas províncias de Bengala, localizadas nas Índias Orientais, e em algumas das províncias orientais da China, (...)".

Em pleno século XVIII, na China oriental já se encontrava a parte mais densamente povoada do país e caracterizada por planícies extensas, solos férteis e pelos rios Yang-tsé, Amarelo e das Pérolas. No século XXI, a República Popular da China tem 22 províncias e elas são: Anhui, Fujian, Gansu, Guangdong, Guizhou, Hainan, Hebei, Heilongjiang, Henan,

Hubei, Hunan, Jiangsu, Jiangxi, Jilin, Liaoning, Qinghai, Shaanxi, Shandong, Shanxi, Sichuan, Yunnan e Zhejiang. A capital da China é Beijing, com 21,5 milhões de habitantes.

A República Popular da China é o terceiro país mais extenso do mundo, atrás apenas da vizinha Rússia e do Canadá. A China é um país de dimensões continentais e tem cinco subdivisões oficialmente denominadas regiões autônomas (Guangxi, Mongólia Interior, Ningxia, Xinjiang e Tibete), quatro municípios (Beijing, Chongqing, Shanghai e Tianjin) e duas Regiões Administrativas Especiais (RAE), que possuem um certo grau de autonomia política (Hong Kong e Macau).

Para o Partido Comunista Chinês (PCC) a ilha de Taiwan é uma parte inalienável do vasto território da República Popular da China. Nos dias atuais, Taiwan ou República da China (antiga Formosa), é um dos quatro tigres asiáticos, junto com Coreia do Sul, Hong Kong e Singapura.

Adam Smith destacou:

Em Bengala, o Ganges e vários outros grandes rios formam grande número de canais navegáveis, da mesma forma que o Nilo no Egito. Também nas províncias orientais da China, vários rios grandes forma, com seus diversos afluentes, uma multidão de canais (1996, p.80).

A China é um país localizado na Ásia Oriental e tem muitos rios, exatamente 5.000 mil rios. O maior rio da China é o rio Yang-tsé. A usina de Três Gargantas no rio Yang-tsé é a maior usina hidrelétrica do planeta em termos de capacidade instalada (22.500 megawatts) desde 2012.

3. O PREÇO DAS MERCADORIAS NO MAIOR MERCADO DO MUNDO

"A economia estuda como as sociedades administram recursos escassos para produzir bens e serviços e distribuí-los entre diferentes indivíduos" (MOCHÓN, 2013, p.1). O preço representa uma quantidade de dinheiro para adquirir um bem ou um serviço no mercado. O preço pode variar muito, subir ou descer, de acordo com o custo de produção da mercadoria.

A China sempre foi e continua sendo o maior mercado do mundo. Nos meados do século XVIII, no Livro I, no Capítulo V, Adam Smith (1996, p.93) destacou: "Meia onça de prata em Cantão, na China, pode comandar uma quantidade maior de trabalho e de artigos necessários e convenientes para a vida, do que 1 onça em Londres". Para Adam Smith o

preço de qualquer mercadoria, por exemplo, o arroz, ou o preço do ouro (*gold*) é determinado pela lei da oferta e da demanda. A demanda reflete o que o consumidor deseja consumir, enquanto o ato de comprar é efetuar uma aquisição de uma mercadoria, por exemplo, uma calça jeans, por um preço determinado em reais, dólares americanos, euros ou yuans.

Hoje, Cantão é conhecida como Guangzhou na China continental. A cotação internacional da onça troy (31,103 gramas) de ouro alcançou o preço de US\$ 1.513 no dia 16 de agosto de 2019, na Bolsa de Chicago, a maior e mais antiga bolsa de opções de contratos futuros do mundo desde 1848. Em 28 de agosto, o ouro subiu para US\$ 1.553 por onça troy.

Nos dias de hoje, as incertezas econômicas com a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China e o BREXIT, além do temor de uma recessão na economia global, aumentou a demanda por ouro. Quando o consumidor busca comprar metais preciosos como ouro e prata, a medida de peso mais usada é uma onça troy.

De acordo com o pensamento econômico de Adam Smith (1996, pp.236-237):

Na China e no Índia, a extensão e a variedade nas navegações internas poupam a maior parte desse trabalho, e, conseqüentemente, desse dinheiro, e com isso reduzem ainda mais o preço real e nominal da maioria de suas manufaturas. (...) Também é mais vantajoso levar para lá prata do que ouro, porque na China, e na maioria dos outros mercados da Índia, a proporção entre a prata pura e o ouro puro é apenas de 10 ou no máximo de 12 para 1, ao passo que na Europa é de 14 ou 15 para 1. Na China e na maior parte dos outros mercados da Índia, 10, ou no máximo 12 onças de prata, comprarão 1 onça de ouro, enquanto que na Europa requerem-se de 14 a 15 onças.

A China superou a Índia e se converteu no maior consumidor mundial de ouro no ano de 2013. Atualmente, os cinco maiores produtores de ouro do planeta são: China, Austrália, Estados Unidos, África do Sul e Rússia.

A B3 (Brasil, Bolsa, Balcão) destaca em seu site oficial que:

O ouro é considerado um dos metais mais preciosos do mundo, tendo o seu valor sido empregue como padrão para muitas moedas ao longo da história. Atualmente, seu uso ainda é muito amplo e abrange grande demanda por parte da fabricação de joias, da indústria e principalmente como reserva de valor. A procura pelo investimento em ouro intensifica-se em momentos de crise econômica.

No Brasil, uma grama de ouro foi equivalente a R\$ 196,11 e na B3, a cotação de 250 gramas de ouro foi de R\$ 490,00 em 11 de setembro de 2019. O ouro é uma *commodity*

muita valiosa na economia mundial. O ouro é um dos ativos financeiros mais seguros do planeta. O ouro é o melhor ativo financeiro para a proteção de uma carteira de investimentos em época de crise econômica. O ouro alcançou US\$ 283 por onça troy em setembro de 1997 subindo para US\$ 1.920 em setembro de 2011, ou seja, um crescimento absoluto de US\$ 1.637 ou um aumento relativo de 578,44%. Nos dias atuais, a China vem comprando ouro por oito meses consecutivos, tendo adicionado 10 toneladas do metal precioso às suas reservas de mais 1.945 toneladas de ouro.

4. A CHINA ERA A NAÇÃO MAIS RICA DO MUNDO

A China era a nação mais rica do mundo em 1776. No Livro I, no Capítulo VIII, número da sorte na China, Adam Smith (1996, p.123) destacou: "A China foi por muito tempo um dos países mais ricos, isto é, um dos mais férteis, mais bem cultivados, mais industriais e mais populosos do mundo".

A fonte da riqueza de uma nação para Adam Smith era o trabalho. Para os fisiocratas a riqueza provém da terra, enquanto para os mercantilistas a riqueza de uma nação era oriunda do ouro e da prata. A riqueza de uma nação é determinada pela produtividade do trabalho produtivo. Quanto mais trabalho produtivo, mais caro este produto no mercado. A divisão do trabalho e a especialização do trabalho são fundamentais para o aumento da produção e da produtividade no livre mercado.

Segundo o economista paulista Luiz Alberto Machado (2019, p.36), "(...) Smith testemunhou os primórdios da revolução industrial, razão pela qual deu grande ênfase a divisão do trabalho, (...)". Posteriormente, o renomado professor Machado (2019, pp.73-74) enfatizou que, "(...) a Inglaterra (e a Escócia, por extensão) vivia naquela época os primeiros estágios da revolução industrial, e Smith soube como ninguém interpretar os movimentos em curso e perceber o alcance e a direção das principais mudanças".

A China foi superada pelo Reino Unido, sob os efeitos da Revolução Industrial, como a maior economia do mundo, no início do século XIX. Posteriormente, o Reino Unido foi ultrapassado pelos Estados Unidos, sua ex-colônia, como a maior potência econômica do planeta, no início do ano de 1919. A China na atualidade é a maior economia do mundo no Produto Interno Bruto (PIB) pelo critério de dólares americanos de paridade de poder de compra (PPC). Segundo os dados oficiais do Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB da China em 2018 foi US\$ 25,2 trilhões PPC. Em segundo e terceiro lugares no ranking

mundial encontramos os Estados Unidos e a Índia, com US\$ 20,4 trilhões PPC e US\$ 10,3 trilhões PPC, respectivamente.

Até o presente momento, a nação mais rica do planeta em PIB PPC apresenta uma série de dificuldades por parte do trabalhador chinês para manter sua família, sobretudo, nas províncias mais pobres da China continental. Conforme Adam Smith (1996, p.123), "Os relatos de muitos viajantes, contraditórios sob muitos outros aspectos, concordam em atestar a baixa taxa de salários e as dificuldades que um trabalhador tem para manter sua família".

Com uma mão de obra abundante e barata na China, o salário é muito baixo, provocando sérios problemas de condições de vida. As empresas ao buscar maximizar o seu lucro, provocaram o aumento das exportações dos produtos Made in China para o resto do mundo. As empresas instaladas na China têm um custo de produção muito baixo. No Dicionário de economia do século XXI, o professor Paulo Sandroni (2008, p. 218) refere-se a custos de produção como a: "Soma de todos os custos originados na utilização dos bens materiais (matéria-prima, mão de obra, depreciação e amortização de máquinas, patentes, gastos diversos) de uma indústria na elaboração de seus produtos".

O primeiro economista do mundo, Adam Smith (1996, pp.262-263), no Século das Luzes, destacou que, "Na China, país mais rico do que qualquer outro da Europa, o valor dos metais preciosos é muito maior do que em qualquer parte da Europa". Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) iniciou-se o processo de globalização da economia mundial, mas a economia chinesa tomou outro rumo com a proclamação da República Popular da China em 1 de outubro de 1949 pelo líder comunista Mao Tsé-tung, mas não conseguiu diminuir as desigualdades sociais nem tão pouco gerar crescimento econômico robusto.

O líder chinês Deng Xiaoping abriu a economia chinesa e atraiu os investimentos externos diretos nas Zonas Econômicas Especiais (ZEE). Foi o grande responsável da transição da economia socialista de Mao para a economia socialista de mercado. A China mudou radicalmente com a morte de Mao em 1976, porque Deng Xiaoping iniciou em 1979 uma restauração capitalista, e sobretudo, apontando que o motor da economia chinesa sendo o comércio exterior. Segundo a conceituada revista National Geographic Brasil (2008, p.140), "O país vem crescendo graças à fabricação de produtos para consumo externo".

A China fomenta o comércio bilateral com vários países nos cinco continentes.

Desde 1974, com o presidente Ernesto Geisel o Brasil tem relações diplomáticas com a China, o nosso maior parceiro comercial desde 2009. Recentemente, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) confirmou que a China habilitou 25 frigoríficos do Brasil, sendo 17 de carne bovina, 6 de carne de frango, 1 de carne de porco e 1 de carne de asinino. O Brasil necessita exportar mais produtos agrícolas e produtos industrializados para a China, os Estados Unidos, a Argentina e o resto do mundo para reduzir significativamente os atuais 25 milhões de desempregados e subempregados.

Segundo o diplomata José Alfredo Graça Lima (2016, p.28), "Desde as reformas de Deng Xiaoping no final dos anos 1970, a economia chinesa acumulou os mais altos níveis de reservas internacionais do mundo". A China tornou-se no maior exportador mundial de produtos industrializados. A China é a fábrica do mundo no século XXI, como os Estados Unidos, no século XX e o Reino Unido, no século XIX. As reservas internacionais já alcançaram US\$ 3,107 trilhões, de acordo com os dados de agosto do Banco do Povo da China (ISTO É DINHEIRO, 2019). É cada vez mais relevante o papel da China na economia mundial.

5. A POLÍTICA DA NATALIDADE NA CHINA

A China é o país mais populoso do planeta, com 1,444 bilhão de habitantes, segundo os dados de 2018 da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). A população urbana da China corresponde a 59,7% da população total, enquanto a população rural corresponde a 40,3% (FAO, 2018).

Para o filósofo iluminista Adam Smith (1996, p.123):

O casamento é estimulado na China, não porque ter filhos represente algum proveito, mas pela liberdade que se tem de eliminá-los. Em todas as grandes cidades, várias crianças são abandonadas toda noite na rua, ou afogadas na água como filhotes de animais. Afirmar-se até que eliminar crianças é uma profissão reconhecida, cujo desempenho assegura a subsistência de certos cidadãos.

Com a pobreza extrema, infelizmente, os recém-nascidos eram jogados em rios ou enterrados vivos no século XVIII. Na China moderna é possível encontrar cenas lamentáveis de violação dos direitos da criança nas cidades como Beijing, Shanghai, Shenzhen e Shenyang. A vida é o maior direito humano de uma criança. Infelizmente, nas cidades do interior da China, as crianças são abandonadas pelos pais, que foram trabalhar nas fábricas das grandes cidades. Infelizmente, ocorreram ou ocorrem relatos de

abandono e infanticídio feminino, por parte dos pais que estavam desesperados por um filho do sexo masculino. As meninas foram e são as maiores vítimas da política da natalidade na República Popular da China.

Em 1979, o líder comunista Deng Xiaoping implantou a política do filho único para o controle da natalidade e brutalmente reduziu o crescimento demográfico chinês, provocando o aumento do número de nascimentos de crianças do sexo masculino em relação às do sexo feminino nas províncias.

Por trinta e seis anos consecutivos de severo controle da natalidade na China, evitaram 400 milhões de nascimentos e causaram o abandono de milhares de bebês, sobretudo do sexo feminino, já que as famílias, muitas em situação de pobreza extrema, não podiam arcar com as altas multas impostas pelo PCC a quem tivesse mais de um filho.

Em outubro de 2015, o líder chinês Xi Jinping reformulou a política do filho único, devido ao envelhecimento da população chinesa. O PCC autorizou os casais que tenham até dois filhos. Antes os casais eram proibidos de ter mais de um filho, se fosse descumprido poderia resultar em multas e perda de emprego.

Adam Smith (1996, p.123) observou também que:

Embora a China pareça estacionária, não aparenta estar regredindo. Em todos os lugares se observam cidades abandonadas pelos seus habitantes. Em parte alguma observa-se que as áreas outrora cultivadas estejam agora negligenciadas.

A China deverá manter uma desvalorização do yuan em relação ao dólar americano e manter um estrondoso crescimento econômico. A China desvalorizou sua moeda em relação à moeda dos Estados Unidos ao mais baixo patamar dos últimos 11 anos. Mas, a China ainda não escapou da armadilha da renda média e registra uma nova epidemia de hepatite C, além de ser "o país que mais lança dióxido de carbono na atmosfera" (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2018, p.70).

No Livro I, Capítulo VIII, o filósofo britânico Adam Smith (1996, p.130) constatou:

(...) essa demanda que regula e determina o estado de propagação da espécie em todos os países do mundo: na América do Norte, na Europa, e na China. É esta demanda que faz com que essa propagação aumente rapidamente na América do Norte, seja mais lenta e gradual na Europa, e permaneça basicamente estacionária na China.

A economia chinesa na atualidade está em processo de desaceleração econômica.

São os efeitos do consumo interno como prioridade ao invés do consumo externo. A China pretende superar os Estados Unidos na economia mundial e o maior desafio do presente é a guerra comercial.

6. A GUERRA COMERCIAL ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A CHINA

Em 2001, com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), consolidou a forte abertura econômica iniciada em 1979. A princípios de 2018, começou a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, as duas maiores potências econômicas do planeta. Precisamos aprofundar a cooperação econômica entre a China e os Estados Unidos, e não o contrário. O grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) se opõe firmemente contra o protecionismo na economia internacional e ao mesmo tempo defende o crescimento do Banco dos BRICS, cuja sede oficial é em Shanghai, com 24,2 milhões de habitantes.

O Livro I, no Capítulo IX, Adam Smith (1996, p.143), o pai do liberalismo econômico, destacou que:

A China parece ter permanecido estacionária por muito tempo, e provavelmente muito antes havia atingido aquele máximo de riqueza consentâneo com a natureza de suas leis e instituições. Entretanto, esse máximo pode ser muito inferior ao que comportaria a natureza de seu solo, seu clima e sua localização, com outras leis e instituições. Um país que negligencia ou menospreza o comércio exterior, e que só permite a entrada dos navios de outras nações em um ou outro dos seus portos, não pode efetuar o mesmo volume de negócios que teria condições de fazer com leis e instituições diferentes.

Com a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China se agravando a cada mês, cresce o adiamento de novos investimentos neste cenário muito conturbado, muito incerto na economia mundial. Várias micro, pequenas, médias e grandes empresas nacionais e internacionais estão com investimentos adiados por causa da atual incerteza na economia mundial.

O professor de Lógica Adam Smith (1996, p.143) constatou também no século XVIII, "Afirma-se, pois, que os juros comuns da China são de 12%, sendo óbvio que os lucros normais auferidos do capital devem ser suficientes para permitir juros tão elevados". No mercado globalizado e muito competitivo, a taxa básica de juros da China é de 4,35% ao ano, segundo o *People's Bank of China* (PBC), ou seja, o Banco Central (BC) da República Popular da China.

Há 243 anos, no Livro I, Capítulo XI, Smith (1996, p.206) percebeu que "O cobre do Japão é comercializado na Europa; o ferro da Espanha é comercializado no Chile e no Peru. A prata do Peru é exportada não somente para a Europa, mas da Europa para a China". O comércio exterior foi e é muito importante para as economias chinesa e mundial. Os Estados Unidos teve um déficit comercial de US\$ 375,2 bilhões com a China no ano de 2017, por isso, em 08 de março de 2018, o presidente americano Donald Trump iniciou uma guerra comercial contra os produtos chineses.

Em seguida, Smith (1996, p.206) percebeu também que:

O preço da prata no Peru, ou a quantidade de trabalho ou de outros bens que ela pode comprar naquele país, deve ter alguma influência em seu preço, não somente nas minas de prata da Europa, mas também nas da China.

O economista liberal Adam Smith (1996, p.223) nos primórdios da Revolução Industrial, enfatizou que "A China é um país muito mais rico do que qualquer região da Europa, e a diferença de preço dos gêneros alimentícios, na China e na Europa, é muito grande. O arroz da China é mais barato do que o trigo em qualquer parte da Europa". Segundo os dados atuais da FAO, a China é o maior produtor de arroz, de trigo e de frutas do planeta. Desde 1º de agosto de 2019 o atual Diretor-Geral da FAO é o chinês Qu Dongyu sucedendo o brasileiro José Graziano da Silva e finalizará a sua gestão em 31 de julho de 2023.

A China é o primeiro país do mundo com maior número de vizinhos fronteiriços, com 22.117 km de fronteiras com 14 países asiáticos: Afeganistão (76 km), Butão (470 km), Cazaquistão (1.533 km), Coreia do Norte (1.416 km), Índia (3.380 km), Laos (423 km), Mongólia (4.677 km), Myannar (2.185 km), Nepal (1.236 km), Paquistão (523 km), Quirguistão (858 km), Rússia (3.645 km), Tadjiquistão (414 km) e Vietnã (1.281 km). Com a Nova Rota da Seda, a China poderá crescer mais suas exportações para os países vizinhos e não vizinhos na Ásia nos próximos sete anos.

7. O CONSUMO CHINÊS

Para Adam Smith (1996, pp.223-224) o consumo era sempre crescente no grande império da China:

A diferença entre o preço da mão de obra em dinheiro na China e na Europa é ainda

maior do que a diferença entre o preço dos mantimentos em dinheiro, nas duas regiões, pois a remuneração real do trabalho é mais elevada na Europa do que na China, já que a maior parte da Europa está desenvolvida, ao passo que a China ainda parece estacionária.

Ao abrir sua economia em 1979 até 2008, o PIB chinês cresceu em média de 10% ao ano por 30 anos consecutivos. Desde 2009 até os dias atuais ocorre à desaceleração econômica da China.

A China é uma grande consumidora mundial de petróleo, carvão, minério de ferro, soja, carne bovina, entre outros produtos primários. Atualmente, o consumo é o novo motor da China. A China é o primeiro mercado mundial de vinho tinto e o segundo consumidor global de conhaque. É líder mundial no consumo de bicicletas, de cimento, de calçados, entre outros produtos industrializados. É a maior consumidora global de automóveis, celulares, smartphones e drones comerciais. A República Popular da China encontra-se em segundo lugar no ranking mundial no consumo de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos.

Conforme Smith (1996, p.235), em pleno Século das Luzes, enfatizou que:

O comércio dos suecos e dinamarqueses com a Índia Oriental começou no decurso do século atual. Até os moscovitas agora mantém comércio regular com a China, através de uma espécie de caravanas, que atravessam por terra a Sibéria e a Tartária, indo até Pequim. (...) O consumo de porcelana da China e das especiarias das Molucas, das quinquilharias de Bengala e de inúmeros outros artigos, aumentou mais ou menos em proporção semelhante.

A antiga Rota da Seda era realizada por caravanas de cavalos e camelos que transportavam as riquezas da milenar China para a Europa. Precisamos defender a livre concorrência, o livre mercado, o livre comércio para gerar mais riquezas nas nações. Precisamos lutar contra o monopólio e o protecionismo na economia mundial. Recentemente, a China denunciou os Estados Unidos à OMC por guerra comercial (EL PAÍS, 2019). Chega de ondas de tarifas de importação! O Brasil e o mundo são afetados pela guerra comercial entre os Estados Unidos e a China.

Na encantadora A Riqueza das Nações, Smith (1996, p. 235) enfatizou que:

Ora, nas Índias Orientais, especialmente na China e no Indostão, o valor dos metais preciosos, quando os europeus começaram a manter comércio com aqueles países, era muito mais alto do que na Europa, e ainda hoje assim é. (...) Consequentemente, a comitiva de uma pessoa de posição na China ou no Indostão é, assim, em todos os sentidos, muito mais numerosa e esplêndida do que a dos indivíduos mais ricos da Europa.

Ao escrever em 1776, Adam Smith (1996, p.236) observou que:

(...) como já se observou, o preço real do trabalho, a quantidade real de produtos vitais que é dada ao trabalhador, é menor, tanto na China como no Índustão, os dois grandes mercados da Índia, do que na maior parte da Europa. (...) Mas, em países de artes e indústria iguais, o preço monetário da maior parte dos manufaturados será proporcional ao preço do trabalho em dinheiro; e nas artes manufatureiras e industriais, a China e o Índustão, embora inferiores, não parecem ser muito mais inferiores a qualquer parte da Europa.

A China sofre com os Estados Unidos, que acusam de práticas comerciais injustas, acusam os chineses de roubar propriedade intelectual, de enormes subsídios em diversos setores da economia chinesa. Mais de 100 multinacionais já anunciaram planos de mudar a produção industrial para fora da China, para outros países asiáticos como Vietnã e Índia, por exemplos, Microsoft, Citizien e Nokia fecharam suas fábricas em Guangzhou, além do clima muito conturbado com os protestos de estudantes em Hong Kong por democracia.

De acordo com o filósofo escocês Adam Smith (1996, p.261):

A quantidade desses metais nos países mais distantes das minas deve ser mais ou menos afetada por essa riqueza ou pobreza, devido ao transporte fácil e barato dos metais, de seu pequeno volume e grande valor. Sua quantidade na China e no Índustão deve ter sido mais ou menos afetada pela riqueza das minas da América.

No Livro Segundo, Adam Smith não cita a China nos seus cinco capítulos, como também, não comenta a China no Livro Terceiro, nos seus quatro capítulos. Já no Volume II, Livro Quarto, Capítulo III, o economista britânico Adam Smith (1996, p.468) cita novamente a China e no qual destacou, "A maior parte desse capital inglês reporia os capitais empregados na Virgínia, no Índustão e na China – capitais que proporcionariam renda e sustento aos habitantes desses longínquos países".

A China é a maior produtora e consumidora de arroz (cereal) e de ouro (metal precioso) do mundo na atualidade. O preço de um produto oscila muito, sobe e desce, no mercado. O ouro sempre foi mais caro, mais valioso do que o arroz na China imperial ou na China moderna. O arroz é um produto agrícola com mais utilidade para o chinês, mas o ouro por ser um metal raro requer mais trabalho produtivo, logo é mais caro.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados dois séculos e quarenta e três anos, Adam Smith na pequena e portuária

Kirkcaldy, jamais poderia sonhar que seus pensamentos econômicos e sua cativante defesa da liberdade econômica, do livre mercado, fossem repercutir tanto nos dias atuais, diante de uma guerra comercial, diante de uma desaceleração mundial, à beira de uma recessão global. As bolsas de valores de Shanghai e Hong Kong estão em ligeira queda.

As crises econômicas são cíclicas. As crises econômicas afetaram a economia dos Estados Unidos, já se passaram quase 11 anos desde a Crise de 2008, além de quase 90 anos da Crise de 1929. Estamos em plena desaceleração da economia mundial, e piorando com a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, as duas maiores economias do planeta, e agravando-se a cada medida de cunho protecionista, com as tarifas de importação cada vez mais altas, em outras palavras, rumo à recessão das nações. A recessão econômica já atingiu a Argentina e a Itália, por exemplos.

A obra magna do economista clássico Adam Smith completará 250 anos em 2026, um ano histórico para a China, quando retornará a sua posição de maior economia do planeta. Do motor a vapor no século XVIII ao robô no século XXI, o pensamento liberal é defender o direito à propriedade privada e a livre iniciativa. O papel-moeda foi inventado pelos chineses na dinastia Tang (618 a 907 d.C.) e provavelmente, serão os primeiros habitantes da Terra, a realizar compras com pagamento pelos QR Codes em todas as transações, sem uso do papel-moeda.

Nos dias de hoje, com A Riqueza das Nações podemos aprender a arte de pensar livremente e de produzir livremente também, além de realizar a escolha conforme o próprio interesse, e sobretudo, aprender mais com o melhor livro científico de Adam Smith, assim, pode interagir com as escolhas dos outros agentes econômicos no Brasil, na China, na Rússia, nos Estados Unidos e no mundo.

Muitos brasileiros gostam muito de comida chinesa. Poucos brasileiros gostam de ler muitos livros e eBooks nas bibliotecas. Pouquíssimos brasileiros sabem que o eBook A Riqueza das Nações é um infoproduto na atualidade. Uma leitura, uma releitura ou uma nova leitura da obra clássica de Adam Smith poderá contribuir para entender o poder da especialização do trabalho e da produtividade no crescimento econômico chinês em plena Quarta Revolução Industrial.

Em uma análise final, observo que a China nos dias atuais enfrenta uma histórica desaceleração econômica, o envelhecimento da população e a dívida pública elevada. Hoje, os Estados Unidos têm um PIB nominal de US\$ 20 trilhões contra US\$ 14 trilhões da

China (FMI). Mas, em 2026, a minha projeção é de um provável cenário econômico é que o PIB chinês alcançará 26 trilhões de dólares americanos contra os 25 trilhões do PIB norte-americano. Em suma, a China alcançará a hegemonia econômica mundial nos próximos sete anos.

REFERÊNCIAS

B3. **Futuro de Ouro**. Disponível em: http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/commodities/futuro-de-ouro.htm. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

EL PAÍS. **China denuncia os EUA à OMC por guerra comercial**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/04/economia/1567583555_787469.html. Acesso em: 09 de setembro de 2019.

FAO. **Food and agriculture data**. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#home>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.

FAO. **China**. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#country/351>. Acesso em: 25 de agosto de 2019. FMI. Lista de países por PIB (Paridade do Poder de Compra).

ISTO É DINHEIRO. **Reservas internacionais da China sobem a US\$ 3,107 tri em agosto**. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/reservas-internacionais-da-china-sobem-a-us-3107-tri-em-agosto/>. Acesso em: 09 de setembro de 2019.

LIMA, Sérgio Eduardo Moreira (Organizador). **Brasil e China: 40 anos de Relações Diplomáticas: Análises e documentos**. Brasília: FUNAG, 2016.

MACHADO, Luiz Alberto. **Viagem pela economia**. 1ª. ed. São Paulo: Scriptum Editorial, 2019.

MANKIW, N. Gregory. **Introdução à economia**. 6ª. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MOCHÓN, Francisco. **Princípios de Economia**. São Paulo: Pearson, 2013.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **O século da China**. São Paulo: National Geographic Society, 2008.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia no século XXI**. São Paulo: Record, 2008.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

OS 90 ANOS DA CRISE DE 1929

GALVÃO JÚNIOR, Paulo⁴

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente artigo de economia foram analisados os antecedentes, as principais causas e consequências decorrentes da Crise de 1929 nos Estados Unidos da América (EUA), que levou a maior economia do sistema capitalista a fase cíclica mais negativa, a depressão econômica.

A economia norte-americana saiu da prosperidade econômica para a depressão econômica na década de 1920. A Crise de 1929 nos EUA se propagou pelo mundo na década de 1930, assim o capitalismo muda da noite para o dia de liberalismo econômico para o keynesianismo, no ano de 1933, ou seja, ocorre a intervenção do Estado na economia para estimular as atividades econômicas em momentos de crise.

O objetivo principal deste artigo foi analisar os impactos econômicos, sociais e políticos da Crise de 1929 nos EUA, como também, no mundo, além de contribuir para melhor compreensão dos estudantes dos ensinos médio e superior da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) sobre a maior crise do capitalismo de todos os tempos.

A Crise de 1929 na Bolsa de Valores de Nova York completou 90 anos em 24 de outubro de 2019. Este artigo foi elaborado para ser utilizado nas comemorações alusivas ao 90º aniversário da Grande Depressão (*Great Depression*). De forma simples, o artigo realiza análises reflexivas do ciclo econômico com base no pensamento keynesiano, numa abordagem pelo lado da demanda agregada (*aggregate demand*) da devastadora Crise de 1929 e é composto por dez seções distintas.

A primeira seção apresenta uma breve introdução. A segunda seção trata dos antecedentes da Crise de 1929. A terceira seção aborda as principais causas da Crise de 1929. A quarta seção analisa as principais consequências da Crise de 1929. A quinta seção retrata a crise mundial no Brasil. A sexta seção verifica as quatro fases do ciclo econômico

⁴Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

numa economia capitalista. A sétima seção analisa os principais indicadores econômicos dos EUA entre 1929 e 1933. A oitava seção retrata a recuperação econômica dos EUA com o *New Deal* (Novo Acordo). A nona seção analisa o Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*). E a última e décima seção traz as considerações finais.

2. ANTECEDENTES

Nesta seção o artigo trata sobre os principais acontecimentos políticos e econômicos que desencadearam a Crise de 1929 nos EUA. Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) os países da Europa Ocidental estavam sofrendo com as elevadas taxas de desemprego. Os EUA no pós Grande Guerra já era a maior potência econômica mundial e contribuiu muito com a reconstrução da Europa Ocidental.

A participação dos EUA na produção mundial era de 85% em automóveis, 75% em produtos fotográficos, 66% em petróleo, 60% em cobre e alumínio, 53% em carvão e 40% em aço e ferro no ano de 1920.

O alto volume de exportações dos EUA de bens industrializados como aço, armas, carros e calçados e de produtos agrícolas como trigo, algodão e milho para o resto do mundo foram fundamentais para promover a prosperidade americana, a melhor fase do ciclo econômico.

De maior devedor do planeta, com aproximadamente US\$ 3 bilhões, antes da Primeira Guerra Mundial, para o maior credor internacional, com aproximadamente US\$ 12 bilhões, oriundo de empréstimos de milhões de dólares americanos para os países comprarem os produtos *Made in USA* (Feito nos EUA).

Por outro lado, *American Way of Life* (Modo de Vida Americano) provoca consumo em massa, compras a prazo de bens de consumo duráveis como carros, rádios, geladeiras, fogões, liquidificadores, gramofones, câmeras de filmagem e TVs, além de compras à vista de bens de consumo não duráveis como refrigerantes, chocolates, chicletes, sanduíches, pizzas e café. Os americanos e as americanas frequentam em massa os cinemas, os cassinos, os salões de beleza, os restaurantes, os teatros, as festas para dançar Charleston e os bailes de jazz, os conhecidos "anos loucos" ou "anos felizes".

O Partido Republicano permaneceu no poder por 12 anos consecutivos com os presidentes Warren Harding (1921-1923), Calvin Coolidge (1923-1929) e Herbert Hoover (1929-1933) durante a década de 1920. "Embriagado pela prosperidade, o

presidente Herbert Hoover disse: Com a ajuda de Deus, logo iremos alcançar o dia em que a pobreza será banida da nação" (CAMPOS; MIRANDA, 2005, p.464).

O moralismo com a Lei Seca a partir de 1919, proibindo a fabricação, a venda e o transporte de bebidas alcoólicas, mas permitindo o seu consumo, pois entendiam que o vício era muito prejudicial à produção e a produtividade de um trabalhador americano, porém fortaleceu o contrabando de bebidas alcoólicas como whisky e o crime organizado nas grandes cidades.

Nos EUA vigorava o liberalismo econômico, a não intervenção do Estado na economia, fortemente influenciado pelo pensamento econômico do economista escocês Adam Smith (1723-1790). Em pleno capitalismo financeiro, o dólar norte-americano torna-se a moeda mais importante da economia internacional, resultado do período da prosperidade econômica nos Estados Unidos da América (*United States of America - USA*), além da recessão europeia por manter o padrão-ouro e os juros básicos altos.

3. CAUSAS

Nessa seção o artigo aborda as quatro principais causas da Crise de 1929 nos EUA, na época com 121 milhões de habitantes: (i) Superprodução; (ii) Subconsumo; (iii) Especulação financeira; e (iv) Expansão do crédito bancário.

3.1 SUPERPRODUÇÃO

A diminuição das exportações americanas é devido à recuperação econômica dos países da Europa Ocidental como o Reino Unido, a França, a Holanda e a Itália, a partir de 1921.

Quando a oferta é maior do que a demanda por produtos percebe-se a superprodução (*overproduction*). A superprodução industrial provocou estoques e prejuízos econômicos desde 1925. Nos EUA, a média, era de um carro para cada 6 pessoas. Ocorreram demissões e contenção de despesas, devido ao alto estoque de bens industrializados como automóveis e comidas enlatadas.

Ocorre também uma superprodução agrícola, principalmente, de trigo, logo, o produtor no campo não encontra comprador interno ou externo. Ressalta-se que nos EUA, em 1920, as propriedades rurais tinham 25 milhões de cavalos, 246 mil tratores, quatro mil colheitadeiras de grãos, além de 139 mil caminhões.

A superprodução de petróleo e de carro (linha de montagem do Ford Modelo T desde 1914) prejudicou os negócios dos homens mais ricos dos EUA, John D. Rockefeller e Henry Ford.

3.2 SUBCONSUMO

Quando ocorre o excedente de produção de bens, ou seja, o que não é consumido, surge então o subconsumo (*underconsumption*). Por exemplo, o excedente de produção de carros das marcas Ford, Chrysler e General Motors nos EUA gerou o subconsumo em 1929.

Pode-se verificar que ainda ocorre uma forte diminuição do consumo de bens e serviços na economia americana provocada pelos seguintes fatores: (i) Saturação do mercado interno com a diminuição da campanha publicitária; (ii) Forte retração do mercado interno; (iii) A queda do poder aquisitivo não acompanhava a produção de bens industrializados; (iv) Exploração de operários e ausência de leis trabalhistas; e (v) Elevada concentração de renda (10% mais ricos detinham 90% da Renda Nacional).

Acabou o lema "*buy now, pay later*" (compre agora, pague depois) da prosperidade, sem limites, em uma escala nunca vista na sociedade americana. Milhões com roupas novas compraram títulos de liberdade (*liberty bonds*), ações (*stocks*) carros (*cars*) ou chapéus (*hats*), mas, com a crise econômica aumentou o contingente de americanos sem dinheiro, sem consumo de bens e serviços.

Vários economistas consideram que a depressão econômica não foi só oriunda da superprodução, mas, também provocada pelo subconsumo, ou seja, o consumo inferior às necessidades. Com política de queda salarial nos EUA só aumentou o subconsumo.

3.3 ESPECULAÇÃO FINANCEIRA

A prosperidade financeira mais fictícia do que o lucro real da empresa, não acompanhava o crescimento que se verificava nos preços das ações, sejam elas ações ordinárias (ON) ou ações preferenciais (PN), provocando altos investimentos na Bolsa de Valores de Nova York (*New York Stock Exchange - NYSE*), fundada em 1792, na famosa Wall Street, número 11, com a compra exagerada de ações das empresas como United States Steel Corporation, General Motors, Ford, Chrysler, Standard Oil Company, Singer, Kodak, P&G e Coca-Cola.

Uma ação é a menor parcela do capital social de uma empresa de sociedade anônima. O valor da ação subia cada vez mais no pregão da NYSE. "No início de 1928, o valor de uma ação da *Radio Corporation of America* (RCA) custava 85 dólares; em setembro de 1929, seu valor havia subido para 505 dólares" (CAMPOS; MIRANDA, 2005, p.465), ou seja, um crescimento absoluto de US\$ 420 e um aumento relativo de 494,11%.

Em 24 de outubro de 1929 foi uma quinta-feira negra (*black thursday*) e ocorreu a grande queda (*the great crash*) da NYSE, em Wall Street. O Índice Dow Jones teve forte queda, 12,8 milhões de ações disponibilizadas com preço em forte redução, sem compradores, um grande desastre financeiro. A desvalorização das ações ordinárias e ações preferenciais foram de 10 bilhões de dólares no único e drástico pregão.

A quinta-feira de 24 de Outubro é o primeiro dia que a história se identifica com o pânico de 1929. (...) Nesse dia, 12.894.650 ações mudaram de dono, muitas delas a preços que destruíram os sonhos e as esperanças dos que as possuíam. [...] Cerca das onze horas, o mercado tinha degenerado numa confusão doida e desenfreada para vender [...]. Às onze e meia era verdadeiramente o pânico. [...] Ajuntamentos formaram-se em volta de sucursais das firmas de corretores na cidade e por todo o país. [...] Os suicídios sucediam-se e onze especuladores bem conhecidos tinham já morrido (Galbraith, 2009).

Em 29 de outubro de 1929 foi uma terça-feira negra (*black tuesday*) e aconteceu a grande quebra (*the great crack*) da NYSE e uma nova queda do Índice Dow Jones. As ações despencaram em mais de 40% de seu valor. Um alto volume de ações à venda e os preços despencaram no pregão.

O novo pânico em Wall Street, 16,4 milhões de ações foram postas à venda no pregão, a preços bem baixos, mas não foram compradas, e levaram os acionistas à bancarrota no país mais rico do planeta, com uma perda de US\$ 14 bilhões.

No colapso financeiro (*financial collapse*) de outubro de 1929, milhões de acionistas perderam, literalmente da noite para o dia, grandes somas em dólares. Muitos perderam tudo que tinham. Muitos investidores cometeram atos de suicídio nos altos prédios de Nova York, a maior cidade dos EUA e uma das maiores cidades do mundo.

A quebra na Bolsa de Valores de Nova York - o centro financeiro mundial - piorou drasticamente a taxa de desemprego, causando a deflação e a forte redução nas vendas de bens e serviços, que por sua vez obrigaram ao encerramento de inúmeras empresas comerciais e industriais por todo o país, elevando o contingente de desempregados.

Nas ruas das cidades americanas, os filhos dos desempregados estavam com cartazes "*Why can't you give my dad a job?*" (Por que não dá um emprego ao meu pai?) ou os próprios desempregados vendendo maçãs (*apples*) por cinco *cents* cada.

3.4 EXPANSÃO DO CRÉDITO BANCÁRIO

Os bancos americanos como JP Morgan Bank ofereciam muito crédito, a juros baixos, para estimular as produções agrícola e industrial e ao mesmo tempo elevar o consumo das famílias, além da especulação financeira, já que entre 1924 e 1929, o *Dow Jones Industrial Average* (DJIA) alcançou mais de 300%.

A expansão do crédito bancário muito fácil deflagrou um colapso financeiro nos EUA e nos países capitalistas como o Canadá. Depois dos EUA, o Canadá, o segundo maior país do mundo, foi o país mais atingido duramente durante a Grande Depressão.

O fácil acesso ao crédito nos bancos, com nenhuma regulamentação governamental, incentivou mais empréstimos, com uma taxa de juros baixa do FED (*Federal Reserve System*), o banco central americano e fundado em 1913. "Em 1929 existiam 25 mil bancos no país, em 1933 estavam reduzidos a menos de 15 mil" (CAMPOS; MIRANDA, 2005, p.466), portanto, mais de nove mil bancos faliram nos EUA entre 1929 e 1933.

Em seu best-seller Dicionário de economia do século XXI, para o economista Sandroni (2008, p.204) a crise econômica significa:

Perturbação na vida econômica, atribuída pela economia clássica a um desequilíbrio entre produção e consumo, localizado em setores isolados da produção. (...) Na economia capitalista, embora também possam ocorrer perturbações derivadas da escassez, as crises econômicas características do sistema são as de superprodução. (...) A mais séria crise econômica mundial foi a de 1929-33, chamada Grande Depressão.

As ações das empresas sofreram uma queda vertiginosa na NYSE, perdendo quase todo o seu valor inicial. As empresas foram forçadas a reduzir a produção e demitir os seus funcionários. A corrida bancária dos clientes por dinheiro nos bancos provou o caos econômico, financeiro e social nos EUA, era a Grande Depressão. Totalmente diferente dos "anos felizes" durante os anos de 1919-29.

Em seu valioso Dicionário de economia do século XXI, o economista Paulo Sandroni (2008, p.237) define a depressão econômica como a "Fase do ciclo econômico em que a

produção entre em declínio acentuado, gerando queda nos lucros, perda do poder aquisitivo da população e desemprego".

O desemprego muito elevado revela a depressão econômica, pois a forte retração da economia abala os diversos setores econômicos, e sobretudo, afeta a bolsa de valores. Com a forte queda da bolsa de valores, por exemplo, em 8 de julho de 1932, o índice Dow Jones fechou em 41,22 pontos, momentos de grande incerteza por parte dos investidores. A depressão econômica dos anos 30 faliu muitas empresas e bancos nos EUA.

4. CONSEQUÊNCIAS

Em tempos difíceis, a partir da Crise de 1929, entre as principais consequências, a mais drástica nos EUA, foi que o desemprego involuntário chegou a mais de 15 milhões de pessoas em 1933. De acordo com o economista norte-americano Rifkin (1995, p.26):

Em outubro de 1929, um pouco menos de um milhão de pessoas estavam desempregadas. Em dezembro de 1931, eram mais de dez milhões de americanos sem trabalho. Seis meses depois, em junho de 1932, o número de desempregados havia crescido para 13 milhões. O desemprego atingiu seu ponto máximo, com mais de 15 milhões de desempregados, no auge da depressão, em março de 1933.

As falências generalizadas, mais de 85 mil empresas e nove mil bancos nos EUA, além dos salários perderam 60% de seu poder de compra, revelando a catástrofe econômica mais devastadora na economia americana.

A cotação das ações das empresas americanas caiu, em média, de 85% entre 1929 e 1932. Nove milhões de cadernetas de poupança foram perdidas com a falência dos bancos nos EUA, um grande exemplo, foi o *Bank of United States* (Banco dos Estados Unidos), fundado em junho de 1913 e falido em dezembro de 1930. Milhões de americanos ficaram pobres e passaram fome nas ruas do país mais rico do mundo.

A crise do liberalismo econômico nos EUA e na Europa Ocidental, além da crise das democracias parlamentares na Europa Ocidental, ambas provocam a ascensão de regimes totalitários, o fascismo na Itália com Benito Mussolini (*Duce*) em 1922, o nazismo na Alemanha com Adolf Hitler (*Fuhrer*) em 1933, além do salazarismo com António Salazar em Portugal, em 1932 e do franquismo com Francisco Franco (*Generalíssimo*) na Espanha, em 1939.

A exceção foi a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na Europa Oriental com o líder Stalin. Na União Soviética vigorava a economia socialista desde a

Revolução de 1917, liderada por Lênin, além do isolamento internacional e dos Planos Quinquenais no governo totalitário de Stalin.

De acordo com Keynes (1983, p.253) no capítulo 24, na Teoria Geral, "Os principais defeitos da sociedade econômica em que vivemos são a sua incapacidade para proporcionar o pleno emprego e a sua arbitrária e desigual distribuição da riqueza e das rendas".

O capitalismo gera desigualdade social e a intensificação da desigualdade econômica é fruto da péssima distribuição de renda. O capitalismo provoca desigualdade socioeconômica e os níveis de desigualdade são alarmantes no mundo. Os milhões de desempregados no planeta aumentam a desigualdade (mensurado pelo Índice de Gini) e o número de pessoas famintas em vários países.

Como bem destacar Rossetti (2002, p.791):

A macroeconomia keynesiana não propõe que o governo assuma a propriedade dos meios de produção. A prescrição é uma vigorosa política fiscal, fundamentada em investimentos públicos, para elevar a procura agregada a níveis compatíveis com os da oferta agregada potencial.

A política fiscal expansionista de Keynes, o Governo baixa impostos e aumenta os gastos públicos na economia de mercado, provocando o crescimento da demanda agregada (DA) a curto prazo. A demanda agregada representa a quantidade de bens e serviços que as famílias, as empresas e o governo de um país e o resto do mundo desejam e podem consumir para cada nível determinado de preço. Posteriormente, Keynes (1983, p.258) enfatizou:

Os regimes autoritários contemporâneos parecem resolver o problema do desemprego à custa da eficiência e da liberdade. É certo que o mundo não tolerará por muito mais tempo o desemprego que, à parte curtos intervalos de excitação, é uma consequência - e na minha opinião uma consequência inevitável - do capitalismo individualista do nosso tempo. Mas pode ser possível curar o mal por meio de uma análise correta do problema, preservando ao mesmo tempo a eficiência e a liberdade.

A Crise de 1929 foi o terremoto econômico mais impactante do século XX. Nos EUA muitas pessoas perderam seus empregos, muitas pessoas perderam dinheiro; muitas famílias ficaram endividadas, perderam suas casas, passaram fome, enfim, famílias de *homeless* (sem-teto) em péssimas condições de vida.

Com a Crise de 1929, nos EUA vigorou também o protecionismo alfandegário com a implantação do Ato da Tarifa Smoot-Hawley em 17 de junho de 1930, que aumentou os impostos de cerca de 20 mil produtos no país. Estendeu-se, primeiro, aos países vizinhos, o Canadá e o México, depois à Europa, e em seguida, o resto do mundo.

5. A CRISE MUNDIAL NO BRASIL

A Crise de 1929 foi um hecatombe econômico nos EUA se espalhou pelo mundo, chegou e afetou duramente o Brasil também, onde a economia ainda era baseada na cafeicultura. O café (*coffee*) representava 71% das exportações brasileiras e os grandes compradores eram os EUA e, em segundo lugar, a Europa.

Após a queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, o governo estudou diversas medidas a serem tomadas para evitar que os produtores de café ficassem vulneráveis. A Crise de 1929 provocou o declínio do ciclo do café, o fim da República Velha e o início da Revolução de 1930, liderada pelo gaúcho Getúlio Vargas, ex-ministro da Fazenda do presidente Washington Luís.

Segundo os historiadores Campos e Miranda (2005, p.469), "A crise de 1929 ocorreu em meio à campanha eleitoral. Apesar disso e do desgaste do governo, Júlio Prestes foi eleito presidente com quase 60% dos votos". A chapa derrotada era formada por Getúlio Vargas e João Pessoa. Mas, posteriormente, o presidente do estado da Paraíba, na época, João Pessoa foi assassinado em 26 de julho de 1930, em Recife, no estado vizinho de Pernambuco. Os líderes dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba se uniram para mudar os rumos do Brasil.

Ressalta-se que explodiu a Revolução de 1930 em 03 de outubro em, seguida, o presidente Washington Luís foi deposto no Rio de Janeiro em 24 de outubro, e o presidente eleito Júlio Prestes impedido de assumir o cargo e ambos foram exilados para os EUA e posteriormente, para a Europa. Com o presidente Getúlio Vargas em 03 de novembro de 1930, o Estado começava a ter papel fundamental na economia brasileira, predominando o pensamento desenvolvimentista-nacionalista.

O presidente Getúlio Vargas acabou com a política do café com leite, liderada pelos barões do café paulista e pelos pecuaristas mineiros e, sobretudo, mandou queimar 4,7 milhões de toneladas de café para diminuir a oferta no mercado internacional e aumentar

o preço internacional da saca de café, devido à superprodução de café. Os barões do café tornaram-se os novos donos de fábricas no País, sobretudo, na região Sudeste.

O presidente da então República dos Estados Unidos do Brasil, Getúlio Vargas, ele criou o Conselho Nacional do Café (CNC) em 1931. Dois anos depois, em 1933, esse órgão estatal passou a ser chamado de Departamento Nacional do Café (DNC). O governo Vargas queimou 80 milhões de sacas de café próximo ao Porto de Santos e comprou outras milhões de sacas de café para serem distribuídas nas repartições públicas localizadas no Rio de Janeiro, segunda capital do Brasil.

A taxa de crescimento do PIB brasileiro foi de 1929 (1,1%), 1930 (-2,1%), 1931 (-3,3%), 1932 (4,3%) e 1933 (8,9%) durante a Grande Depressão dos anos 30, em média, de 1,8% ao ano.

Segundo o professor de Economia na Universidade de Utah, Hunt (2005, p.383): "A Grande Depressão dos anos 30 foi um fenômeno mundial, que afetou todas as grandes economias capitalistas" como a Inglaterra e a França, todavia, ela afetou também outras economias capitalistas como o Brasil e a Argentina. Reforçando o pensamento econômico de Hunt (2005, p.384), "Em uma economia capitalista, as decisões de produção baseiam-se, principalmente, nos lucros - e não nas necessidades das pessoas". Na Áustria e na Alemanha os bancos faliram e levaram milhões ao desemprego.

O economista inglês Keynes (1983, p.20) estudou o desemprego nos EUA durante a Grande Depressão nos anos 30:

Ademais, o argumento de que o desemprego que caracteriza um período de depressão se deva à recusa da mão de obra em aceitar uma diminuição dos salários nominais não está claramente respaldado pelos fatos. Não é muito plausível afirmar que o desemprego nos EUA em 1932 tenha resultado de uma obstinada resistência do trabalhador em aceitar uma diminuição dos salários nominais, ou de uma insistência obstinada de conseguir um salário real superior ao que permitia a produtividade do sistema econômico.

É necessário ter em mente que o sistema econômico estudado e defendido por Keynes foi o sistema capitalista. Keynes escreveu um livro revolucionário em 1936 que nos ajudar a compreender o ciclo econômico no capitalismo. A depressão econômica dos anos 30 gerou muito desemprego, muita falência, suicídio, fome, depressão psicológica, além de vários problemas familiares como divórcios e separações de casais.

6. CICLO ECONÔMICO

A percepção da Crise de 1929 tem um papel muito importante no estudo do ciclo econômico. A Crise de 1929 foi a maior catástrofe econômica dos EUA e gerou milhões de desempregados e de pobres, que diariamente enfrentaram filas quilométricas para tomarem sopa quente e gratuita e comerem pão quente e doado pelo Governo com sede administrativa em Washington, D.C. (*District of Columbia* - Distrito de Colúmbia), ao lado de outdoors com as frases: "*World's highest standard of living*" (Os melhores padrões de vida do mundo) e "*There's no way like American Way*" (Não existe modo de viver como o americano).

O capitalismo caracteriza-se por fases cíclicas distintas. Segundo o saudoso professor de Macroeconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o economista José Alfredo Leite (2000, p.638), "Wesley C. Mitchell explicou que o ciclo econômico se manifestava na forma de ondas de períodos regulares, que apresentavam quatro fases importantes denominadas prosperidade, recessão, depressão e recuperação".

Não há dois ciclos econômicos iguais, logo, variam tanto na periodicidade, na amplitude quanto na severidade e na difusão. A duração não é previsível, embora seja possível prever suas fases. A depressão econômica mais dura ocorreu na década de 1930, conhecida como a Grande Depressão, um período de altas taxas de desemprego entre 1929 e 1933.

Se a contração econômica é especialmente intensa na economia, então, estamos diante de uma depressão (*depression*). A Grande Depressão ocorreu por causa da superprodução capitalista e do subconsumo, além da não intervenção do Estado na economia americana, pois o pensamento econômico predominante era o liberalismo econômico do governo.

A Ciência Econômica utiliza os termos expansão econômica (prosperidade e recuperação) e retração econômica (recessão e depressão). Existe um ciclo de alternância de expansão (*boom*) e de retração (*bust*). Existem ondas de duração, amplitude, severidade e difusão irregulares e difíceis de prever pelos economistas, com raras exceções como o economista Nouriel Roubini conhecido como Dr. Apocalipse, após prever a Crise de 2008, em 15 de setembro, conhecida nos EUA como a Grande Recessão.

Segundo Hobsbawm (1995, p.105), na sua obra prima denominada Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991, "Mesmo a pior depressão cíclica mais cedo ou

mais tarde tem de acabar". Portanto, toda crise econômica é cíclica. Toda crise econômica é um fenômeno natural no sistema capitalista, há momentos de retração econômica da atividade econômica, a pior retração econômica denomina-se de depressão econômica.

Com a depressão econômica no país cresce o desemprego. É muito difícil conseguir uma vaga de emprego, logo, aumenta a pobreza, um dos principais problemas do mundo, assim piorando as concentrações de renda e de riqueza na nação.

Da época de depressão para o período de prosperidade, a teoria keynesiana defenderá mais gastos governamentais, menos impostos e baixos juros para a economia se recuperar da fase recessiva. O crescimento robusto da economia acontecerá com o aumento da circulação de dinheiro entre os agentes econômicos.

7. OS PRINCIPAIS INDICADORES ECONÔMICOS DOS EUA

Mesmo com os avanços tecnológicos nos EUA e no mundo, na época, entre 1919 e 1929, a televisão (1923), o cinema sonoro (1926), a penicilina (1928) e o fax (1929), a economia global abriu um grande abismo cada vez maior entre os mais ricos e os mais pobres.

No período entre guerras, de modo geral, os principais indicadores econômicos da maior economia do mundo, entre 1929 e 1933, que podemos mensurar nos dias atuais são o PIB nominal, a taxa de desemprego, a taxa de inflação e o comércio internacional.

Quadro 1. Os Principais Indicadores Econômicos dos EUA durante a Grande Depressão, 1929-1933

ANO	PIB NOMINAL	TAXA DE DESEMPREGO	TAXA DE INFLAÇÃO	COMÉRCIO INTERNACIONAL
1929	US\$ 103,6 bilhões	3,2%	-1,1%	US\$ 65 bilhões
1930	US\$ 91,2 bilhões	8,9%	-2,6%	US\$ 55 bilhões
1931	US\$ 76,5 bilhões	16,3%	-10,1%	US\$ 39 bilhões
1932	US\$ 58,7 bilhões	24,1%	-9,3%	US\$ 27 bilhões
1933	US\$ 56,4 bilhões	25,2%	-2,2%	US\$ 24 bilhões

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Depressão é um longo período de acentuada queda do PIB nominal, por três ou mais anos consecutivos de uma economia. O PIB dos EUA caiu de US\$ 103,6 bilhões em 1929 para US\$ 56,4 bilhões em 1933, ou seja, uma queda de US\$ 47,2 bilhões, em outras palavras, o PIB norte-americano contraiu 45,56%.

O desemprego é ociosidade involuntária daquela pessoa que está disposta a trabalhar e não encontra quem o empregue em um dos três setores da economia. A taxa de desemprego nos EUA aumentou de 3,2% em 1929 para 25,2% em 1933, ou seja, um crescimento de 22%.

A deflação, um declínio persistente e generalizado no nível geral de preços de uma economia, ocorreu forte nos EUA, pois era um indicador de depressão econômica, no qual se observa atentamente uma acentuada deflação de -1,1% em 1929 para -10,1% em 1931. Quando os preços caem muito, as empresas cortam custos de produção, principalmente demitem trabalhadores. Estes desempregados não podem comprar bens nem serviços, então os estoques continuam a crescer e os preços caem ainda mais.

A mais grave crise do capitalismo mergulhou os EUA numa depressão, e a crise ganhou uma dimensão global com a forte redução do crédito mundial e com a alta nas tarifas alfandegárias, provocando uma retração no comércio internacional de US\$ 65 bilhões em 1929 para US\$ 24 bilhões em 1933, ou seja, uma queda de US\$ 41 bilhões no intercâmbio de bens e serviços entre os EUA e o resto do mundo.

8. RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DOS EUA

Toda depressão econômica tem início, auge e declínio. Com a eleição de Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), do Partido Democrata, em 1932, para presidente dos EUA, o quarto maior país do mundo, com mais de 9,3 milhões de quilômetros quadrados, então surgiu à esperança de dias melhores na economia.

De acordo com os professores de História Campos e Miranda (2005, p.467): "Durante a campanha eleitoral, Roosevelt havia se comprometido a estabelecer um "Novo Ajuste" (*New Deal*) para o povo americano. Em seu discurso de posse declarou: "A única coisa a temer é o próprio medo".

A recuperação econômica começou em 1933, quando Roosevelt implantou o *New Deal* (Novo Acordo), totalmente inspirado nas teorias revolucionárias do economista inglês John Maynard Keynes (1883-1946). Keynes pregava uma política fiscal

expansionista para acelerar a demanda agregada. É preciso destacar que os conselhos econômicos de Keynes para Roosevelt vieram por uma carta aberta publicada no jornal *The New York Times* de 31 de maio de 1933, após a posse do 32º presidente dos EUA em 04 de março de 1933.

A Crise de 1929 provocará o fim da mão invisível do mercado, de Adam Smith, de 1776, e surgirá a "mão visível do Estado", de John Maynard Keynes, de 1936. Em outras palavras, o economista Keynes por defender o papel do Estado forte como um indutor econômico, tornou-se o economista mais influente no cenário mundial.

O presidente Roosevelt mandou fechar os bancos em crise e reformular o sistema bancário nos EUA. De modo geral, muitas das propostas do professor de Economia da Universidade de Cambridge, Keynes, foram adotadas no *New Deal* entre 1933 e 1936, entre elas destacam-se: (i) O Estado regulamenta a economia americana começando pelos bancos privados e inicia o intervencionismo implantando a NRA (National Recovery Administration - Administração da Recuperação Nacional); (ii) Criação de agências governamentais para administrar obras públicas: estradas, barragens, pontes, viadutos, hidrelétricas, habitações populares, escolas, hospitais, bibliotecas, etc.; (iii) Concessão, por parte do Estado, de empréstimos para reforma, construção e compra de imóveis residenciais; de empréstimos a instituições financeiras em dificuldades; e de empréstimos a fazendeiros cujas terras haviam sido hipotecadas; (iv) Redução da jornada de trabalho para oito horas para diminuir o desemprego involuntário; (v) Ampliação do salário mínimo para incrementar o poder aquisitivo do trabalhador e para ampliar o mercado consumidor interno; (vi) Aumento dos benefícios da Previdência Social; (viii) Criação do seguro-desemprego; e (ix) Ampliação da autonomia sindical e de sua capacidade de negociação por melhores salários.

A década da prosperidade (1919-1929) acabou com a Crise de 1929 em 24 de outubro. O efeito multiplicador da crise nos EUA gerou uma crise cíclica do capitalismo, gerando falência e desemprego. A crise estrutural do capitalismo foi o fim do liberalismo econômico dos clássicos e dos neoclássicos e o início do keynesianismo.

O *New Deal* pode ser dividido em dois períodos. O Primeiro *New Deal* ocorreu entre 1933 e 1934, com um grande foco em ajudar os bancos, as empresas, a indústria e a agricultura para sobreviver financeiramente e para impulsionar a economia norte-americana. Já o Segundo *New Deal* ocorreu entre 1935 e 1936, concentrou-se mais em

ajudar o povo americano, através do programa de alívio intitulado *Works Progress Administration - WPA* (Administração de Progresso de Obras), ou seja, a maior agência estatal nos EUA no *New Deal*, empregando milhões de desempregados americanos para realizar projetos de obras públicas em todo o país.

Os três Rs do *New Deal* serão impostos por Roosevelt: *Relief, Recovery and Reform* (Alívio, Recuperação e Reforma) para recuperar a economia dos EUA. O presidente Roosevelt cria a NRA, uma agência de Administração de Recuperação Nacional para ajudar os milhões de desempregados a conseguirem uma nova colocação nas frentes de trabalho, para que pudessem receber pelo trabalho prestado. O *New Deal* gerou mais de oito milhões de empregos nos 50 estados americanos.

Sair da crise econômica e obter pleno emprego requer um aumento da demanda agregada. Os gastos governamentais de Roosevelt no *New Deal* foram fundamentais para recuperar significativamente a economia americana, por exemplo, a conclusão da Represa Hoover (*Hoover Dam*) em 1936, no rio Colorado, Roosevelt gastou enorme soma de dólares, assim conseguiu pôr a locomotiva da economia de volta aos trilhos, da recuperação em direção à prosperidade.

A demanda agregada de Keynes, formada por cinco variáveis macroeconômicas, pela demanda de bens de consumo (C) das famílias, pela demanda de bens de investimento (I) das empresas, pela demanda do governo, através dos gastos públicos (G) e pela demanda dos mercados internacionais, através das exportações (X) menos importações (M). O resto do mundo é o setor externo numa economia aberta. A fórmula da demanda agregada numa economia aberta é $DA=C+I+G+(X-M)$.

O desemprego e a inflação são os dois principais problemas das economias capitalistas. Desemprego se produz pela insuficiência na demanda agregada, isto é, uma inundação de bens sem consumidores. Inflação se produz pelo excesso na demanda agregada, ou seja, a escassez de bens com elevado número de consumidores.

Keynes identifica que o desemprego se traduz por insuficiência na demanda agregada. Para aumentar a demanda agregada e combater o desemprego é necessário estimular o consumo das famílias baixando os impostos, estimular o investimento das empresas baixando a taxa de juros, estimular os gastos públicos com obras públicas, além de estimular as exportações por desvalorização cambial, o que corresponde a um aumento na taxa de câmbio, com o dólar americano subindo.

9. O ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL

É interessante notar que ocorreu uma forte intervenção do Estado na economia norte-americana. O Estado deve intervir forte, deve interferir na economia de mercado e garantir serviços sociais básicos. Portanto, era o abandono do pensamento do liberalismo econômico, oriundo do economista e filósofo escocês Adam Smith no século XVIII. Era o fim do *laissez-faire* e o início do Welfare State.

Há 83 anos, Keynes pregava o Estado regulador e investidor para a manutenção do pleno emprego no curto prazo e para ampliação do Estado do Bem-Estar (Welfare State). Em *magnum opus* intitulada *The General Theory of Employment, Interest and Money* (A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda), o Professor Keynes (1983, p.259) escreveu esse trecho famoso:

(...) as ideias dos economistas e dos filósofos políticos, estejam elas certas ou erradas, têm mais importância do que geralmente se percebe. De fato, o mundo é governado por pouco mais que isso. Os homens objetivos que se julgam livres de qualquer influência intelectual, são, em geral, escravos de algum economista defunto. Os insensatos, que ocupam posições de autoridade, que ouvem vozes do ar, destilam seus arrebatamentos inspirados em algum escriba acadêmico de certos anos atrás.

O surgimento do Estado de Bem-Estar Social para garantir o padrão de vida da população e evitar novas críticas ao sistema capitalista, mas não pregava a estatização das terras, das indústrias e das empresas privadas americanas, mas um forte aumento na demanda agregada dos EUA.

Claro que se deve sempre reconhecer que o economista inglês John Maynard Keynes é o Pai da Macroeconomia moderna, o maior economista do século XX e foi um dos economistas mais influentes dos séculos XX e XXI. A obra prima de Keynes intitulada A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda foi publicada pela primeira vez em 14 de fevereiro de 1936, 160 anos depois de *The Wealth of Nations* (A Riqueza das Nações) de Adam Smith (1723-1790), o Pai da Economia moderna.

Com Keynes é o fim do automático e livre funcionamento da economia capitalista, assim tudo começou e mudou quando ele expôs:

Denominei este livro A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, dando especial ênfase ao termo geral. O objetivo deste título é contrastar a natureza de meus argumentos e conclusões com os da teoria clássica, na qual me formei, que

domina o pensamento econômico, tanto prático quanto teórico, dos meios acadêmicos e dirigentes desta geração, tal como vem acontecendo nos últimos cem anos (Keynes, 1983, p.15).

Para Keynes, uma das vozes mais críticas ao liberalismo econômico, é particularmente relevante entender como a crise acontece e, sobretudo, porque foi uma verdadeira catástrofe econômica, a Crise de 1929. Em 1931, 2.294 bancos faliram nos EUA. Keynes dizia que, quando uma crise começa, o Estado deve responder a ela, impedindo-a, e não simplesmente deixar o sistema econômico ruir, não existe um sistema automático. Esse é o ponto fundamental no pensamento revolucionário de Keynes, em outras palavras, é preciso à intervenção do Estado na economia.

Keynes não previu o Crash da Bolsa de Valores de Nova York nem tão pouco a Grande Depressão. Mas, na biblioteca da Universidade de Cambridge, Keynes estudou muito, estudou com afinco os economistas clássicos e neoclássicos, além do cenário econômico caótica da Grande Depressão e percebeu que a economia capitalista pode afundar, e em seguida, não flutua de volta automaticamente.

Então, brilhantemente, Keynes sugeriu enormes gastos públicos na economia capitalista em depressão para se recuperar. Keynes rejeitava enfaticamente o socialismo. Em outras palavras, Keynes era a favor da forte intervenção do Estado na economia de mercado, com a queda da taxa de juros, o corte nos impostos e o aumento dos gastos governamentais, para alimentar o espírito animal (*animal spirits*) dos empresários. Keynes descreveu as emoções que influenciam o comportamento humano e podem ser medidas em termos de confiança do empresário, além do consumidor.

A falta de confiança do consumidor afeta especialmente o consumo e a falta de confiança do empresário afeta especialmente o investimento. Portanto, precisamos despertar o nosso espírito animal, termo usado por Keynes que está relacionado a confiança, ou seja, como um impulso espontâneo para a ação, ao invés da inação.

O economista britânico Keynes ressaltou o papel do Governo na política fiscal expansionista para mitigar os efeitos perversos do ciclo econômico e das falhas de mercado. Keynes criticou o desemprego voluntário, o laissez-faire e a Lei de Say dos economistas clássicos e neoclássicos. É errado defender que "a oferta cria sua própria demanda", para Keynes "a demanda motiva a oferta". Conforme Maia (2008, p.210), "Segundo Paul Krugman, foi a economia keynesiana que permitiu ao capitalismo, como

sistema, sobreviver à Grande Depressão". A depressão americana foi muito avassaladora e abalou o sistema capitalista, ressaltando que na época não havia uma regulamentação estatal sobre a venda e a compra de ações das empresas americanas.

De acordo com o economista norte-americano Rifkin (1995, p.31), no livro *O Fim dos Empregos*:

A Lei de Recuperação da Indústria Nacional (NIRA), de 1933, fazia o país assumir o compromisso de empregar milhões de trabalhadores num programa de expansão de obras públicas. Apresentando o novo programa ao povo americano, Roosevelt deixou claro que "nosso principal objetivo é criar empregos tão rapidamente quando pudermos".

Com a diminuição da procura de bens e serviços, ocorreu à falência das empresas e os empresários demitem os trabalhadores, porque venderam menos bens e serviços aos consumidores, gerando desemprego involuntário, conseqüentemente, com menos confiança os empresários não investiram na economia, para comprar matérias-primas e máquinas, portanto, os empregos não foram gerados, provocando a diminuição do poder de compra das famílias, logo, sem dinheiro no bolso os consumidores não demandam bens nem serviços, enfim, gerou um círculo vicioso da crise, provocando a pobreza e a fome. Portanto, é preciso políticas públicas voltadas ao Estado de Bem-Estar Social.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este artigo, algumas considerações puderam ser extraídas das análises das principais causas e conseqüências da Crise de 1929, que começou na Bolsa de Valores de Nova York, na Wall Street, situada em Manhattan, nos EUA: (i) Taxa de desemprego foi, em média, de 15,5% da população economicamente ativa (PEA); (ii) Queda do PIB de US\$ 104 bilhões em 1929 para US\$ 56 bilhões em 1933; (iii) A produção industrial caiu 54% e de automóveis diminuiu 50%; (iv) Elevados estoques agrícolas e industriais em todo o país; (v) Número muito alto de suicídios, devido a perda de muito dinheiro no mercado de ações (*stock market*); e (vi) 50% da população vivia abaixo da linha da pobreza, e a maioria, eram mulheres e crianças sobrevivendo nas *hooverilles* (leia-se favelas).

É importante enfatizar que a maior crise do capitalismo começou em 24 de outubro de 1929, nos EUA, o centro econômico do mundo, afetando os países vizinhos, o Canadá e o México, e atravessou o Oceano Atlântico, contaminando os países europeus como a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Itália, exceto, a URSS, que manteve seu crescimento

econômico. A Crise de 1929 abalou profundamente a economia mundial e o Brasil sofreu diretamente os seus perversos efeitos.

A superação da Grande Depressão dos anos 30 se dará com o surgimento do *New Deal*, o maior legado do presidente Franklin Delano Roosevelt, que governou os EUA, a maior potência industrial do planeta, entre 1933 e 1945.

Com 90 anos, a Crise de 1929 é a crise econômica global (*global economic crisis*) mais estudada de todos os tempos e mais debatida nas escolas e faculdades, localizadas nos EUA, Canadá, Brasil, Argentina, México, Espanha, Portugal, Índia, Nova Zelândia, entre outros países nos cinco continentes.

Em suma, foram seis dias em outubro de 1929 que mudaram os rumos do capitalismo há nove décadas. No aniversário de 90 anos da Crise de 1929, este artigo incentiva uma reflexão crítica sobre a Grande Depressão dos anos 30 e, sobretudo, ressaltar as antigas e novas lições econômicas, porque a guerra comercial entre os EUA e a China, as duas maiores economias do mundo na atualidade, provavelmente poderá provocar uma recessão global no ano de 2020.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Flavio de; MIRANDA, Renan Garcia. **A escrita da História**. 1ª. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2005.
- GALBRAITH, John Kenneth. **The Great Crash 1929**. New York: Mariner Books, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNT, E. K. **História do Pensamento Econômico: uma perspectiva crítica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- KEYNES, John Maynard. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LEITE, José Alfredo Américo. **Macroeconomia: teoria, modelos e instrumentos de política econômica**. 2ª. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Atlas, 2000.
- MAIA, Jayme de Mariz. **Economia Internacional e Comércio Exterior**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- RIFKIN, Jeremy. **O Fim dos Empregos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 19^a ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. São Paulo: Record, 2008.

ENTENDA A DIFERENÇA ENTRE BRICS E RBCAI NA ATUALIDADE

GALVÃO JÚNIOR, Paulo⁵

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo é muito reflexivo em função do cenário mundial e analisa o tema do desenvolvimento humano de maneira bem focada nos países emergentes. Cinco países emergentes remam contra a maré das desigualdades sociais em direção ao desenvolvimento humano muito alto desde 1990. Este artigo foi desenvolvido com o principal objetivo de analisar os principais indicadores econômicos e sociais, além dos principais índices dos países em desenvolvimento que formam o grupo BRICS (*Brazil, Russia, India, China and South Africa*) em uma nova ordem mundial.

O Produto Interno Bruto (PIB) e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) caminham separados nos acrônimos BRICS e RBCAI (Rússia, Brasil, China, África do Sul e Índia). Há momentos para pensar no futuro dos países emergentes como o Brasil. A concentração de renda e a exclusão social andam juntas no sétimo país mais desigual do mundo, com Índice de Gini de 53,3 (PNUD, 2019).

O PIB brasileiro caiu 3,55% em 2015 e 3,31% em 2016, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), logo, uma recessão econômica. O Brasil encontra-se em recuperação econômica muito lenta, o PIB cresceu apenas 1,06% no ano de 2017 e 1,12% em 2018 (IBGE). A projeção da taxa de crescimento do PIB brasileiro é de 1,10% em 2019, segundo o Relatório FOCUS do Banco Central do Brasil (BACEN).

Em tempos de baixo crescimento econômico e de elevada desigualdade surgem sérios problemas econômicos e sociais nas cinco regiões do País. O Brasil é o segundo país mais desigual do mundo, entre os 1% mais ricos, que concentram 28,3% da renda do País, atrás apenas do Catar, com 29% (PNUD, 2019). O Brasil é o segundo spread bancário mais alto do planeta, com 32%, atrás apenas de Madagáscar (InfoMoney, 2019).

⁵Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

Estruturalmente este artigo é dividido em seis secções. A primeira secção apresenta breves considerações iniciais, a seguir, uma secção sobre os países emergentes, na sequência, uma secção sobre o agronegócio no Brasil, na secção seguinte analisa o índice de desenvolvimento humano de cinco países emergentes, na sequência, uma secção sobre o grupo RBCAI, e por fim, as considerações finais.

2. PAÍSES EMERGENTES

Início as minhas reflexões críticas sobre o desenvolvimento humano com a leitura da obra valiosa do ex-ministro das Finanças da Argélia, o economista Abdellatif Benachenhou, do *Institut des Sciences Politiques*, de Paris, na França.

O livro intitulado Países Emergentes (*Les Pays Émergents*), de 2013, com 234 páginas, foi publicado pela editora da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), instituída em 1971, onde o professor de Economia Abdellatif Benachenhou retrata com qualidade o crescimento econômico de onze países emergentes, entre 2006 e 2011, dos quais eu destaco neste artigo, cinco países emergentes e seus respectivos capítulos: A China molda o mundo (Capítulo I); Índia, emergência e combate à pobreza (Capítulo II); Brasil, ator com vocação global (Capítulo III); África do Sul e a herança do apartheid (Capítulo VI); Rússia, em luta contra o mal holandês (Capítulo XI).

"No Fundo Monetário Internacional (FMI), no G20, no Conselho de Segurança e nas diversas instituições regionais econômicas ou políticas, registra-se crescente ambição política internacional ou regional dos países emergentes" (BENACHENHOU, 2013, p.13). Na atualidade, os cinco países emergentes que compõem o BRICS juntos somam 42% da população mundial, 26% da área territorial, 24% do PIB global e 18% do comércio internacional.

Em plena Quarta Revolução Industrial, o economista argelino Abdellatif Benachenhou (2013, p.13) estuda muito os países emergentes e aponta que, "Não é possível discutir nem resolver os grandes problemas políticos internacionais na ausência da China, da Índia e, cada vez mais, do Brasil".

De acordo com os dados do Banco Mundial, a taxa de crescimento do PIB chinês foi de 12,7% em 2006, 14,2% em 2007, 9,6% em 2008, 9,1% em 2009 e 10% no ano de 2010 (BENACHENHOU, 2013, p.19). Portanto, a economia emergente da China cresceu em média de 11,1% ao ano entre 2006 e 2010.

De acordo com o Professor Abdellatif Benachenhou (2013, p.18): "Em 2010, a China se tornou a segunda potência econômica mundial, deslocando o Japão do lugar que ocupava havia 45 anos. No ritmo de crescimento atual, superará a primeira colocação dos Estados Unidos por volta de 2020".

Nos dias atuais, a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, as duas maiores economias do planeta, dificultam a concretização da projeção do renomado professor Benachenchou no próximo ano.

A Índia tem um mercado emergente que cresce muito no mundo multipolar. A economia indiana cresceu em média de 8,3% ao ano entre 2006 e 2010. A taxa de crescimento do PIB indiano foi de 9,3% em 2006, 9,8% em 2007, 4,9% em 2008, 9,1% em 2009 e 8,6% em 2010.

O Brasil é a oitava economia do mundo e o sexto país mais populoso do planeta. A taxa de crescimento econômico do secular Brasil foi em média de 4,3% ao ano entre 2006 e 2010. A taxa de crescimento do PIB brasileiro foi de 4,0% em 2006, 5,7% em 2007, 5,1% em 2008, -0,2% em 2009 e 6,9% no ano de 2010.

A taxa de crescimento do PIB sul-africano foi de 5,3% em 2006, 5,1% em 2007, 3,1% em 2008, -1,8% em 2009 e 2,5% no ano de 2010. A taxa média do crescimento econômico da África do Sul foi 2,8% ao ano entre 2006 e 2010. Mas, a África do Sul é o país mais desigual do planeta, com Índice de Gini de 63,0 (PNUD, 2019), repleto de ouro e de diamantes.

A Rússia produz e exporta petróleo, gás natural, armas, produtos siderúrgicos (leia-se aço) e produtos metalúrgicos para o resto do mundo. A economia russa cresceu em média de 1,5% ao ano entre 2008 e 2011. A taxa de crescimento do PIB russo foi de 5,6% em 2008, -7,9% em 2009, 4,2% em 2010 e 3,9% em 2011, segundo os dados oficiais dos Relatórios do Banco Mundial (BENACHENHOU, 2013, p.19). Todavia, a população russa está envelhecendo e a população em idade ativa diminuindo a cada ano.

3. AGRO É PAZ

As novas reflexões críticas sobre o desenvolvimento humano continuam com a leitura da relevante obra do ex-ministro da Agricultura do Brasil, o engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), no município de Piracicaba, no estado de São Paulo.

O livro digital intitulado *Agro é Paz: análises e propostas para o Brasil alimentar o mundo*, de 2018, com 416 páginas, foi publicado pela editora da ESALQ, fundada em 1901, organizado pelo renomado professor Roberto Rodrigues, que analisa com qualidade o agronegócio do Brasil em 14 capítulos temáticos, com projeções de 29 produtos do agronegócio para o ano de 2030: milho, soja, trigo, laranja, suco de laranja, carne de frango, carne bovina, carne suína, cana-de-açúcar, açúcar, algodão, farelo de soja, óleo de soja, leite in natura, feijão, arroz, batata-inglesa, mandioca, fumo, café, cacau, uva, maçã, banana, manga, melão, mamão, papel e celulose.

Neste artigo destacamos os estudos nos capítulos intitulados *Macroeconomia brasileira e seus desafios; Tendências do agronegócio brasileiro para 2017-2030; Tecnologia e Inovação no Agro; Logística: Transporte e Armazenagem; e Gestão do Agronegócio*. O engenheiro agrônomo brasileiro Roberto Rodrigues (2018, p.36) estuda muito o agronegócio brasileiro e aponta que, "o Brasil terá uma grande importância na redução do déficit alimentar no mundo". O Brasil já é o segundo maior exportador mundial de produtos do agronegócio, atrás apenas dos Estados Unidos, devido aos sucessivos ganhos de produtividade por hectare, o consumo crescente de fontes de energias renováveis (hoje nos atuais 43,5% do total) e a mão de obra qualificada atuando no agronegócio.

Uma rápida inserção do Brasil no comércio internacional possibilitou que as exportações brasileiras do agronegócio alcançassem US\$ 82,2 bilhões em 2017, sendo US\$ 54,7 bilhões (62%) para os países emergentes e US\$ 33,5 bilhões (38%) para os países desenvolvidos. O Brasil é o maior exportador global de café, açúcar, soja, suco de laranja, carne bovina e carne de frango. O Brasil é o segundo maior exportador mundial de milho e ocupa a quarta posição global na carne de porco (RODRIGUES, 2018).

Os principais produtos do agronegócio brasileiro são o açúcar e o café. O Brasil é o maior produtor e exportador de açúcar do planeta desde o século XVII. O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café desde o século XIX. Mas, é preciso, urgente, aumentar a produção em milhões de toneladas de peixes pela piscicultura, e sobretudo, pela aquicultura nas cinco regiões do País em pleno século XXI. Ressaltando também que o Brasil tem 213,5 milhões de bovinos, 5,7 milhões de aves e 37 milhões de suínos e os pecuaristas estão utilizando 21,2% das terras para pecuária de corte nas cinco regiões brasileiras.

4. O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

É muito importante analisar os principais indicadores econômicos e sociais das economias emergentes, além dos principais índices como o IDH e o Índice de Gini. O IDH foi criado em 1990 pelos economistas asiáticos Mahbub ul Haq (1934-1998) e Amartya Sen (1933-) e consiste em mensurar o desenvolvimento humano da população de uma nação a partir de três dimensões básicas: saúde, educação e renda.

O economista Amartya Sen foi laureado com o Prêmio Nobel de Economia em 1988, devido ao seu trabalho em economia do bem-estar. Os economistas Haq e Sen pensaram como calcular o IDH e, sobretudo, consideraram de 0 a 1, sendo 0 (nenhum desenvolvimento humano) e 1 (desenvolvimento humano total), logo, quanto mais próximo de 1, maior é o desenvolvimento humano do país.

Amartya Sen (2000, p.29) em sua obra-prima intitulada *Desenvolvimento como Liberdade*, enfatizou que:

Nos países mais ricos é demasiado comum haver pessoas imensamente desfavorecidas, carentes das oportunidades básicas de acesso a serviços de saúde, educação funcional, emprego remunerado ou segurança econômica social. Mesmo em países muito ricos, às vezes a longevidade de grupos substanciais não é mais elevada que em muitas economias pobres do chamado Terceiro Mundo.

Antigamente, a Rússia (ex-União Soviética) e a China faziam parte do grupo dos países do Segundo Mundo, enquanto, o Brasil, a Índia e a África do Sul eram integrantes do grupo dos países do Terceiro Mundo. Desde 1991 até a atualidade, Rússia, Brasil, China, África do Sul e Índia são países emergentes, são os principais países em desenvolvimento do mundo.

Ao analisar o IDH de cinco países emergentes no ano de 2018, baseado no Relatório do Desenvolvimento Humano 2019, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que mede a qualidade de vida de 189 países e territórios membros da Organização das Nações Unidas (ONU), poderá ter suas próprias reflexões sobre o desenvolvimento humano.

O principal indicador em saúde é a esperança de vida ao nascer; os principais indicadores em educação são a média de anos de estudo e os anos esperados de escolaridade; e o principal indicador em renda é a Renda Nacional Bruta (RNB) per capita em dólares PPC (paridade de poder de compra).

País	IDH	Ranking	Esperança de vida ao nascer	Média de anos de estudo	Anos esperados de escolaridade	RNB per capita
Rússia	0,824	49°	72,4 anos	12,0 anos	15,5 anos	US\$ 25.036 PPC
Brasil	0,761	79°	75,7 anos	7,8 anos	15,4 anos	US\$ 14.068 PPC
China	0,758	85°	76,7 anos	7,9 anos	13,9 anos	US\$ 16.127 PPC
África do Sul	0,705	113°	63,9 anos	10,2 anos	13,7 anos	US\$ 11.756 PPC
Índia	0,647	129°	69,4 anos	6,5 anos	12,3 anos	US\$ 6.829 PPC

Quadro 1. O Índice de Desenvolvimento Humano do grupo RBCAI no ano de 2018.

Fonte: PNUD (2019).

No IDH do grupo RBCAI, a Rússia lidera com o IDH de 0,816. Em segundo lugar encontra-se o Brasil, com o IDH de 0,761. Em terceiro lugar observa-se a China, com o IDH de 0,758. Na quarta e quinta colocações claramente observamos a África do Sul e a Índia, com IDH de 0,705 e 0,647, respectivamente.

O Brasil, no último Relatório do Desenvolvimento Humano 2019, do PNUD, encontra-se na 79ª posição no ranking mundial, com IDH de 0,761. O Brasil, a China (0,761) e a África do Sul (0,705) estão no grupo dos países de IDH alto, nos dias atuais, formado por 53 países e liderado pela Sérvia com IDH de 0,799.

A Rússia é o maior país do mundo, com mais de 17 milhões de quilômetros quadrados e com IDH de 0,824 já faz parte do seletto grupo dos 62 países de IDH muito alto, liderado pela Noruega, com IDH de 0,954, de acordo com os dados de 2018 do PNUD. A Noruega, a Suíça (0,946), a Irlanda (0,942) e a Alemanha (0,939) estão nas quatro primeiras colocações do IDH mundial.

A África do Sul é o mais pobre e menos populoso do RBCAI, após 46 de anos de apartheid (1948-1994). A África do Sul tem o IDH alto de 0,705. Cada país tem sua própria realidade econômica, social e política. A milenar Índia é um país asiático de enormes contrastes sociais e faz parte do grupo de países de IDH médio, com 36 países e liderado pelas Ilhas Marshall, com IDH de 0,698 (PNUD, 2019).

Nenhum país do grupo RBCAI faz parte do grupo dos países de desenvolvimento humano baixo, que conta nos dias atuais com 35 países e é liderado por Níger, na África, com IDH de 0,377 (PNUD, 2019). Infelizmente, os países com IDH baixo tem baixíssimo nível de escolaridade

5. RBCAI

É visível nos programas de TV no Brasil, os jornalistas e os economistas comentando o IDH do grupo BRICS. Mas este grupo econômico BRICS só pensa no PIB. As cúpulas do BRICS desde 2011 buscam fortalecer cada vez mais a cooperação econômica entre os cinco países emergentes. Mas, quando compara o IDH dos cinco países, na minha opinião, o correto é o IDH do RBCAI, um grupo de países de IDH médio no ano de 2007 que almeja um desenvolvimento humano muito alto (na época, IDH alto) antes de 2050. Os renomados jornalistas como Boris Casoy e os consagrados economistas como Samy Dana comentaram também que o Brasil melhorou no IDH apenas 0,001 em relação ao ano de 2017, mas perdeu uma posição no ranking mundial, ao passar do 78º lugar em 2017 para o 79º em 2018. Todavia, um dia, os jornalistas e os economistas entenderão a enorme diferença entre BRICS e RBCAI na atualidade. A ponte que separa os grupos BRICS e RBCAI é o IDH e a ponte que une é o subdesenvolvimento econômico.

Em janeiro de 2007, surgiu o acrônimo RBCAI, que lida com os desafios do desenvolvimento humano para os atuais 3,1 bilhões de habitantes nos próximos 30 anos. O RBCAI não analisa o PIB nominal dos países do BRIC (cuja primeira cúpula foi em 16 de junho de 2009 na cidade russa de Ecaterimburgo), depois BRICS (em 14 de abril de 2011, a África do Sul participou pela primeira vez da Cúpula do BRICS, na cidade chinesa de Sanya).

No *paper* nº 66 chamado *Building Better Global Economic BRICs*, do banco de investimento americano Goldman Sachs, em 30 de novembro de 2001, o economista britânico Jim O'Neill criou o acrônimo BRIC (*Brazil, Russia, India and China*), em plena globalização da economia. O Goldman Sachs no *paper* nº 99 intitulado *Dreaming With BRICs: The Path to 2050*, em 1 de outubro de 2003, apontou o PIB (em inglês, *GDP*) total do BRIC superior ao do G6 (Grupo dos Seis), PIB nominal de US\$ 84 trilhões versus PIB nominal de US\$ 54,1 trilhões em 2050, ano que a humanidade chegará a 9,0 bilhões de pessoas. O PIB nominal da China será de US\$ 44,4 trilhões, da Índia (US\$ 27,8 trilhões), do Brasil (US\$ 6,0 trilhões) e da Rússia (US\$ 5,8 trilhões) no ano de 2050. Já o PIB nominal dos EUA será de US\$ 35,1 trilhões, do Japão (US\$ 6,6 trilhões), da Inglaterra (US\$ 3,7 trilhões), da Alemanha (US\$ 3,6 trilhões), da França (US\$ 3,1 trilhões) e da Itália (US\$ 2,0 trilhões) em 2050.

No ano de 2018, o PIB nominal combinado de cinco países emergentes foi de US\$ 20 trilhões, ou seja, 24% do PIB global. O PIB da China foi de US\$ 13,4 trilhões em 2018, segundo dados oficiais do FMI. O PIB da Índia foi de US\$ 2,7 trilhões. Os PIBs do Brasil e da Rússia foram de US\$ 1,9 trilhão e de US\$ 1,7 trilhão em 2018, respectivamente. Enquanto o PIB da África do Sul foi de apenas US\$ 36 bilhões no ano de 2018.

Mas, o IDH, a qualidade de vida população de cada nação no ano de 2018. Desde 2010, os critérios do IDH para classificação são: i) Países com IDH muito elevado (de 0,800 a 1); ii) Países com IDH elevado (de 0,700 a 0,799); iii) Países com IDH médio (de 0,555 a 0,699); iv) Países com IDH baixo (de 0 a 0,554).

É muito importante melhorar a qualidade de vida de 3,1 bilhões de habitantes, ou seja, 43% da população mundial. A China e a Índia têm uma população total de 1,4 bilhão de pessoas e 1,3 bilhão de pessoas, respectivamente. O Brasil tem 210 milhões de habitantes. Enquanto a Rússia e a África do Sul têm uma população total de 144 milhões de habitantes e 58 milhões de habitantes, respectivamente.

No artigo intitulado O Futuro G13: Um novo pensamento mundial, a primeira parte do artigo foi publicada em 25 de outubro de 2007 no site oficial do Conselho Federal de Economia (COFECON) e divulgada também no portal da Revista Fator Brasil, em parceria com o então estudante de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Rodrigo de Luna Barbosa, sendo a primeira vez que abordamos o RBCAI:

A sigla RBCAI (iniciais de Rússia, Brasil, China, África do Sul e Índia) aborda os cinco países de desenvolvimento humano médio que se tornarão antes de 2050 em países de desenvolvimento humano alto. Fazer projeções é sempre arriscado e o grau de acerto das previsões que se referem aos países do RBCAI é bastante incerto. Mas, três dos cinco países estão correspondendo às expectativas de alcançar o desenvolvimento humano alto antes de 2050, a Rússia (0,797), o Brasil (0,792) e a China (0,768). Já a situação da África do Sul (0,653) e da Índia (0,611) requer maior preocupação em aprimorar seus serviços públicos de saúde e de educação. Ressalva-se que os RBCAIs precisam melhorar as condições de vida das pessoas. Na Índia apenas 30% da população tem acesso adequado a saneamento e cerca de 39,0% dos adultos são analfabetos (GALVÃO JÚNIOR; BARBOSA, 2007).

A segunda parte do artigo foi publicada em 31 de novembro de 2007 no site do COFECON e divulgada também pelo portal da Revista Fator Brasil, em parceria com o economista Rodrigo de Luna Barbosa, foi a segunda vez que abordamos o RBCAI:

Conforme mencionado na primeira parte deste artigo, revelam-se o surgimento do grupo de países formado por Rússia, Brasil, China, África do Sul e Índia (RBCAI).

Criando uma expectativa em torno desses cinco países com desenvolvimento humano médio, e prevendo que antes de 2050 serão integrantes do grupo dos países com desenvolvimento humano elevado, ou seja, IDH maior que 0,800 (GALVÃO JÚNIOR; BARBOSA, 2007).

Em julho de 2006, o então primeiro-ministro do Reino Unido, de 2 de maio de 1997 a 27 de junho de 2007, Tony Blair, sugeriu durante a Cúpula do Grupo dos Oito (G8), em São Petersburgo, na Rússia, o surgimento do Grupo dos Treze (G13). Em outubro de 2007, o RBCAI surgiu do estudo sobre o futuro G13, idealizado pelo então primeiro-ministro britânico Tony Blair, que seria composto pelo G8, que reúne as sete nações mais industrializadas do mundo, Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá, mais a Rússia, e por cinco países em desenvolvimento, China, Índia, México, Brasil e África do Sul.

O RBCAI foi resultado de uma reflexão crítica sobre a economia mundial, os quatro maiores problemas mundiais (a pobreza, o desemprego, a violência e o aquecimento global), e sobretudo, ao analisar os principais indicadores econômicos e sociais dos países que integrariam o futuro G13. Mas, o G13 não vigou e em 25 de março de 2014, a Rússia liderada por Vladimir Putin foi expulsa do G8, devido a anexação da República da Crimeia à Federação Russa, em 18 de março de 2014, além do desrespeito aos interesses e normas geopolíticas do G8 com a Crise da Ucrânia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Graças à tecnologia, a minha projeção é que dentro de 30 anos, os países do grupo RBCAI chegarão ao seleto grupo de países com IDH muito elevado, ou seja, IDH igual ou superior a 0,800, já alcançado pela Rússia. A base de dados de 2018 do PNUD já demonstram com grande relevância as perspectivas de superação de IDHs alto (Brasil, China e África do Sul) e médio (Índia). Na antiga União Soviética o IDH foi de 0,734 em 1990 (PNUD, 2019), porém, em 25 de dezembro de 1991, ocorreu a dissolução da União Soviética pelo último líder soviético Mikhail Gorbachev (1931-) e o surgimento da Federação Russa, que depois de 28 anos cresceu o IDH em 0,090 para o atual 0,824.

Graças à inovação, a internet das coisas (em inglês, *Internet of Things*, ou IoT), a economia do Brasil, da China, da África do Sul e da Índia poderão acelerar a produção e a produtividade dos bens. Faltam 0,039 no IDH para o Brasil alcançar o IDH muito elevado, 0,042 para a China, 0,095 para a África do Sul, e principalmente, 0,153 para a Índia.

Constatamos que a Índia subiu uma posição no ranking mundial do IDH 2018. É preciso dar destaque ao IDH de cada país emergente do RBCAI e com grande potencial para ingressar no seletivo grupo dos países com desenvolvimento humano muito elevado antes de 2050, como por exemplo, o Canadá, com IDH muito alto de 0,922 e em 13º lugar no ranking mundial do IDH (PNUD, 2019).

Em suma, em tempos de recuperação econômica muito lenta, para o Brasil melhorar significativamente o seu IDH e ao mesmo tempo reduzir o contingente de 12,5 milhões de desempregados e de 38,8 milhões de trabalhadores informais (IBGE), o maior desafio a curto prazo é a reforma tributária (Chega de 94 tributos!), o maior desafio a médio prazo é a pobreza (Chega de 52,5 milhões de pobres!) e o maior desafio a longo prazo é a educação de qualidade no século XXI (Chega de 11,3 milhões de analfabetos!).

REFERÊNCIAS

BACEN. **Relatório de Mercado FOCUS**. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/content/FOCUS/FOCUS/R20191206.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019.

BENACHENHOU, Abdellatif. **Países Emergentes**. Tradução de Sérgio Duarte. Brasília: FUNAG, 2013.

GALVÃO JÚNIOR, Paulo; BARBOSA, Rodrigo de Luna. **O Futuro G13: Um novo pensamento mundial**. Parte I. Disponível em:

http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=4261. Acesso em: 15 nov. 2019.

GALVÃO JÚNIOR, Paulo; BARBOSA, Rodrigo de Luna. **O Futuro G13: Um novo pensamento mundial**. Parte II. Disponível em:

http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=4262. Acesso em: 15 nov. 2019.

GOLDMAN SACHS. **Building Better Global Economic BRICs**. Disponível em:

<https://www.goldmansachs.com/insights/archive/archive-pdfs/build-better-brics.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

GOLDMAN SACHS. **Dreaming with BRICs: The Path to 2050**. Disponível em:

<https://www.goldmansachs.com/insights/archive/archive-pdfs/brics-dream.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

IBGE. **Estatísticas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

INFOMONEY. **Spread bancário do Brasil é o 2º mais alto do mundo; entenda por quê**. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/spread-bancario-do-brasil-e-o-2o-mais-alto-do-mundo-entenda-por-que/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

PNUD. **Human Development Report 2019**: Beyond income, beyond averages, beyond today: Inequalities in human development in the 21st century. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/hdr2019.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2019.

RODRIGUES, Roberto (Org.). **Agro é Paz**: Análises e propostas para o Brasil alimentar o mundo. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/biblioteca/pdf/AgroePaz.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como Liberdade**. 4ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OS ENORMES DESAFIOS DO BRASIL NA ATUALIDADE

GALVÃO JÚNIOR, Paulo⁶

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao observador de hoje, é perfeitamente claro que, para o Brasil superar a armadilha da renda média é necessário a prosperidade econômica. As classes econômicas A, B, C, D e E necessitam produzir mais bens e serviços tanto para o mercado interno quanto o mercado externo.

O Brasil vem passando pela recuperação econômica mais lenta da História do País desde 1890, onde nos últimos seis anos passou por uma semi-estagnação em 2014 (0,5%), uma recessão econômica em 2015 (-3,5%) e 2016 (-3,3%) e por uma recuperação econômica muito lenta em 2017 (1,3%), 2018 (1,3%) e 2019 (1,1%), conforme os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No triênio 2017-2018-2019, o setor do agronegócio contribuiu com o PIB brasileiro que não cresce acima de 1,5% há seis anos consecutivos.

O Brasil tem em 2019 o terceiro ano seguido de fraco crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), o menor avanço em três anos (G1, 2020). O PIB é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos no país no determinado período de tempo. O PIB é o principal indicador macroeconômico de um país. Desde o ano de 2014 até o ano de 2019, em média, a taxa de crescimento do PIB brasileiro foi de -0,4% ao ano. O PIB brasileiro totalizou R\$ 7,3 trilhões no ano de 2019 e o PIB per capita (o PIB dividido pelo número total de habitantes) foi de R\$ 34.533,00 (IBGE).

Diante do exposto surge o questionamento: Quando o Brasil voltará a crescer acima de 7% ao ano? Os desafios são enormes para o Brasil voltar à normalidade de crescimento econômico, em média, de 7,3% ao ano entre 1943 a 1980. Não há exagero em afirmar que, por 37 anos consecutivos que o PIB brasileiro só cresceu. É fundamental a retomada de um crescimento econômico robusto e sustentável da economia brasileira.

⁶Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

O presente artigo é composto por quatro seções. A primeira seção apresenta as considerações iniciais. A segunda seção retrata a realidade atual do Brasil e do mundo. A terceira seção analisa os principais indicadores e índices do Brasil e do mundo. E finalmente, as considerações finais.

2. A REALIDADE ATUAL DO BRASIL E DO MUNDO

O secular Brasil é um país que depende muito do setor primário desde os tempos do Brasil colonial. Há quase 200 anos, este país continental separou-se politicamente de Portugal. Hoje, a ex-colônia do Novo Mundo é dez vezes mais rica do que a antiga metrópole do Velho Mundo.

A epidemia do novo coronavírus começou na cidade chinesa de Wuhan, capital da província de Hubei, no final do ano de 2019 e já matou mais de 3.650 pessoas no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a maioria na China com mais de 3.000 mortos; já infectou mais de 107 mil pessoas em 103 países e territórios (*Worldometers*), inclusive o Brasil. Mas, felizmente, não foram registradas mortes de crianças de até 9 anos. Infelizmente, a taxa de mortalidade do COVID-19 aumenta em pessoas idosas.

O novo coronavírus já afetou a economia chinesa (18% do PIB mundial), as exportações despencaram 17,2% e as importações caíram 4,0% no primeiro bimestre do ano de 2020. O impacto econômico será forte nas economias brasileira e mundial no final de 2020. O mortífero COVID-19 golpeou fortemente o turismo mundial e as bolsas de valores das vinte maiores economias do planeta. O Ibovespa, o índice da B3 (Brasil, Bolsa, Balcão) caiu 4,14%, aos 97.996 pontos na sexta-feira passada. A cotação internacional do ouro já alcançou US\$ 1.670 por onça em 06 de março de 2020. No Brasil, o valor do grama do ouro foi cotado em R\$ 249,08 no dia 06 de março deste ano (B3).

Infelizmente, a propagação do novo coronavírus já afetou a economia mundial, pois interrompeu o fluxo de bens e serviços e principalmente o fluxo de agentes econômicos. Já ocorreu o cancelamento do *Mobile World Congress* (MWC) 2020 em Barcelona, na Espanha, a maior feira de telefonia móvel do planeta, em seguida, a Facebook cancelou também sua conferência F8 2020 em San José, nos EUA; já o encontro do Papa Francisco com 2.000 jovens economistas, empreendedores e empresários de 115 países, em Assis, na Itália, de março foi adiado para novembro, para pensar uma nova economia intitulada

Economia de Francisco (*Economy of Francesco*). Recentemente, a Itália fechou todos os museus, teatros, cinemas, escolas de dança e discotecas em todo o território.

O novo coronavírus se propaga também num país tropical, com 674 casos suspeitos e 19 casos confirmados pelo Ministério da Saúde (MS): São Paulo (13), Rio de Janeiro (2), Bahia (2), Espírito Santo (1) e Distrito Federal (1). Infelizmente, o número de casos de coronavírus subirá no País e influenciará na próxima previsão da taxa de crescimento do PIB brasileiro, a previsão atual é de 2,17% no ano de 2020, no último Relatório FOCUS, do Banco Central do Brasil (BACEN).

Todavia, uma equipe de cientistas de Israel em breve encontrará a vacina oral contra o mortal COVID-19. Recentemente, o Fundo Monetário Internacional (FMI) disponibilizou US\$ 50 bilhões para empréstimos e o Banco Mundial liberou US\$ 12 bilhões, somando US\$ 62 bilhões para combater o coronavírus e evitar uma recessão mundial.

Infelizmente, nos dias atuais, no Brasil ocorre uma nova epidemia de dengue que poderá elevar a taxa de mortalidade infantil e o coeficiente de mortalidade. Muitas prefeituras já decretaram situação de emergência, devido à crescente evolução dos casos positivos de dengue transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*. A dengue é uma doença que mata, pois onde tem água parada, prolifera mosquito e a fêmea do *Aedes aegypti* pode transmitir dengue sorotipos 1, 2, 3 e 4.

O Brasil é um país latino-americano com alta taxa de criminalidade, de alta informalidade e de elevada inadimplência. O Brasil explode em violência contra as mulheres, foram 4.936 mulheres vítimas de homicídios nas cinco regiões do País em 2017, segundo o Atlas da Violência 2019 do Instituto Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). A informalidade cresceu no País de 35,6 milhões em 2016 para 38,4 milhões de pessoas trabalhando sem carteira assinada no ano de 2019, conforme o IBGE. São 63,8 milhões de pessoas inadimplentes, de acordo com a SERASA Experian.

O Brasil é um país emergente com uma taxa de câmbio flutuante. Em 30 de janeiro de 2020 um dólar americano chegou a R\$ 4,2574, enquanto em 05 de março alcançou a R\$ 4,6343, portanto, o real é a moeda mais desvalorizada no planeta em 2020. O BACEN adota uma política monetária expansionista. Em 05 de fevereiro de 2020 o Comitê de Política Monetária (COPOM) reduz a taxa SELIC para 4,25% ao ano, em seu menor patamar histórico.

A inflação baixa e a desindustrialização brasileira começaram com o Plano Real em 1994. O crescimento de obras públicas inacabadas acelerou com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em 2007 e o PAC 2 em 2011. Desde 2015 o Brasil adotou o Ajuste Fiscal agravando o colapso da indústria brasileira, o nono parque industrial do planeta.

Os desafios do Brasil além de diversos são também complexos. Podemos destacar alguns desafios presentes na atualidade nos campos geográficos, demográficos, econômicos, políticos, culturais, educacionais e sociais.

O Brasil é o quinto maior país do mundo em extensão territorial, com 8.515.767 km², ficando atrás da Rússia (17.075.400 km²), do Canadá (9.984.670 km²), da China (9.572.900 km²) e dos Estados Unidos (9.372.614 km²) e a frente da Austrália (7.703.429 km²).

O Brasil é um país de dimensões continentais, de diversidade geográfica e seu território corresponde a 1,6% da superfície total do planeta, 20,8% da superfície do continente americano e 47,3% da América do Sul. Suas fronteiras totalizam 23.127 km, dos quais 15.719 km são terrestres e 7.408 km são de orla marítima. A maior e menor fronteira do Brasil é com a Bolívia, cerca de 3.423 km e com o Suriname, cerca de 593 km, respectivamente.

O Brasil é o sexto país mais populoso do planeta, com 211,0 milhões de habitantes, estando atrás apenas da China (1,420 bilhão de hab.), Índia (1,368 bilhão de hab.), Estados Unidos (329,0 milhões de hab.), Indonésia (269,5 milhões de hab.) e Paquistão (216,0 milhões de hab.) e a frente da Nigéria (200,9 milhões de hab.), Bangladesh (168,0 milhões de hab.), Rússia (143,8 milhões de hab.) e México (132,3 milhões de hab.), segundo o Banco Mundial.

Ademais, o último Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, contabilizou 190.755.799 brasileiros residentes no País. O próximo Censo Demográfico do IBGE será este ano. A taxa de fecundidade total caiu fortemente de 6,2 filhos por mulher em 1950 para uma taxa de 1,7 filho por mulher em 2018 (IBGE).

O Brasil é a oitava maior potência econômica do planeta, com o PIB nominal de US\$ 2,309 trilhões, atrás apenas dos Estados Unidos (US\$ 21,482 trilhões), China (US\$ 14,172 trilhões), Japão (US\$ 5,220 trilhões), Alemanha (US\$ 4,117 trilhões), França (US\$ 2,957

trilhões), Índia (US\$ 2,844 trilhões) e Reino Unido (US\$ 2,809 trilhões), segundo os dados de 2018 do FMI.

Além disso, o Brasil é a maior economia da América do Sul e da América Latina, a segunda maior da América, atrás apenas dos Estados Unidos, e a oitava maior economia do planeta, tanto em PIB nominal quanto em paridade de poder de compra (PPC), de acordo com o FMI. O país tem uma economia emergente, uma economia mista capitalista com vastos recursos naturais, sobretudo na Amazônia Verde e na Amazônia Azul.

O Brasil é considerado um país de renda média alta (*high middle income*), com uma renda per capita na faixa de US\$ 8.923 (Banco Mundial, 2018). De acordo com esta classificação, os países são divididos em quatro grupos econômicos, sendo estes classificados mediante a renda per capita em dólares americanos: (i) Até US\$ 1.026 (renda baixa); (ii) Entre US\$ 1.027 e US\$ 3.995 (renda média baixa); (iii) Entre US\$ 3.996 e US\$ 12.375 (renda média alta); e (iv) Acima de US\$ 12.375 (renda alta).

Dessa maneira, o Brasil no cenário econômico internacional é um país membro do grupo BRICS (*Brazil, Russia, India, China and South Africa*), do G20 (Grupo dos Vinte) e do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), além de um dos principais produtores e exportadores de alimentos do planeta.

A armadilha da renda média (*middle income trap*) trata da situação em que um país emergente atinge um nível de renda média e não consegue mais sair deste nível. Ou seja, o país entra em baixo crescimento econômico após o período de forte crescimento do PIB até a chegada da renda média. Ao estar preso nesta faixa de renda média, o país apresenta dificuldades em dar continuidade ao crescimento econômico que antes era verificado até o alcance da renda média (Banco Mundial).

Nas últimas quatro décadas, a péssima distribuição de renda, a baixa produtividade do trabalhador e o baixo crescimento econômico são os principais gargalos econômicos da armadilha da renda média na nação de maior área agricultável da Terra.

Em 1979, o Brasil enfrentava a Segunda Crise do Petróleo e era a oitava economia do mundo, com o PIB de US\$ 221,2 bilhões, segundo a Fundação Getulio Vargas (FGV). Quarenta anos depois, em 2019, o Brasil enfrentava a recuperação econômica muito lenta e continuava sendo a oitava maior economia do planeta, com o PIB de US\$ 2,3 trilhões.

Os cinco países fundadores da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) decidiram aumentar o preço do barril de petróleo de US\$ 14,00 para US\$ 31,61 no ano de 1979. Um dos países bastante afetados por esse aumento relativo de 125,78% foi o Brasil; pois o mesmo era o 3º maior importador de petróleo, atrás dos Estados Unidos e do Japão. Com esta Segunda Crise do Petróleo juntamente à elevação da taxa de juros nos Estados Unidos desencadearam déficits no balanço de pagamentos. Logo, o Brasil passou a ter dificuldades em honrar seus débitos junto aos credores internacionais, desembocando na crise da dívida externa.

O Brasil é um país democrático desde 15 de janeiro de 1985, após 21 anos de Ditadura Militar (1964-1985). A Constituição Federal de 1988 assegura no seu Artigo 1º, "A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito (...)". O Brasil tem um regime republicano e tem 35 partidos políticos com espectro político de extrema-esquerda, esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita e extrema-direita. *The Economist Intelligence Unit* aponta o Brasil como uma "democracia falha", com o Índice de Democracia (*the Democracy Index*) com nota 6,8 pontos em 2019, devido sobretudo a baixa participação popular na política.

O Coeficiente de Gini com valor de 0 representa igualdade perfeita e com valor de 100 significa desigualdade absoluta. Com base nos dados de 2017, o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo, com Índice de Gini de 53,3, atrás apenas de seis países africanos, África do Sul (63,0), Namíbia (59,1), Zâmbia (57,1), República Centro-Africana (56,2), Lesoto (54,2) e Moçambique (54,0), segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

No Brasil, o 1% mais rico detém 28,3% da riqueza total, a segunda maior concentração de renda do planeta, atrás apenas do Catar, na Ásia, onde o 1% mais rico da população fica com 29% da renda nacional (RN), de acordo com o PNUD. Os 10% mais ricos detêm 41,3% da RN, enquanto os 10% mais pobres apenas detêm 1,1% da RN (IBGE). Essa disparidade econômica de 37,5 vezes se reflete nos 10% mais ricos têm alto nível de educação e nos 10% mais pobres têm baixo nível de educação.

Vale destacar que 25,3% da população está abaixo da linha da pobreza, ou seja, uma renda familiar per capita entre R\$ 145,00 e R\$ 406,00 por mês. São 52,5 milhões de pessoas com rendimentos de menos de R\$ 14,00 por dia ou menos de US\$ 5,50 PPC por

dia, de acordo com os dados oficiais do IBGE, na Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2019.

É muito triste a realidade das pessoas em situação de extrema pobreza no País. São 13,5 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha da extrema pobreza, ou seja, 6,5% da população total recebendo menos de R\$ 145,00 mensal (menos de R\$ 5,00 por dia ou menos de US\$ 1,90 PPC por dia), segundo dados da SIS 2019 do IBGE.

O salário mínimo (SM) no Brasil é de R\$ 1.045,00 por mês, se dividirmos por 30 dias, é apenas R\$ 34,83 por dia. Estima-se em 49 milhões de pessoas ganhando apenas um salário mínimo mensal, segundo os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

O salário mínimo no País subiu de R\$ 100,00 em 1995 para R\$ 1.045,00 em 2020, ou seja, um aumento absoluto de R\$ 945,00 ou um crescimento relativo de 945,0% nos últimos vinte e cinco anos. Em 1º de fevereiro de 2020, o SM passou a R\$ 1.045,00 e esse novo valor representa um reajuste nominal de 4,71% sobre os R\$ 998,00 em 2019. Portanto, um reajuste acima do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) de 4,48% no ano de 2019. Contudo, um aumento de R\$ 47,00 não é suficiente para atender as necessidades básicas de uma família.

O DIEESE calcula mensalmente o salário mínimo necessário (SMN) e no mês de fevereiro de 2020, o SMN deveria ser de R\$ 4.366,51, ou seja, 4,20 vezes mais do que o SMN anterior de R\$ 1.039,00. Em João Pessoa, em fevereiro de 2020, a cesta básica com 13 produtos alimentares básicos (arroz, feijão, carne bovina, farinha de mandioca, café, pão francês, leite, açúcar, margarina, óleo de soja, tomate, banana e batata-doce) e suas respectivas quantidades, custava o valor mensal de R\$ 403,98 e passou a representar 38,66% do salário mínimo atual (DIEESE).

O Brasil é multicultural, miscigenado, de uma beleza natural incomparável e ao mesmo tempo um país urbano, com 84,4% da população concentrada nos centros urbanos (IBGE, Censo Demográfico 2010) de cinco regiões. A República Federativa do Brasil tem 26 estados e um Distrito Federal (DF) e tem cinco regiões geográficas desde 1969: Sul (3 estados), Sudeste (4 estados), Centro-Oeste (3 estados e um DF), Nordeste (9 estados) e Norte (7 estados). A capital é Brasília, no DF.

As cinco cidades brasileiras mais populosas são: São Paulo (12,1 milhões de hab.), Rio de Janeiro (6,5 milhões de hab.), Salvador (2,9 milhões de hab.), Brasília (2,8 milhões

de hab.) e Fortaleza (2,6 milhões de hab.), conforme o IBGE. Em 1950, a população rural era de 33.161.506 hab. (63,84%), enquanto a população urbana era de apenas 18.782.891 hab. (36,16%). Já no ano de 2010, a população rural caiu para 29.830.007 hab. (15,64%), enquanto a população urbana subiu para 160.925.792 hab. (84,36%).

O Brasil é um país lusófono e membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A CPLP é uma organização internacional reunindo inicialmente Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe desde 17 de julho de 1996. Seis anos mais tarde, em 20 de maio de 2002, com a conquista de sua independência diante da Indonésia, Timor-Leste, na Ásia, tornou-se o oitavo país membro da CPLP. Em 23 de julho de 2014, a Guiné Equatorial, na África, tornou-se o nono membro da CPLP, com sede em Lisboa, Portugal. Hoje, a CPLP tem nove países situados em 4 continentes e englobando 270 milhões de habitantes.

A taxa de analfabetismo era de 90% da população de 14 milhões de habitantes em 1889. Cento e trinta anos depois, a taxa de analfabetismo foi de 7% de uma população de 211 milhões de hab. em 2019. No Brasil, o único país da América de língua portuguesa, o número de analfabetos era de 15,2 milhões de pessoas em 1950 caiu para 11,3 milhões de pessoas em 2019 (IBGE). O Brasil é o 8º país com mais adultos analfabetos do planeta.

O Brasil encontra-se entre as economias mais fechadas para o comércio exterior, segundo o Fórum Econômico Mundial (FEM). O Brasil obteve nota geral 3,76 pontos, ficando na 87ª posição num total de 121 países pesquisados. O Brasil precisa acelerar sua integração as cadeias produtivas internacionais nos cinco continentes e aumentar as suas reservas internacionais de US\$ 356,9 bilhões no ano de 2019 (BACEN).

O Brasil é um país situado na América do Sul e faz fronteira com nove países: Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname. É a 2ª maior fronteira terrestre do mundo, atrás da China. Faz fronteira com a Guiana Francesa, território da França desde 1817, e não faz fronteira com dois países, Chile e Equador, além do território inglês Ilhas Falklands também chamadas Ilhas Malvinas.

O Brasil é banhado e tem a maior fronteira marítima do Oceano Atlântico. Tem 12 mil rios distribuídos em 12 bacias hidrográficas, sendo a Bacia Amazônica, a maior do planeta. É um país sul-americano muito lindo, com seus rios, campos verdes, árvores, montanhas, serras, jardins, flores, praias e florestas.

3. OS PRINCIPAIS INDICADORES E ÍNDICES DO BRASIL E DO MUNDO

À medida que o Brasil caminha de uma forte intervenção do Estado na economia para uma mínima intervenção do Estado na economia, se faz necessária uma breve análise dos principais indicadores e índices do Brasil e do mundo, baseado em fontes secundárias nacionais e internacionais de dados.

Um bom observador apontará que é fundamental para o Brasil ingressar no seleto grupo dos países de renda alta: (i) reduzir a carga tributária; (ii) aumentar o PIB e o PIB per capita; (iii) aumentar os investimentos em capital humano; (iv) aumentar os investimentos em energias renováveis; (v) reduzir a dívida pública bruta; (vi) reduzir o desemprego; (vii) reduzir o déficit habitacional; (viii) investir na infraestrutura; (ix) diminuir a taxa de mortalidade infantil; (x) melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); (xi) expandir o comércio exterior; e (xii) aumentar a competitividade.

De acordo com o IBGE, no Brasil, a carga tributária subiu de 12% do PIB em 1937 para 35% do PIB no ano de 2018. No Brasil são 153 dias de trabalho para pagar impostos, enquanto na Noruega são 176 dias, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT). No Brasil são 94 tributos, sendo 13 impostos, 35 taxas e 46 contribuições de melhoria. Enquanto, na Noruega vigora o Imposto sobre o Valor Agregado (IVA).

A taxa de crescimento econômico foi de 7,3% ao ano entre 1943 e 1980 e neste período foi o Brasil o país que mais cresceu no mundo, em segundo lugar, o Japão. Já de 1981 até 2018 a taxa de crescimento PIB brasileiro foi de 2,2% ao ano. A década de 1980 ficou conhecida no Brasil como a década perdida. A partir de 1981 foi a China obter o mais rápido e robusto crescimento econômico do planeta. Em 2010 a China já era a segunda maior potência econômica do planeta, atrás apenas dos Estados Unidos.

Pela primeira vez na História do Brasil, o PIB trimestral recuou durante 11 trimestres seguidos, de abril-maio-junho de 2014 (-0,4%) até outubro-novembro-dezembro de 2016 (-2,3%). O biênio 2015-2016 ocorreu uma forte recessão econômica e desde 1890 o Brasil já enfrentou 20 anos não consecutivos de recessão econômica.

A taxa de crescimento do PIB brasileiro foi pífia no ano de 2019, com um crescimento de apenas 1,1% ao ano. A pequena expansão do PIB foi devido ao aumento do consumo das famílias em 1,8%, proporcionado também pelo saque do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

A elevada inadimplência das famílias brasileiras e as altas taxas de juros bancários impediram o consumo maior no ano passado. Outro fator interno que prejudicou muito o PIB foi a tragédia socioambiental em Brumadinho, em Minas Gerais, com o rompimento da Barragem 1 da Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale. A recessão econômica na Argentina e a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China impediram mais exportação de produtos agrícolas e industrializados, provocando também um forte impacto no PIB brasileiro em 2019.

No Brasil, assim como em qualquer país, o investimento em capital humano é fundamental para promover o crescimento econômico, diminuir a desigualdade econômica e aumentar os projetos economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente correto. Portanto, no Brasil, é necessário mais investimento em capital humano para dar um grande passo para sair da armadilha da renda média.

Os resultados de 2019 do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) revelam que o sistema educacional do Brasil está entre os últimos no ranking de 77 países avaliados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em 66º lugar, o Brasil revela que o estudante brasileiro lê muito pouco. Na leitura, o Brasil cresceu de 396 pontos em 2000 para 413 pontos em 2018, ou seja, um aumento de apenas de 17 pontos nos últimos 18 anos.

A matriz elétrica brasileira na atualidade é liderada pela energia hidráulica com 66,7% do total; em segundo lugar encontra-se a energia não renovável oriunda do gás natural (8,6%), carvão mineral (3,2%) e petróleo (2,4%), somando 14,2%; em terceiro lugar apresenta-se a energia da biomassa com 8,5%; em seguida, em quarto lugar verifica-se a energia eólica com 7,6%; em quinto lugar encontra-se a energia nuclear com 2,5%; em último e sexto lugar a energia solar com apenas 0,5% do total.

O Brasil, em especial, deveria investir cada vez mais em energias renováveis: (i) hidroelétrica; (ii) pequenas centrais hidrelétricas (PCH); (iii) eólica; (iv) solar; (v) maremotriz; (vi) ondomotriz; (vii) geotérmica; e (viii) biomassa. Apesar da participação de energias renováveis na matriz elétrica brasileira na ordem de 83,3% do total, sendo 66,7% da hidráulica, 8,5% da biomassa, 7,6% da eólica e 0,5% da solar, o Brasil possui um alto potencial para aumentar ainda mais esta participação e dar um outro grande passo para escapar da armadilha da renda média.

A dívida pública bruta do Brasil foi 55,5% do PIB em dezembro de 2006 aumentou para 79,8% do PIB em agosto de 2019, segundo os dados oficiais do BACEN. A dívida pública federal já passou dos R\$ 4 trilhões no ano de 2019, segundo dados oficiais do Tesouro Nacional e sobretudo, poderá alcançar até R\$ 4,7 trilhões em 2020 (Agência Brasil, 2020). Infelizmente, o Brasil gasta muito e gasta mal, não sobram recursos públicos para sustentar uma retomada econômica mais forte, mais consistente.

A taxa de desemprego no país com maior biodiversidade de flora e fauna do planeta subiu de 6,5% no trimestre encerrado em dezembro de 2014 para 11,2% no trimestre fechado em janeiro de 2020, conforme os dados oficiais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do IBGE. No Brasil atual são 11,9 milhões de desempregados.

Cerca de 23% dos jovens brasileiros, de 15 a 29 anos de idade, nem estuda nem trabalha, segundo os dados da PNAD Contínua, do IBGE. O percentual é ainda mais alto na faixa etária que vai dos 18 aos 24 anos, idade em que, teoricamente, deveriam estar na universidade, chegando a 27,7% dos 47,3 milhões de jovens. O percentual de pessoas pretas ou pardas que não estuda nem trabalha é de 25,8%, sete pontos percentuais mais elevado que o de jovens brancos. Entre as mulheres, o IBGE mostrou que o percentual das que não estudavam nem trabalhavam era de 28,4%. O de jovens homens foi de 17,6% do total.

De acordo com o IBGE, o número total de domicílios no País era de 56,5 milhões com o déficit habitacional de 5,9 milhões de moradias em 2007. Enquanto, no ano de 2014 foi de 67,2 milhões de domicílios com o déficit habitacional de 6,1 milhões de moradias. De acordo com a FGV, o Brasil vai precisar de 27,7 milhões de novas moradias em 2020, para zerar o atual déficit habitacional e acabar definitivamente com as moradias inadequadas nos cortiços e nas favelas das cinco regiões do País.

Entre os gargalos da infraestrutura num país com três fusos horários, destaca-se a cobertura de esgoto que cresceu de 42% em 2007 para 50% em 2015, conforme os dados oficiais do Instituto Trata Brasil. Os investimentos públicos em infraestrutura no Brasil caíram de 10,6% do PIB no ano de 1975 para 1,8% do PIB em 2017, segundo o IBGE. Infelizmente, o Brasil já é um dos cinco países mais geradores de resíduos sólidos do planeta.

O Brasil ocupa a 105ª posição no Índice de Percepção de Corrupção (*Corruption Perceptions Index*) 2018 entre 180 países e territórios, com uma taxa de mortalidade infantil foi de 12,4 mortos a cada mil nascidos vivos antes de completar um ano de idade no ano de 2018. Já na Finlândia foi de 2 mortos a cada mil nascidos vivos, sendo um dos três países menos corruptos do mundo, atrás apenas da Dinamarca e da Nova Zelândia, de acordo com o ranking da ONG Transparência Internacional. No Brasil, a taxa de mortalidade infantil caiu de 51,6 em 1990 para 12,4 mortos a cada mil nascidos vivos em 2018, conforme os dados do IBGE. Na Finlândia, a duração da licença-maternidade será prolongada dos atuais 11 meses para 14 meses.

O IDH do Brasil é de país de desenvolvimento humano alto, segundo o PNUD. O IDH é de 0,761 e a esperança de vida ao nascer é de 75,7 anos no ano de 2018. Entre 1980 e 2018, a expectativa de vida ao nascer do brasileiro aumentou 13 anos, o tempo médio de estudo passou de 2,6 anos para 7,8 anos e os anos esperados de escolaridade passaram de 9,9 anos para 15,4 anos. A Renda Nacional Bruta (RNB) per capita do Brasil é de US\$ 14.068 PPC. Entre 1980 e 2018, o IDH brasileiro passou de 0,545 para 0,761, ou seja, um crescimento relativo de 39,63%.

A maior taxa de inflação foi de 2.477% no ano de 1993 e o menor Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA) foi de 1,7% em 1998. O IPCA anual de 8,94% em 1999 caiu para 4,30% em 2019. A inflação baixa atual revela o problema do desemprego alto, da inadimplência alta, dos juros bancários elevados e da falta de dinheiro nas carteiras dos consumidores e das consumidoras. Os consumidores brasileiros estão só comprando os produtos básicos e consumindo os serviços necessários. É o consumo das famílias que faz a roda gigante da economia girar, girar mais rápido.

Vale salientar que no ano de 2017, o Brasil exportou US\$ 217,7 bilhões, tornando-se o 22º maior exportador do mundo, caindo para a 26ª posição no ano de 2019 com as exportações de US\$ 224,0 bilhões. A balança comercial brasileira registrou um superávit comercial de US\$ 46,6 bilhões no ano de 2019. De acordo com o Ministério da Economia, os cinco principais parceiros comerciais do Brasil em 2019 foram: China (US\$ 65,389 bilhões); Estados Unidos (US\$ 29,556 bilhões); Países Baixos (US\$ 10,100 bilhões); Argentina (US\$ 9,714 bilhões); e Japão (US\$ 5,410 bilhões).

Chama muito atenção que no ranking do índice global de competitividade (*global competitiveness index*) 2019 do Fórum Econômico Mundial (FEM), o Brasil encontra-se

em 71º lugar, com 60,9 pontos, entre 141 países analisados. A liderança mundial é de Cingapura, com 84,8 pontos, à frente dos Estados Unidos, com 83,7 pontos, conforme os dados de 2018 do FEM.

Em plena Quarta Revolução Industrial, a velocidade média da internet banda larga no Brasil é uma das dez piores do mundo. Sem alto índice de competitividade o Brasil não alcançará o seleto grupo dos países desenvolvidos, portanto, é preciso mais inovação tecnológica nas empresas públicas e privadas instaladas nos 5.570 municípios brasileiros. Na verdade, a economia globalizada é baseada na tecnologia e requer mais preservação do meio ambiente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que são enormes os desafios com os quais o Brasil lida na atualidade. Ao analisar os principais indicadores e índices do Brasil um observador nacional ou internacional perceberá que são fundamentais a redução da carga tributária, os grandes investimentos em capital humano e energias renováveis para escapar da armadilha da renda média no século XXI.

Para finalizar, é preciso olhar muito especial nas mudanças climáticas, porque necessitamos aumentar a produção e exportação de açúcar, café, soja, milho, minério de ferro, nióbio, celulose, etanol, carnes bovina, suína e de frango, frutas, aço, carros, biquínis, álcool em gel 70%, sabão, bebidas como cerveja, refrigerante, cachaça, vinho e suco de laranja, entre outros produtos.

Em suma, o quadro de exclusão social é um dos maiores desafios do Brasil na atualidade. Um grande observador brasileiro ou estrangeiro da CPLP apontará que a palavra-chave nos próximos anos é a prosperidade. Enfim, o Brasil precisa atingir um patamar de um país desenvolvido, de renda alta e de IDH muito elevado.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Dívida pública pode alcançar até R\$ 4,75 trilhões em 2020.**

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-01/divida-publica-pode-alcancar-ate-r-475-trilhoes-em-2020>. Acesso em 04 março 2020.

B3. **Produtos e serviços.** Disponível em: http://www.b3.com.br/pt_br/. Acesso em 08 março 2020.

BACEN. **Estatísticas**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br>. Acesso em 31 dez. 2019.

BACEN. **Relatório FOCUS**. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/content/FOCUS/FOCUS/R20200417.pdf>. Acesso em 17 abril 2020.

BANCO MUNDIAL. **Armadilha da renda média**. Disponível em:

<https://blogs.worldbank.org/developmenttalk/how-avoid-middle-income-traps>. Acesso em 16 fev. 2020.

DIEESE. **Salário mínimo nominal e necessário**. Disponível em:

<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em 17 jan. 2020.

DIEESE. **Custo da cesta básica aumenta em 10 capitais**. Disponível em:

<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2020/202002cestabasica.pdf>. Acesso em 6 março 2020.

FGV. **Revista Conjuntura Econômica**. Disponível em:

<https://portalibre.fgv.br/revista-conjuntura-economica/>. Acesso em 17 fev. 2020.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. **As economias mais fechadas do mundo**. Disponível em: <https://www.weforum.org/>. Acesso em 19 fev. 2020.

FMI. **World Economic Outlook**. Disponível em:

<https://www.imf.org/external/datamapper/datasets/WEO>. Acesso em 16 fev. 2020.

G1. **PIB do Brasil cresce 1,1% em 2019, menor avanço em 3 anos**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/04/pib-do-brasil-cresce-11percent-em-2019.ghtml>. Acesso em 04 março 2019.

IBGE. **Estatísticas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 24 dez. 2019.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais 2019**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2019.

IBPT. **Dias trabalhados para pagar impostos**. Disponível em: <https://ibpt.com.br/>.

Acesso em 16 fev. 2020.

IPEA. **Atlas da Violência 2019**. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=34784&Itemid=432. Acesso em 22 fev. 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Comércio exterior**. Disponível em:
<http://www.economia.gov.br/>. Acesso em 26 jan. 2020.

OCDE. **PISA 2018: Insights and Interpretations**. Disponível em:
<http://www.oecd.org/pisa/PISA%202018%20Insights%20and%20Interpretations%20FINAL%20PDF.pdf>. Acesso em 30 dez. 2019.

OMS. **Preguntas frecuentes sobre los nuevos coronavirus**. Disponível em:
<https://www.who.int/es/news-room/q-a-detail/q-a-coronaviruses>. Acesso em: 22 fev. 2020.

PNUD. **Relatório sobre o desenvolvimento humano 2019**. Disponível em:
<http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2019.pdf>. Acesso em 31 dez. 2019.

SERASA EXPERIAN. **Número de inadimplentes no Brasil**. Disponível em:
<https://www.serasaexperian.com.br/>. Acesso em 22 fev. 2020.

THE ECONOMIST INTELLIGENCE UNIT. **The Democracy Index 2019**. Disponível em:
https://www.eiu.com/topic/democracy-index?&zid=democracyindex2019&utm_source=blog&utm_medium=blog&utm_name=democracyindex2019&utm_term=democracyindex2019&utm_content=middle_link.%20Acesso%20em%2019%20fev.%202020. Acesso em 19 fev. 2020.

TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL. **Corruption Perceptions Index 2018**. Disponível em: <https://www.transparency.org/cpi2018>. Acesso em 08 março 2020.

WORLDOMETER. **COVID-19 CORONAVIRUS OUTBREAK**. Disponível em:
<https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em 08 março 2020.

O CENTENÁRIO DE CELSO FURTADO

GALVÃO JÚNIOR, Paulo⁷

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo é uma singela homenagem aos 100 anos do nascimento de Celso Monteiro Furtado (1920-2004), o maior economista brasileiro de todos os tempos. Celso Monteiro Furtado nasceu em 26 de julho de 1920, em Pombal, município do estado da Paraíba, localizado na região Nordeste do Brasil.

Celso Monteiro Furtado era filho do casal de classe média da mesorregião do Sertão Paraibano, o advogado Maurício Medeiros Furtado e a professora Maria Alice Monteiro Furtado. “Celso é o segundo dos oito filhos que terá o casal” (Centro Internacional Celso Furtado, 2019). Em 1944, aos 24 anos, formou-se em Direito na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1948, aos 28 anos, doutorou-se em Economia na Universidade de Paris-Sorbonne. Aos 78 anos, numa entrevista a Globo News, especificamente ao repórter Ernesto Paglia, o Professor Celso Furtado (1998) enfatizou: “Qual é o problema mais grave do Brasil? É o desemprego!”.

Constata-se que vinte e dois anos depois o desemprego continua sendo o problema mais grave do País. O desemprego é um fato cruel com a população economicamente ativa (PEA) no Brasil. A situação financeira é extremamente difícil para os atuais 12,9 milhões de desempregados nas cinco regiões do País, conforme os dados do primeiro trimestre encerrado em 2020 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O artigo está estruturado em doze seções. A primeira seção apresenta as considerações iniciais. Em seguida, a segunda seção trata sobre o centenário de Celso Furtado. A terceira seção aborda sobre a dicotomia centro-periferia. A quarta seção mostra o Plano Trienal no governo João Goulart. A quinta seção crítica os anos autoritários no Brasil. A sexta seção analisa a dicotomia desenvolvimento-subdesenvolvimento. A sétima seção articula a Reforma Tributária com ênfase no imposto único no Brasil. A

⁷Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

oitava seção analisa o desemprego no Brasil. A nona seção, por sua vez, aborda as novas molas propulsoras do crescimento econômico no Brasil. A décima seção revela a importância da educação no Brasil. A décima primeira seção destaca a obra prima de Celso Furtado. E finalmente, as considerações finais do artigo.

2. O CENTENÁRIO DE CELSO FURTADO

Prezado amigo leitor, por ocasião das comemorações alusivas ao Centenário de Celso Furtado, uma pergunta do autor deste artigo: Qual foi o livro de Celso Furtado que já leu na íntegra?

Celso Furtado é autor de mais de 40 livros: Contos da vida expedicionária: de Nápoles a Paris, 1946; A economia brasileira: contribuição à análise do seu desenvolvimento, 1954; Uma economia dependente, 1956; Perspectivas da economia brasileira, 1957; Formação econômica do Brasil, 1959; A operação Nordeste, 1960; Desenvolvimento e subdesenvolvimento, 1961; A Pré-revolução brasileira, 1962; Dialética do desenvolvimento, 1964; Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina, 1966; Teoria e política do desenvolvimento econômico, 1967; Um projeto para o Brasil, 1968; Formação econômica da América Latina, 1969; Análise do "modelo" brasileiro, 1972; A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina, 1973; O mito do desenvolvimento econômico, 1974; Prefácio a nova economia política, 1976; A economia latino-americana: Formação histórica e problemas contemporâneos, 1976; Criatividade e dependência na civilização industrial, 1978; Pequena introdução ao desenvolvimento: um enfoque interdisciplinar, 1980; O Brasil pós-"milagre", 1981; A nova dependência, dívida externa e monetarismo, 1982; Não à recessão e ao desemprego, 1983; Cultura e desenvolvimento em época de crise, 1984; A fantasia organizada, 1985; Transformação e crise na economia mundial, 1987; A fantasia desfeita, 1989; ABC da dívida externa: o que fazer para tirar o país da crise financeira, 1989; Os ares do mundo, 1991; Brasil: A construção interrompida, 1992; Seca e poder: entrevista com Celso Furtado, 1998; O capitalismo global, 1998; O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil, 1999; Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural, 2000; Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII, 2001; Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea, 2002; Raízes do subdesenvolvimento, 2003; Ensaio sobre a Venezuela: subdesenvolvimento com

abundância de divisas, 2008; Economia do desenvolvimento, 2008; Ensaio sobre cultura e o ministério da Cultura; 2008; O Plano Trienal e o ministério do Planejamento, 2008; O Nordeste e a saga da SUDENE 1958-1964, de 2009; Essencial, 2013; Obra autobiográfica, 2014; Anos de formação 1938-1948: o jornalismo o serviço público, a guerra, o doutorado, 2014; Diários intermitentes 1937-2002, 2019.

Hoje, convido o estimado amigo leitor a conhecer o acervo da nova e moderna biblioteca do Centro Universitário UNIESP, localizada na BR-230 km 14, s/n, na cidade portuária de Cabedelo, no qual é possível ler mais de 31 obras de Celso Furtado, um grande intérprete do Brasil. Por ordem cronológica de ano de publicação e de edição, destaca-se as nove obras de Celso Furtado disponíveis na Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado: (i) Pequena introdução ao desenvolvimento: Enfoque interdisciplinar (1980, 1ª edição); (ii) Teoria e política do desenvolvimento econômico (1983, 10ª edição); (iii) Cultura e desenvolvimento em época de crise (1984, 2ª edição); (iv) Brasil: A construção interrompida (1992, 3ª edição); (v) O mito do desenvolvimento econômico (1998, 2ª edição); (vi) O capitalismo global (2000, 4ª edição); (vii) Em busca do novo modelo: Reflexões sobre a crise contemporânea (2002, 1ª edição); (viii) Formação econômica do Brasil (2007, 34ª edição); (ix) A economia latino-americana: Formação histórica e problemas contemporâneos (2007, 4ª edição).

Conforme Celso Furtado (2002, p.17) no livro denominado Em busca do novo modelo: Reflexões sobre a crise contemporânea, “No Sertão da Paraíba, onde nasci, as diferenças entre as habitações do povo e as habitações da classe média rural ou semi-rural são chocantes”. Em seguida Celso Furtado (2002, p.95) destacou que, “Durante a minha infância, no alto sertão da Paraíba, presenciei grandes romarias de sertanejos que se deslocavam para Juazeiro, terra do Padre Cícero”. No Nordeste, primeiro na Paraíba, em seguida, em Pernambuco, Celso Furtado concluiu seus estudos primários, ginasiais e secundários até 1939.

Lendo a obra do economista pombalense Celso Furtado intitulada Cultura e desenvolvimento em época de crise (1984, p.9) depara-se com um pensamento sobre o Brasil muito atual:

(...), muito provavelmente, chegaremos ao final do decênio com uma produção por habitante similar à que tínhamos dez anos antes, com uma acrescida massa de desempregados e subempregados, um enorme atraso na construção residencial, séria degradação dos serviços de saúde pública, de educação (...).

O economista paraibano Celso Furtado foi um severo crítico do processo de exclusão social que vem crescendo cada vez mais no Brasil, quando observou claramente o crescimento de brasileiros nas condições de moradores de rua.

Para o extraordinário pensador Celso Furtado (1984, p.10):

Por muitos anos temos insistido sobre o fato de que adoção indiscriminada, entre nós, de padrões de consumo de países de níveis de renda muito mais altos, conduz inexoravelmente à crescente heterogeneidade social. Uns poucos terão muito e muitos terão muito pouco.

O economista nordestino Celso Furtado foi um grande oponente a concentração de renda no Brasil. Para Celso Furtado (1984, p.14):

A crise destruiu grande parte das ilusões de uma classe média que, em sua grande maioria vinha de estratos sociais de padrões de consumo modestos. Em face do desemprego ou da brusca redução dos salários, muitos dos membros dessa classe média incipiente reaproximaram-se de suas origens sociais.

Entre 1947 e 1980, o Brasil foi o país que mais cresceu o seu Produto Interno Bruto (PIB), em média de 7,3% ao ano, à frente do Japão, graças ao processo de industrialização pelo modelo de substituição de importações e a forte participação do Estado na economia brasileira. Entre 1981 e 2018, o crescimento médio do PIB brasileiro foi de apenas 2,2% ao ano. De 1981 a 1989, agrava-se o problema da elevada dívida externa, ao ponto que em 1982 o Brasil decretou a moratória. Na obra intitulada A nova dependência: dívida externa e monetarismo, Furtado (1982, p.47) revelou que: “O Brasil, como maior economia do Terceiro Mundo, está particularmente qualificado para abrir esse debate nas instâncias internacionais”. No Brasil, de acordo com o Banco Central do Brasil (BACEN), a dívida externa de US\$ 12,6 bilhões em 1973 aumentou para US\$ 74,4 bilhões em 1982.

Celso Furtado foi um dos muitos estudantes universitários brasileiros de uma das mais antigas universidades da humanidade, a famosa Universidade de Paris-Sorbonne, de 1253, na França. Furtado (1984, p.56) destacou:

Não existe Universidade sem difusão de conhecimentos instrumentais. Em realidade, é nessa combinação do trabalho produtor de conhecimento com o de transformação desse conhecimento em instrumento de ação posto a serviço da sociedade que se encontra, traço específico de instituição universitária.

Na Universidade de Paris-Sorbonne, Furtado defendeu sua tese de doutorado em Economia intitulada *L'économie coloniale brésilienne*, em 1948. Se você ler a obra de Celso Furtado (2002, p.71) estará inserido no pensamento nacionalista:

Muito cedo organizei meu pensamento sobre o Brasil. O ponto de partida foi minha tese, preparada sob a direção do professor Maurice Byé em 1948. Um ano depois, eu publicava meu primeiro estudo analítico das transformações da economia brasileira no século XX.

Sempre é possível deparar com os enormes problemas do Brasil na atualidade, destaca-se o desemprego, que leva milhões de pessoas ao desespero, ao desalento, à exclusão social. Por isso, na sua época, Celso Furtado já estudava muito sobre o desemprego, além da relação econômica entre os países ricos do centro com os países pobres da periferia. Os países periféricos como o Brasil exporta produtos primários, por exemplo, o café. Enquanto, os países centrais como a Inglaterra exporta produtos industrializados, por exemplo, a máquina de tear.

3. A DICOTOMIA CENTRO-PERIFERIA

As contribuições de Celso Furtado estendem-se por diversas áreas, uma delas é a dicotomia centro-periferia. Na sede da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), em Santiago de Chile, aos 29 anos, Celso Furtado leu e entendeu o papel da periferia do capitalismo onde se encontravam o Brasil, a Argentina, o Chile, a Colômbia, o Uruguai, a Venezuela, o México, entre outros países latino-americanos. A CEPAL foi comandada pelo economista argentino Raúl Prebisch (1901-1986) e com a valiosa participação dos economistas latino-americanos Celso Furtado, Osvaldo Sunkel, José Medina Echavarría e Juan Noyola Vásquez.

Segundo Paulo Sandroni (2008, p.367), Furtado foi “(...) um dos mais importantes economistas brasileiros do século XX”. Furtado foi também um dos diretores da CEPAL, órgão das Organização das Nações Unidas (ONU), no Chile. A CEPAL foi criada “(...) em 1948 com o objetivo de elaborar estudos e alternativas para o desenvolvimento dos países latino-americanos” (SANDRONI, 2008, p.134).

De acordo com Celso Furtado (1992, p.40) no livro intitulado *Brasil: A construção interrompida*, “Essa teoria tem como ponto de partida a visão de Prebisch do capitalismo como um sistema que apresenta uma ruptura estrutural, sistema que ele chamou de

‘centro-periferia’’. Foi uma severa crítica a teoria neoclássica e uma defesa forte da industrialização nos países periféricos como a Argentina e o Brasil.

Vale ressaltar que em seguida o economista Celso Furtado (1992, p.73) enfatizou que:

O trabalho intelectual a que me dediquei durante toda a vida teve como ponto de partida o desejo, que cedo me empolgou, de conhecer as razões do nosso atraso no processo de industrialização que marca a história contemporânea a partir do final do século XVIII.

A Revolução Industrial começou em 1764 com a invenção da *Spinning Jenny*, uma máquina de fiar hidráulica e inventada pelo inglês James Hargreaves e avançou com a criação do motor à vapor pelo engenheiro escocês James Watt em 1769. A Revolução Industrial começou na Inglaterra e provocou grandes transformações econômicas, sociais e ambientais, primeiro na economia inglesa, posteriormente, na economia mundial. A Primeira Revolução Industrial a partir da metade do século XVIII acelerou a produção de bens industrializados como tecidos.

No Chile, o economista latino-americano Celso Furtado estudou como superar o subdesenvolvimento econômico, como escapar da armadilha do subdesenvolvimento. Destaca-se também que Celso Furtado foi diretor do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) em 1953, atual Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Para Celso Furtado (2000, p.25):

(...) a visão global da estrutura da economia mundial a partir da dicotomia Centro-Periferia, que nos permitiu captar a especificidade do subdesenvolvimento e superar a doutrina rostowiana das etapas do crescimento, a qual ignorava as diferenças qualitativas entre estruturas desenvolvidas e estruturas subdesenvolvidas.

Em seguida Celso Furtado (1998, p.79) revelou que:

Se deixamos de lado as conjecturas e nos limitamos a observar o quadro estrutural presente do sistema capitalista, vemos que o processo de acumulação tende a ampliar o fosso entre um centro em crescente homogeneização e uma constelação de economias periféricas, cujas disparidades continuam e acentuar-se.

De acordo com Paulo Sandroni (2008, p.366), Celso Furtado foi o “Economista brasileiro, idealizador e primeiro superintendente da Superintendência do

Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)”, autarquia federal criada em 1959 por então presidente Juscelino Kubitschek (JK). Entre 1959 e 1964 presidiu os rumos de uma agência governamental pioneira para impulsionar o desenvolvimento econômico na atrasada região Nordeste.

Em Recife, na sede da SUDENE, primeiramente na Rua da Aurora, Celso Furtado trabalhou muito para o sucesso administrativo do novo órgão estatal de desenvolvimento do Nordeste, adotando as políticas públicas de modernização da agricultura e de crescimento da industrialização nos nove estados nordestinos.

4. O PLANO TRIENAL

Em 1962, aos 42 anos, Celso Furtado foi o primeiro ministro do Planejamento do Brasil no governo João Goulart e elaborou o Plano Trienal no objetivo de manter as taxas de crescimento do PIB brasileiro em 7% anual e reduzir a inflação entre 1963 e 1965.

O Plano Trienal (1963-1964-1965) teve duas fases distintas: i) Primeira fase, a fase ortodoxa; ii) Segunda fase, as Reformas de Base. Na fase ortodoxa foi constatado os elevados cortes nos gastos públicos para controlar a inflação e ao mesmo tempo recuperar a economia brasileira.

Em 28 de dezembro de 1962, uma equipe de economistas, liderada por Furtado, finaliza um plano econômico para o governo João Goulart após três meses. Em janeiro de 1963 foi implementado no Brasil o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social. O Plano Trienal no final de 1962, ano do bicampeonato mundial de futebol no Chile, foi um plano de três anos do governo Jango, ex-vice-presidente dos governos JK e de Jânio Quadros, este último presidente renunciou após sete meses em Brasília.

Proposto pelo ministro do Planejamento, o economista nordestino Celso Furtado (24.01.1963 a 23.07.1963), o Plano Trienal era uma resposta política para a disparada da inflação, que se encontrava em 1962 na taxa de 51,60%, e a deterioração do comércio externo. Em 1963 o Brasil enfrentou uma estagflação, estagnação econômica combinada com taxas de desemprego e de inflação elevadas.

O Plano Trienal partia do princípio das substituições das importações gradualmente, colocando a culpa da disparada dos preços nos desequilíbrios estruturais da economia, ignorando o efeito do ágio cambial sobre os preços e tentando pela primeira vez iniciar um plano nacional de distribuição de renda.

Para alcançar a performance sonhada de taxa de crescimento do PIB de 7%, foram alocados 3,5 trilhões de cruzeiros para investimentos públicos, em 1962, supondo que isto ocasionaria um aumento da renda per capita de US\$ 323,00 em 1962 para US\$ 363,00 até 1965. Era esperado também um crescimento surreal de 70% da indústria. Para tanto foram estabelecidas metas setoriais, de 4,3 milhões de toneladas de lingotes de aço até 1965, 190 mil automóveis e 270 mil caminhões e crescimento da capacidade instalada geradora de energia para 7.432.00 kW em 1965.

Para Fabio Giambiagi et al (2011, p.42):

Com relação à inflação, o diagnóstico de Furtado, indicado ministro do Planejamento no novo governo (presidencialista) de Goulart, era o tradicional: naquele momento ela resultava de excesso de demanda causado pelo déficit público.

A taxa de inflação começou a ser mensurada mensalmente e anualmente a partir de 1948 pela Fundação Getulio Vargas (FGV) com adoção do Índice de Preços ao Consumidor (IPC).

A política econômica do presidente gaúcho João Goulart (07.09.1961 a 31.03.1964) teve o seu ápice no Plano Trienal, que aprofundou o processo de substituição de importações, através do financiamento estatal. Os objetivos eram o aumento dos impostos e tarifas, ignorando o efeito sobre os investimentos privados; redução do desperdício público, mesmo assim, aumentando os salários, captação de dinheiro do mercado de capitais, mas não se criou nenhuma regra regulatória para tanto; e uma tentativa de conseguir recursos externos mesmo com a crescente hostilidade ao capital estrangeiro.

O Plano Trienal tentou realizar um Ajuste Fiscal para conter a pressão inflacionária, ou seja, cortes nos gastos públicos e aumento dos impostos federais. O Plano Trienal estava condenado ao fracasso antes mesmo da derrubada do governo Goulart, apesar do fracasso, deve-se levar em conta a situação em que o Plano Trienal, na fase presidencialista de Jango, foi formulado no curto espaço de tempo, utilizando-se de informações e estatísticas não confiáveis, e a falta de experiência brasileira em plano econômico.

O Plano Trienal foi idealizado por Celso Furtado, um economista de visão estruturalista. O economista brasileiro Celso Furtado fez parte da corrente de

pensamento econômico latino-americana intitulada Estruturalismo, liderada pelo economista argentino Raúl Prebisch.

Enfatizamos que Celso Furtado era antiliberal, não marxista, republicano, intervencionista e de pensamento pró-indústria. Os principais objetivos do Plano Trienal eram uma taxa de crescimento econômico anual de 7% com uma estratégia gradualista de queda na inflação, de 50% em 1962 para 25% em 1963, visando atingir 10% em 1965.

A segunda fase acentuavam as reformas estruturais no Brasil. Jango e Furtado defenderam as Reformas de Base. As dez Reformas de Base são: 1. Reforma Agrária; 2. Reforma Administrativa; 3. Reforma Tributária; 4. Reforma Educacional; 5. Reforma Política-Eleitoral; 6. Reforma Urbana; 7. Reforma Bancária; 8. Reforma Cambial; 9. Reforma Universitária; e 10. Reforma do Capital Estrangeiro.

No comício da Central do Brasil, o então presidente João Goulart, em 13 de março de 1964, discursou:

Assim, a reforma agrária é indispensável não só para aumentar o nível de vida do homem do campo, mas também para dar mais trabalho às indústrias e melhor remuneração ao trabalhador urbano. Interessa, por isso, também a todos os industriais e aos comerciantes. A reforma agrária é necessária, enfim, à nossa vida social e econômica, para que o país possa progredir, em sua indústria e no bem-estar do seu povo (EBC, 2019).

O presidente João Goulart em histórico e tenso comício da Central do Brasil, com 200 mil pessoas, defendeu as Reformas de Base, sobretudo a Reforma Agrária. O então embaixador dos Estados Unidos da América (EUA), Lincoln Gordon, economista formado na Universidade de Harvard, uma das mais prestigiadas universidades do mundo, fundada em 1636, assim relatou por escrito ao presidente do EUA, John F. Kennedy:

O governo de Goulart representa uma ameaça ao mundo livre. Minha conclusão é que as recentes ações de Goulart e de Brizola para promover a reforma agrária levarão o Brasil ao governo comunista como Fidel Castro fez em Cuba (TV BRASIL, 2019).

Os EUA não desejavam uma nova Cuba na América do Sul. A Revolução Cubana de 1959 influenciou muito os estudantes, professores, trabalhadores e políticos de esquerda na América Latina, inclusive no Brasil. É possível citar a obra A economia latino-americana: Formação histórica e problemas contemporâneos de Celso Furtado (2007, pp.440-441), "(...), a Revolução Cubana se aproximava mais, em sua fase inicial, da

ideologia socialista clássica, de espírito distributivista, que do socialismo desenvolvimentista que prevaleceu nos países da Europa Oriental”. Na verdade, os EUA não concordariam com uma nova China na América do Sul. Lembrando que enquanto vice-presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, João Belchior Goulart visitou a República Popular da China em agosto de 1961.

Celso Furtado foi um grande intelectual e um dos maiores defensores da Reforma Agrária no Brasil. É viável a Reforma Agrária em terras improdutivas de cunho capitalista, com pagamento das indenizações em títulos da dívida pública, sendo muito necessária para a construção de um Brasil melhor. Os camponeses sem-terra trabalharão por desapropriação de terras improdutivas com base no valor fiscal e poderão gerar empregos e alimentos saudáveis para a população brasileira.

As Reformas de Base implementadas mudariam significativamente a economia brasileira. As Reformas de Base tinham como prioridades a Lei de Remessa de Lucros (que determinava a cota de dinheiro em 10% que as empresas multinacionais poderiam enviar a seus países de origem), o fim da Instrução 113 (que favorecia o desenvolvimento de empresas estrangeiras no País e prejudicava as empresas brasileiras de bens de capital) e a implantação da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (ELETROBRAS) em 1962 (que incorporaria todas as empresas do setor de energia elétrica no Brasil).

Para conquistar a estabilização econômica foram lançadas a Instrução 234 de 14.02.1963 para controlar a expansão do crédito do Banco do Brasil e a Instrução 235 de 07.03.1963 para controlar a expansão do crédito pelos bancos privados.

O Plano Trienal foi importante para melhorar os esforços de planejamento econômico do País. Foi considerado um avanço já que ofereceu uma abordagem abrangente à economia brasileira e concentrou-se em problemas sociais. Mas ele acabou fracassando por causa das resistências às reformas estruturais no conturbado ambiente político que marcou o governo Jango, com um forte apoio das Ligas Camponesas, da Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e da União Nacional dos Estudantes (UNE). A oposição optou por greves provocando a intranquilidade no Brasil. Em 1963, a inflação subiu a 79,92% e o PIB brasileiro avançou apenas 0,6%.

O fracasso econômico do Plano Trienal, com uma política fiscal contracionista, ou seja, de contenção dos gastos públicos, criou uma séria crise institucional no Brasil, na época no sistema presidencialista. Em plena Guerra Fria, as Reformas de Base do

presidente João Goulart foram interpretadas como ideias de esquerda, sobretudo, a Reforma Agrária, sendo ela tão necessária para o desenvolvimento do capitalismo nacional, logo, ocorreu um golpe de Estado em 31 de março de 1964.

5. AS RÉDEAS AUTORITÁRIAS NO BRASIL

No livro intitulado *Cultura e desenvolvimento em época de crise*, Furtado (1984, p.10) apontou que, “Ninguém dúvida de que cabe ao autoritarismo grande parcela de responsabilidade no aprofundamento das distorções sociais que alquebram o País, ignorar que as raízes dos problemas fundamentais são bem mais profundas”.

O presidente João Goulart, em uma atitude de desespero, passou a fazer uso de decretos-lei, tentando nacionalizar várias empresas privadas de petróleo, e desapropriando algumas terras para fins de reforma agrária, causando a ira das classes média e alta brasileiras, o que estimulou a derrubada do governo Jango pelos militares com apoio do país mais rico e mais poderoso militarmente do mundo, os EUA, além da colaboração da Igreja Católica.

O governo autoritário tomou as rédeas do Brasil em 31 de março de 1964. Celso Furtado foi privado de seus direitos políticos por dez anos pela Ditadura Militar através do Ato Institucional nº 1 (AI-1), o seu nome era o número 20 na lista de cassação. Celso Furtado (1989, p.198) destacou na sua obra autobiográfica *A fantasia desfeita*, “Entre os nomes que constituíam o pelotão de frente, figurava o meu. Cassado de direitos! Proibido de ocupar-se da coisa pública! Processo discreto. Provavelmente a acusação fora a mesma feita a Sócrates: perverter a mocidade!”. Foram 21 anos de chumbo, o povo brasileiro sofreu muito com o AI-1, AI-2, AI-3, AI-4, AI-5 até AI-17, a censura, a tortura, a repressão, os assassinatos, os sequestros, as prisões arbitrárias, a dívida externa, a concentração de renda, o desemprego e a fome.

No exílio, Celso Furtado dedicou-se ao ensino e a pesquisa em universidades norte-americanas como Universidade de Yale (1964) e universidades europeias como Universidade de Paris-Sorbonne (1965). Por 20 anos foi professor titular de Desenvolvimento Econômico na Universidade de Paris-Sorbonne, localizada no coração do Quartier Latin e frequentou muito a sua bela biblioteca.

Celso Furtado foi também professor visitante na *American University*, em Washington, nos EUA, e na *University of Cambridge*, em Cambridge, na Inglaterra. Entre

1968 e 1973 ocorreu no Brasil o milagre econômico, na qual a taxa média de crescimento do PIB brasileiro foi de 11% ao ano. Em 1974, a saudade bateu forte no coração de Celso Furtado e ele retornou definitivamente ao Brasil em plena Ditadura Militar (1964-1985). Celso Furtado lutou pela redemocratização do Brasil e até a sua conquista vitoriosa com a eleição indireta para presidente e vice-presidente da República Federativa do Brasil da chapa Tancredo Neves e José Sarney em 15 de janeiro de 1985. Celso Furtado foi na Nova República o seu segundo ministro da Cultura, entre 1986 e 1988.

Ressalta-se também que o economista Celso Furtado foi embaixador do Brasil junto à antiga Comunidade Econômica Europeia (CEE), com sede em Bruxelas, em outubro de 1985. Celso Furtado defendeu e participou das primeiras reuniões do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), cujos principais líderes foram o presidente brasileiro José Sarney e o presidente argentino Raúl Alfonsín. Em 28 de junho de 2019, o MERCOSUL e a União Europeia (UE) fecharam um acordo de livre-comércio entre os dois blocos econômicos, depois de vinte anos de negociações iniciadas em 1999.

Em 1997, Celso Furtado foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e ocupou a cadeira 11, cujo patrono é o poeta Fagundes Varela (1841-1875). Furtado e Fagundes moraram e casaram pela segunda vez em Paris em séculos diferentes. Celso Furtado casou em seu primeiro casamento com a feminista Lucia Piave Tosi, com quem teve dois filhos, André Tosi Furtado e Mário Tosi Furtado.

6. A DICOTOMIA DESENVOLVIMENTO-SUBDESENVOLVIMENTO

O Brasil, o sexto país mais populoso do mundo, com 211 milhões de habitantes (IBGE), não faz parte do seleto grupo dos países desenvolvidos. Segundo o IBGE, em 2010, constatou 19,6 milhões de idosos no Brasil e estima-se em 2030 aproximadamente 41,5 milhões de idosos no País, ou seja, um crescimento de 21,9 milhões de pessoas idosas.

Para Furtado (2002, p.21), “Cabe a pergunta: houve desenvolvimento? Não: o Brasil não se desenvolveu; modernizou-se. O desenvolvimento verdadeiro só existe quando a população em seu conjunto é beneficiada”. Para Celso Furtado o subdesenvolvimento não é uma etapa para o desenvolvimento, mas como condição mantida pelo capital externo dos países desenvolvidos.

No livro intitulado Desenvolvimento e subdesenvolvimento, publicado pela primeira vez em 1961, Celso Furtado explicou que “O subdesenvolvimento é, portanto,

um processo histórico autônomo, e não uma etapa pela qual tenham, necessariamente, passado as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento” (Furtado, 2009, p.161). Estimado leitor observem atentamente a desigualdade, a falta de saneamento básico, o analfabetismo, o atraso brasileiro das precárias casas nas favelas.

De acordo com o economista Celso Furtado (2002, p.16), “Somos um país exportador de alimentos, temos um potencial agrícola enorme”. Temos a maior fronteira agrícola do planeta e somos o maior exportador mundial de café, açúcar, soja, suco de laranja, carne bovina e carne de frango. O Brasil é o maior exportador de alimentos do mundo desde 2013 e tem a maior produtividade total de fatores de produção (PTF) na agricultura mundial desde 1997. Ocorreu uma extraordinária transformação dos fatores de produção (recursos naturais, trabalho, capital, tecnologia e capacidade empresarial) na agropecuária brasileira desde 1968, além de significativo aumento das suas respectivas remunerações (aluguel, salário, juro, royalty e lucro).

O economista latino-americano Celso Furtado, um dos grandes do pensamento econômico mundial, leu as obras primas de Adam Smith (1723-1790), Thomas Robert Malthus (1766-1834), David Ricardo (1772-1823), Karl Marx (1818-1883), Léon Walras (1834-1910), Joseph Schumpeter (1883-1950), John Maynard Keynes (1883-1946), Nicholas Kaldor (1908-1986), Simon Kuznets (1901-1985), Vassily Leontief (1906-1989), Walt Rostow (1916-2003) e Milton Friedman (1912-2006).

Segundo Furtado (1992, pp.30-31), “Estaremos de volta à economia de mercado em estado puro, na forma em que a concebeu Adam Smith, e que exclui toda organização de mercados e os domínios destes por uma só empresa ou de muitas por coalizão”. Para Celso Furtado (1980, p.2), “(...) circulara a Riqueza das nações, onde se pretende demonstrar que a busca do interesse individual é a mola propulsora do bem-estar coletivo”. Posteriormente Celso Furtado (2009, p.31) explicitou que:

Na obra de Adam Smith o estudo da produção, se bem que tratado de forma desigual, ocupa um grande espaço. Preocupou-se ele com este problema, que depois desapareceu, praticamente, das cogitações dos clássicos ingleses: Por que cresce o produto social? Atribui a causa desse fenômeno à divisão do trabalho, a qual emprega três virtudes: aumento de destreza no trabalho, economia de tempo e possibilidade de uso de máquinas.

No livro O capitalismo global, Furtado enfatizou que (2000, pp.9-10):

Quando li O capital, no curso de marxismo que fiz logo depois da guerra no Instituto de Ciência Política, em Paris, já sabia suficiente macroeconomia moderna para não me seduzir pelo determinismo econômico que tinha explicação para tudo à custa de simplificar o mundo.

Em seguida, em outra obra, Celso Furtado (2009, p.53) explicitou também que:

(...), Marx necessitaria primeiro demonstra que o desemprego era inerente ao próprio regime capitalista, que era consequência de suas contradições internas. Somente assim, caberia concluir que esse desemprego tendia a agravar-se. O exército de reserva surgiu com um elemento externo, introduzindo no modelo para que fosse possível afirmar que, com a acumulação e o avanço da técnica, cresceria a pressão para a redução dos salários. 'Quanto maior a riqueza social', afirma Marx, 'maior o exército de reserva industrial'. A isso chamou ele 'lei geral absoluta de acumulação capitalista'.

Para Celso Furtado (2000, p.13):

No começo dos anos 50 eu vim para o Brasil no quadro de um acordo entre a CEPAL e o recém-criado BNDE, para fazer um estudo de projeções da economia brasileira que acabou servindo de bases para Juscelino elaborar o seu Plano de Metas.

O Plano de Metas teve como slogan "50 anos em 5" e a serem alcançados entre 1956 e 1960, priorizando cinco setores: energia, transporte, indústria, educação e alimentação. Segundo o economista paraibano Celso Furtado (2002, pp.29-30):

O primeiro manual de Técnica de Planejamento foi elaborado na CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) no começo dos anos 50 sob minha direção. E serviu de base para a preparação do Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek, o que me permitiu ao Brasil avançar consideravelmente na industrialização.

A industrialização ficou concentrada nas regiões Sul e Sudeste, e apenas com a criação da SUDENE em 1959, no qual Celso Furtado foi o seu primeiro superintendente, localizada em Recife, a convite de JK, se vê uma preocupação em industrializar a antiga região agroexportadora do Brasil, o Nordeste.

Para Celso Furtado (2002, p.75), "Eram meados dos anos 50 e vim para o Brasil, no quadro desse acordo para fazer um estudo de projeções da economia brasileira, que acabou servindo de base para Juscelino Kubitschek elaborar o seu Plano de Metas". O Plano de Metas de JK era marcado por investimentos em 30 Metas, divididas em: Setores da energia (1 a 5), Setores do transporte (6 a 12), Setores da alimentação (13 a 18), Setor

da indústria de base (19 a 29), e Setor da educação (30). E a Meta-Síntese é a construção da nova capital do Brasil, no Planalto Central, entre os paralelos 15º e 20º, Brasília.

Furtado foi um dos economistas preocupados com o meio ambiente, pois leu, releu e leu de novo o estudo *The Limits to Growth* (Os Limites para o Crescimento), de 1972. Na obra denominada O mito do desenvolvimento econômico no ano de 1974, segundo o economista paraibano Celso Furtado (1998, p.8):

Mais precisamente: pretende-se que os padrões de consumo da minoria da humanidade, que atualmente vive nos países altamente industrializados, são acessíveis às grandes massas de população em rápida expansão que formam o chamado Terceiro Mundo.

Celso Furtado desmitificou as políticas de desenvolvimento econômico aplicadas pelos governos dos países subdesenvolvidos. Furtado estudou muito a realidade brasileira, lutou muito pelas reformas estruturais e entendeu como poucos, em sua época, que o Brasil necessita de crescimento econômico com inclusão social sem agredir o meio ambiente para promover o desenvolvimento. Furtado entendia muito bem que se o consumo das famílias brasileiras diminui, a produção cai, o desemprego sobe e a economia retrai.

As massas de desempregados e subempregados provocam o aumento da desigualdade no Brasil. Pois uma pessoa desempregada ou subempregada não tem como sustentar sua própria família com qualidade de vida. Conforme o economista inglês Antony Atkinson (2015, p.108), “o desemprego, e a concomitante precariedade de trabalho, é em si fonte de desigualdade”. Portanto, combater o desemprego e o subemprego significa também combater a desigualdade no Brasil. A desigualdade é crescente no País no quadriênio 2015-2016-2017-2018. O Índice de Gini no Brasil subiu de 0,524 em 2015 para 0,545 em 2018, segundo os dados do SIS do IBGE (2019). O Coeficiente de Gini era de 0,537 e de 0,538, respectivamente, no biênio 2016-2017.

7. A ARTICULAÇÃO DA REFORMA TRIBUTÁRIA NO BRASIL

Celso Furtado foi a favor também da Reforma Tributária. O atual sistema tributário brasileiro é muito caótico, muito concentrado no consumo, além de caro e burocrático para pagar tributos. É um absurdo, o Brasil tem 94 tributos (13 impostos, 35 taxas e 46 contribuições de melhoria). É hora de diminuir significativamente a tributação sobre o

consumo de bens e serviços das famílias brasileiras. Nos dias atuais, 65 países utilizam o Imposto sobre o Valor Agregado (IVA), como por exemplos, dois países continentais, o Canadá e a Austrália.

O excesso de gastos públicos nos últimos 40 anos provocou aos governos federal, estaduais e municipais a criação e a regulamentação de tributos (impostos, taxas e contribuições de melhoria). Portanto, é hora de articulação da Reforma Tributária no Brasil, é hora do IVA! Vem IVA, um único imposto cobrado sobre a oferta de mercadorias e serviços. Muitos economistas, jornalistas, empresários, trabalhadores, estudantes e professores defendem o imposto único e pretendem eliminar mais de 90 tributos, no ano de 2020, cuja projeção é de uma taxa de crescimento do PIB de 2,30%, do Relatório FOCUS do Banco Central do Brasil (BACEN).

Chega de 92 tributos! Basta de 13 impostos, 34 taxas e 45 contribuições! Queremos um único imposto no Brasil, o IVA! Não é possível ter progresso econômico e justiça social com 92 tributos, com o brasileiro trabalhando mais de 150 dias por ano somente para pagar tributos. O IVA é um imposto sobre o consumo de bens e serviços, não-cumulativo. O IVA é aplicado em muitos países da UE, além do Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Suíça. O sistema tributário brasileiro poderia ser baseado no IVA, que incide sobre o consumo e a sua arrecadação poderia possibilitar um bem-estar social para a população brasileira.

O IVA surgiu pela primeira vez na França, no ano de 1957, e gradativamente foi incorporado ao regime tributário dos países membros da UE e de outros países: Canadá (5,0%), Suíça (8,0%), Austrália (10%), Nova Zelândia (10%), Alemanha (19,0%), Reino Unido (20,0%), França (20,0%), Espanha (21,0%), Bélgica (21,0%), Itália (22,0%), Portugal (23,0%), Finlândia (24,0%), Dinamarca (25,0%), Noruega (25,0%) e Suécia (25,0%). Entre os 15 países capitalistas pesquisados constatou-se que o Canadá tem a menor alíquota do IVA, com 5%, enquanto, a Dinamarca, Noruega e a Suécia, três países nórdicos, são com as maiores alíquotas do IVA, com 25%.

Ao comprar ou pagar por bens e serviços na França, quinze vezes menor do que o Brasil, sempre incide o IVA, de 20,0%. Quando você pega a nota fiscal do produto na França, por exemplo, um livro de Celso Furtado em francês, *La formation économique du Brésil: De l'époque coloniale aux temps modernes*, sempre vai ver que tem o valor total que foi pago, e junto dele está outros dois valores, que é o valor da compra (€\$ 21,00) mais o valor do IVA (€\$ 4,20), totalizando o valor que você desembolsou de €\$ 25,20.

De acordo com Samuelson & Nordhaus (1999, p.37), “Todos os níveis de administração – cidade, Estado ou Governo Federal – cobram impostos para pagarem as suas despesas”. A situação social é muito grave no Brasil, com baixos salários, de altas dos preços da energia elétrica, água, gás de cozinha, gasolina e remédios. O IVA será muito importante para o Brasil, o crescimento econômico será alto, possibilitando a queda na elevada taxa de desocupação. Com o IVA poderemos diminuir significativamente a desigualdade social, já que o retorno social do pagamento de um único imposto, pago pelos cidadãos, sim, serão vistos, sentidos e usufruídos por todos que residem no Brasil.

De acordo com Celso Furtado (1983) no texto retirado da orelha da obra *O Brasil pós-milagre*, “Um país que pouco reflete sobre si mesmo está condenado a repetir erros e entrar em becos sem saída”. Logo, o Brasil tem uma carga tributária de 35% do PIB e é a maior entre os países emergentes e, ao mesmo tempo, o Estado não oferece serviços públicos de qualidade, ou seja, é muito baixo o retorno social. Os tributos pagos são elevados pela qualidade dos serviços públicos prestados diariamente. Portanto, a Reforma Tributária é muito importante para o País. Menos tributos, mais empregos.

8. O DESEMPREGO NO BRASIL

No livro intitulado *Brasil: A construção interrompida*, Celso Furtado (1992, p.30) destacou:

Um dos traços característicos do desenvolvimento atual é a lenta absorção de mão de obra, o que se traduz em desemprego crônico e em pressão para a baixa de salários da mão de obra não especializada. O que se vem chamando de ‘sociedade de serviços’ constitui uma mistura de elevada taxa de desemprego com uma parcela expressiva de população trabalhando em tempo parcial e precariamente.

Nos dias atuais, no Brasil, existe uma enorme massa de desempregados (11,9 milhões), subempregados (11,8 milhões) e desalentados (4,7 milhões), somados são 28,4 milhões de pessoas sem empregos de qualidade e sem contribuição previdenciária (IBGE), é uma população maior do que a da Austrália, com 25,5 milhões de habitantes (*Australian Bureau of Statistics*, 2019).

O desemprego no País tem várias causas, entre elas, destacam-se: (i) o avanço da tecnologia que provoca mais desemprego tecnológico; (ii) a recessão econômica no biênio 2015-2016 que gerou desemprego cíclico; (iii) a recuperação econômica muito lenta no

triênio 2017-2018-2019 que gerou desemprego friccional; (iv) as mudanças climáticas que gera o desemprego sazonal.

A Quarta Revolução Industrial provocará mais desemprego tecnológico no Brasil, a oitava maior economia do mundo, a maior biodiversidade do planeta, a maior reserva de nióbio (98%) e de água doce (12%) da Terra. Há nas cidades brasileiras uma fila enorme de desempregados para disputar uma vaga de emprego, devido a robotização na indústria automobilística, a mecanização na agropecuária e a informatização nos bancos. Muitos brasileiros desempregados, sobretudo, os jovens recém-formados desejariam trabalhar ganhando um salário mínimo por mês, mas não encontram vaga disponível no mercado de trabalho muito competitivo, muito globalizado, com intensa tecnologia.

Portanto, o ponto de partida é ler e entender as reflexões críticas construtivas do economista Celso Furtado para resolver o desemprego no Brasil. De acordo com o Professor Dr. Celso Monteiro Furtado (2000, p.14) na obra *O capitalismo global*, “A verdade é que ainda não surgiu uma teoria do desemprego estrutural comparável às do desemprego cíclico que estudávamos em minha época”.

Já se passaram cinco anos consecutivos de um Brasil de desemprego em massa. A taxa de desocupação no trimestre encerrado no mês de março registrou 7,9% em 2015, subiu para 10,9% em 2016, cresceu para 13,7% no ano de 2017, caiu para 13,1% em 2018 e diminuiu para 12,7% no ano de 2019, baseado nos dados da PNAD Contínua do IBGE. Entre 2015 e 2019, no trimestre concluído em março, a taxa de desocupação cresceu de 7,9% para 12,7% em 2019, ou seja, um crescimento de 4,8% nos últimos cinco anos. A maior taxa de desocupação no Brasil nos últimos cinco anos foi no trimestre finalizado no mês de março de 2017, com 13,7% da PEA, de acordo com os dados oficiais da PNAD Contínua do IBGE. Pelo comportamento da taxa de desocupação no trimestre encerrado no mês de março entre 2015 e 2019, a previsão é uma taxa de 10,8% da PEA de 2020.

Conforme Celso Furtado (1984, p.40), “A agravação das condições sociais e o aumento da massa de desempregados e subempregados poderão inviabilizar o Brasil para o padrão de convivência democrática, fundada na homogeneização social, (...)”. É preciso, urgente, promover a prosperidade econômica num país predominante urbano, para gerar mais empregos formais, porque a sociedade brasileira vive muito intranquila, muito insegura, sem esperança em dias melhores. O número de brasileiros que vivem em

Portugal cresceu 43% no ano de 2019. Agora, são mais de 150 mil brasileiros imigrantes em território português.

Segundo o Prêmio Nobel de Economia em 1970, o economista americano Paul Samuelson (1999, p.433) em parceria com o economista norte-americano William Nordhaus, “A prosperidade pode significar um longo período de procura sustentada, de pleno emprego e elevação dos níveis de vida”. A tendência ao pleno emprego dos cinco fatores de produção é necessária para o aumento da produção e da produtividade na economia brasileira. A prosperidade é “Um dos períodos do ciclo econômico, marcado pelo incremento das atividades econômicas em geral e pelo ambiente de otimismo” (Sandroni, 2008, p.697).

Infelizmente, o Brasil atravessou a pior recessão econômica da história no biênio 2015-2016 e permaneceu na recuperação econômica muito lenta e com um PIB pífio no triênio 2017-2018-2019. O País precisa crescer mais. Infelizmente, a corrupção junto com a impunidade não permitem o Brasil crescer a 7% ao ano.

9. AS NOVAS MOLAS PROPULSORAS DO CRESCIMENTO ECONÔMICO

No livro O capitalismo global, Celso Furtado (2000, p.20) ressaltou que:

Naquela época, dávamos por certo que o desenvolvimento econômico e sua mola principal, a industrialização, eram condição necessária para resolver os grandes problemas da sociedade brasileira: a pobreza, a concentração da renda, as desigualdades regionais.

O Brasil é na atualidade a oitava nação mais rica do planeta, com um PIB nominal de US\$ 1,9 trilhão. Na minha visão as novas molas propulsoras do crescimento econômico no Brasil são a Amazônia Verde e a Amazônia Azul, ambas capazes de contribuir para alimentar os atuais 7,7 bilhões de habitantes e os futuros 9,0 bilhões de habitantes da Terra no ano de 2050. Não há crescimento econômico sem investimentos. É preciso grandes investimentos privados e públicos em projetos economicamente viáveis para aumentar a produção e a produtividade de bens oriundos das ricas Amazônia Verde e Amazônia Azul, pois o aquecimento global tem impactos na produção de alimentos no Brasil.

É preciso aumentar significativamente as atividades produtivas sustentáveis, em primeiro lugar, a produção de alimentos no quinto maior país do planeta. Entre as 12

bacias de recursos hídricos do Brasil, a maior bacia brasileira e mundial é a Bacia Amazônica. A produção de peixes pela piscicultura e aquicultura é uma grande possibilidade de gerar empregos diretos. A Floresta Amazônica, a maior floresta tropical do planeta, e os rios são as duas das principais riquezas da Amazônia Verde.

A Amazônia Azul é a zona econômica exclusiva (ZEE) com 3,5 milhões de quilômetros quadrados mais a plataforma continental com 960.000 de quilômetros quadrados do Brasil, cuja área territorial corresponde a aproximadamente 4,5 milhões de quilômetros quadrados, quase equivalente à superfície da Amazônia Verde, com 5,2 milhões de quilômetros quadrados. A Amazônia Azul possui muitas riquezas naturais no Oceano Atlântico e extraordinário potencial econômico em diversas áreas: (i) pesca; (ii) recursos minerais; (iii) biodiversidade marinha; (iv) petróleo; (v) gás natural; (vi) energia maremotriz; (vii) energia eólica em alto-mar; (viii) transporte marítimo; (ix) sal marinho; (x) esportes; e (xi) turismo.

De 1920 a 2020 a realidade mudou muito nas cinco regiões brasileiras. Nos últimos cem anos o Brasil se modernizou, mas não ingressou no seleto grupo dos países de desenvolvimento humano muito alto. Segundo os dados do Relatório sobre o desenvolvimento humano 2019 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,761 caiu da 78ª para a 79ª posição no ranking mundial entre 189 países e territórios, e ficou empatado com a Colômbia (0,761). Na América do Sul, o Brasil ocupa a quarta colocação, atrás do Chile (0,847), da Argentina (0,830) e do Uruguai (0,808). O Brasil tem uma esperança de vida ao nascer de 75,7 anos, 15,4 anos esperados de estudo, média de 7,8 anos de estudo e uma Renda Nacional Bruta (RNB) per capita de US\$ 14.068 PPC (paridade de poder de compra), de acordo com os dados de 2018 do PNUD.

No Brasil temos 35 milhões de brasileiros que não têm água tratada (IBGE), a dívida pública federal já superou a R\$ 4 trilhões (TN), a taxa SELIC encontra-se em 4,25% ao ano (BACEN) e a taxa de inflação está baixa, com o IPCA acumulado nos últimos doze meses de 3,27% (IBGE, nov./2019), porque as famílias brasileiras não têm alto poder aquisitivo de compra e sofrendo com elevados tributos. Os excessivos gastos públicos provocaram o aumento da dívida bruta pública de 51,54% do PIB brasileiro em 2013 para 87,92% do PIB no ano de 2018.

10. A EDUCAÇÃO É O MELHOR CAMINHO PARA UM NOVO BRASIL

Das máquinas à vapor inglesas do século XVIII aos robôs japoneses do século XXI, a educação foi fundamental para gerar mudanças tecnológicas. No livro denominado *Em busca de novo modelo: Reflexões sobre a crise contemporânea*, Furtado (2002, p.8) enfatizou que, “Nada choca tanto o observador da economia brasileira como a contradição entre o formidável potencial de recursos do país e o baixo nível de desenvolvimento alcançado por este até o presente”.

Os robôs já fazem parte da vida de muitos lares e de muitas fábricas em países desenvolvidos como Japão e países emergentes como China. Hoje é quase unânime que os robôs representam muito para a humanidade, porque eles podem protegê-la e ajudá-la na busca de uma melhor qualidade de vida. Mas, os robôs roubam os empregos dos homens e das mulheres em diversas áreas da economia. Os robôs não têm sentimentos nem tão pouco memórias declarativas.

Ao consenso entre os estudiosos do desenvolvimento econômico e do desenvolvimento humano a importância da educação. Infelizmente, o Brasil continua entre os 20 piores países no ranking mundial da educação, em relação ao PISA (*Programme for International Student Assessment*), após os resultados de 79 países nas provas de matemática, ciências e leitura entre alunos de 15 anos de idade (OCDE, 2019).

Com certeza, os adolescentes e jovens brasileiros lêem muito pouco nas bibliotecas públicas e privadas. Recentemente, o número de candidatos com zero na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2019 foi de 143.736, ao escrever uma dissertação sobre a “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”.

É um absurdo o número de analfabetos no Brasil, são 11,3 milhões de pessoas que não sabem ler nem escrever. É um absurdo o número atual de bibliotecas públicas e privadas num país emergente. “O Brasil tem mais de 7 mil bibliotecas cadastradas no Sistema Nacional de Bibliotecas do Ministério da Cultura. A proporção é de apenas uma biblioteca pública para cada 30 mil habitantes” (Infonet, 2019).

Das atuais 7.166 bibliotecas e futuras bibliotecas brasileiras sairão os conhecimentos necessários para descobrir o melhor caminho para aproveitar racionalmente as riquezas naturais da Amazônia Azul e da Amazônia Verde. Eu defendo a construção urgente de mais bibliotecas públicas e privadas nas cinco regiões do Brasil. Podemos apontar que será uma espécie de espaço nacional de estudar o cenário brasileiro

do tamanho da Amazônia Amarela e que unirá as ricas Amazônias Verde e Azul como a nossa linda bandeira. O amarelo une o verde ao azul e o amarelo vem do ouro, este ouro no século XXI é o conhecimento.

Na biblioteca pública do Espaço Cultural José Lins do Rego, o caro amigo leitor poderá ler 35 obras de Celso Furtado e ao mesmo tempo pensar como resolver o mais grave problema do Brasil. A Biblioteca Juarez da Gama Batista tem 16 obras furtadianas: (i) Formação econômica do Brasil (1964, 6ª edição); (ii) Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina (1968, 2ª edição); (iii) Um projeto para o Brasil (1969, 5ª edição); (iv) Formação econômica da América Latina (1970, 2ª edição); (v) Análise do “modelo” brasileiro (1972, 5ª edição); (vi) O mito do desenvolvimento econômico (1974, 4ª edição); (vii) A economia latino-americana (1976, 1ª edição); (viii) A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina (1978, 3ª edição); (ix) A nova dependência: dívida externa e monetarismo (1982, 4ª edição); (x) Não a recessão e ao desemprego (1983, 3ª edição); (xi) O Brasil pós-milagre (1983, 8ª edição); (xii) Teoria e política do desenvolvimento econômico (1986, 2ª edição); (xiii) A fantasia desfeita (1989, 1ª edição); (xiv) O capitalismo global (1998, 1ª edição); (xv) Em busca do novo modelo: Reflexões sobre a crise contemporânea (2002, 2ª edição); e (xvi) Desenvolvimento e subdesenvolvimento (2009, 5ª edição).

A alta taxa de desemprego provoca mais pobreza, mais extrema pobreza no País. Para Furtado (2002, p.42):

O Brasil é um país marcado por profundas disparidades sociais superpostas a desigualdades regionais de níveis de desenvolvimento, portanto frágil em um mundo dominado por empresas transnacionais que tiram partido dessas desigualdades.

A dívida social no Brasil é gigantesca, com sérios problemas da fome, da desnutrição e da pobreza. São necessários grandes investimentos públicos e privados em educação de qualidade no País, temos mais de 11 milhões de analfabetos nas cinco regiões do País. Para trilhar nos caminhos da prosperidade econômica é necessário aumentar a produtividade do principal fator de produção, o trabalho. A educação é o melhor caminho para um novo Brasil. Portanto, o pleno emprego só é gerado com a prosperidade econômica da nação.

11. A OBRA PRIMA DE CELSO FURTADO

A obra prima de Celso Furtado é Formação econômica do Brasil, de 1959, com mais de 30 edições e traduções em nove línguas. Meu livro predileto de Celso Furtado é Não à recessão e ao desemprego, de 1983. Neste livro o brilhante economista paraibano Celso Furtado (1983, pp.54-55) expôs o aumento do desemprego no Brasil, sobretudo, o desemprego entre os jovens:

Quantos milhões de pessoas se agregarão, em consequência, à atual massa de desempregados? Que pensarão de seu próprio País essas centenas de milhares de jovens que sairão das universidades e escolas especializadas para enfrentar as frustrações e humilhações do desemprego crônico?

Depois das recessões econômicas experimentadas em 1981-1983, em 1990-1992 e em 2015-2016, chegou a hora de dizer sim à prosperidade e ao emprego no Brasil. São 519 anos de capitalismo selvagem, e o Brasil sendo a 8ª maior economia do mundo, mas continua sendo um dos dez países mais desiguais do planeta.

Para os jovens que enfrentaram a recessão econômica do segundo trimestre de 2014 até o quarto trimestre de 2016, quando o PIB brasileiro caiu onze trimestres consecutivos e provocou uma forte queda de 8,2% e um aumento assustador do desemprego, então, sugerimos ler a obra prima Formação econômica do Brasil, publicada quando o economista paraibano Celso Furtado estudava na famosa Universidade de Cambridge, na cidade de Cambridge, na Inglaterra, a convite do professor Nicholas Kaldor, um dos renomados economistas pós-keynesianos que tentou explicar como a economia capitalista funciona.

O principal interesse de Celso Furtado em compreender a especificidade do Brasil e o grande atraso de um país com tantas potencialidades levou-o a buscar uma explicação dos ciclos econômicos, desde 1500 até o século XX. Na Introdução da sua obra prima, Celso Furtado (2007, p.21) escreveu, “O presente livro pretende ser tão-somente um esboço do processo histórico de formação da economia brasileira”.

Celso Furtado analisa o Brasil Colônia (1500-1822), estuda a dinâmica da cafeicultura e chega a passagem de uma economia colonial e exportadora de produtos primários para uma economia industrial que uniu e consolidou o Brasil rural ao Brasil urbano. Celso Furtado em Formação econômica do Brasil refletiu e criticou severamente

a brutal concentração da renda e a má distribuição da riqueza, além do subdesenvolvimento econômico no Brasil.

No Capítulo I, Da Expansão Comercial à Empresa Agrícola, de acordo com Furtado (2007, p.27), “O início da ocupação econômica do território brasileiro é em boa medida uma consequência da pressão política exercida sobre Portugal e Espanha pelas demais nações europeias”. Entre o século XV ao século XX, é possível observar a exploração do pau-brasil, do açúcar (ouro branco), do ouro (metal precioso dourado), do café (ouro verde) e da borracha (ouro branco da Amazônia) no Brasil.

A extração do pau-brasil como ciclo econômico, com início, apogeu e declínio, nos trinta primeiros anos do Brasil não foi citado na obra prima de Celso Furtado. Com certeza, Furtado interpretou como o período pré-colonial do Brasil e não estudou afincos este ciclo econômico.

O segundo ciclo econômico foi o da cana-de-açúcar no Brasil colonial. A decisão lusitana de ocupar economicamente a nova colônia no Novo Mundo foi tomada e a opção feita pela exploração da plantation açucareira, que atendia a dois pré-requisitos fundamentais: experiência e rentabilidade. No primeiro caso, os portugueses praticavam a plantation em escala bem menor daquela que seria implantada no Brasil Colônia, nas ilhas de Açores, da Madeira, de São Tomé e de Cabo Verde. Quanto à rentabilidade, o açúcar era uma das especiarias mais valiosas, tendo o seu preço praticamente cotado a ouro. Em outras palavras, era o ouro branco.

Com a escravidão do negro africano foi possível o apogeu do ciclo da cana-de-açúcar (1530-1650) devido ao aproveitamento da grande propriedade monocultora, sobretudo nas Capitanias de São Vicente e de Pernambuco. A cana-de-açúcar é uma planta proveniente do Sudeste Asiático, sua cultura é temporária, sendo a matéria-prima para a fabricação do açúcar. Existe também o açúcar oriundo da beterraba.

As plantações da cana-de-açúcar no Brasil colonial ocorriam no sistema de plantation, ou seja, eram grandes fazendas produtoras de açúcar, utilizando mão de obra escrava, animais domésticos como cavalos, bois, carros de bois, moenda e visando o comércio exterior, após a produção em larga escala com baixo custo. Portanto, plantation significava latifúndio, trabalho escravo, monocultura e exportação.

Conforme Celso Furtado (2007, p.44):

Durante sua permanência no Brasil, os holandeses adquiriam o conhecimento de todos os aspectos técnicos e organizacionais da indústria açucareira. Esses conhecimentos vão constituir a base para a implantação e desenvolvimento de uma indústria concorrente, de grande escala, na região do Caribe.

É importante revelar que não ocorreu a superprodução de açúcar no Brasil colonial, devido a rápida, eficiente e eficaz comercialização do açúcar por parte dos holandeses para o resto do mundo. O declínio do ciclo do açúcar ocorreu em sua primazia pela concorrência do açúcar produzido nas Antilhas Holandesas.

Segundo o economista Celso Furtado (2007, pp.66-67), na notável Formação Econômica do Brasil, a sua obra mais lida, mais traduzida e mais citada no mundo, o seu ponto de vista sobre o ciclo do ouro no Brasil Colônia:

O ciclo do ouro constitui um sistema mais ou menos integrado, dentro do qual coube a Portugal a posição secundária de simples entreposto. Ao Brasil o ouro permitiu financiar uma grande expansão demográfica, que trouxe alterações fundamentais à estrutura de sua população, na qual os escravos passaram a constituir minoria e o elemento de origem europeia, maioria. Para a Inglaterra o ciclo do ouro brasileiro trouxe um forte estímulo ao desenvolvimento manufatureiro, uma grande flexibilidade à sua capacidade para importar, e permitiu uma concentração de reservas que fizeram do sistema bancário inglês, o principal centro financeiro da Europa. A Portugal, entretanto, a economia do ouro proporcionou apenas uma aparência de riqueza, repetindo o pequeno reino a experiência da Espanha no século anterior.

O crescimento populacional no Brasil colonial foi ocasionado pelas descobertas de ouro (1693) e diamantes (1727) pelos bandeirantes paulistas como Borba Gato, Domingos Jorge Velho, Fernão Dias, Antônio Raposo Tavares e Antônio Dias, provocando o surgimento das primeiras cidades de Minas Gerais, mais tarde de Mato Grosso (1719) e de Goiás (1722).

Segundo Celso Furtado (2007, pp.118-119):

A economia mineira abriu um ciclo migratório europeu totalmente novo para a colônia. Dadas suas características, a economia mineira brasileira oferecia possibilidades a pessoas de recursos limitados, pois não se exploravam grandes minas – como ocorria com a prata no Peru e no México – e sim o metal de aluvião que se encontrava depositado no fundo dos rios.

Entre as cidades históricas de Minas Gerais destaca-se a cidade secular de Ouro Preto (antiga Vila Rica). O ouro é o metal precioso mais valioso da humanidade e as grandes jazidas de ouro conseguiram atrair trabalhadores sem renda de vários lugares do Brasil Colônia, de Portugal e de outros países europeus em busca de enriquecer da noite

para o dia. Destaca-se também a cidade secular de Diamantina (antiga Arraial de Tejuco), nas suas jazidas diamantíferas os negros escravos descobriram muitos diamantes, uma das pedras preciosas mais almejadas pela humanidade. Foram nas cidades históricas de Minas Gerais que surgiram os primeiros gritos de protestos contra a política tributária de Portugal a partir de 1720. Muitos colonos se revoltaram contra os abusivos impostos da Coroa Real Portuguesa: o quinto, a finta, a capitação e a derrama.

Para Celso Furtado a economia colonial brasileira cresceu sem transformações estruturais. Na obra intitulada *A economia latino-americana: Formação histórica e problemas contemporâneos* de Celso Furtado (2007, p.38) analisa também o ciclo aurífero brasileiro que começou com o ouro de aluvião em Minas Gerais:

A exploração do ouro de aluvião e de pedras preciosas, a partir do começo do século XVIII, deu lugar à formação de um fluxo migratório de Portugal para o Brasil de grande importância. Esse fluxo migratório modificou o quadro demográfico e étnico do Brasil.

Em seguida, Celso Furtado (2007, p.71) destacou que, “A descoberta do ouro no Brasil, no começo do século XVIII, imprimiu uma modificação de tendência à evolução geral nesse país. Criou-se um importante mercado de animais de tração e surgiram oportunidades para a mão de obra subempregada da economia açucareira”.

Posteriormente, Celso Furtado (2007, pp.75-76) destacou também que:

A produção brasileira de ouro, que começou no segundo decênio do século XVIII, imprimiu um grande dinamismo à demanda luso-brasileira de manufaturas, criando possibilidades extraordinárias para os produtos ingleses. Dessa forma, o ouro do Brasil encaminhou-se em sua totalidade para a Inglaterra, permitindo que este país acumulasse vultosas reservas internacionais, sem as quais não lhe teria sido fácil enfrentar as guerras napoleônicas.

O déspota esclarecido Marquês de Pombal, ministro do rei Dom José, administrou a mais rica colônia de Portugal, de 1750 a 1777, com muita rigidez na fiscalização contra o contrabando de ouro e de diamantes. Em 1780 foi o ano do declínio do ciclo do ouro.

Inicia-se o ciclo do café em 1750 e nota-se a importância do produto agrícola, a sua cultura permanente e o tempo que predominou na economia brasileira. Tudo se inicia quando a economia cafeeira concentrada na região do Vale do Paraíba começa a impulsionar a economia em um momento em que o grão estava em alta cotação e o

consumo crescente de café em cidades europeias como Paris e em cidades americanas como Nova York.

Conforme Fabio Giambiagi et al (2011, p.33), “Durante muito tempo o café foi sinônimo de Brasil e o Brasil de café. Após a forte expansão do plantio e das exportações no período imperial (1822-1889), a preeminência do café na economia e sociedade do Brasil se acentuaria ainda mais durante a Primeira República (1889-1930). Já a perda de importância relativa do setor coincide com o processo de industrialização brasileira, que ganha força no pós-Segunda Guerra. Ainda assim, os primeiros 10 anos após o final do conflito foram de escassez do produto no mercado internacional, à medida que aumentava a demanda europeia e que fatores climáticos reduziam a oferta mundial”. Desde 1830 o Brasil é o maior produtor de café do mundo, conforme a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC). Nos dias atuais, o Brasil é o segundo maior consumidor de café (extra forte, tradicional, superior, gourmet, especial e extraordinário) do planeta (ABIC, 2019).

A Crise de 1929, nos EUA, provocou a queda do preço da saca de café no mercado internacional. Se os preços já tendiam a cair, a crise econômica fez com que a demanda internacional pelo produto diminuísse ainda mais, o que forçou a queda dos preços com maior rapidez. O governo brasileiro não encontrava nenhuma solução para absorver os estoques, o que causou uma decadência na economia cafeeira da época.

Após a grande queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, o governo estudou diversas medidas a serem tomadas para evitar que os produtores de café ficassem vulneráveis. Com o Governo Getúlio Vargas em 03 de novembro de 1930, o Estado começava a ter papel fundamental na economia brasileira, predominando o pensamento desenvolvimentista-nacionalista. Com o presidente Getúlio Vargas inicia-se o processo de industrialização da economia brasileira com uma taxa de câmbio muito competitiva.

De acordo com Celso Furtado (2007, p.256), “O complicado mecanismo de defesa da economia cafeeira funcionou com relativa eficiência até fins do terceiro decênio do século XX. A crise mundial de 1929 o encontrou, entretanto, em situação extremamente vulnerável”. A Grande Depressão provocou a forte queda das exportações da maior riqueza do Brasil, o café, nas estradas ferroviárias do interior de São Paulo para o Porto de Santos, o maior porto brasileiro, e de lá para os portos do país mais rico do mundo, os EUA.

Já o ciclo da borracha, um momento importante da História Econômica do Brasil, relacionado com a extração de látex e comercialização da borracha. Teve o seu apogeu na Região Norte e proporcionou a riqueza, as transformações culturais e sociais, e grande impulso ao crescimento de Manaus, Belém e Porto Velho.

Celso Furtado na sua obra prima descreve o movimento dos nordestinos fugindo da seca em direção à região Norte em busca de oportunidades de trabalho no ciclo da borracha no final do século XIX e início do século XX. De acordo com Celso Furtado (2007, p.191):

(...), a rapidez com que crescia a procura de borracha nos países industrializados, em fins do século XIX, exigia uma solução a curto prazo. A evolução da economia mundial da borracha desdobrou-se assim em duas etapas: durante a primeira encontrou-se uma solução de emergência para o problema da oferta do produto extrativo; a segunda se caracterizava pela produção organizada em bases racionais, permitindo que a oferta adquiria a elasticidade requerida pela rápida expansão da procura mundial (...).

É fundamental a utilização racional dos recursos naturais do país para promover o desenvolvimento sustentável, utilizando corretamente os recursos econômicos existentes. É necessário novos olhares e responsabilidades sobre os rumos do Brasil no século XXI. Celso Furtado (2007, p.335) conclui sua obra prima com este pensamento: “(...), o Brasil por essa época ainda figurará como uma das grandes áreas da terra em que maior é a disparidade entre o grau de desenvolvimento e a constelação de recursos potenciais”. O Brasil é um país muito rico, muito extenso, muito populoso e muito desigual. A pobreza extrema gera fome, analfabetismo e realimenta o círculo vicioso da pobreza no País.

Sem acesso à educação de qualidade provoca emprego de baixo salário, subemprego ou desemprego. Com emprego formal de baixo salário, emprego informal ou desempregado por sua vez ocasionam o baixo nível de renda. Com renda baixa ou sem renda por sua vez geram o baixo consumo de bens e serviços básicos. Com baixo consumo por sua vez acarreta a baixa produtividade econômica. A produtividade baixa nas atividades econômicas produz baixos investimentos. E com investimentos baixos provocam a falta de acesso à educação de qualidade e conseqüentemente gerando menos mão de obra qualificada e por sua vez o desemprego aumenta cada vez mais, assim fortalecendo o círculo vicioso da pobreza.

O círculo vicioso da pobreza no Brasil também se explica pela falta de oportunidade que os pobres têm, muitas vezes negligenciados, assim gerando então a desigualdade, pois o quadro miserável em que vive e a falta de estudo de qualidade não quer dizer muitas vezes que eles não tenham objetivos e força de vontade, de querer uma educação de qualidade, empreender, de entrar no mercado de trabalho em consequência do estudo de qualidade.

Segundo o economista Celso Furtado (1984, p.40) na obra intitulada Cultura e desenvolvimento em época de crise:

Em 1979-80, quando as novas indústrias com vocação exportadora começavam a operar, ocorreu a segunda elevação brutal dos preços do petróleo, em seguida de rápida elevação das taxas de juros e recessão generalizada. Em nenhuma parte os efeitos dessa crise foram tão severos quanto no Brasil, pois a antiga dependência de importação de petróleo (80% do consumo, por essa época) somava-se agora um vultoso pagamento de juros e amortizações a credores externos (...).

Já lá se vão quase quarenta e um anos desde que a Segunda Crise do Petróleo afetou duramente o Brasil, o terceiro maior importador de petróleo na época, atrás apenas dos Estados Unidos e Japão.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o histórico BREXIT, é fundamental enfatizar que Celso Furtado foi um dos economistas brasileiros mais influentes do século XX, que era um homem de ideias reformistas e que dedicou sua vida a estudar economia para entender a sociedade brasileira, porque a economia move o mundo.

Celso Furtado morreu em 20 de novembro de 2004 no seu apartamento no Rio de Janeiro, devido a um ataque cardíaco, aos 84 anos de idade. É preciso ler as novas obras de Celso Furtado, Ensaio sobre a Venezuela: subdesenvolvimento com abundância de divisas, de 2008, O Nordeste e a saga da SUDENE 1958-1964, de 2009, Essencial, de 2013, Obra autobiográfica, de 2014, Anos de formação 1938-1948: o jornalismo o serviço público, a guerra, o doutorado, de 2014 e Diários intermitentes 1937-2002, de 2019, são obras póstumas e várias obras com a organização, apresentação e notas da jornalista carioca Rosa Maria Freire d'Aguiar Furtado, a segunda esposa de Celso Furtado de 1978 a 2004 e atual membro do conselho deliberativo do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

Conclui-se que este artigo faz parte da comemoração alusiva ao Centenário de Celso Furtado, um célebre economista com uma longa veia progressista, humanista e democrática. Celso Furtado foi um jovem tenente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), lutando contra o nazismo alemão e o fascismo italiano, na Itália, em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial.

Nos 100 anos de nascimento, o economista paraibano Celso Furado será celebrado em todo o Brasil, começando pela Paraíba. O Conselho Federal de Economia (COFECON) realizou, no dia 30 de janeiro de 2020, em Brasília, a solenidade de lançamento do Ano Celso Furtado, em homenagem ao centenário de nascimento do grande economista brasileiro em Pombal, município paraibano localizado no Baixo Sertão, repleto de inselbergs e dominado pela caatinga.

Em suma, o legado teórico de Celso Furtado, um intelectual brasileiro que pensou o desenvolvimento, é muito relevante: “Só há desenvolvimento quando o homem se desenvolve” ou “Desenvolvimento é ser dono do próprio destino”. Portanto, para se desenvolver numa nação tão desigual e obter qualidade de vida, é necessário ler, reler e ler de novo as obras dos grandes intérpretes no Brasil nas bibliotecas públicas e privadas em todo o País, porque o ouro do século XXI é o conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABIC. **Estatísticas**. Disponível em: <http://www.abic.com.br/estatisticas/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

ATKINSON, Anthony. **Desigualdade**: O que pode ser feito. São Paulo: Leya, 2015.

AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTICS. **Population clock**. Disponível em: <https://www.abs.gov.au/ausstats/abs%40.nsf/94713ad445ff1425ca25682000192af2/1647509ef7e25faaca2568a900154b63?OpenDocument>. Acesso em: 31 dez. 2019.

BACEN. **Relatório FOCUS**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/FOCUS/FOCUS/R20191227.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2019.

CENTRO INTERNACIONAL CELSO FURTADO. **Cronologia**. Disponível em: http://www.centrocelsofurtado.org.br/geral.php?ID_S=64. Acesso em: 16 nov. 2019.

EBC. **Discurso de Jango na Central do Brasil em 1964**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/discurso-de-jango-na-central-do-brasil-em-1964>. Acesso em: 17 dez. 2019.

FURTADO, Celso. **Pequena introdução ao desenvolvimento**: Enfoque interdisciplinar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

FURTADO, Celso. **A nova dependência**: dívida externa e monetarismo. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FURTADO, Celso. **Não à recessão e ao desemprego**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURTADO, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1983.

FURTADO, Celso. **O Brasil pós-milagre**. 8^a. ed. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1983.

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, Celso. **A fantasia desfeita**. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FURTADO, Celso. **Brasil**: A construção interrompida. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. 2^a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FURTADO, Celso. **O capitalismo global**. 4^a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, Celso. **Em busca de novo modelo**: Reflexões sobre a crise contemporânea. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FURTADO, Celso. **A economia latino-americana**: Formação histórica e problemas contemporâneos. 4^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

GIAMBIAGI, Fabio; VILLELA, André; CASTRO, Lavínia Barros de; HERMANN, Jennifer. **Economia brasileira contemporânea: 1945-2010**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GLOBO NEWS. **Espaço Aberto**: Celso Furtado. 18/09/1998. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kvCZmeK_654. Acesso em: 26 nov. 2019.

IBGE. **Estatísticas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 dez. 2019.

INFONET. **Brasil possui uma biblioteca pública para cada 30 mil habitantes**. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/educacao/brasil- apenas- uma- biblioteca- publica- para- cada- 30- mil- habitantes/>. Acesso: 01 jan. 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Comércio Exterior**. Disponível em: <http://www.economia.gov.br/>. Acesso: 26 jan. 2020.

OCDE. **PISA 2018: Insights and Interpretations**. Disponível em: <http://www.oecd.org/pisa/PISA%202018%20Insights%20and%20Interpretations%20FINAL%20PDF.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.

PNUD. **Relatório sobre o desenvolvimento humano 2019**. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2019.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2019.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. São Paulo: Record, 2008.

SAMUELSON, Paul A.; NORDAHAUS, William D.. **Economia**. 16^a. ed. Lisboa: McGraw-Hill, 1999.

TV BRASIL. **O dia que durou 21 anos**. Disponível em: <https://www.bing.com/videos/search?q=o+dia+que+durou+21+anos&ru=%2fvideos%2fsearch%3fq%3do%2520dia%2520que%2520durou%252021%2520anos%26qs%3dAS%26form%3dQBVD MH%26sp%3d1%26ghc%3d1%26pq%3do%2520dia%2520que%2520%26sc%3d8-10%26cvid%3d916615D824B04208A60BB12830E77804&view=detail&mid=78094905C8D88010357578094905C8D880103575&rvsmid=1FF4F5F524C4981CEA2D1FF4F5F524C4981CEA2D&FORM=VDRVRV>. Acesso em: 18 dez. 2019.

UM OLHAR PREOCUPANTE SOBRE A ECONOMIA MUNDIAL

GOMES, Victorya⁸

GALVÃO JÚNIOR, Paulo⁹

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ano de 2019 apresentou uma desaceleração da economia mundial, devido à incerteza do *Brexit*, os conflitos de sanções econômicas com o Irã e a guerra comercial entre os EUA e a China, as duas maiores economias do planeta. O *Congressional Budget Office* (CBO), o órgão americano que avalia a política fiscal, previu um déficit progressivo até o ano de 2022, cuja previsão foi a partir dos dados do último trimestre do ano passado, antes do alerta emitido pelo governo chinês no dia 31 de dezembro de 2019.

Wuhan é a capital da província de Hubei, na China, e possui aproximadamente 11 milhões de habitantes. No dia 17 de novembro de 2019 (UOL, 2020) registrou o primeiro caso do COVID-19, uma doença respiratória causada pelo novo coronavírus que primeiramente foi confundida com uma pneumonia grave, e somente em 09 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas informaram que depois da análise de cientistas que o vírus é um novo tipo do coronavírus, assim os casos foram se espalhando pelo continente asiático, chegando a Europa e posteriormente, tendo seu primeiro caso registrado oficialmente no Brasil, exatamente na cidade de São Paulo, em 26 de fevereiro de 2020. Quatorze dias depois, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia do novo coronavírus.

A China é a segunda maior economia do mundo, perdendo apenas para os EUA, e tudo que impacte negativamente essas duas grandes potências, irá impactar as demais economias. O coronavírus afeta o comércio e a indústria da China desde meados de janeiro de 2020. O Escritório Nacional da China (G1 Economia, 2020) registrou quedas recordes em varejo, produção industrial e investimentos em ativos fixos, esses resultados são

⁸Contadora, graduada em Ciências Contábeis pelo UNIESP (2019) e aluna do Curso de Pós Graduação em Gestão Financeira e Orçamentária no UNIESP. E-mail: victoryams_gomes@gmail.com

⁹Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

advindos das medidas tomadas pela China para conter a disseminação do COVID-19, incluindo o fechamento de fábricas e lojas no terceiro maior país de extensão territorial do planeta.

No ano de 2019 o PIB chinês cresceu 6,1%, a sua menor taxa em três décadas. Com a contenção dos mercados a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), estimou que a pandemia poderia custar a economia global cerca de 10 trilhões de dólares americanos (ONU NEWS, 2020). Cada país está adotando medidas de isolamento social, como a Itália e a Espanha que emitiram medidas rigorosas de *lockdown* (confinamento), fazendo assim o lado da oferta afetarem grandes empresas como a Nissan e Jaguar Land Rover que se viram sem suprimentos em suas fábricas e no lado da demanda o turismo está sendo afetado pelas restrições impostas das circulações em outros países e cancelamentos de grandes eventos.

O turismo foi o setor mais afetado pela pandemia do COVID-19. A França recebeu 89,4 milhões de turistas internacionais no ano de 2018, segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) e o setor turístico correspondeu a cerca de 10% (dez por cento) do Produto Interno Bruto (PIB) francês. No ano de 2020 a OMT terá sérias dificuldades de registrar mais de 8 milhões de turistas estrangeiros de janeiro até dezembro na França.

A constatação é que haverá recessão econômica na Itália, na Espanha, nos EUA, no Japão, e sem dúvida haverá recessão também na América Latina, inclusive no Brasil. A projeção que essa crise será maior do que a que ocorreu em 2008, os desafios encontrados é que essa crise do COVID-19 se estabeleça na recessão e não avance para uma depressão. Na Grande Depressão, a economia norte-americana sofreu quatro recessões anuais consecutivas (de 1930 a 1933) com uma perda do PIB de mais de 26% e o desemprego alcançou 25% da PEA. Em 1930 o PIB americano sofreu uma forte contração de 11,85%. Em 1931, o PIB norte-americano caiu 16,05%. Já em 1932, ocorreu uma queda drástica de 23,13%. E no ano de 1933 as atividades econômicas retrocederam 3,87%.

A ideia de vários economistas seria voltar com todos os financiamentos (linhas de crédito) e suporte para as famílias menos favorecidas, além de pequenas empresas. Essas

estratégias remetem ao keynesianismo que é a forte intervenção do Estado na economia de mercado, com o objetivo principal de garantir o pleno emprego, visto que suas teorias foram postas em prática em plena Grande Depressão na década de 30, onde implementou o famoso *New Deal* visando tirar os EUA da crise advinda da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 24 de outubro de 1929.

A recessão econômica no mundo chegará no ano de 2020. A recessão das nações provocará graves impactos econômicos e sociais em diversos países. Neste artigo optamos por analisar a Itália, a Espanha, os EUA, o Japão, a Argentina e o Brasil.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê que a recessão de 2020 poderá ser pior do que a Crise de 2008. Mas que se espera uma melhora em 2021, entretanto para que isso aconteça deve-se priorizar o sistema de saúde em todos os lugares, já que quanto mais rápido o impacto do mortal COVID-19 exerce sobre o mercado financeiro passar, melhor. Inclusive, o Conselho Executivo aprovou uma alteração do chamado Fundo de Contenção e Alívio de Catástrofes, esse fundo permite que os países menos desenvolvidos invistam na pandemia em vez de saldar suas dívidas com o FMI (EXAME, 2020).

Para Kristalina Georgieva (EXAME, 2020):

Nunca na história do FMI nós presenciamos a economia mundial nessa situação. É um dos momentos mais sombrios da humanidade, uma grande ameaça para todo o mundo. Isso requer que permaneçamos unidos e protejamos os mais vulneráveis.

O indicador de incerteza no Brasil bateu pontos recordes assim que os casos do novo coronavírus ganharam força no país, com essa pandemia em curso. A nação brasileira terá a pior década histórica de crescimento econômico. Apesar do Governo Federal investir em ações públicas e projetos governamentais para dar suporte as empresas privadas, o desemprego devido ao COVID-19 atingirá cerca de 16 milhões de pessoas.

2. UM OLHAR PREOCUPANTE SOBRE A ITÁLIA NA ATUALIDADE

A República Italiana ou como é mais conhecida mundialmente, a Itália, é um país europeu que faz fronteira com a Áustria, Eslovênia, França e Suíça, além de ser a quinta nação mais

populosa da Europa. É um país com grandes patrimônios culturais fazendo assim o turismo ser uma grande atividade econômica, que gera receitas turísticas de 146 bilhões de euros (OMT, 2020).

A Itália é um dos países fundadores da União Europeia (UE) e faz parte da zona do euro, e também é membro do Grupo dos Sete (G7), do Grupo dos Vinte (G20), da Organização Mundial do Comércio (OMC) e da Organização das Nações Unidas (ONU).

Na economia italiana a uma certa disparidade entre o norte e o sul do país, onde o norte é bastante desenvolvido e o sul voltado mais para a produção agrícola. O país tem uma alta taxa de exportação sendo os automóveis um desses produtos mais exportados. Outros produtos industrializados e tradicionais *Made in Italy* são os tratores, máquinas e equipamentos.

No começo de 2020, as cidades de Bérgamo, Milão, Florença, Nápoles e Roma tinham sua rotina em normalidade e o país se preparava para celebrar os 500 anos da morte do pintor Rafael Sanzio, e olhavam para a China com preocupação acerca da pandemia, mas que parecia uma realidade longe de abalar a funcionalidade da população italiana. De acordo com dados apontados por cientistas o vírus causador do COVID-19 circula pela Itália desde o dia 01 de janeiro de 2020, na Lombardia, a região mais rica ao norte do país, o vírus se propagou e só foi anunciado o primeiro caso em 20 de fevereiro em 2020 em Cogdono.

Devido à enorme propagação que o mortal vírus causou na Itália, a economia também foi afetada de uma forma severa, para o primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte (2020): “É a pior crise que vivemos desde o final da Segunda Guerra Mundial”. Já que para conter os avanços do vírus foi necessário o fechamento das fábricas e do comércio, além das severas restrições para as viagens afetando assim um dos países que mais lucram com o turismo no mundo.

Na década de 90 a Itália estava entre as dez maiores economias do mundo, passando o Reino Unido no PIB e se tornando a 5ª maior economia mundial. Durante esses anos, a Itália e a Alemanha se destacavam com seu grande crescimento econômico, apesar de serem dois dos países da Europa Ocidental que mais sofreram com a Segunda Guerra

Mundial (1939-1945). Porém, depois da década de noventa, a Itália viu seu PIB cair e sofrer uma drástica diferença em relação ao do Reino Unido, por volta de 36% de diferença. O desemprego para a população jovem tem uma estimativa de 30% e é comum formados e especializados tentarem encontrar a sorte em outro país, em contrapartida só no ano de 2018 chegaram na fronteira da Itália cerca de 127 mil imigrantes em busca de oportunidades das quais não foram encontradas nos seus países de origem.

As dificuldades com a economia começaram a perturbar os italianos com a entrada da zona do euro, pois a moeda era a lira italiana antes do euro. Nos anos noventa o país tinha um elevado índice de inflação, fazendo as exportações ficarem baratas já que a inflação era a menor entre os países desenvolvidos. Com a chegada do euro o país passou a se enquadrar nas várias normas impostas pela UE, e ainda paralelo a isso teve o enorme crescimento na dívida pública bruta.

Fatores externos também foram causas estimulantes para a desaceleração da economia italiana, como a Crise de 2008 que fez a Itália ser o único país europeu a continuar com o mesmo nível de crescimento econômico de 1995. Em 2018, existiu um crescimento do PIB significativo, a expectativa era a melhora em 2020, porém com a paralisação da economia, devido ao coronavírus, a Itália se vê novamente em uma crise pior do que em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial.

A Itália, com 60 milhões de habitantes, já registrou mais de 28 mil mortos por causa do SARS-CoV-2 no ano de 2020 (*Worldometers*, 03.05.2020). São milhões de habitantes em *lockdown* (isolamento social obrigatório), milhões sem trabalhar, milhões sem produzir, milhões sem consumir mais bens e serviços, provocando a pior recessão econômica na Itália. A previsão do FMI é uma bruta retração econômica de 9,1% em 2020. Mas, o governo italiano já lançou um pacote econômico de estímulos na ordem de 7,5 bilhões de euros.

Só no primeiro trimestre de 2020 é estimado a perda de 5 bilhões de euros em turismo, principalmente nas regiões da Lombardia e Vêneto. Caso a situação não seja controlada a curto prazo a perda será muito maior, e caso essa crise advinda do COVID-19 tenha um prazo de mais de um ano, infelizmente, é esperado que cerca de 50 mil

empresas encerrem suas atividades econômicas acarretando em 300 mil pessoas desempregadas (OBSERVADOR, 2020). A situação econômica da Itália é muito preocupante, o PIB poderá recuar cerca de oito por cento no ano de 2020, de acordo com a previsão do próprio Governo da Itália e a dívida pública bruta poderá chegar a 155,7% do PIB italiano, uma das maiores dívidas da zona do euro e do mundo.

3. PANDEMIA NA ESPANHA NO PRESENTE MOMENTO

O Reino da Espanha ou Espanha é um país europeu que está localizado na Península Ibérica e faz parte da UE. O país tem como capital Madrid e com uma população de aproximadamente de 44,0 milhões de habitantes. A Espanha é regida por um sistema de monarquia e o poder político é dividido em três: poder executivo, poder judicial e o poder legislativo.

Com relação a sua economia de mercado, a Espanha está em quarto lugar entre as economias mais ricas da Europa, tendo destaque na indústria, finanças, serviços, tecnologia, turismo e agricultura como setores principais da economia espanhola. Na agricultura, os espanhóis são grandes produtores de uvas e laranjas, além de serem conhecidos pelas produções de vinhos e azeites.

Apesar da Espanha ter permanecido neutra na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), porém sofreu uma devastadora Guerra Civil Espanhola entre os anos de 1936-39. Em 1986, a Espanha aderiu a UE e foi membro fundador da União Monetária Europeia e em 1999 adotando o euro como moeda oficial do país, com isso a nação deu um grande salto na economia e cresceu muito em termos de direitos e liberdade, assim abandonou definitivamente a famosa peseta em 01 de março de 2002.

O que ajudou muito a economia espanhola foi o mercado imobiliário, no entanto a Crise de 2008 fez que houvesse uma desaceleração no mercado. Para ilustrar um pouco da crise que abateu a Espanha, em 2010 o desemprego atingiu 20% da população economicamente ativa (PEA). Nos últimos dois anos a economia estava voltando a se reerguer, devido a pandemia do SARS-CoV-2, o país ibérico tende a voltar a Crise de 2008.

O novo coronavírus se espalhou rapidamente sem ser detectado na Espanha, atingindo principalmente os idosos, logo se tornando o quarto país com o maior número de mortes no mundo (25.264), ficando atrás apenas dos Estados Unidos (68.247), da Itália (28.884) e do Reino Unido (28.446), segundo dados recentes do site *Worldometers* (03.05.2020).

Cientistas tentam justificar a alta de casos que está acontecendo pelo país, uma delas é o fato de os espanhóis serem uma população muito amistosa, e com uma interação familiar muito grande entre jovens e idosos, sem mencionar que a maioria da população vivem em apartamentos nas cidades como Madrid, Barcelona e Valência.

Com o avanço do mortal vírus pelo país foi necessário um bloqueio extremo, fazendo assim fechar o comércio e várias indústrias, com isso o Banco Espanhol prevê uma queda em 2020 sem precedentes na história. Segundo o FMI, o país já tinha uma elevada taxa de desemprego e no primeiro trimestre subiu para 14,4% e pode atingir 20,8% da PEA (UOL, 2020).

O setor agrícola contribui com cerca de 2,8% no PIB e emprega 4% da força de trabalho (Banco Mundial, 2019). Já setor industrial consiste em 20% do PIB e do emprego da população espanhola. O setor industrial é dos mais importantes e contribui com 11% do PIB espanhol (Banco Mundial). O setor de serviços equivale a 67,7% e emprega 76% da PEA. O setor bancário também se faz presente e é composto por 12 grupos bancários.

De acordo com Christine Lagarde, presidente do Banco Central Europeu (BCE), “a zona do euro só irá apresentar sinais de melhora em 2021”. O PIB espanhol teve uma contração de 5,2% a maior queda desde a Guerra Civil Espanhola, ou seja, a maior desaceleração econômica em quase um século. No quarto trimestre de 2019 o país tinha crescido 0,4%. O PIB da zona do euro teve um recuo de 3,8% no primeiro trimestre de 2020, a maior queda desde 1995, início da série.

O Reino da Espanha mergulha em uma profunda recessão econômica, é visível o colapso no turismo e o aumento do desemprego entre os jovens espanhóis. Com o aumento da produtividade poderá recuperar a economia espanhola a curto prazo.

4. EM MOMENTOS DE CRISE NOS EUA

Nos dias de hoje, os Estados Unidos da América (EUA) é a maior potência econômica do mundo. Atualmente, a história do país é marcada por vários acontecimentos desde sua colonização pelos ingleses até sua participação em guerras mundiais como a Primeira Guerra Mundial que foi nesse período que a nação se tornou uma grande potência econômica, além da participação da Segunda Guerra Mundial, da Guerra do Vietnã e da Guerra do Golfo, entre outras guerras.

Na virada do século XIX para o XX os EUA passaram por um grande processo de industrialização e a população do país cresceu significativamente com o aumento de números de imigrantes em busca de novas oportunidades no mercado de trabalho.

No ano de 1929 a grande quebra da Bolsa de Valores de Nova York provoca uma Grande Depressão que se tornou a maior crise ocorrida no capitalismo até os dias atuais, os efeitos dessa crise que durou até o ano de 1933, com milhões de empregos perdidos e uma imigração intensa da população para o oeste americano em busca de novas oportunidades, que foram criadas com o plano *New Deal* do presidente Franklin D. Roosevelt para estimular a economia, mas o país só veio a se recuperar fortemente durante a Segunda Guerra Mundial.

Logo no começo do século XXI os EUA, era sem dúvida, a maior potência tanto no poder militar e econômico, nesse momento os EUA foram desafiados por um novo inimigo, o terrorismo, no dia 11 de setembro de 2001 o país sofreu um atentado da organização Al-Qaeda, nesse ataque o prédio comercial mais importante de Nova York foi atingido por aviões sequestrados que foram lançados nas duas construções, o resultado desse atentado foram as mortes de aproximadamente três mil pessoas.

Desde setembro de 2008 o país sofreu uma séria crise econômica que foi iniciada no mercado imobiliário e que se espalhou para vários setores. O impacto do coronavírus apesar de ser recente está causando aos americanos uma queda igual a Crise de 2008, foi registrado um recuo de 4,8% no primeiro trimestre, medidas foram adotadas para conter o avanço do vírus e que fizeram mais de 30 milhões solicitarem o seguro-desemprego.

Os EUA é o país mais afetado pelo COVID-19 com pouco mais de 68 mil mortes (*Worldometers*, 08.05.2020), para conter o avanço da mortífera doença foi necessário um isolamento social fazendo assim várias empresas fecharem suas portas. Em contrapartida o ano de 2019 segundo analistas financeiros a economia teve um avanço de 2,1%, devido as políticas comerciais do presidente americano Donald Trump, já as expectativas para o segundo trimestre de 2020 para os Estados Unidos é que exista uma contração ainda maior em sua economia.

Os EUA são ricos em recursos naturais e recursos financeiros, muito competitivo, mas estão sofrendo muito tanto na saúde como na economia com a pandemia do coronavírus. O grande desafio da economia americana é o pós-pandemia, com o controle maior da propagação do SARS-CoV-2 nos cinquenta estados americanos.

5. UM OLHAR PREOCUPANTE SOBRE O JAPÃO NOS DIAS ATUAIS

O Japão é um país milenar, situado na Ásia e tem como capital o grande centro econômico, Tóquio. A economia japonesa tem atualmente o terceiro maior PIB do planeta, atrás apenas dos EUA e da China. No Japão, o governo do primeiro-ministro Shinzo Abe adotou o isolamento social para evitar a propagação do COVID-19.

Em 1937, o Japão invadiu a China antes da Segunda Guerra Mundial. Em 1941 ocupou Pearl Harbor no Havaí acarretando a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, foram travadas várias batalhas para conter os avanços dos japoneses nas ilhas como Iwo Jiwa, em 6 de agosto de 1945 foi lançada uma bomba atômica na cidade de Hiroshima e três dias depois em Nagasaki.

As maiores mudanças ocorridas na nação aconteceram pós Segunda Guerra, foi necessário abandonar o país estilo feudal para avançar na tecnologia, aliás a adoção do Toyotismo é uma das explicações para a rápida recuperação do país dos efeitos da guerra. Por isso foi caracterizada como uma grande mudança no aspecto econômico, político e cultural.

O Japão apesar de ter entrado em duas guerras mundiais, conseguiu uma grande posição econômica sendo conhecido pela alta tecnologia e produção de automóveis.

Inclusive na década de 90 chegou a ser a segunda maior economia mundial, porém foi ultrapassada pela China no ano de 2010.

Mesmo sendo o terceiro maior PIB mundial a economia japonesa em 2019 apresentou uma queda de 1,6% afetado pelo aumento do Imposto sobre o Valor Agregado (IVA). Infelizmente, com grandes indícios de antes da pandemia existir uma possível recessão no Japão.

Entre 1947 e 1980, o Japão foi o segundo país que mais cresceu no planeta, atrás apenas do Brasil. Hoje, o Japão é conhecido como a economia que não decola desde o terceiro trimestre de 2018, por isso, foi criado um termo para se referir a outros países que tem o mesmo padrão da economia japonesa, "japonização da economia".

Atualmente, o Japão tem 14.571 pessoas infectados e apenas 474 mortes numa população atual de 126,5 milhões de habitantes. Mesmo assim o governo japonês foi obrigado a cancelar os Jogos Olímpicos de Tóquio, a primeira vez depois da Segunda Guerra Mundial, por causa da pandemia mundial do coronavírus.

Em 7 de abril de 2020 o governo japonês declarou emergência pública em Tóquio e seis regiões do país devido ao coronavírus, esse estado de emergência é menos rigoroso na questão do isolamento como nos EUA e alguns países da Europa, é estimulado que o comércio feche e a população se mantenha em restrito confinamento, mas não existe nenhuma sanção que proíba as circulações nas ruas. E o Japão corre o risco de saturamento dos leitos do hospital caso o vírus continue atingindo os japoneses.

O Banco Central (BC) do Japão para manter o crédito funcionando no país prometeu a compra de títulos para manter os custos dos empréstimos, para o presidente do BC do Japão, Haruhiko Kuroda afirma "A crise atual pode ter um impacto negativo maior do que o choque do Lehman. O governo e o banco central obviamente precisam trabalhar juntos, particularmente em um momento como esse".

Diante do cenário sombrio e tumultuado, somente restará ao Governo japonês estimular a sua economia. O BC japonês irá comprar uma quantia generosa de títulos públicos com o objetivo de manter os juros a longo prazo numa taxa de 0%, como era

usualmente, além de informar que a inflação ficará em torno de 2% por mais de três anos, já que a meta do Governo do Japão será o forte combate à recessão.

6. A ARGENTINA NO CENÁRIO MUNDIAL

A Argentina é o segundo maior país da América do Sul, é conhecida mundialmente por sua extensão territorial, pela Cordilheira dos Andes e pela sua bela capital, Buenos Aires, umas das maiores cidades sul-americanas. Na sua rica história, a nação argentina apresenta vários casos de Golpe de Estado que foram primeiramente liderados pelo general José de Urquiza em 1852, tendo os Golpes Estatais o seu fim em 1982, após a rendição da Argentina na Guerra das Malvinas contra o Reino Unido.

Após a renúncia de Galtieri, no ano de 1983 foi convocada as eleições gerais, Raúl Alfonsín foi eleito presidente, todavia, um dos problemas econômicos para ser enfrentado pelo novo governante foi a hiperinflação. O presidente Alfonsín para resolver a grave situação econômica propôs algumas medidas severas tais como cortes no orçamento para diminuir o déficit fiscal e o Plano Austral, que consistia no congelamento de preços e de salários, além da troca da moeda nacional, o peso argentino, para o austral, cujo valor era cotado em dólar americano.

Na era Menem começou a ser implantado ajustes de uma economia neoliberal, paralelo a isso na política o governo de Carlos Menem passou a ter um regime externo submisso aos EUA, inclusive chegou a enviar um navio de guerra da marinha para participar da aliança internacional contra o Iraque na Guerra do Golfo em 1991. No mesmo ano, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram o Tratado de Assunção, que originou o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), um acordo de livre comércio entre os quatro países participantes.

Doravante o governo desenvolveu outro plano econômico e retornou a moeda peso argentino em substituição da austral e adotou o equilíbrio junto ao dólar norte-americano. Apesar dos planos argentinos apresentarem uma leve melhora na economia os fatores externos como as crises asiática (1997), russa (1998) e brasileira (1999) afetaram muito a economia do país. Em 2001, a Argentina sofreria sua pior crise econômica e o seu ponto

mais caótico foi a implantação do *corralito*, ou seja, congelava os depósitos em poupança e conta corrente e estabelecia limites semanais para retirada de dinheiro.

Desde 1950, a nação argentina passou 33% do tempo em recessão e de acordo com o Banco Mundial, está atrás apenas da República do Congo. A inflação está acima de 50% e o peso argentino está para se tornar pelo quarto ano consecutivo com o pior desempenho. Em 2019, o PIB retrocedeu em 3,1% e a explicação para esse resultado negativo é que o país está enfrentando uma crise econômica derivada por crescentes déficits e dívidas públicas, além da instabilidade política. Apesar de ser a terceira maior economia da América Latina, a depreciação da moeda, a fraca demanda interna e a incerteza do mercado tendem a tornar incertas as projeções econômicas para a Argentina no ano de 2020, em torno de uma nova recessão.

Entre os principais indicadores econômicos da Argentina entre 2017 e 2019, podemos destacar que o PIB caiu de US\$ 642,9 bilhões em 2017 para US\$ 445,4 em 2019. A taxa de crescimento do PIB argentino caiu de 2,7% em 2018 para -3,1% em 2019. O PIB per capita da Argentina retrocedeu de US\$ 14.588 em 2017 para US\$ 9.888 em 2019. Já a dívida pública cresceu de 57,1% do PIB em 2017 para 93,3% do PIB em 2019. Enquanto, a taxa de inflação subiu de 25,7% em 2017 para 54,4% em 2019. A taxa de desemprego aumentou de 8,4% da PEA em 2017 para 10,6% da PEA no ano de 2019 (*IMF – World Economic Outlook Database, 2020*).

Com o surgimento de uma pandemia ao nível global, para conter o avanço do COVID-19 é estimado que a Argentina termine o ano com um déficit primário de 3,1% e um recuo de 6,1% do seu PIB no ano de 2020 [VALOR ECONÔMICO, 2020], caso isso aconteça a Argentina acumulara três anos seguidos de recessão econômica, ou seja, à beira de uma depressão econômica.

Por outro lado os argentinos tem que comemorar o fato de que a contenção do avanço do maldito vírus está surtindo efeito, no dia 06 de maio de 2020, o número de casos por coronavírus no país chegava aos 264 de óbitos e 5.000 pessoas infectadas [UOL, 2020], isso deve se ao fato do presidente Alberto Fernández que no começo da pandemia

decretou isolamento social severo em abril e proibiu as empresas privadas de demitir os funcionários para evitar o desemprego em massa.

Na Argentina será possível realizar testes rápidos para detectar o novo coronavírus, SARS-CoV-2, logo, em breve, será possível abrir as indústrias, o comércio e proporcionar o retorno mais rápido, com muito mais segurança sanitária, dos turistas internacionais.

7. O BRASIL E UMA NOVA RECESSÃO ECONÔMICA

O Brasil ou oficialmente República Federativa do Brasil é o maior país da América do Sul e da América Latina, sendo o quinto maior em área territorial e o sexto maior na população no planeta. A nação brasileira é um resultado histórico de diversos projetos distintos, iniciando pela colonização portuguesa, o império no século XIX, uma constituição de um Estado-Nação e por fim o projeto de Brasil República que é mantido nos dias atuais.

Durante a Nova República que se deu após o término da Ditadura Militar, um dos maiores desafios econômicos enfrentados pelo governo foi a hiperinflação, sem mencionar a dívida externa que durante a ditadura cresceu 30 vezes. Para sanar a dívida pública de 8% do PIB era direcionado ao pagamento da dívida externa, a renda per capita ficava estagnada e a inflação crescia num ritmo alucinante. Por isso os economistas chamam a década de 80 de a “década perdida”, pois foram elaborados sucessivos planos econômicos para conter a inflação e retomar o crescimento econômico sem sucesso.

Entre 1984 e 1994 o Brasil teve várias moedas diferentes, Cruzeiro, Cruzado, Cruzado Novo, Cruzeiro, Cruzeiro Real e o Real. Essas mudanças nas moedas faziam parte de planos econômicos para conter a inflação, já que após a ditadura o país ficou extremamente desgastado com a dívida externa, e na época se tornou o maior devedor entre os países em desenvolvimento, outrora, os países do Terceiro Mundo.

Em 2011, o Brasil passou o Reino Unido e tornou-se o sexto país mais rico do mundo. No começo dos anos 2010, a crise bancária de 2008 e a recessão foram fatores determinantes para os países como o Reino Unido ficarem vulneráveis, o Brasil assim

como as outras nações da América do Sul aproveitarem o *boom* de exportações de *commodities* para expandir economicamente.

Desde o segundo semestre de 2014 que o país entrou em recessão com o passar dos anos até o final de 2016, o Brasil não conseguiu alcançar grandes resultados e o crescimento de 1,3% em 2018 e de 1,1% em 2019 manteve o país em nono lugar na economia mundial. A perspectiva dos economistas é que o país entre novamente em recessão em 2020.

A pandemia provocada pelo COVID-19 fará a economia brasileira ter um recuo de aproximadamente 5,2% neste ano de acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e 5,3% pela previsão do FMI. A América Latina sofrerá a pior crise social em décadas, com milhares de pessoas sofrendo com a fome e o desemprego [AGÊNCIA BRASIL, 2020].

Devido à demanda atual ocorre a escassez de álcool gel 70% e de máscaras cirúrgicas descartáveis nas cidades brasileiras como João Pessoa. O medo do coronavírus entre a população aumentou a procura pelos dois produtos nas farmácias e nos supermercados, mas as empresas não se anteciparam para suprir o elevado consumo das famílias. A propagação do mortífero COVID-19 fez o preço do álcool gel 70% e máscaras descartáveis cada vez mais caro nas prateleiras. Por exemplo, uma caixa com 100 unidades de máscaras descartáveis passou de R\$ 10 para R\$ 60 reais em cerca de três dias na capital paraibana. Infelizmente, no Brasil, segundo dados atualizados diariamente pela plataforma *Worldometers*, no último dia 08 de maio de 2020, aparece com mais de 125 mil casos confirmados e 8.500 mortes pelo novo coronavírus.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós estamos ingressando nas recessão das nações no ano de 2020. Com o mortífero COVID-19 se espalhando rapidamente pelos cinco continentes, muitas empresas estão encerrando as suas atividades econômicas, com isso, provocando o crescimento assustador do desemprego involuntário.

Além de que alguns países mencionados já possuíam entraves econômicos que foram piorados com o aparecimento da pandemia. Como o vírus se espalhou rapidamente foram necessárias várias medidas de confinamento como o *lockdown* e o isolamento social fazendo assim fábricas, hotéis, lojas, escritórios e shoppings centers fecharem suas portas e ocasionaram milhões de pessoas desempregadas pelo mundo.

Muitas coisas pelo mundo foram alteradas para se ter um controle da pandemia, um exemplo são os voos que no começo os países imporão restrições aos voos da China. Depois que a OMS declarou em 11 de março a pandemia, países como os EUA bloqueou todos as chegadas não essenciais para a União Europeia. Em comparação ao ano anterior o número do tráfego aéreo caiu em 63%.

Algumas empresas estão tentando se adaptar as novas formas de trabalho como o *home office* e aplicativos como o Skype, Zoom, Jitsi Meet e Webex viram seus números aumentarem e serem uma ferramenta essencial para os empregadores e empregados ultrapassarem as barreiras e conseguir manter contato.

Em suma, é esperado uma nova economia após a pandemia do COVID-19, e os agentes econômicos irão se adaptar aos novas formas de produção, de trabalho e de consumo que surgirão futuramente, além de novas sugestões para salvar mais vidas e recuperar a economia, como um estudo israelense que propõe 4 (quatro) dias úteis e 10 (dez) dias de quarentena.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Economia do Brasil encolherá 5,2% por causa de pandemia, prevê Cepal.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/economia-do-brasil-encolhera-52-por-causa-de-pandemia-preve-cepal>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

ECONÔMICO, VALOR. **Argentina prevê recuo de 6,5% no PIB de 2020, o maior desde 2002.** Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/05/05/argentina-preve-recuo-de-65percent-no-pib-de-2020-o-maior-desde-2002.ghtml>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

EL PAÍS. Itália detectou há um mês o primeiro contágio local da Covid-19. Agora vive a pior crise desde 1945. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-23/italia-detectou-ha-um-mes-o-primeiro-contagio-local-da-covid-19-agora-vive-a-pior-crise-desde-1945.html>. Acesso em 01 de maio de 2020.

EXAME. FMI está preocupado com impacto da desaceleração global sobre emergentes. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/fmi-esta-preocupado-com-impacto-da-desaceleracao-global-sobre-emergentes/>. Acesso em 02 de maio de 2020.

G1 ECONOMIA. Coronavírus: o impacto na economia chinesa, e por que isso é uma grande ameaça ao mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/22/coronavirus-o-impacto-na-economia-chinesa-e-por-que-isso-e-uma-grande-ameaca-ao-mundo.ghtml>. Acesso em 03 de maio de 2020.

OBSERVADOR. Cerca de 50 mil empresas de restauração em Itália em risco de fechar. Disponível em: <https://observador.pt/2020/04/20/cerca-de-50-mil-empresas-de-restauracao-em-italia-em-risco-de-fechar/>. Acesso em 02 de maio de 2020.

OBSERVADOR. Desemprego na Espanha atinge 14,4% devido à pandemia de coronavírus. Disponível em: <https://observador.pt/2020/04/20/cerca-de-50-mil-empresas-de-restauracao-em-italia-em-risco-de-fechar/>. Acesso em 01 de maio de 2020.

O GLOBO ECONOMIA. PIB do Brasil deve terminar a década como o 9º maior do mundo, atrás de Reino Unido, Itália e Índia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/pib-do-brasil-deve-terminar-decada-como-9-maior-do-mundo-atras-de-reino-unido-italia-india-24168816>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

ONU NEWS. Novo coronavírus deve causar perdas de US\$ 1 trilhão à economia mundial em 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706831>. Acesso em 01 de maio de 2020.

OMT. **Barómetro del Turismo Mundial**. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/wtobarometeresp.2020.18.1.1>. Acesso em 03 de maio de 2020.

SANTANDER. **Economia da Argentina**. Disponível em: <https://santandertrade.com/pt/portal/analise-os-mercados/argentina/economia>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

SANTANDER. **Economia da Espanha**. Disponível em: <https://santandertrade.com/pt/portal/analise-os-mercados/espanha/economia>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

UOL. **Argentina atinge marca de 5 mil casos do novo coronavírus**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/05/06/argentina-atinge-marca-de-5-mil-casos-do-novo-coronavirus.htm>. Acesso em 07 de maio de 2020.

UOL. **Lagarde vê BCE em modo de crise até ano que vem**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/04/30/lagarde-ve-bce-em-modo-de-crise-ate-ano-que-vem.htm>. Acesso em 02 de maio de 2020.

UOL. **Primeiro contágio pelo coronavírus teria acontecido em novembro, diz jornal**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/03/13/jornal-afirma-que-primeiro-contagio-da-covid-19-na-china-ocorreu-em-novembro.htm>. Acesso em 03 de maio de 2020.

WORLDOMETER. **Coronavirus**. Disponível em: https://www.worldometers.info/coronavirus/?utm_campaign=homeAdvegas1?%20. Acesso em 08 de maio de 2020.

A FALTA QUE O ENSINO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA FAZ NA VIDA ADULTA NUMA RECESSÃO

CABRAL, Mariana de Araújo¹⁰

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹¹

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 JUSTIFICATIVA

A vontade de escrever sobre o tema surgiu da junção de duas paixões da autora e do coautor, a educação e as finanças. Por meio também de troca de relatos com amigos endividados, de colegas de classe do Curso de Gestão Financeira no Centro Universitário UNIESP, no turno noturno, que muitas vezes se veem perdidos no mercado financeiro, sem saber como investir sua renda, e como melhorar sua relação com o dinheiro, e sobretudo, da busca do conhecimento nas aulas de Economia no UNIESP.

Fomos então em busca de informações, indicadores, números sobre o tema e descobrimos que já se faz obrigatório o ensino nas escolas, públicas e privadas, em todo o Brasil, ficando assim, curiosos sobre o material formulado para tal conteúdo, e se deparando com uma coleção de 9 (nove) volumes do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) de 2014, já disponível em PDF gratuitamente.

Surge então a necessidade de realizar uma pesquisa para apurar com dados primários e secundários como a utilização desse material pode ser útil na educação básica brasileira.

1.2 PROBLEMÁTICA

Diante da exposição surge um relevante questionamento: Como as pessoas que não tiveram acesso à Educação Financeira na escola se sentem prejudicadas na idade adulta em época de recessão?

¹⁰Aluna do Curso Tecnólogo em Gestão Financeira no UNIESP e graduanda em Psicopedagogia pela UFPB. E-mail: psicomarianacabral@gmail.com

¹¹Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

1.3 OBJETIVOS

Objetivo geral: Entender os impactos que a falta de Educação Financeira causa na vida das pessoas adultas no Brasil.

Objetivos específicos:

- (i) Aplicar questionário para obter respostas sobre a falta que a Educação Financeira faz no dia a dia;
- (ii) Compreender melhor como estão sendo tratados na vida adulta os assuntos trazidos no quinto e sexto ano do ensino fundamental;
- (iii) Analisar as maiores dificuldades das pessoas na área financeira.

1.4 METODOLOGIA

Formulação de questionário *online* com 20 (vinte) perguntas de múltipla escolha, com base no material do MEC, e 2 (duas) perguntas abertas na parte sociodemográfica. Aplicação por meio de redes sociais e análise dos dados coletados.

Dentre os métodos de procedimento que LAKATOS (2018, p.108) nos traz, vamos utilizar o comparativo, ao se comparar as respostas obtidas, e o estatístico com as análises de dados. Das técnicas de pesquisa que LAKATOS (2018, p.109) nos apresenta, escolhemos utilizar da observação direta extensiva ou seja, com a técnica de questionário. Segundo LAKATOS (2018, p.109), o questionário se constitui por perguntas a serem respondidas sem a presença do pesquisador.

A pesquisa vai delimitar o universo com pessoas de 16 (dezesesseis) à 59 (cinquenta e nove) anos de idade “enumerando suas características comuns, como por exemplo, sexo, faixa etária” (LAKATOS, 2018, p.110). Tendo sua seleção de amostra como as pessoas que entrarem em acesso por meio online ao questionário entre 25 a 29 de abril de 2020.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INFORMAÇÕES TRAZIDAS NOS LIVROS DIGITAIS

O primeiro livro do aluno da coleção Educação Financeira nas Escolas, do MEC, nos traz em sua apresentação a menção do Programa de Educação Financeira nas Escolas (PEFE), como sendo uma iniciativa da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que se

preocupa em ensinar não apenas a planejar sua vida financeira, mas viver no mundo de modo socioambiental responsável.

A ENEF foi instituída pelo Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, tendo o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC), como desencadeador da iniciativa.

O livro digital afirma ainda que, com a Educação Financeira formamos pessoas que controlam suas finanças, tendem a não se descontrolar com dívidas, evitam cair em fraudes e situações comprometedoras.

Nos traz informações valiosas de que houve o teste piloto com o ensino médio para em seguida entrar no ensino fundamental. Os livros incentivam a participação das famílias para o percurso trilhado por meio de atividades que incluem propostas diárias da família, para que não sirvam apenas como instrumento de aprendizagem dos filhos, mas também dos pais em seus próprios lares.

O livro eletrônico do professor nos traz duas justificativas para se iniciar o ensino da Educação Financeira no primeiro ano do ensino fundamental, sendo elas, a primeira, que avaliações feitas por outros países mostram que quanto mais cedo se começa, melhores são os resultados e a segunda sendo que pessoas educadas financeiramente, levam uma vida financeira mais saudável na vida adulta. Pois é mais fácil moldar hábitos saudáveis em crianças do que adolescentes e adultos já moldados, sobretudo em época de recessão.

Destacamos um conceito indicado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):

Um processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, a ser desenvolvido por meio de três vertentes – Informação, Formação e Orientação.

Porém nas escolas de educação básica se foca nas vertentes de informação e formação, por se entender que a orientação se destina aos adultos. Enquanto, a informação se entende como o uso de dados, fatos e conhecimentos específicos para auxiliar em escolher e compreender as consequências de suas escolhas. A formação, se entende como desenvolvimento de valores e competências para empreender em projetos individuais e sociais.

O projeto do MEC se baseia em duas dimensões, espacial e temporal, a primeira se divide entre individual, local, regional, nacional e global, enquanto a segunda em passado, presente e futuro.

A dimensão espacial da Educação Financeira se divide em quatro objetivos, sendo eles, formar para a cidadania; ensinar a consumir e poupar de modo ético, consciente e responsável; oferecer conceitos e ferramentas para a tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude e o último sendo, formar multiplicadores.

O primeiro, usa a Educação Financeira como um dos componentes para uma formação completa de cidadão. O segundo se traduz como o compromisso ético com a cidadania ao se preocupar em consumir e poupar de forma consciente e responsável, tendo um olhar sobre o outro e as consequências das suas próprias decisões.

O terceiro, se baseia, no intuito de que as pessoas tenham uma maior autonomia de suas escolhas, ao saberem lidar melhor com as armadilhas do mercado financeiro, com suas táticas de aproveitar da emoção em função da razão dos indivíduos. Já o quarto, se apoia, no trânsito de informações, por meio dos alunos que levam os conhecimentos para fora dos portões das escolas.

A dimensão temporal se divide em dois objetivos, sendo eles, ensinar a planejar a curto, médio e longo prazos e desenvolver a cultura da prevenção. Para uma melhor compreensão no decorrer do artigo vamos enumerá-los de quinto e sexto.

O quinto traz para os alunos o ensinamento de se ver o futuro e entender que o presente é parte dele, com planejamento e etapas de execução. Já o sexto nos traz, a ideia de que ao que se refere ao nosso cotidiano, a criança não precisa vivenciar para criar a base de alguns conceitos, como o salário, exemplo citado, de que a criança sabe que existe mesmo que não o compreenda.

Logo, o PEFE se baseia na transição do conhecimento social ao crescente sistematizado, tendo esse conceito como sua base para estar desde o primeiro ano do fundamental ao ensino médio, seguindo uma lógica que forma primeiro a base para após formar conhecimentos mais específicos sobre a vida financeira.

Os princípios pedagógicos trazidos no material fornecido pelo MEC, nos diz ser concebido com base em dois pilares, sendo eles, foco na aprendizagem e religação dos saberes. O foco na aprendizagem nos traz a noção de que o ensino tem que estar aliado à aprendizagem. De nada vale a aula se o aluno não aprende. É fundamental desenvolver o

uso de competências para serem avaliadas e dessa forma ter uma noção melhor do que realmente o aluno aprendeu e vai levar para a vida.

Foram elencadas 10 (dez) competências que estão relacionadas com os seis objetivos já citados anteriormente. São elas, debater direitos e deveres; participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis; distinguir desejos e necessidades de consumo e poupança no contexto do projeto de vida familiar; ler e interpretar textos simples do universo da Educação Financeira; ler criticamente textos publicitários; participar de decisões financeiras considerando necessidades reais; atuar como multiplicador; elaborar planejamento financeiro com ajuda; cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente; cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (Livro do Professor, CONEF, 2014).

Já, a religação dos saberes, se baseia na premissa de que a Educação Financeira deve transitar por todas as áreas, ao entender que deve ser dada pelo cidadão, podendo ser ministrada por qualquer professor, aproveitando-se de conteúdos existentes nas matérias por ser um tema tão presente em nosso dia a dia.

Durante os quatro primeiros anos, são trabalhados quatro eixos, que vão sendo abordados de forma diferenciada a cada ano. São eles, produção e consumo; organização; cuidados; e planejamento.

Já nos quatro anos seguintes, do quinto ao oitavo ano, a estratégia muda para histórias interativas, nas quais, os próprios alunos ativamente definem os rumos que ela pode tomar, através de escolhas de caminhos a seguir, sendo o quinto e sexto ano formado por narrativas de aventura-solo e o sétimo e oitavo com histórias que proporcionam dinâmicas com base nos textos. Enquanto no nono ano, os assuntos são abordados por intermédio de estrutura do mundo virtual.

Os conteúdos abordados nos livros possuem contribuições das disciplinas de português e matemática, tendo também participação de outras, mas essas duas como foco, com uma intenção de ajudar os estudantes a melhorarem a proficiência nessas duas matérias. Tendo-as como referências e ferramentas para exploração dos conhecimentos da vida financeira.

O programa proporciona aos alunos serem protagonistas de sua aprendizagem, sendo assim, os maiores responsáveis dela. “Os alunos hoje precisam de desafios, de

atividades as quais construam conhecimento, analisem, questionem e sintetizem as informações recebidas, criando uma ponte entre informações e sua realidade” (Campos, 2019, p.39).

O projeto do MEC incentiva ainda, atividades grupais, que ajudem os alunos a desenvolver sua autonomia, tendo o professor como um mediador do conhecimento, sabendo os momentos que deve intervir ou deixar que os discentes produzam por si próprios em sala de aula.

O livro nos traz ainda o ponto de vista de que o conhecimento se constrói por meio de debates produtivos, onde ocorre a troca de conhecimentos entre os alunos e professor, no qual, os educandos se fazem autores de sua aprendizagem.

A avaliação se baseia na autonomia dos estudantes, com experiências britânicas, se resolveu utilizar o critério da autoavaliação, comprovada com o projeto piloto como melhor forma de se medir a aprendizagem que os alunos adquirem sobre a Educação Financeira e que vão levar para o seu cotidiano. Assim, se abre para que os professores incentivem seus alunos a pensar e analisar como estão aprendendo os conhecimentos e comportamentos durante as aulas em época de recessão econômica no Brasil e no mundo.

2.2 O QUE SE ESTUDA DO PRIMEIRO AO QUARTO ANO ESPECIFICAMENTE

Os quatro eixos possuem três indagações que os guiam, sendo uma usada para dois. São elas: De onde vêm e para onde vão as coisas que uso?; como eu, as outras pessoas e a sociedade se organizam?; como se planeja e organiza um evento? (Livro do Professor, CONEF, 2014).

Com quatro conteúdos sociais sendo trabalhados por cada eixo temático, vamos listá-los a seguir:

Produção e consumo: Alimentos frescos (batata); alimentos industrializados (leite); brinquedos (bola); e dinheiro (cédulas) (Livro do Professor, CONEF, 2014).

Organização: da sala de aula; pessoal; das despesas da casa; da sociedade hoje e no passado (Livro do Professor, CONEF, 2014).

Cuidados: quem cuida dos animais (tartaruga); quem cuida da casa; quem cuida da escola; e quem cuida da cidade (Livro do Professor, CONEF, 2014).

Planejamento: festa dos brinquedos; festa do dia da criança; festa do dia do livro; e festa do dia do folclore (Livro do Professor, CONEF, 2014).

No primeiro conteúdo se estuda a trajetória dos produtos que consumimos, e como ocorre todo o processo, desde o setor primário ao terciário da economia. Incentivando também o posicionamento crítico sobre consumo e descarte consciente.

O Brasil alcançou um Produto Interno Bruto (PIB) nominal de 7,3 bilhões de reais no ano de 2019, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A disciplina de Educação Financeira, sendo uma realidade das crianças brasileiras, elas poderiam entender a composição do PIB brasileiro e o por quê o setor terciário é o líder correspondendo a 74% do total, em segundo lugar, com 21% o setor secundário e por último e terceiro lugar com apenas 5% do total, o setor primário.

Conteúdos trabalhados são:

Composição de preço, consumo ambientalmente responsável, estimativa, câmbio, impostos, produtos e serviços, negociação, o ter público e o ter privado, para onde vão os produtos consumidos/descarte, publicidade, querer e precisar, receitas e despesas, reconhecimento do dinheiro (CONEF, 2014, p.23).

O segundo remete à organização desde pessoal à da sociedade. Entendendo que a organização se faz uma importante atitude de uma vida financeiramente saudável.

Conteúdos trabalhados são:

Como as sociedades se organizam hoje e como se organizaram historicamente (comércio, processo de produção, escambo, trocas), história do dinheiro, consumo, desejos x necessidades, desperdício x bem-estar, doação solidária, orçamento, processos cíclicos (CONEF, 2014. p.24).

O objetivo do terceiro traz a reflexão de pensamento ao longo prazo, ao pensarmos no cuidado com os bens e espaços comuns.

Conteúdos trabalhados são:

Ciclos da vida (padrões da natureza, padrões comportamentais), consumo, estimativas, impostos e taxas, orçamento, posse, poupança, preservação, previdência, prevenção, propriedade (pública e privada), seguro, trabalho e renda, uso e manuseio do dinheiro, valor (CONEF, 2014, p.24).

Por último, o quarto possibilita que os educandos aprendam na prática o planejamento e execução de eventos, possibilitando que se compreenda os passos necessários para a realização de festas e outros que demandem planejamento.

Conteúdos trabalhados são: “dinheiro, doação solidária, estimativa, escolhas, negociação, orçamento, planejamento, sustentabilidade, utilidade, valor” (CONEF, 2014, p.24). A sustentabilidade é uma grande aliança entre a visão econômica, a visão social e a visão ambiental da atual geração sempre pensando como contribuir com a futura geração.

2.3 O QUE SE ESTUDA DO QUINTO AO NONO ANO ESPECIFICAMENTE

O livro do quinto ano, guia o tema principal como o cuidado com o meio ambiente, por meio dos 5 Rs, sendo eles: repensar; recusar; reduzir; reutilizar; e reciclar. A primeira história traz o reduzir, a segunda o reutilizar e a terceira reciclar, tendo repensar e recusar presente nas três histórias.

Já no sexto ano, o tema principal das histórias é ciência e tecnologia. Seguindo o mesmo esquema do quinto ano, nos traz três histórias de narrativa aventura-solo.

O livro do sétimo e oitavo ano, nos conduz uma nova forma de contar as histórias, nos trazendo textos bases para dinâmicas, trabalhadas em seis encontros propostos. No sétimo ano tendo como tema um evento esportivo e no oitavo ano o turismo.

No atual momento, o turismo brasileiro enfrenta seu pior momento com a recessão que está chegando. Os hotéis, restaurantes e pousadas vazios. Os guias turísticos e os agentes de viagens parados, com a diminuição brusca de busca pela opção de lazer.

Os encontros, no sétimo ano são divididos por conceitos sendo o primeiro, orçamento; o segundo, investimento, o terceiro, financiamento; o quarto, rodízio; o quinto, prevenção; e o sexto, empréstimo.

Enquanto no sétimo ano, é trabalhado um conceito por encontro, no oitavo podem aparecer mais, sendo eles: primeiro encontro, orçamento, investimento, negociação, financiamento; segundo encontro, quitando financiamento de itens; terceiro encontro, rodízio; quarto encontro, prevenção; quinto encontro, novo rodízio, empréstimo; e sexto encontro, tributos.

Os conceitos financeiros trabalhados são: empréstimo; estimativas; financiamento; financiamento versus empréstimo; investimento; juros; orçamento; patrimônio; poupança programada; risco; e relação risco e retorno (Livro do Professor, CONEF, 2014).

Já o livro do nono ano, foi escrito em forma de *website*, não tendo uma linha cronológica certa para seguir, traz seções com temas já trabalhados anteriormente. O livro

se divide em: reportagens; entrevistas; crônica; colunas; conto; fórum; experimente; e busca avançada.

Os conceitos abordados na segunda fase do ensino fundamental estão presentes em quase todos os livros, desse modo, vamos trazer todos juntos em um só tópico para ilustrar melhor, assim, como as armadilhas psicológicas citadas e atitudes mais adequadas para uma vida financeira mais saudável.

Conceitos abordados: consumismo; desperdícios; juros; obsolescência programada; obsolescência percebida; patrimônio; poupança programada; risco; relação risco versus retorno; sustentabilidade; estimativa; financiamentos versus empréstimos; juros; orçamento doméstico ou pessoal; patrimônio; relação risco e retorno de investimentos; seguros; sócio investidor; Código de Defesa do Consumidor (CDC); empreendedorismo; empreendedorismo por necessidade versus empreendedorismo por oportunidade; empreendedorismo social; empréstimo; orçamento; planejamento; e tributos (Livro do Professor, CONEF, 2014).

Armadilhas psicológicas: autoconfiança exagerada; aversão à perda, mas não necessariamente aos riscos; custos irrecuperáveis; falta de atenção aos pequenos valores; *framing* ou enquadramento; imediatismo; influência dos outros; ostentação; otimismo excessivo; viés de atribuição; percepção seletiva; avaliação subjetiva de valor e eventos passados; e contabilidade mental.

Questões atitudinais adequadas: autonomia; compreensão de noção de risco; controlar as despesas; definir o que é realmente importante; percepção financeira; planejamento de curto prazo; consumo criterioso; compreensão das consequências das ações; preço e valor; disciplina; e planejamento.

Com isso, terminamos a apresentação teórica da forma que se aborda e o que se estuda no ensino fundamental, quando se trata do material disponibilizado virtualmente pelo MEC para a aprendizagem de Educação Financeira nas escolas básicas nas cinco regiões do Brasil.

3. METODOLOGIA

3.1 A PESQUISA

Nossa coleta de dados foi obtida por meio de observação direta extensiva, com a técnica de questionário, que segundo Lakatos (2018), são perguntas respondidas sem a presença do pesquisador. Já que enviamos por meio de *link* um formulário do *google forms*.

Inserimos perguntas para saber questões sociodemográficas. Em seguida, partimos para a segunda parte que se tratou de dois tipos de pergunta. A primeira a qual se dava uma afirmativa e o entrevistado deveria responder o grau de realidade de discordância completa até concordância completa. Já a segunda, pedimos para que o entrevistado assinalasse aquelas que ocorriam com ele no momento atual de crise.

A pesquisa é de variáveis qualitativas e quantitativas. É uma pesquisa que foi coletada por uma amostra de 51 (cinquenta e um) entrevistados de 24 até 29 de abril de 2020.

A amostra foi de conveniência, tendo sido constituída por amigos, conhecidos, familiares, alunos e ex-alunos dos autores. Segundo Vieira (2011), esse tipo de amostra não-probabilística não invalida a pesquisa.

O universo está nas pessoas que se voluntariaram a responder o questionário aplicado. Vamos focar em analisar pessoas dos 16 aos 59 anos de idade.

Os instrumentos foram criados com base nos livros do MEC analisados no presente artigo, mais precisamente, os livros do quinto e sexto ano como norte para elaboração das 22 (vinte e duas) perguntas.

Vamos mostrar os dados com uso de gráficos, basicamente pizzas, para melhor ilustrar aos leitores os resultados obtidos.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi respondida por 51 (cinquenta e uma) pessoas. Delas, 47,1% do sexo masculino e 52,9% do feminino.

A maioria dos entrevistados, 35,3% do total tem idade entre 21 a 25 anos; em segundo lugar, 19,6% dos 16 a 20 anos, em terceiro lugar, 17,6% dos 26 a 30 anos, 7,8% 31 a 35 anos, 6% dos 46 a 50 anos, outros 6% dos 41 a 45 anos, 4% dos 36 a 40 anos, e apenas 2% dos 51 a 55 anos. Ressaltando que 1,7% do total foi um entrevistado com mais de 60 anos de idade.

A grande maioria dos entrevistados, 86,28% do total, são da Paraíba, 3,92% de Minas Gerais, 3,92% do Paraná, outros 3,92% do Rio de Janeiro e apenas 1,96% de Pernambuco.

Boa parte dos entrevistados *online* são solteiros, com 76,5% do total, 19,6% são casados. Apenas 3,9% são divorciados.

Já no quesito escolaridade, 53,0% têm ensino superior incompleto, 15,7% ensino médio completo, 13,7% ensino superior completo, outros 9,8% especialização e apenas 7,8% mestrado.

Em relação à profissão identificamos 20 entrevistados que se descreveram como apenas estudantes e outros 31 profissionais de diversas áreas, tendo alguns que se colocaram também como estudantes. Mas vamos dividir em quem se enquadrou apenas como estudante e quem se enquadrou com alguma outra profissão.

No quesito renda familiar temos 27,5% do total dos R\$ 2.501,00 até R\$ 5.000,00, e outros 27,5% dos R\$ 1.046,00 até R\$ 2.500,00, 13,7% dos R\$ 5.000,01 até R\$ 7.500,00, 7,8% com mais de R\$ 10.000,00 e 3,9% dos R\$ 7.501,00 até R\$ 10.000,00, além de destacar que apenas 19,6% do total ganham até um salário mínimo.

Passados os dados sociodemográficos, vamos para as respostas às indagações retiradas do material digital do MEC. Para a oitava questão, 72,6% foi positiva, enquanto 15,6% negativo. Tendo 11,8% como resposta de nem concorda nem discorda.

Meus hábitos de consumo são saudáveis para o meio ambiente, evitando desperdícios e tendo consciência de uso
51 respostas

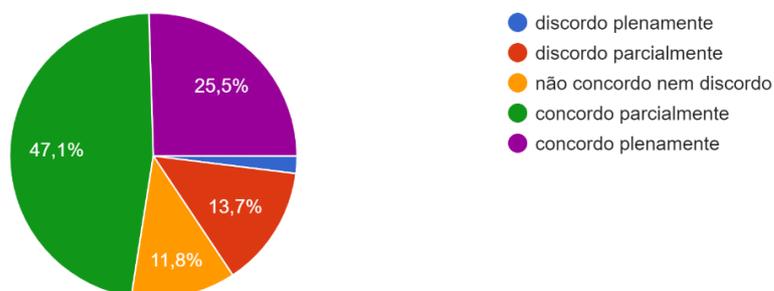


Gráfico 1. Hábitos de consumo consciente.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Já para a nona pergunta, indagamos sobre atitudes conscientes citadas no livro, com maior porcentagem foi deixar o chuveiro aberto enquanto passa sabonete, em segundo, costuma demorar muito no banho e esquecer de apagar as luzes empatadas, tendo em terceiro lugar costuma não aproveitar o verso de folhas como rascunho.

Na décima questão, 53% responderam positivamente enquanto 33,3% negativamente, e 13,7% de forma neutra.

Você costuma analisar e pedir as notas fiscais de suas compras
51 respostas



Gráfico 2. Notas fiscais.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Sobre ter critérios de compras, 82,4% concordaram, enquanto 11,7% discordaram. Tendo 5,9% neutros.

Você costuma ter critérios em suas compras
51 respostas

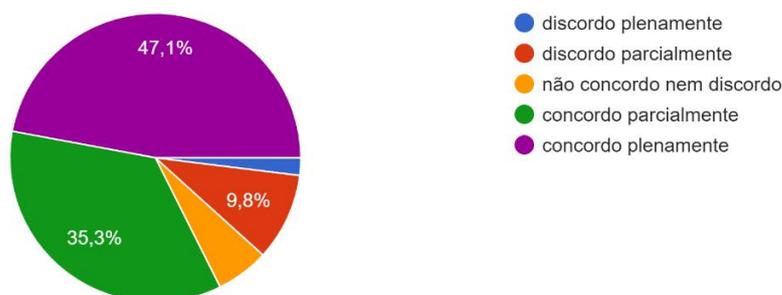


Gráfico 3. Critérios de compra.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Com a décima segunda pergunta, em disparado tivemos como maior resposta o hábito de fazer doação, enquanto vender para conseguir dinheiro como menos citada.

Reutilizar e repensar vêm como as mais citadas pelos entrevistados na décima terceira pergunta, seguidas por reduzir e reciclar, tendo como última opção mais escolhida o recusar. Sobre poupar para investir, temos 60,8% concordando com esse hábito, 27,4% discordando e 11,8% sem concordar ou discordar.

Você costuma poupar dinheiro para investir a curto, médio e longo prazo, tendo assim um planejamento de sua vida financeira

51 respostas

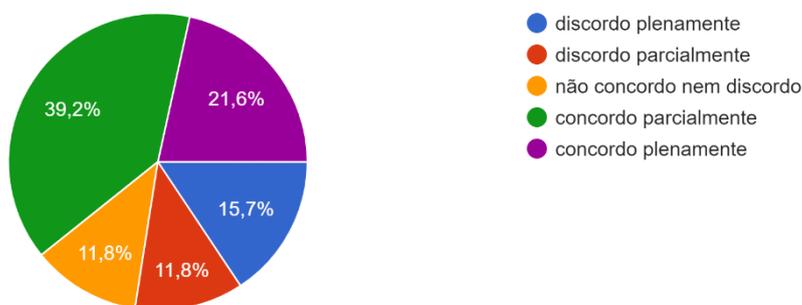


Gráfico 4. Costume de poupar para investir.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Nas duas questões sobre controle financeiro, na primeira temos 64,7% que dizem anotar suas receitas e despesas e 21,6% discordando desse fato e 13,7% sendo neutros nesse quesito.

Você costuma anotar suas receitas e despesas
51 respostas

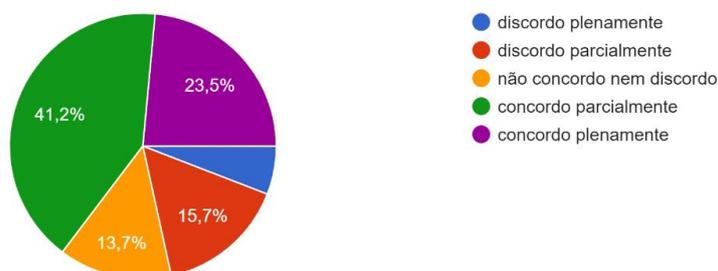


Gráfico 5. Costume de anotar receitas e despesas.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Na segunda, temos 60,8% concordando que analisam seus gastos, 19,6% discordando e 19,6% nem concordando ou discordando com a afirmativa apresentada.

Você costuma analisar seus gastos fixos e variáveis e saber o que pode ser cortado ou diminuído
51 respostas

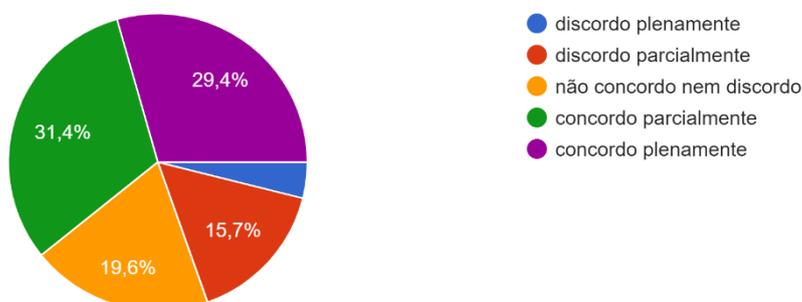


Gráfico 6. Costume de analisar gastos fixos e variáveis.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Identificamos que 86,3% dizem comparar preços antes de realizar compras enquanto 3,9% não comparando antes de comprar e 9,8% sem uma posição.

Você costuma fazer pesquisas e comparar valores e outras variáveis antes de comprar

51 respostas

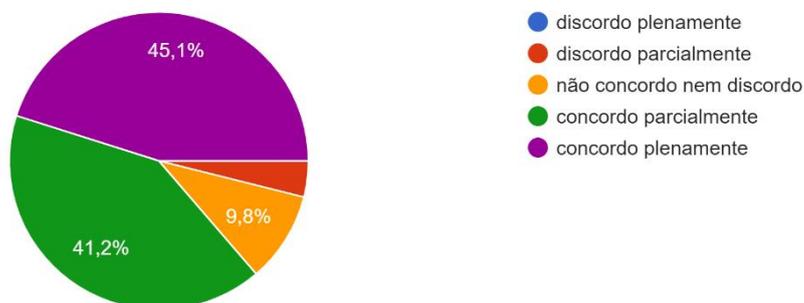


Gráfico 7. Costume de fazer pesquisas.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Com a décima nona pergunta temos 82,3% costumando ter metas e vivendo de acordo com elas, 13,7% sem uma posição formada sobre e 4% não costumando ter metas e viver de acordo com elas.

Você costuma ter metas e viver de acordo com elas

51 respostas

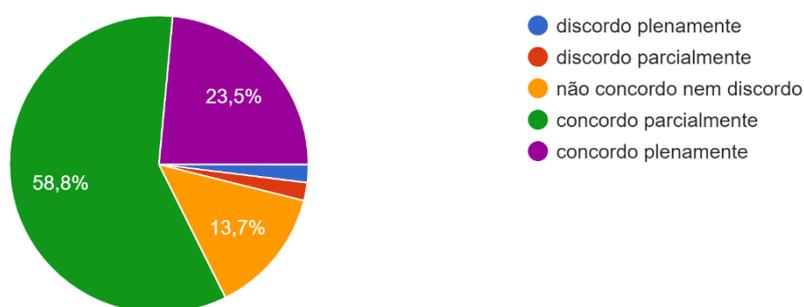


Gráfico 8. Costuma ter metas e viver de acordo com elas.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Em contra partida na próxima, temos 64,7% dizendo ter dificuldades para viver com a renda atual, 15,7% discordando da afirmativa apresentada e 19,6% neutros quanto à resposta.

Você sente dificuldades para viver com sua atual renda e despreparado para uma crise
51 respostas

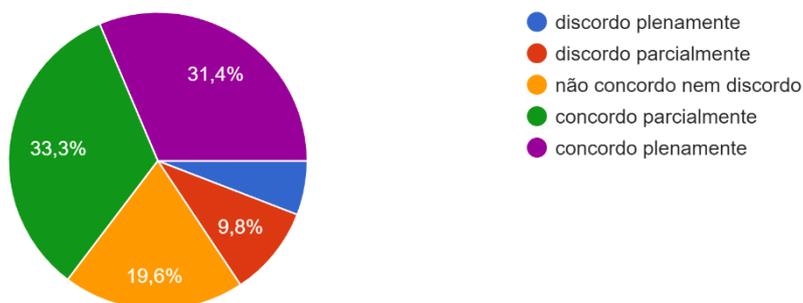


Gráfico 9. Sente dificuldades para viver.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Sobre o investimento na poupança, temos 45,2% negando investir fora dela e 35,2% afirmando investir fora e 19,6% não respondendo de forma negativo ou positiva à realidade proposta.

Você costuma investir fora da poupança
51 respostas

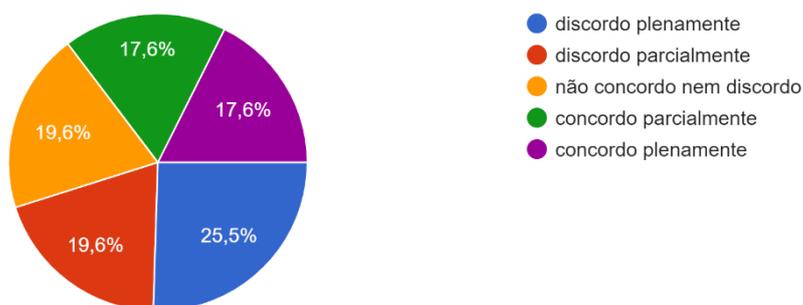


Gráfico 10. Costuma investir fora da poupança.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Na última pergunta, temos 62,8% concordando, 15,6% discordando e 21,6% nem concordando ou discordando.

Você costuma guardar o dinheiro para comprar à vista ao invés de pagar a prazo e pagar juros

51 respostas

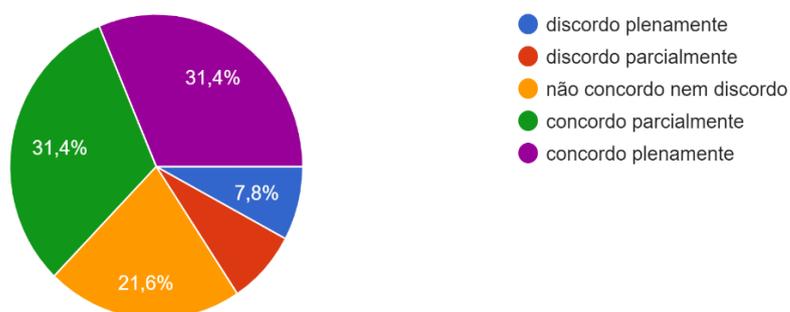


Gráfico 11. Costuma guardar dinheiro.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

Assim, finalizamos as análises gerais dos dados coletados por 51 pessoas entrevistadas via *online* em pleno isolamento social. Destacamos que essa pesquisa teve ainda um entrevistado com mais de 60 anos, saindo assim de nosso universo. O presente questionário não alcançou nossas expectativas em relação ao número de respostas obtidas, mesmo assim não deixamos de agradecer a todos que se propuseram a participar do estudo e contribuir com a ciência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa não obteve o alcance esperado em pleno isolamento social, tendo dito um quantitativo de respostas baixo. Mesmo assim pudemos ter resultados interessantes para serem discutidos e pensados por professores, educadores e alunos na área de Educação Financeira em todo o Brasil.

Os livros aqui abordados, nos contemplam com um material riquíssimo e lúdico para as crianças e jovens da educação básica. A pergunta que fica é: Por qual motivo não é utilizado e divulgado nas escolas?

A autora deste artigo é aluna do coautor e estagiária em uma escola de ensino fundamental e médio, e o único contato com Educação Financeira como disciplina no ano passado na referida escola só foi dado em uma turma de aula eletiva, na qual apenas os

alunos que a escolhessem seriam contemplados, com um material criado pelo próprio professor de Matemática.

O material existe, com as instruções e atividades pré elaboradas, então outra questão: Por que não usufruir deste material do MEC em sala de aula?

Podemos notar que assuntos básicos como economizar os bens escassos da natureza ainda não são tratados com o devido cuidado que merecem à beira de uma recessão econômica.

Na décima nona e vigésima perguntas, podemos notar uma contradição nas respostas, pois como mais de 80% diz viver de acordo com as metas de vida, mas quase 65% tendo dificuldades para viver com a renda atual e despreparado para uma crise como a que estamos vivendo. Em outras palavras, a falta de Educação Financeira.

Temos quase 50% investindo apenas na poupança e apenas 35% investindo fora dela. Ou seja, estamos preparando os brasileiros, para viver trabalhando para o dinheiro, ao invés de tê-lo trabalhando para nós.

Percebemos também que de quase 65% do total que anotam seus gastos, 4% não analisa suas anotações diárias, semanais ou mensais.

Enquanto não instaurarmos uma cultura de Educação Financeira desde a base de forma que todos tenham acesso, vamos continuar tendo brasileiros que investem perdendo dinheiro para a inflação baixa ou alta, que não conseguem enxergar a finitude dos recursos naturais ao usá-los de forma inconsequente.

A Educação Financeira deveria ser uma das bases do ensino brasileiro, para criarmos adultos mais conscientes e capazes de gerir seu dinheiro de forma a não ter as dívidas como uma preocupação.

Em suma, muitas perguntas a mais poderiam ter sido feitas no questionário, como a questão da reserva de emergência, se o entrevistado se encontra com dívidas. Mas essa primeira foi apenas uma introdução do que é abordado nos livros do governo, mais especificamente no quinto e sexto anos. Enfim, a Educação Financeira será um divisor de águas no quinto maior país e sexta nação mais populosa do mundo.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Ana Maria Antunes de. **Jogos matemáticos**: uma nova perspectiva para discalculia. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do aluno v. 1 / Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do professor v.1 / Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do aluno v.2 / Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do professor v.2 / Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do aluno v.3 / Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do professor v.3 / Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do aluno v.4 / Brasília: CONEF, 2014.

CONEF. **Educação Financeira nas escolas**: ensino fundamental: livro do professor v.4 / Brasília: CONEF, 2014.

ENEF. **Livros**: ensino fundamental. Disponível em:

<https://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-fundamental/>. Acesso em: 02 de março 2020.

ENEF. **Livros**: ensino médio. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>. Acesso em: 02 de março 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa/ pesquisa bibliográfica/ teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, 8ª. ed. [3. Reimp.] São Paulo: Atlas, 2018.

PINHEIRO, Gabriel. **Escolas vão ensinar Educação Financeira a crianças**: A obrigatoriedade foi estabelecida em 2017, mas começará a ser aplicada neste ano. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/02/02/internas_economia,824999/escolas-va-ensinar-educacao-financeira-a-criancas.shtml. Acesso em: 02 de março 2020.

VIEIRA, Sonia. **Introdução à Bioestatística**, 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ANEXO

Questionário *online* aplicado nos dias 25 a 29 de abril de 2020.

Pesquisa sobre Educação Financeira: Esse estudo tem o objetivo de buscar entender pontos trazidos pelo material do MEC sobre educação financeira que fazem falta em época de recessão, e tenta compreender quais são as maiores dificuldades na vida adulta das pessoas.

*Obrigatório!

1. Endereço de e-mail*:
2. Gênero*: Feminino (); Masculino ()
3. Idade*: 16 a 20 anos (); 21 a 25 anos (); 26 a 30 anos (); 31 a 35 anos (); 36 a 40 anos (); 41 a 45 anos (); 46 a 50 anos (); 51 a 55 anos (); 56 a 59 anos (); 60 anos ou mais ()
4. Estado*: _____
5. Estado Civil*: Solteiro (); Casado (); Divorciado (); Viúvo (); Outro _____
6. Escolaridade*: ensino fundamental incompleto (); ensino fundamental completo (); ensino médio incompleto (); ensino médio completo (); ensino superior incompleto (); ensino superior completo (); especialização (); mestrado (); doutorado ()
7. Profissão*: _____
8. Renda familiar*: até R\$ 1.045,00 (); de R\$ 1.046,00 até R\$ 2.500,00 (); de R\$ 2.501,00 até R\$ 5.000,00 (); de R\$ 5.001,00 até R\$ 7.500,00 (); de R\$ 7.501,00 até R\$ 10.000,00 (); mais de R\$ 10.000,00 ()
9. Meus hábitos de consumo são saudáveis para o meio ambiente, evitando desperdícios e tendo consciência de uso*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
10. Quais dessas atitudes você pratica?*:
Costuma deixar a torneira aberta enquanto escova os dentes (); costuma deixar o chuveiro aberto enquanto passa sabonete (); costuma demorar muito no banho (); costuma deixar a porta da geladeira aberta (); costuma esquecer de apagar as luzes ao sair do cômodo (); costuma não aproveitar o verso de folhas como rascunho (); costuma colocar comida demais no prato e jogar fora (); outro: _____

11. Você costuma analisar e pedir as notas fiscais de suas compras*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
12. Você costuma ter critérios em suas compras*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
13. Quais atitudes você costuma ter com roupas e objetos que não usa mais?*:
Reaproveitar (); deixar guardado em um canto (); fazer doação (); vender para conseguir dinheiro (); outro:____
14. Quais atitudes você costuma praticar?*:
Repensar (); recusar (); reduzir (); reutilizar (); reciclar ()
15. Você costuma poupar dinheiro para investir a curto, médio e longo prazo, tendo assim um planejamento de sua vida financeira*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
16. Você costuma anotar suas receitas e despesas*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
17. Você costuma analisar seus gastos fixos e variáveis e saber o que pode ser cortado ou diminuído*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
18. Você costuma fazer pesquisas e comparar valores e outras variáveis antes de comprar*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
19. Você costuma ter metas e viver de acordo com elas: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()
20. Você sente dificuldades para viver com sua atual renda e despreparado para uma crise*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()

21. Você costuma investir fora da poupança *: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()

22. Você costuma guardar o dinheiro para comprar à vista ao invés de pagar a prazo e pagar juros*: discordo plenamente (); discordo parcialmente (); não concordo nem discordo (); concordo parcialmente (); concordo plenamente ()

A RECESSÃO DAS NAÇÕES: APENAS OLHE PARA O LADO BOM DA ECONOMIA

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹²

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A recessão econômica será forte no mundo por causa do novo coronavírus. A economia brasileira com a taxa SELIC na mínima histórica, mas à beira de uma recessão econômica. O risco de recessão nas nações é uma grande oportunidade de escrever um breve artigo para contribuir para uma solução, mas com um olhar crítico sobre a crise econômica mais profunda dos últimos cinquenta anos no Brasil e no mundo.

As formas de recessão econômica são usadas pelos economistas estrangeiros e brasileiros para descrever diferentes tipos de recessões na economia de mercado. A recessão econômica pode ser em forma de cinco letras: V, U, W, L e I. As formas recebem letras da forma aproximada que os dados econômicos fazem nos gráficos durante as recessões, em sua duração, em seu agravamento.

A recessão econômica pode ser em forma de V, onde a economia sofre um período acentuado, mas breve, de declínio econômico, seguida por uma forte recuperação econômica. A forma em V é a forma normal da recessão, pois a força da recuperação econômica está tipicamente relacionada à severidade da recessão anterior.

Uma recessão econômica em forma de U é mais longa que uma recessão em forma de V e possui uma recuperação mais demorada do que a V. O PIB pode encolher por vários trimestres e retornar lentamente ao crescimento econômico.

A recessão em forma de W, também conhecida como recessão de duplo mergulho, a economia entra em recessão, recupera-se com um curto período de crescimento e depois volta à recessão econômica antes de finalmente se recuperar.

Uma recessão em forma de L ocorre quando uma economia sofre uma recessão grave e não volta ao crescimento econômico por longos dois anos. A queda acentuada ou

¹²Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

decrecimento é seguida por uma linha plana que forma o L, sem recuperação, mas em estagnação, ou semi-estagnação.

E finalmente, a letra I, que significa uma queda livre das atividades econômicas. A pior recessão de todas as possíveis na economia mundial. Ao completar três anos seguidos de queda do PIB a recessão em forma de I torna-se na nova fase cíclica da letra D, D de Depressão (*Depression*).

2. A ECONOMIA BRASILEIRA

A economia brasileira encontra-se à beira de uma recessão econômica e poderá sofrer uma retração de forma da letra V, um declínio econômico e seguido de uma breve recuperação econômica. A letra U significa mais tempo que uma recessão econômica em forma de V, com uma posterior recuperação. A letra W é a chamada de recessão de duplo mergulho. A primeira perna do W indica recessão, o Produto Interno Bruto (PIB) cai; a segunda, recuperação econômica; a terceira, teríamos queda bem forte do PIB. A quarta perna do W, indicaria um crescimento mais vigoroso da atividade econômica. Já a letra L é um mergulho que permanece baixo por um longo tempo, ou seja, a economia não se recuperar. Por último, a letra I, queda abrupta do PIB até 35 meses.

O Relatório FOCUS do Banco Central do Brasil (BACEN), no dia 17 de abril, projetava uma recessão econômica de 2,96% na economia brasileira no ano de 2020. Já o último Boletim FOCUS do BACEN, no dia 29 de maio de 2020, a previsão de uma retração de 6,25% em 2020.

O Banco Itaú estima que a recessão econômica no Brasil pode variar de 0,5% e 6,4% em 2020. O Brasil rumo a uma recessão técnica em 2020. Quando há dois trimestres seguidos (seis meses consecutivos) de retração do Produto Interno Bruto (PIB), uma nação entra na chamada recessão técnica.

Devido aos graves impactos do COVID-19 na economia brasileira em 2020, por exemplos, a colossal queda do fluxo turístico e o gigantesco freio no consumo de bens e serviços nos shoppings em todo o País, a minha estimativa mais pessimista é uma queda do PIB brasileiro entre 4,3% e 8,3% em 2020. Já o Banco Santander prevê uma recessão no Brasil de 2,2% em 2020.

Toda crise econômica é cíclica. A crise econômica tem início, apogeu e fim. Estamos no início, mas venceremos novamente. O Brasil nos últimos 130 anos sofreu com 20

(vinte) anos não consecutivos de recessão econômica. Vencemos todas as recessões anteriores desde 1890. No biênio 1892-1893 a queda do PIB brasileiro foi de 11,2% e 12,8%, respectivamente.

Venceremos a recessão que se aproxima a cada trimestre. Precisamos trabalhar muito para aumentar a produção de bens e para prestação de serviços de qualidade nas cinco regiões do Brasil.

É o trabalho produtivo que gera a riqueza de uma nação, disse Adam Smith no século XVIII. Concordamos com o pensamento econômico do economista escocês e defendemos mais liberdade econômica. Por isso, estimada leitora compre pães nas padarias, elas estão abertas no isolamento social. O padeiro acorda cedo e trabalha muito para produzir pães quentes e saborosos. Ele é um exemplo a ser seguido. Acorde cedo e trabalhe.

Prezado leitor compre cerveja nos supermercados, eles estão abertos no isolamento social. O cervejeiro acorda cedo e trabalha muito para produzir a melhor cerveja. Ele é outro exemplo que devemos nos espalhar. Acorde cedo e já pense na produção de bens ou na prestação de serviços com qualidade.

Queridos leitores e estimados leitoras compre carne nos açougues, eles estão abertos também no isolamento social. O açougueiro trabalha muito para oferecer aos seus atuais e futuros clientes, o melhor pedaço de carne. Ele é outro trabalhador a ser seguido pela dedicação ao trabalho.

3. A RECESSÃO ECONÔMICA NO BRASIL

Com a declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS), de 11 de março de 2020, que classificou o novo coronavírus como pandemia, a economia brasileira mudou com o início do isolamento social.

Toda crise econômica gera desemprego e oportunidade. Focamos nas oportunidades. Vamos olhar para o lado bom da economia. Por exemplos, o mercado de energia solar está cada dia mais aquecido nos lares brasileiros no objetivo de economizar na conta de energia elétrica mensal. O *delivery* acelerou no setor de restaurantes.

A China, os Estados Unidos, a Itália, a Espanha, a França, o Brasil, a Argentina, as nações devem unir forças para lutarem juntos contra o COVID-19 no ano de 2020.

Em tempos de novo coronavírus muitas empresas encerram suas atividades diante da crise econômica atual. Muitos trabalhadores ficaram desempregados. Os impactos da recessão sobre o mercado de trabalho serão grandes. A Fundação Getulio Vargas (FGV) prevê uma taxa de desemprego de 17,8% da População Economicamente Ativa (PEA) no ano de 2020.

Sim, há sempre um lado positivo na recessão econômica provocada pela pandemia do coronavírus. Por todo lado que se olhe no Brasil, olhe sempre pro lado bom da economia. Quando a taxa Selic caiu para 3,75% ao ano em 18 de março está indo bem para os investidores no agronegócio. Quando o dólar comercial subiu para R\$ 5,668 em 24 de abril está indo bem para os exportadores de alimentos.

Destacamos que no Brasil, segundo dados de 2018 do Relatório de Desenvolvimento Humano de 2019, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), os 10% mais ricos detêm quase 42% de toda a riqueza na economia brasileira. O 1% mais rico concentra mais de 28% de toda riqueza.

4. A RECESSÃO ECONÔMICA NAS NAÇÕES

Segundo a economista-chefe da consultoria financeira Grant Thornton, Diane Swork, “Esta é a recessão mais rápida, profunda e ampla que já vimos”. Nos Estados Unidos já são 22 milhões de desempregados nos 50 estados americanos.

As três prioridades do Fundo Monetário Internacional (FMI) são: (i) proteger vidas; (ii) proteger os meios de vida; e (iii) construir um plano de retomada. O FMI prevê uma recessão econômica na Itália (-9,1%), na Espanha (-8,0%), na França (-7,2%), na Alemanha (-7,0%), no Reino Unido (-6,5%), nos Estados Unidos (-5,9%), no Brasil (-5,3%) e no Japão (-5,2%) em 2020. Apenas dois países, ambos asiáticos, eles escapariam da recessão econômica mais forte dos últimos 90 anos, a Índia com crescimento econômico de 1,9% e a China com 1,2% no ano de 2020.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vamos vencer juntos o mortal COVID-19. Em seguida, vamos recuperar as economias mundial e brasileira. O divisor de águas será a descoberta da vacina contra o SARS-CoV-2.

Eu e você somos movidos pelo nosso próprio interesse na economia! Não desista! Não podemos parar! Trabalhe! Procure trabalho! Empreenda! Estude! Apenas olhe para o lado bom da economia, assim venceremos de novo.

Mesmo no caos econômico, precisamos de esperança de dias melhores. Superação! Vamos vencer a recessão! Precisamos informar e incentivar as pessoas a olhar o lado bom da economia. Esse é o melhor caminho.

Juntos somos mais forte! Pra frente Brasil! Pra frente Brasil, com fé em Deus e com máscara caseira no rosto, álcool em gel 70% nas mãos, juntos venceremos. Tudo passa! Tudo é ciclo na economia! Voltaremos melhores, mais solidários, mais humanos.

REFERÊNCIAS

BACEN. **Relatório FOCUS**. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/content/FOCUS/FOCUS/R20200417.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2020.

BACEN. **Relatório FOCUS**. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20200529.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

POR QUE TANTO DESEMPREGO NO MUNDO E NO BRASIL?

NUNES, Grazielle de Araújo¹³

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹⁴

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desemprego caracteriza-se como um dos maiores problemas do século XXI, ocorrendo não apenas em países emergentes como a Argentina e o Brasil, como também, nos países desenvolvidos como os Estados Unidos e a Itália, além de países pobres como o Afeganistão e o Zimbábue.

Esse fenômeno atinge sobretudo as famílias como um todo, contribuindo para o aumento de problemas como depressão, estresse, suicídio, além da diminuição da qualidade de vida, entre outros. Infelizmente, com o aumento assustador no desemprego, provoca direta e indiretamente, o crescimento da violência nas cinco regiões do País. O Brasil é o terceiro país com mais presidiários no planeta, segundo as estatísticas oficiais do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) no ano de 2018 (CONNECTAS, 2020).

Segundo o site G1 Economia (2020), o relatório realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), mostra que a estimativa mundial de pessoas desempregadas em 2020 será de 190,5 milhões. Nos últimos nove anos, o desemprego mundial cresceu e deverá crescer outra vez, devido à desaceleração do crescimento econômico, e sobretudo, a recessão das nações.

A globalização da economia é um dos importantes fatores que contribuem para o aumento da taxa de desemprego. Com o mercado mundial cada vez mais competitivo, globalizado e digital, as indústrias, lojas e escritórios independente se estão localizadas em países desenvolvidos ou não, se veem obrigadas em investir fortemente em tecnologia, cada vez mais aprimoradas e sofisticadas, para que desse modo possam garantir mais qualidade em seus produtos ou serviços.

¹³Administradora formada pela UNIESP. E-mail: grazieli@gmail.com

¹⁴Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

Tantos avanços tecnológicos não trazem apenas benefícios, mas alguns malefícios dentre eles, o desemprego tecnológico, em escala mundial. Por exemplo, em países desenvolvidos como o Japão, o uso de máquinas com alta tecnologia, cada vez mais em evolução colocam em risco milhões de empregos. Países emergentes como a China com seu avanço industrial robotizado, pode gerar uma grande exclusão de trabalhadores.

Com a constante evolução tecnológica em plena Quarta Revolução Industrial, as profissões com o passar do tempo estão passando por transformações, enquanto umas não mais existirão, outras terão que se adaptar as condições mercadológicas futuras.

Outro fator crucial é a crise econômica, com os períodos de escassez na produção, venda e consumo de produtos e serviços, tem por consequência a recessão (fase de retração na atividade econômica, por um período de tempo com queda nos níveis de produção) e a depressão (recessão mais prolongada cerca de três, quatro ou mais anos, se caracteriza por ser uma crise econômica mais profunda) ambas geram desemprego, queda na renda familiar, além de um forte impacto na economia como um todo.

Um novo fator está contribuindo fortemente para o aumento do índice de desemprego em todo o planeta, o surgimento do novo coronavírus denominado COVID-19. À medida que o SARS-CoV-2 continua a contaminar os habitantes vem atingindo de modo agressivo a vida da população e a economia de cada país. Os países veem adotando diversas medidas, sejam protetivas ou financeiras na tentativa de amenizar os impactos gerados pela pandemia do mortífero coronavírus, considerada uma das piores pandemias dos últimos anos, com enormes consequências sociais, econômicas e políticas.

O presente artigo tem como finalidade apresentar a situação de desemprego no mundo, como também, no Brasil, além das definições dos diferentes tipos de desemprego, juntamente com o impacto gerado pelo COVID-19 na economia. Este artigo é uma séria contribuição para reflexões críticas sobre os rumos da economia mundial e da economia brasileira, além de revelar os principais indicadores, dados e informações econômicas de vários países baseados em dados secundários de organismos nacionais e internacionais.

2. OS DIFERENTES TIPOS DE DESEMPREGO NA ECONOMIA

Existem quatro tipos de desemprego na economia, cada um é causado por diferentes motivos: desemprego friccional, desemprego estrutural, desemprego sazonal e desemprego cíclico.

O primeiro trata-se do desemprego friccional ou desemprego natural, recebe esse nome porque o mercado de trabalho age com atrito, não combinando trabalhadores com postos livres de trabalho, sua duração dependerá dos benefícios dados aos desempregados, como o seguro-desemprego (BRASIL ESCOLA, 2020).

Em seguida vem o desemprego estrutural, onde advém das mudanças estruturais na economia, como por exemplos, mudanças nos padrões de demanda por parte dos consumidores, mudanças nas tecnologias referentes a produção (BRASIL ESCOLA, 2020).

Logo após temos o desemprego sazonal, esse tipo ocorre em função da sazonalidade de alguns tipos de atividades econômicas. Como por exemplo, o turismo, onde ocorre variações na demanda de trabalho em diferentes épocas do ano, em datas festivas como Natal, Réveillon e Carnaval, logo a demanda nessa área tende a aumentar em grande escala. Já em época de chuvas fortes em cidades litorâneas tende a uma forte queda no fluxo turístico, provocando o desemprego na cadeia produtiva do turismo.

O último tipo trata-se do desemprego cíclico ou desemprego conjuntural, muito temido, que tem atingido a Europa e os Estados Unidos. As últimas crises econômicas provocaram a retração no Produto Interno Bruto (PIB), ocasionando mais pessoas desempregadas. Fazendo com que as empresas tenham de despedir seus funcionários para que desse modo possam cortar gastos e evitar a falência a curto prazo.

3. CENÁRIO ECONÔMICO MUNDIAL

Com a pandemia do novo coronavírus o cenário econômico mundial vive em incertezas em relação a real dimensão do desemprego e de falências das empresas, em escala global. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o planeta levará anos para se restaurar do impacto causado pelo COVID-19.

Em entrevista para BBC NEWS (2020), o secretário-geral da OCDE, Angel Gurría citou que o choque econômico causado pelo vírus já ultrapassou o da crise financeira de 2001 após os atentados de 11 de setembro ou a crise de 2008. Gurría prevê que as grandes economias mundiais nos próximos meses entrarão em recessão, com isso sofrerão queda econômica por pelos menos dois trimestres seguidos. Para a entidade os Governos devem priorizar e aumentar os gastos nos diagnósticos e nos tratamentos dos infectados. Em outras palavras, primeiro cuida da saúde, em seguida, recupera a economia do país.

Os governos mundiais tentam amenizar o gigantesco impacto econômico tomando medidas que ajudam trabalhadores e empresários durante este momento tão delicado e tão caótico. No início do mês de março a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) prevê que essa nova doença poderá custar a economia mundial cerca de US\$ 2 trilhões, convertendo para o real, cerca de 11,6 trilhões de reais (a taxa de câmbio do dólar comercial alcançou R\$ 5,82 em 15 de maio de 2020).

O impacto econômico varia de país para país, de acordo com as medidas e ações diferenciadas para erradicar o mortal vírus. A Espanha e a Itália, dois países europeus, que mais sofrem com a pandemia, foram os primeiros a tomarem a medida de confinamento, com ruas e estabelecimentos vazios na esperança de conter maiores contaminações. Já no Reino Unido uma de suas medidas tomadas foi o de responsabilizar o Governo pelo pagamento de parte dos salários dos trabalhadores impossibilitados de exercer suas funções devido a pandemia.

Na China as quedas na produção industrial, no consumo e nos investimentos dos ativos fixos, são reflexos das medidas realizadas pelo Governo para conter a propagação do mortífero vírus no país, após o feriado do ano novo chinês, por várias semanas, as fábricas e lojas foram fechadas, atingindo desse modo fortemente a economia chinesa. Porém o Governo chinês está otimista, para ele as consequências econômicas do país são controláveis e serão de curto prazo. O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê uma taxa de crescimento do PIB chinês de 1,2% no ano de 2020.

Guy Ryder (2020), o atual diretor-geral da OIT, em reunião extraordinária com ministros do Grupo dos Vinte (G20), no dia 23 de abril, se comprometeu junto aos demais sustentar uma cooperação global completa, com o objetivo de salvar o emprego e as rendas das pessoas, devido à situação atual provocada pela pandemia do COVID-19, das seguintes formas: promovendo o emprego, fortalecendo a proteção social, estabilizando as relações trabalhistas e por fim, promovendo os princípios e direitos básicos no trabalho.

Nestes tempos de isolamento social para a prevenção do COVID-29, o trabalho em casa aumentou consideravelmente no planeta. Muitos trabalhadores estão utilizando o seu computador, notebook, celular, tablet ou smartphone conectado à internet para poder exercer suas atividades laborais pelo famoso *home office*.

Infelizmente, a taxa de desemprego nos Estados Unidos da América (EUA) subiu de 3,5% da PEA em fevereiro de 2020 para 14,7% em abril, a pior taxa de desemprego dos últimos 87 anos. Momentos difíceis na economia e na saúde nos EUA. Infelizmente, os EUA é o país com mais pessoas infectadas pelo COVID-19 no planeta e o maior número de mortes no mundo, com 1.484.086 casos e 88.499 mortes, respectivamente (*Worldometers*, 15.05.2020).

4. CENÁRIO ECONÔMICO BRASILEIRO

No Brasil a taxa de desemprego subiu para 12, 2% no trimestre concluído no mês de março de 2020, alcançando cerca de 12,9 milhões de pessoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados mostram que a taxa de desemprego vem aumentando antes mesmo do início das medidas protetivas no país, como por exemplo, o isolamento social.

De acordo com o IBGE (2020), a causa do aumento do desemprego brasileiro no fim desse trimestre, foi devido à queda na construção civil, esse setor não conseguiu manter o movimento de recuperação que havia tendo no final de 2019; já no setor da administração pública, devido ao seu alto índice de sazonalidade, provocados pelos contratos temporários; e por fim, o setor de serviços domésticos, como início do ano muitas famílias viajam nas férias, acabam dispensando esse tipo de serviço tão relevante na atualidade para limpeza do lar no combate ao COVID-19, por vários motivos, um deles a falta de transporte público.

Segundo o site oficial da *Worldometers*, em 15 de maio de 2020, o Brasil encontrava-se em sexto lugar no número de casos do COVID-19 no mundo, com 218.223 casos confirmados no País, atrás apenas dos EUA, Espanha, Rússia, Reino Unido e Itália, após saída de dois ministros da Saúde no Governo Federal nas últimas duas semanas.

Muitos economistas, administradores e sociólogos acreditam que a pandemia do COVID-19 aumentará a já elevada taxa de desemprego nas cinco regiões do Brasil. Para diminuir o impacto na economia brasileira, uma série de medidas foram tomadas pelo Governo Federal, cuja previsão é injetar cerca de R\$ 150 bilhões em três meses. Uma política fiscal expansionista será necessária para combater o desemprego em massa a curto prazo. Não há vagas, prejudicando o crescimento econômico em todo o país!

Parte dessas medidas tem como objetivo ajudar a população mais vulnerável, através de auxílios, são eles: (i) auxílio emergencial para informais no valor de R\$ 600,00 com duração de três meses; (ii) ampliação do Bolsa Família; (iii) o programa antidesemprego, onde se trata da redução proporcional de salários juntamente com a jornada de trabalho; e por fim (iv) as transferências do Programa de Integração Social (PIS) e do Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP) para o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

4.1 SEGURO-DESEMPREGO NO BRASIL EM 2020

Com o objetivo de conter um maior impacto na economia brasileira, causado pela nova pandemia, o Governo Federal recentemente publicou uma nova medida provisória, num país de mais de mil leis federais, onde permite que as empresas suspendam os contratos de trabalho e reduzam de modo proposital a jornada de trabalho, como também, os salários de seus funcionários.

Durante este momento o trabalhador terá direito de receber um benefício emergencial do governo, calculado com base nas atuais regras do seguro-desemprego. O Governo Federal alerta que caso o trabalhador durante a redução de salário, da jornada ou a suspensão do contrato, for demitido sem justa causa, futuramente o mesmo terá direito ao seguro-desemprego sem descontos. Essa ajuda dada pelo governo é chamada de Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda.

O valor do benefício será calculado conforme a média salarial dos três meses anteriores à demissão, porém esse valor da parcela não poderá ser menor ao valor do salário mínimo, que é atualmente de R\$ 1.045. Dependendo do tempo trabalhado, o funcionário recebe entre 3 a 5 parcelas do seguro. Para poder ter acesso ao seguro pela primeira vez, o trabalhador precisará ter exercido sua função pelo menos no período de 12 meses, com a carteira assinada no regime CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Na segunda solicitação será necessário que o mesmo tenha trabalhado por 9 meses, já na terceira no mínimo 6 meses de trabalho formal.

Trabalhadores que atuaram em regime CLT e foram dispensados sem justa causa, os que tiveram o contrato suspenso, devido a participação em programas de qualificação oferecidos pelo empregador, trabalhadores retirados de condições semelhantes à de escravo e em casos de dispensas indiretas, onde ocorre grave falha do empregador para

com o seu empregado, acarretando o rompimento do vínculo por parte do funcionário, em todos esses casos citados, o trabalhador terá direito ao seguro-desemprego.

Referente a compensação para funcionários que tiverem os contratos suspensos, a nova medida provisória nº 936 de 01 de abril de 2020, ela autoriza a suspensão em até 60 dias, logo, os trabalhadores serão compensados em até 100% da parcela mensal do seguro-desemprego pelo Governo Federal. O trabalhador terá uma garantia provisória em seu emprego durante o período de suspensão e depois o restabelecimento da jornada por um período semelhante ao da suspensão do contrato.

Em relação a compensação para quem tiver a jornada de trabalho reduzida, essa redução pode ser de 25% ou de 50% ou até mesmo de 70%. Durante um prazo de 3 meses. Para trabalhadores que ganham até um salário mínimo, o Governo Federal complementarará o salário até o valor integral. Já para os que recebem acima de um salário mínimo, esse benefício será calculado de acordo com o valor mensal do seguro-desemprego, que os funcionários teriam direito se fossem demitidos sem justa causa.

Se o funcionário teve sua jornada reduzida em 50% por parte da empresa por exemplo, o mesmo irá receber 50% do valor da parcela que significaria o seu seguro-desemprego. O mesmo vale para as jornadas reduzidas em 25% e 70%. O seguro-desemprego pode ser solicitado através de duas formas virtuais, ou pelo aplicativo da Carteira de Trabalho Digital ou pelo portal do Governo Federal. Ressaltamos que os postos fixos estão fechados em todo o País, devido ao decreto de isolamento social por parte dos governos estaduais e municipais.

5. O TURISMO É O SETOR QUE MAIS SOFRERÁ COM O DESEMPREGO MUNDIAL

Com a pandemia do COVID-19, o setor de turismo foi o mais afetado em todo o mundo. Com o objetivo de evitar maiores números de infectados, principalmente, devido a grandes aglomerações de pessoas, a quarentena, o isolamento social e o *lockdown* (confinamento), se tornou uma das formas mais importante de evitar mais contaminações. Ao redor do mundo, hotéis, pousadas, restaurantes, bares, casas de câmbio ou até mesmo os shoppings centers, sofreram uma grande queda no número de seus consumidores, devido ao fluxo de turistas ter cessado bruscamente.

No Reino Unido foi dada a ordem no início da pandemia do COVID-19 para que todos possam ficar em casa (*stay home*), sair de casa apenas se for caso de elevada

importância, evitando aglomerações, devido à rigidez, os pontos turísticos famosos na Inglaterra acabaram ficando vazios, o Palácio de Buckingham é um exemplo de um deles. A Arábia Saudita suspendeu de modo temporário a entrada de muçulmanos estrangeiros no santuário islâmico de Meca, responsável por atrair milhares de fiéis diariamente, interrompendo desse modo suas peregrinações.

O Taj Mahal principal ponto turístico da milenar Índia foi fechado, devido ao país ter decretado isolamento social. Na França o governo decidiu cancelar qualquer evento com mais de cinco mil pessoas em lugares fechados. Já em Nova York, epicentro da doença nos Estados Unidos, devido ao decreto de isolamento social um de seus mais queridos e famosos pontos de visitação a *Times Square* ficou vazia. A Disney o maior parque temático do planeta, fechou todos seus parques espalhados pelo mundo.

A Grécia tem recebido um baixíssimo número de turistas, devido a proibição do Governo, onde os mesmos estão proibidos de entrarem na UE para viagens que não sejam urgentes. Na Austrália ocorrendo a restrição da chegada de turistas ao país, enquanto na Tailândia, um dos países que recebem maior número de turistas chineses ao longo do ano, tem que conviver com suas ruas antes lotadas de pessoas agora totalmente vazias.

A China país do surgimento do COVID-19, restringiu viagens para fora de seu território, além do aumento no controle referente as suas fronteiras, afetando deste modo, não apenas o turismo e conseqüentemente, a economia do país, mas também de outros países ao redor do mundo. Em 2018, cerca de 163 milhões de chineses viajaram para outros países, totalizando 30% de vendas no varejo. Segundo estudiosos, o COVID-19 trará um impacto maior do que o causado pela síndrome aguda grave (SARS), outra espécie de vírus advindo também da República Popular da China no ano de 2002 a 2003.

Já no Brasil a medida de isolamento social se iniciou em alguns lugares do país ainda no mês de abril, aglomerações de pessoas em lugares como por exemplos, igrejas, estádios de futebol, escolas, universidades, shoppings centers, foram fechados ao público, prejudicando a cadeia produtiva do turismo nacional.

A Organização Mundial do Turismo (OMT), localizada em Madri, na Espanha, estimou um retrocesso entre 20 e 30% do turismo mundial em 2020 comparando com os resultados obtidos no ano de 2019. Espera-se que a pandemia do COVID-19 provoque perdas equivalentes ao crescimento gerado no turismo entre os cinco a sete anos

anteriores. Ainda de acordo com a OMT cerca de 96% dos destinos de férias ao redor do mundo, foram prejudicados devido as restrições das viagens.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desemprego é um fenômeno temido no mundo e no Brasil, independente se são em países desenvolvidos, emergentes ou pobres, ele atinge a economia, o desenvolvimento social e a qualidade de vida das nações como um todo.

Vários fatores contribuem para o aumento do desemprego, dentre eles como foi apontado, estão a globalização da economia, a crise econômica e o atual COVID-19, atingindo fortemente a saúde da população e sua economia, provocando o aumento da taxa de desemprego em vários países.

Ao contrário do que muitos pensam, existe diferentes tipos de desemprego, onde irão ocorrer de acordo com a situação mercadológica de trabalho, consequência de como estar a economia naquele determinado país. Com a pandemia o cenário econômico terá um forte abalo, no momento de incertezas quanto como ficará a situação econômica mundial, especialistas na área preveem que o mundo levará anos para se recuperar economicamente, além de sofrer muito com o crescimento do desemprego cíclico.

No Brasil, a taxa de desemprego tende a aumentar, uma das consequências do COVID-19, na tentativa de amenizar os impactos econômicos no País, o Governo Federal tomou algumas medidas, uma das mais importantes foi a medida provisória referente ao seguro-desemprego, porém é incerto no momento identificar até onde elas serão eficazes, principalmente no que se trata do futuro da economia brasileira.

O setor mais atingido em grande escala pelos efeitos da pandemia foi o turismo, consequentemente o maior número de desempregados no mundo, devido as medidas de prevenção e isolamento social, obrigando fechar as portas dos empreendimentos turísticos e cancelamento de viagens internacionais e nacionais, diminuindo drasticamente o número de turistas brasileiros e estrangeiros.

Em suma, este momento tão caótico, infelizmente, entrará para a história da economia mundial de modo negativo, o desemprego alto causado pela pandemia do COVID-19. Todavia, os governos estão esperançosos que conseguirão evitar mais pessoas desempregadas e que futuramente aos poucos poderão recuperar a economia gradualmente, diminuindo assim as taxas de desemprego no mundo e no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Medida Provisória Nº 936**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm. Acesso em 07 de maio de 2020.

BRASIL ESCOLA. **Diferentes tipos de desemprego**. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/diferentes-tipos-desemprego.htm>. Acesso em 28 de abril de 2020.

BBC NEWS. **Coronavírus**: Economia global vai sofrer anos até se recuperar do impacto da pandemia, afirma OCDE. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52002332>. Acesso em 28 de abril de 2020.

BBC NEWS. **Coronavírus**: O impacto na economia chinês, e por que isso é uma grande ameaça ao mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51938759>. Acesso em 28 de abril de 2020.

CONNECTAS. **Brasil se mantém como 3º país com maior população carcerária do mundo**. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/brasil-se-mantem-como-3o-pais-com-a-maior-populacao-carceraria-do-mundo>. Acesso em 15 de maio de 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Estudo aponta que pandemia pode até dobrar o desemprego**. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/estudo-aponta-que-pandemia-pode-ate-dobrar-o-desemprego.shtml>. Acesso em 28 de abril de 2020.

G1 BEM ESTAR. **Veja como famosos pontos turísticos ou de grande circulação pelo mundo foram afetados pela coronavírus**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/07/veja-como-famosos-pontos-turisticos-ou-de-grande-circulacao-pelo-mundo-foram-afetados-pelo-coronavirus.ghtml>. Acesso em 03 de abril de 2020.

G1 ECONOMIA. **Número de desempregados no mundo deve alcançar 190,5 milhões neste ano, diz OIT**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/01/20/numero-de-desempregados-no-mundo-deve-alcancar-1905-milhoes-neste-ano-diz-oit.ghtml>. Acesso em 28 de abril de 2020.

G1 ECONOMIA. **Desemprego sobe para 12,2% no 1º trimestre e atinge 12,9 milhões.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/30/desemprego-sobe-para-122percent-em-marco-e-atinge-129-milhoes.ghtml>. Acesso em 01 de maio de 2020.

G1 ECONOMIA. **Seguro-desemprego, posso perder o direito o que muda com a nova MP.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/02/seguro-desemprego-possou-perder-o-direito-o-que-muda-com-a-nova-mp.ghtml>. Acesso em 03 de abril de 2020.

G1 TURISMO E VIAGEM. **ONU prevê retrocesso de 20 a 30% do turismo internacional por pandemia.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/google/amp/turismo-e-viagem/noticia/2020q03/27/onu-preve-retrocesso-de-20-a-30-do-turismo-internacional-por-pandemia.ghtml>. Acesso em 03 de abril de 2020.

G1 TURISMO E VIAGEM. **Setor de turismo convive com a incerteza em meio a pandemia.** Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/04/29/setor-de-turismo-convive-com-a-incerteza-em-meio-a-pandemia.ghtml>. Acesso em 03 de abril de 2020.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Desemprego, um problema mundial.** Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/desemprego-um-problema-mundial.htm>. Acesso em 28 de abril de 2020.

ONU. **Ação global para superar crise é crucial para evitar desastre no emprego, diz OIT a ministros do G20.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao-global-para-superar-crise-e-crucial-para-evitar-desastre-no-emprego-diz-oit-a-ministros-do-g20/>.

Acesso em 28 de abril de 2020.

ONU. **Ação global para superar crise é crucial para evitar desastre no emprego, diz OIT a ministros do G20.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao-global-para-superar-crise-e-crucial-para-evitar-desastre-no-emprego-diz-oit-a-ministros-do-g20/>.

Acesso em 28 de abril de 2020.

R7 NOTÍCIA. **Mundo em quarentena, famosos pontos turísticos estão vazios.**

Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/fotos/o-mundo-em-quarentena-famosos-pontos-turisticos-estao-vazios-24032020#!/foto/16>. Acesso em 03 de abril de 2020.

UOL ECONOMIA. **Setor de turismo global se prepara para impacto pior do que SARS.** Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2020/01/31/setor-de-turismo-global-se-prepara-para-impacto-pior-do-que-sars.htm>. Acesso em 03 de abril de 2020.

WORLDMETERS. **Coronavirus**. Disponível em:

https://www.worldometers.info/coronavirus/?utm_campaign=homeAdvegas1?%20#countries. Acesso em 15 de maio de 2020.

OS CENÁRIOS NACIONAL E INTERNACIONAL COM O COVID-19 EM 2020

CARNIATO, Alexandre Saraiva¹⁵

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹⁶

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O cenário de pandemia do COVID-19 no mundo em 2020 tem apresentado impactos profundos na saúde em vários países, chegando a colapsar os sistemas hospitalar e de saúde na Itália, nos Estados Unidos da América (EUA) e no Equador. Em Guayaquil os cadáveres foram jogados, literalmente abandonados na ruas da principal cidade comercial do Equador. Saindo um pouco do prisma da saúde, o presente artigo vem apresentar questões tão importantes quanto as citadas acima.

Os impactos econômicos provenientes da pandemia do novo coronavírus, ainda se mostram silenciosos, entretanto iminente, como uma segunda grande onda que projeta-se em todos os continentes, com reflexos muitas vezes difíceis de prever.

Diante da elevada relevância do tema e seus impactos diretos na população mundial, fez-se necessário a elaboração desse artigo que busca traçar um norte dos danos que estão por vir nos cenários nacional e internacional com o COVID-19 em 2020.

Estamos vivendo um momento ímpar, jamais visto na humanidade, onde diversos países adotaram medidas defensivas extremas, com a finalidade de conter a propagação do mortal COVID-19. A estratégia de combate amplamente defendida por várias nações, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) foi o *lockdown* (confinamento) que inviabiliza a locomoção da sociedade bem como toda cadeia econômica dos países que adotam a severa medida de bloqueio total.

O artigo em questão não tem como finalidade debater a eficácia da estratégia da OMS e sim apresentar os danos nas economias brasileira e mundial provocados em virtude da tática utilizada com objetivo de conter a propagação da pandemia do mortífero

¹⁵Administrador formado no IESP (2019). Aluno de MBA em Gestão Empresarial pela FGV. Certificação em AMBIMA CPA-10. E-mail: alexandre.carniato@gmail.com

¹⁶Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaovjunior@gmail.com

coronavírus, com uma visão crítica no cenário doméstico e no cenário externo a curto, médio e longo prazos.

2. CENÁRIO ECONÔMICO NACIONAL

Como citado anteriormente, estamos vivendo um momento, nunca visto não apenas no Brasil como em todo o mundo. Não temos parâmetros para medir com exatidão ou usar como referência para confrontar métodos passados ou experiências anteriores para nos precavermos ou minimizar os impactos econômicos que estão por vir.

Existe uma certa sensação de conforto vivido em parte pelas classes econômicas mais abastadas (as classes A e B) que até o presente momento, não sentem os reflexos negativos que já são uma realidade para muitos das classes econômicas menos favorecidas (as classes D e E). Diferente das demais crises já vividas anteriormente onde os impactos negativos provocados por recessões eram amplamente sentidos em todas as classes sociais. O isolamento social em seu primeiro momento promove uma suspensão das atividades laborais repentina, que pode ser confundida como uma falsa sensação de conforto por parte da classe média (a classe C), trazendo como reflexo direto repouso e bem estar no seio do seu lar, com seu fluxo financeiro ainda preservado no primeiro momento.

É importante frisar esse aspecto pois, por tratar-se de um momento inédito vivido pela humanidade e todos os aspectos comportamentais da sociedade constam como registro para futuras análises macroeconômicas.

Diante da magnitude da crise econômica que está por vir muitas medidas já foram adotadas, visando atenuar os impactos negativos que estão por vir também. Todos os líderes mundiais têm adotado medidas econômicas de cunho protetivo na esfera fiscal, cambial e monetária, pois o momento pede ações ágeis e resultados diretos, dispensando o arcabouço burocrático e visando o expansionismo, proteção e liquidez do sistema econômico.

Especialistas em saúde medem constantemente o avanço dos danos causados pela pandemia do mortal COVID-19 na esfera nacional, contabilizando infectados, mortos e os recuperados, já no setor econômico a evolução também está sendo medida, entretanto, as revisões de impacto tem sido cada vez mais danosas.

Começamos comparando os danos causados com os vividos na Crise de 2008 no início da atual pandemia, quando começamos a adotar a quarentena como estratégia de combate a propagação do mortífero coronavírus, depois o isolamento social, em seguida, o confinamento. Logo, as avaliações de danos evoluíram para patamares superiores aos vividos na crise em questão. Evoluindo na análise dos danos, chegamos ao nível superior a Crise de 1929, como aponta a diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), a economista búlgara Kristalina Georgieva.

O cenário nacional segundo o Relatório Focus, elaborado pelo Banco Central do Brasil (BACEN) apresentam dados e projeções extremamente preocupantes e de reflexos de médio e longo prazos, mesmo assim pode-se considerar projeções otimistas. Conforme aponta o último relatório divulgado pelo BACEN, as projeções atuais para o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no fechamento do corrente ano reflete uma contração de 2,96% no PIB nominal referente ao ano de 2020 (relatório FOCUS publicado em 20 de abril de 2020). Outros indicadores também apresentam resultados alarmantes como o endividamento público e a produção industrial, outro indicador importante dos impactos negativos é o Ibovespa da B3 (Bolsa, Brasil, Balcão) que acumula queda de pouco mais de 38% (trinta e oito por cento) no ano de 2020.

De acordo com Instituto Fiscal Independente (IFI), do Senado Federal foi apontado por meio de um estudo divulgado no dia 13 de abril de 2020, que a paralisação das atividades econômicas em virtude do COVID-19 podem provocar danos a economia nacional pelos próximos dez anos. Segundo o IFI, a análise mais pessimista, com 22 semanas de paralisação, projeta uma queda do PIB brasileiro de 7% (sete por cento) para o corrente ano, sendo esse apenas o impacto inicial da Crise do COVID-19.

O estudo ainda aponta uma preocupação latente quanto aos gastos governamentais e endividamento público que pode chegar a 84,9% do PIB brasileiro no fechamento do ano fiscal de 2020. Devido ao crescimento exponencial da dívida pública o valor deve ultrapassar toda produção de bens e serviços do país por 10 anos, isso sem levar em consideração a aprovação da PEC do Orçamento de Guerra (PEC 10/20) que ainda tramita no Senado Federal e na Câmara dos Deputados e que provocaria um aumento de R\$ 970 bilhões nos gastos do governo.

De acordo com os dados recentes do FMI, a dívida pública bruta do Brasil passará dos atuais 89,5% do PIB brasileiro em 2019 para os 98,2% do PIB em 2020. Mais gastos públicos necessários ou desnecessários elevaram a dívida pública bruta brasileira.

Mergulhando um pouco no campo industrial podemos levantar pontos importantes dos reflexos já sentidos por esse setor que é tão importante para a economia brasileira, o setor secundário:

A crise do novo coronavírus afeta a indústria brasileira pela queda na demanda por seus produtos, pela dificuldade em conseguir insumos e matérias-primas e pela redução da oferta de capital de giro no sistema financeiro. O cancelamento de pedidos impactou significativamente o faturamento. Aliada à queda na demanda, a dificuldade em conseguir insumos afetou a produção. Esse cenário, conjugado à continuidade de despesas regulares (salários, tributos, energia, aluguel, etc.) e à retração da liquidez no mercado financeiro, levanta a preocupação com a sobrevivência das empresas. O cenário traçado na consulta reforça a importância das ações de combate à COVID-19 e de ajuda à população e às empresas. Não obstante, é também necessário estabelecer urgentemente uma estratégia para se promover uma retomada responsável, segura e gradativa da atividade econômica. Os impactos são significativos e não poderão ser suportados pela indústria por muito tempo (CNI, 2020).

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), nove em cada dez empresas são afetadas negativamente pela pandemia do coronavírus, sendo que 40% (quarenta por cento) delas consideram muito severos os impactos. Segundo a CNI, as empresas já sentem uma queda preponderante na demanda que chega a 79% (setenta e nove por cento) e sérias dificuldades na obtenção de insumos para manter a cadeia produtiva, chegando a um percentual de 89% (oitenta e nove por cento). A dificuldade na logística de transporte de insumos já é sentida por 83% (oitenta e três por cento) das empresas, e estudos já apontam que quatro em cada dez empresas estão com suas linhas de produção suspensas em virtude da pandemia. A própria CNI aponta que 73% (setenta e três por cento) das indústrias já sentem dificuldade em arcar com as despesas rotineiras como tributos, fornecedores, salários, empréstimos e por fim 70% (setenta por cento) das indústrias apresentam queda acentuada em seus faturamentos.

O ano de 2020 mostra-se muito mais que desafiador para vários setores da economia brasileira, muitas empresas, indústrias, corporações projetaram seus fluxos de caixa levando em consideração um crescimento do PIB próximo da casa dos 2%, como previsto nos últimos meses de 2019, entretanto, subitamente somos submetidos a um cenário de isolamento social, motivados por uma pandemia, pegando todos os setores de

surpresa. E diante da realidade atual, todo aquele planejamento financeiro, por exemplo, estava projetado para um crescimento do fluxo financeiro levando em consideração um crescimento do setor de atuação de uma indústria cai por terra ao ser surpreendido pelo atual e caótico cenário. Os reflexos diretos serão inevitáveis, muitas demissões, pedidos de falência, concordata, recuperação judicial ou recuperação extrajudicial, além de planos de expansão postergados por meses ou por anos.

Outro setor amplamente afetado é o turismo que conseqüentemente suspendeu todas as atividades, forçando empresas como a operadora CVC a demitir em massa seu corpo de colaboradores. O setor turístico em questão já sofre uma queda de 84% (oitenta e quatro por cento) de faturamento em relação ao mesmo período de 2019, trazendo para valores financeiros representa um montante de R\$ 14 bilhões desde o início da crise. As empresas aéreas como Gol e Azul já amargam perdas superiores a 50% (cinquenta por cento) de todo seu capital. A Movida, de aluguel de veículos, teve um desgaste de 55,06% e a Localiza Rent a Car, idem, teve tombo de 46,78%.

Mais um setor que já somam enormes perdas com o efeito da terrível pandemia é o varejista. Segundo a Confederação Nacional do Comércio (CNC), o comércio brasileiro já perdeu mais de R\$ 53 bilhões com o fechamento de lojas em virtude da pandemia. O valor representa uma contração de 46,1% do setor em comparação com mesmo período de 2019. Conforme pronunciamento do vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Francisco Valdeci de Souza, “mais de 600 mil micro e pequenas empresas já foram fechadas no Brasil e 9 milhões de postos de trabalho foram perdidos devida terrível pandemia”. Além disso, mesmo com a possibilidade de vendas virtuais, *online*, as empresas enfrentam queda na confiança do consumidor e empresarial, que implica diretamente nos planos de consumo da população.

Um ponto importante a ser explanado é o índice de endividamento exposto pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), os resultados apresentados pela última pesquisa são alarmantes e já apontam um novo recorde de endividamento familiar de 66,6%, que corresponde ao número de famílias com dívidas em cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro, da casa e seguro.

De fevereiro para abril de 2020, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) recuaria 27,6 para 53,7 pontos. Já o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) cairia 22,1 pontos,

para 58,1 pontos. Em ambos os casos, os resultados preliminares representariam os menores níveis da série histórica (FGV, 2020). Já o Índice de Confiança Empresarial (ICE), que consolida os índices de confiança dos setores da indústria, serviços, comércio e construção, caiu 27,6 na prévia do mês corrente, atingindo 53,7 pontos, com destaque para os setores da indústria e serviços, que recuaram 39,0 e 34,9 pontos, respectivamente.

Um dado ainda difícil de calcular é a taxa de desemprego atual, devido à restrição de mobilidade, uma vez que os dados são medidos por meio da comparação do número de desocupados versus número de pessoas economicamente ativas. Sendo assim os números atuais do desemprego não refletem com exatidão a realidade da situação expressada no Brasil, entretanto, estudos já apontam percentual de 14,5%, de desempregados até o fim do primeiro semestre de 2020.

A equipe econômica do Governo Federal aponta um déficit primário do setor público consolidado na casa dos R\$ 500 bilhões para 2020, ou seja, 7% (sete por cento) do PIB brasileiro, ainda sem levar em consideração a aprovação do projeto de lei de suporte aos estados (Plano Mansueto Light) e a PEC do Orçamento de Guerra (PEC10/20) que impulsionará ainda mais os gastos governamentais.

2.1 AÇÕES DO BACEN PARA COMBATER A PANDEMIA DO COVID-19

Toda crise econômica pede ações de combate para minimizar os danos e resgatar a economia do caos instalado e diante do cenário atual, algumas medidas já foram adotadas pelo BACEN. Visando atenuar os efeitos gerados pelo isolamento social, medidas expansionistas foram adotadas para preservar a liquidez do Sistema Financeiro Nacional (SFN). Visando também evitar um colapso do sistema econômico brasileiro, a ideia é que os bancos tenham recursos prontamente disponíveis em volume suficiente para emprestar e para refinarçar dívidas das pessoas e empresas mais afetadas pela crise.

As medidas anunciadas têm o potencial de ampliar a liquidez do sistema financeiro em R\$ 1,216 tri, equivalentes a 16,7% do Produto Interno Bruto (BACEN, 2020).

Compulsório + Liquidez de curto prazo (LCR)	R\$ 135 bi	11,10%
Liberação adicional de compulsório	R\$ 68 bi	5,60%
Flexibilização da Letra de Crédito Agrícola (LCA)	R\$ 2,2 bi	0,18%
Empréstimo com lastro em Letras Financeiras (LF) garantidas	R\$ 670 bi	55,09%

Compromissados com títulos soberanos brasileiros	R\$ 50 bi	4,11%
Novo Depósito à prazo com Garantia Especial (DPGE)	R\$ 200 bi	16,44%
Empréstimo com lastro em debêntures	R\$ 91 bi	7,48%
Total	R\$ 1.216,2 tri	100%

Tabela 1. Liberação de Liquidez no Brasil – 2020.

Fonte: BACEN, 2020.

Analisando a Tabela 1 apontamos claramente que a maior ação de estímulo é proveniente de empréstimos com lastro em Letras Financeiras (LFs) garantidas, com 55,09% do total, todavia, não podemos deixar de citar que tal medida tem impacto direto na curva de endividamento público com reflexos de longo prazo.

Além disso, o BACEN trabalha com medidas para relaxar as exigências de capital das instituições financeiras. Mesmo com o nível confortável de capital que as instituições financeiras possuem para fazer frente as perdas, essas medidas foram adotadas para dar melhores condições para que as instituições forneçam mais crédito nesse momento de incerteza. As medidas têm o potencial de ampliar a oferta de crédito em R\$ 1,197 bi, ou 16,4% do PIB (BACEN, 2020).

<i>Overhedge</i>	R\$ 520 bi	44,94%
Redução do Adicional de Conservação de Capital Principal (AACP)	R\$ 637 bi	55,06%
Total	R\$ 1,157 tri	100%
Dispensa de provisionamento por repactuação	R\$ 3,200 tri	-

Tabela 2. Liberação de Capital no Brasil – 2020.

Fonte: BACEN, 2020.

Analisando a Tabela 2 apontamos claramente que a maior estímulo são as medidas para facilitar as renegociações de empréstimos de famílias e empresas, ou dispensa de provisionamento por repactuação, ou seja, volume de crédito potencialmente beneficiado, chegando ao montante de R\$ 3,2 trilhões.

Foram adotadas 19 (dezenove) medidas emergenciais de combate aos impactos do novo coronavírus:

- (i) Programa Emergencial de Suporte a Empregos oferece financiamento emergencial de folha de pagamento de pequenas e médias empresas;

- (ii) Empréstimo com lastro em Letras Financeiras (LF) garantidas por operações de crédito;
- (iii) Redução adicional do compulsório;
- (iv) Aperfeiçoamento nas regras do *Liquidity Coverage Ratio*;
- (v) Dispensa de provisionamento para renegociação de operações de crédito;
- (vi) Redução do Adicional de Conservação de Capital Principal (ACCP) dos bancos;
- (vii) Repor títulos soberanos em dólar americano;
- (viii) Novo Depósito a Prazo com Garantias Especiais (DPGE);
- (ix) Flexibilização nas Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs);
- (x) Empréstimo com lastro em debêntures;
- (xi) Maior possibilidade de os bancos recomprarem suas próprias letras financeiras (LFs);
- (xii) *Overhedge* de investimentos em participações no exterior;
- (xiii) Tratamento tributário do *Overhedge*;
- (xiv) Injeção de recursos de prazos mais longos pelo BACEN via operações compromissadas com lastro em Títulos Públicos Federais (TPFs);
- (xv) Redução do *spread* do nivelamento de liquidez;
- (xvi) Autorização para *fintechs* emitirem cartões de crédito e se financiarem no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES);
- (xvii) Distribuição de resultados e aumento de remuneração de administradores de IFs (Instituições Financeiras) estão temporariamente suspensos;
- (xviii) Linha de *swap* de liquidez em dólares americanos;
- (xix) Intervenções nos mercados de câmbio.

Podemos perceber o colossal esforço do BACEN em tentar minimizar os reflexos negativos promovidos pela pandemia global. São várias as medidas adotadas que têm como objetivo atenuar os efeitos negativos, entretanto, no mercado financeiro e na economia não existe almoço grátis, tais esforços têm movimentado valores elevados e que não estavam previstos no planejamento orçamentário anual de 2020. Todo esse esforço tem um custo, os recursos disponibilizados já superam o montante que a equipe

econômica, liderada pelo economista Paulo Guedes, o ministro da Economia, previa economizar em 10 anos com a reforma da previdência, isso em apenas 2 meses.

É claro que os impactos dessa movimentação virá com evolução da curva da dívida pública, motivada pela captação de recursos públicos por meio de novas operações com títulos da dívida pública, além da redução dos percentuais de depósito compulsório, o afrouxamento da política de controle fiscal e constantes intervenções da política cambial por meio de operações de *swap* cambial.

Esses são apenas alguns exemplos de ações que já estão em andamento para poder financiar o Governo Federal bem como combater os impactos econômicos da terrível pandemia, entretanto, tais impactos só serão externados com passar do tempo e para que não caíamos no campo da especulação deixaremos para debatê-los em um segundo momento, após a segunda onda.

A previsão do Banco Mundial, com sede em Washington, é uma recessão econômica no Brasil de 5% (cinco por cento) em 2020. Será a terceira recessão econômica do Brasil nos últimos seis anos. No biênio 2015-2016, a economia brasileira retraiu 3,5% em 2015 e 3,3% em 2016, respectivamente. A economia brasileira ainda sofrerá com a guerra comercial entre os EUA e a China, os dois países mais ricos do mundo, com suas políticas protecionistas. Sofrerá também com o maior corte na produção de petróleo de todos os tempos, na ordem de 9,7 milhões de barris por dia, além da depreciação dos preços da *commodity* que afeta diretamente a arrecadação dos estados por perda nos repasses dos *royalties* do petróleo.

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), com sede em Viena, na Áustria, liderada pela Arábia Saudita, encontra-se em conflito comercial com a Rússia, o maior país do mundo e com maior arsenal de armas atômicas do planeta. Este inédito conflito mudará o cenário econômico internacional nos próximos meses, pois afetará o comportamento dos produtores de petróleo como os 13 países membros da OPEP e a Rússia e dos importadores de petróleo como a Alemanha, o Japão, a França e a Itália. Precisamos diariamente acompanhar o preço do barril de petróleo tipo Brent em dólares americanos pela mídia nacional e internacional. Necessitamos acompanhar também o ritmo de adaptação do mercado internacional diante dos novos padrões comportamentais de produção, exploração, comercialização, logística e consumo do ouro negro, o petróleo.

3. CENÁRIO ECONÔMICO INTERNACIONAL

Tratando agora do cenário externo, os impactos na economia das grandes potências mundiais já é uma realidade dura e difícil, diferente de momentos vividos no passado, onde as crises e momentos cíclicos da economia foram vencidos por meio do protagonismo do mercado, ações de estímulos do consumo e um certo protagonismo do Estado visando a retomada econômica, essa é bem distinta das demais que o mundo já vivenciou.

Segundo o FMI, a pandemia provocará um impacto na economia global que será o maior desde a Grande Depressão dos anos trinta do século XX. As perspectivas econômicas estão piorando à medida que os governos da Zona do Euro estendem os bloqueios para conter a disseminação do coronavírus. A economia francesa contraiu cerca de 6% no primeiro trimestre, e a Alemanha deve encolher quase 10% no mesmo período (Bloomberg, 2020).

Segundo o vice presidente do Banco Central Europeu (BCE), Luis de Guindos, é provável que a Europa sofra uma recessão mais severa do que o resto do mundo e pode não mostrar sinais adequados de recuperação até o próximo ano.

O BCE está injetando quantias sem precedentes de estímulo monetário na economia europeia, pagando empréstimos aos bancos para garantir que o crédito continue fluindo para famílias e empresas, os principais agentes econômicos do setor privado. Os formuladores de políticas também se comprometeram a comprar mais de 1 trilhão de euros de dívida.

Os governos europeus também estão intensificando as ações, depois de disponibilizar centenas de bilhões de euros individualmente para apoiar suas próprias economias. Os ministros das Finanças chegaram a um acordo sobre um pacote conjunto de 540 bilhões de euros.

O vice-presidente do BCE, Luis de Guindos já alerta para um ponto crucial. Os investidores já estão preocupados que o aumento da emissão de títulos públicos europeus pelos países para financiar programas de empréstimos e garantias, além de outras medidas, seja o começo de uma nova crise da dívida pública europeia, resultado direto disso, é que os investidores da zona do euro estão cada vez mais pessimistas em face a evolução da terrível pandemia do COVID-19, o índice de confiança dos investidores da

zona do Euro contraiu de 17,1 pontos no mês de março para 42,9 pontos em abril, valor negativo mais elevado desde o início da série em 2003 (INVESTING.COM, 2020).

Nos Estados Unidos as medidas adotadas para combater o COVID-19 já impulsionaram um déficit orçamentário federal e sobretudo, a caminho de exceder US\$ 3,8 trilhões este ano. E a dívida pública do país aumentará para níveis nunca vistos desde que o país venceu a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A projeção do Comitê para um Orçamento Federal dos EUA, é um déficit de US\$ 984 bilhões para o ano fiscal de 2019.

O FED pressupõe que o PIB real encolherá 3,9% em 2020 comparando com ano fiscal de 2019 e aumentará cerca de 3,2% do ano fiscal de 2020 ao fiscal de 2021 (Bloomberg, 2020).

O Japão aprovou um pacote de estímulo no valor de 108 trilhões de ienes (quase US\$ 1 trilhão), montante que representa 20% do PIB japonês para combater os efeitos econômicos da terrível pandemia do COVID-19.

A China sofre uma severa contração do comércio exterior, que deve durar até o fim do segundo semestre, uma vez que a demanda global permanece deprimida por medidas para conter a atual pandemia de coronavírus.

O governo chinês prevê que tanto as exportações quanto as importações tenham recuado 10% (dez por cento) ou mais em março, com os dados mostrando uma continuação dos declínios observados nos dois primeiros meses do ano. As perspectivas também são sombrias, com a Organização Mundial do Comércio (OMC) agora dizendo que 2020 poderá sofrer o pior colapso no comércio internacional desde a Grande Depressão dos anos 30 (Bloomberg, 2020).

Levando em consideração a contração dos principais mercados exportadores, a China, a União Europeia (UE) e os EUA, é muito provável que o volume de exportações da China sejam severamente atingidas ainda no segundo semestre de 2020, corroborando a fala do economista sênior Betty Wang, do *Australia & New Zealand Banking Group*, em Hong Kong. Acompanhando essa perspectiva de declínio nas exportações chinesas acompanhando as projeções do economista do UBS, Ning Zhang, o percentual de recuo pode alcançar os 20% (vinte por cento) entre abril e junho de 2020.

A última queda medida nas exportações chinesas foi no ano de 2009, quando a retração do comércio mediu 12% (doze por cento) durante a crise financeira. Uma

avaliação bem pessimista aponta o volume do comércio global de bens recuar até 32% (trinta e dois por cento) este ano.

A maioria dos exportadores chineses retomou mais de 70% (setenta por cento) da capacidade de produção até 30 de março, segundo o Ministério do Comércio, mas as fábricas já estão cancelando pedidos, por falta de demanda, devida a contração do consumo em escala mundial.

Os formuladores de políticas de todo o mundo se apressaram a introduzir estímulos para ajudar suas economias durante os desligamentos e o distanciamento social a impedir a propagação do vírus. Na China, o Conselho de Estado ordenou mais medidas para "estabilizar o comércio", incluindo a construção de mais zonas de comércio eletrônico transfronteiriças e a movimentação da principal feira comercial *online*.

A economia chinesa retraiu 6% (seis por cento) no primeiro trimestre de 2020, é a primeira vez que encolheu desde que os dados oficiais começaram a ser divulgados em 1992. O governo chinês prevê uma recuperação no segundo trimestre, mas a força de qualquer recuperação depende em parte do que acontece com o comércio internacional.

Em estudos recentes por meio de um conjunto de projeções, a OMC aponta que o mundo entre em uma recessão global que oscila entre 2,5% e 8,8% do PIB. Os estudos ainda apontam que a América do Norte será o subcontinente mais prejudicado pela perda do volume de comércio. Dois cenários foram apontados no estudo, um pessimista aponta uma queda superior aos 40% (quarenta por cento), em uma avaliação otimista essa perda seria próximo dos 17,1%.

Os países da América do Sul projetam perdas no comércio que oscilam entre 12,9% em uma avaliação otimista e 31,3% no pior dos cenários. Com o mundo enfrentando sua pior recessão desde a década de 1930, provavelmente este ano a metade dos países membros do FMI já estão buscando ajuda financeira, grandes empréstimos, porque há poucas perspectivas de que a situação comercial melhore a curto prazo.

A situação dos países emergentes como Brasil apresentam um desafio ainda maior que os países desenvolvidos como a França, o Canadá e a Austrália, por serem países com pouco desenvolvimento educacional, baixa produtividade no setor industrial, elevados níveis de concentração de renda e elevados níveis de dependência do mercado externo, tais características fazem com que a recuperação seja ainda mais difícil, lenta e com

maiores efeitos colaterais de longo prazo, em outras palavras, a armadilha da renda média.

3.1 AÇÕES DO FMI PARA COMBATER A PANDEMIA DO COVID-19

Tendo em vista a extensão da crise causada pela pandemia do COVID-19, sobretudo, nos países emergentes que já amargam uma fuga de capital estrangeiro próximo dos 100 bilhões de dólares americanos e a pressão dos preços das *commodities* que tende a achatar a produção e exportação dos países produtores, somada ao baixo consumo mundial, o FMI tem adotado medidas para minimizar os impactos negativos nos países mais vulneráveis.

O FMI sugere um plano de ação para o combate à crise econômica provocada pela pandemia do COVID-19, que é lastreado em 4 (quatro) pilares de atuação. Primeiro ponto, manter as medidas de combate a propagação do vírus (*lockdown*), manter os investimentos em todo setor de saúde para combater o COVID-19, manter o fluxo da cadeia de suprimentos ativo sem bloqueios bem como facilitar exportações e importações de suprimentos médicos.

Segundo ponto, a proteção de pessoas e empresas, medidas de suporte a liquidez das economias precisam ser muito bem desenhadas visando uma melhor efetividade, medidas de proteção ao emprego e a renda familiar também são pontos cruciais no plano de ação sugerido pelo FMI, tais medidas têm como objetivo melhor retorno da economia ao término da primeira onda do COVID-19.

Terceiro ponto, é importante reduzir o estresse no sistema financeiro. O sistema financeiro assim como a saúde tem enfrentado pressões severas no cenário atual e medidas de contenção do estresse causados pela pandemia precisam ser adotadas para preservar o estímulo monetário e a liquidez do mercado financeiro.

Quarto ponto, vem no último momento da pandemia, assim que forem comprovados o recuo da propagação do vírus e a estabilização do sistema de saúde, vencido essa etapa, uma nova e não menos importante virá as medidas de elevação de demandas, de incentivos fiscais, inflação bem ancorada e política monetária bem definida será essencial para uma retomada sólida e gradual da economia (FMI).

O FMI anunciou em 13 de abril de 2020, a aprovação de fundos para aliviar a dívida de 25 (vinte e cinco) países entre os mais pobres do mundo, quase todos na África, permitindo-lhes destinar seus recursos para combater a pandemia do novo coronavírus.

Os 25 países beneficiados pela medida são: Afeganistão, Benin, Burkina Faso, República Centro-Africana, Chade, Comores, República Democrática do Congo, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Haiti, Libéria, Madagascar, Malauí, Mali, Moçambique, Nepal, Níger, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Serra Leoa, Ilhas Salomão, Tadjiquistão, Togo e Iêmen.

Também foi solicitado pelo FMI, que países mais ricos que parem de cobrar pagamentos de dívidas dos países mais pobres de 1º de maio a junho de 2021. O FMI também prevê analisar uma nova linha de liquidez de curto prazo para ajudar a fornecer fundos para os demais países que enfrentam problemas econômicos, devido a pandemia do mortal COVID-19.

O FMI em parceria com Banco Mundial tem oferecido assistência aos países emergentes em quatro áreas, financiamento de emergência, aumento de empréstimos, alívio da dívida e novos arranjos financeiros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o caótico cenário da pandemia causada pelo mortal COVID-19, apontamos que as consequências para a economia brasileira e mundial são drásticas. É inevitável o ressurgimento de políticas econômicas keynesianas, em outras palavras, uma política fiscal expansionista, com elevados gastos públicos e cortes nos impostos.

Diante dos esforços comuns que estão sendo adotados por todos os países não podemos deixar de citar as ações econômicas com viés keynesiano, onde o Estado assume o protagonismo maciço no combate a recessão econômica, ou seja, um forte declínio nas atividades econômicas. Estas medidas keynesianas estão sendo adotadas em larga escala inclusive em países com solidez histórica capitalista e que, em crises anteriores superaram os momentos de adversidades adotando modelo neoliberal, com pouca ou intervenções muito específicas do Estado, diferente do protagonismo ou intervenções tão contundentes do Estado na economia de mercado adotadas no contexto atual.

O fato é que esse momento tão conturbado, tão incerto, o keynesianismo se faz amplamente necessário, entretanto, na chegada da segunda onda será preciso um forte estímulo ao consumo das famílias para que a economia global possa se reerguer a longo

prazo, momento onde a essência do capitalismo mostrará seu préstimo como terapêutica de resgate econômico.

Em suma, estamos vivendo um momento histórico em vários contextos e na economia não é diferente, muito em breve os modelos econômicos adotados simultaneamente será debatido em várias universidades do mundo, mostrando ao corpo acadêmico pela primeira vez a força da união de duas tendências econômicas em prol da salvaguarda da economia mundial. Enfim, a uma séria possibilidade de surgimento de um novo sistema econômico no planeta Terra.

REFERÊNCIAS

BACEN. **Promover o adequado funcionamento dos mercados e da economia.**

Disponível em:

https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/medidasdecombate_covid19. Acesso em 13 de abril de 2020.

BLOOMBERG. ***Coronavirus Could Cost the Global Economy \$2.7 Trillion. Here's How.***

Disponível em: https://www.bloomberg.com/graphics/2020-coronavirus-pandemic-global-economic-risk/?itm_source=inline. Acesso em 13 de abril de 2020.

BLOOMBERG. ***ECB Sees Deeper Euro-Area Recession Than Rest of World.*** Disponível

em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-04-12/ecb-sees-deeper-euro-area-recession-vice-president-says?srnd=economics-vp>. Acesso em 13 de abril de 2020.

BLOOMBERG. ***U.S. Debt and Deficit Forecast to Hit Levels Not Seen Since WWII.***

Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-04-13/u-s-debt-deficit-forecast-to-hit-levels-not-seen-since-wwii?srnd=economics-vp>. Acesso em 13 de abril de 2020.

BLOOMBERG. ***Recovery in Chinese Trade Far From Sight as Global Outlook Dims.***

Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-04-13/recovery-in-chinese-trade-far-from-sight-as-global-outlook-dims?srnd=economics-vp>. Acesso em 13 de abril de 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. **FMI: economia mundial entra em recessão e países precisam de recursos.** Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/03/27/internas>

[economia,840714/fmi-economia-mundial-entra-em-recessao-e-paises-precisam-de-recursos.shtml](http://economia.840714/fmi-economia-mundial-entra-em-recessao-e-paises-precisam-de-recursos.shtml). Acesso em 13 de abril de 2020.

CNC. Efeito coronavírus: número de brasileiros endividados bate novo recorde em abril. Disponível em: <http://www.cnc.org.br/editorias/economia/noticias/efeito-coronavirus-numero-de-brasileiros-endividados-bate-novo-recorde>. Acesso em 15 de abril de 2020.

CNC. Turismo perdeu R\$ 14 bilhões com crise do coronavírus, somente em março. Disponível em: <http://www.cnc.org.br/editorias/economia/noticias/turismo-perdeu-r-14-bilhoes-com-crise-do-coronavirus-somente-em-marco>. Acesso em 15 de abril de 2020.

CNI. Indústria já é afetada pela crise do novo coronavírus. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/impactos-coronavirus/>. Acesso em 12 de abril de 2020.

EL PAÍS. Quase 10 milhões de norte-americanos pediram seguro-desemprego nas últimas duas semanas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-04-03/quase-10-milhoes-de-norte-americanos-pediram-seguro-desemprego-nas-ultimas-duas-semanas.html>. Acesso em 13 de abril de 2020.

EL PAÍS. FMI prevê para este ano a maior recessão desde a Grande Depressão de 1929. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-04-09/fmi-preve-para-este-ano-a-maior-recessao-desde-a-grande-depressao-de-1929.html>. Acesso em 13 de abril de 2020.

EL PAÍS. Pandemia e pobreza, o duplo desafio aterrador da África. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-04/pandemia-e-pobreza-o-duplo-desafio-aterrador-da-africa.html>. Acesso em 13 de abril de 2020.

FGV. Índice de confiança empresarial. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/data/files/F7/A6/C7/1D/F0871710199794F68904CBA8/Pr%20via%20ndices%20de%20Confian%20a%20Imprensa%20Abr20.pdf>. Acesso em 13 de abril de 2020.

FMI. FMI e Banco Mundial preparam recomendações contra impactos econômicos do COVID-19. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706051>. Acesso em 13 de abril de 2020.

FMI. **Enfrentando a crise: prioridades para a economia global.** Disponível em: <https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/04/07/sp040920-SMs2020-Curtain-Raiser>. Acesso 14 de abril de 2020.

INVESTING.COM. **Zona do Euro - Confiança do Investidor do Instituto Sentix.** Disponível em: <https://br.investing.com/economic-calendar/sentix-investor-confidence-268>. Acesso em 13 de abril de 2020.

MERCADOS & EVENTOS. **CNC: comércio já perdeu R\$ 53,3 bilhões por conta do coronavírus.** Disponível em:

<https://www.mercadoeventos.com.br/noticias/servicos/cnc-comercio-ja-perdeu-r-533-bilhoes-por-conta-do-coronavirus/>. Acesso 13 de abril de 2020.

RFI. **OMC prevê cenário sombrio para o comércio global e Brasil será bastante atingido.** Disponível em: <http://www.rfi.fr/br/mundo/20200408-omc-prevê-cenário-sombrio-para-o-comércio-global-e-brasil-será-bastante-atingido>. Acesso em 14 de abril de 2020

SUNO RESEARCH. **Banco Central Europeu anuncia pacote de 750 bi contra coronavírus.** Disponível em: <https://www.sunoresearch.com.br/noticias/banco-central-europeu-anuncia-plano-coronavirus/>. Acesso em 13 de abril de 2020.

VEJA, Revista. **Coronavírus: Economia brasileira pode sofrer efeitos por mais de dez anos.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/coronavirus-economia-brasileira-pode-sofrer-impactos-por-mais-de-dez-anos/>. Acesso em 14 de abril de 2020.

A ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL EM PLENA PANDEMIA DO COVID-19

SANTOS, Maria Clara¹⁷

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹⁸

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É preciso compreender bem a economia criativa no Brasil em plena pandemia do COVID-19. É necessário compartilhar conteúdos e assuntos pertinentes a economia criativa e seus diversos segmentos como a publicidade, a cultura, a moda, o design, os games e o turismo. A economia criativa cresce e os seus rumos são importantes para os agentes econômicos atuantes na economia brasileira.

A economia criativa no Brasil abrange diversos setores como patrimônio material, patrimônio imaterial, arquivos, museus, artesanato, culturas populares, culturas indígenas, culturas afro-brasileiras, artes visuais, artes plásticas, arte digital, dança, música, circo, teatro, cinema, rádio, vídeo, games, livros, eBooks, propaganda, moda, design, arquitetura, software, biotecnologia, turismo, entre outros. Em época de isolamento social no Brasil destaca-se as músicas nas *lives* pelo *Instagram* e pelo *YouTube*.

A criatividade não é um dom, mas uma habilidade do ser humano ligada à nossa capacidade de invenção e inovação. Assim como qualquer competência, é possível praticar a criatividade para despertá-la e desenvolvê-la, tornando-se uma pessoa mais criativa (Rock Content, 2018).

A reinvenção e adaptação podem colaborar também para obter lucro e fazer girar as economias local, estadual, regional, nacional e mundial. Quase trinta milhões de pessoas trabalham diretamente em setores da economia criativa, produzindo o equivalente a mais da metade de toda a riqueza anual do Brasil.

Afinal, o que é economia criativa? Na Inglaterra, o conceito, propriamente dito, foi definido em 2001 pelo professor inglês, John Howkins, em seu célebre livro *The Creative Economy: How People Make Money From Ideas*, que a considera como “atividades nas quais resultam em indivíduos exercitando a sua imaginação e explorando seu valor econômico”,

¹⁷Aluna no Curso Tecnólogo de Gestão de Recursos Humanos (RH) no UNIESP. E-mail: clara.0711@gmail.com

¹⁸Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

ou seja, é preciso gerar valor ou riqueza e propiciar negócios em torno de um produto ou um serviço que tenham origem na criatividade e na ação intelectual das pessoas envolvidas. São atividades associadas à cultura, criação, produção, distribuição, conhecimento, inovação, tecnologia, além de capital intelectual como principais recursos produtivos.

Muitas pessoas trabalhando em casa, o famoso *home office*, assim a economia criativa vem driblando a crise econômica no Brasil em decorrência do novo coronavírus, e a tendência é que os negócios nessa área melhorem ainda mais nos próximos anos. Entender o porquê esse setor cresce mais mesmo em tempos pestilentos, é importante, porque isso é revelador na nova dinâmica no mercado e, é claro, indica oportunidades. Os números apontam que o setor da economia criativa teve um crescimento econômico forte nos últimos anos:

Do ponto de vista da produção, a participação do Produto Interno Bruto (PIB) criativo estimado no PIB brasileiro passou de 2,56% para 2,64% entre 2013 e 2015, segundo dados da edição mais recente do Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil, estudo preparado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). A indústria criativa gerou uma riqueza de R\$ 155,6 bilhões para o País em 2015, valor equivalente à soma dos valores de mercado das marcas Facebook, Zara e L'Oréal, de acordo com análise contida na própria pesquisa (Isto é Dinheiro, 2017).

Fazer mais com menos, melhorar a eficiência e otimizar recursos são essenciais na atualidade. Na nova etapa da economia global, a área criativa se tornou estratégica, inclusive para os negócios da indústria e do setor de serviços.

A economia criativa inicia-se com a criação de um produto ou de um serviço, esta produção ou prestação gera distribuição e ao mesmo tempo difusão, em seguida provoca consumo dos bens e serviços criativos pelos agentes econômicos.

Nas últimas duas décadas, o mundo e o Brasil enfrentaram as epidemias de SARS (2002) e de MERS (2012), e agora, a pandemia do COVID-19, que influenciam o surgimento de indústrias criativas, além de promover a sustentabilidade, a inclusão social, a inovação e a diversidade cultural, e sobretudo, a valorização da criatividade. A economia criativa é fruto da criatividade humana e do desenvolvimento da tecnologia e suas perspectivas na economia brasileira é muito relevante. São enormes os desafios da economia criativa brasileira.

2. A IMPORTÂNCIA DA ECONOMIA CRIATIVA NO SÉCULO XXI

Em tempos de turbulência econômica e de evitar aglomerações, a economia criativa como estratégia de crescimento econômico se mostra como uma importante fonte de renda e geração de empregos no século XXI.

De acordo com pesquisa realizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), se a economia criativa fosse um país, teria o quarto maior PIB do planeta, de 4,3 trilhões de dólares americanos. O número de trabalhadores também impressiona, são 144 milhões de profissionais no mundo que fazem parte da economia criativa.

Segundo Howkins, o crescimento da economia criativa nos Estados Unidos, China e em países da Europa é três ou quatro vezes maior em média que o da economia em geral, ou seja, estamos falando de um setor que cresce no Brasil e em outras partes do mundo em plena crise e arranca com força em cenários mais otimistas e favoráveis, puxando a fila da economia.

A Economia Criativa se divide em quatro grandes áreas: mídias, consumo, cultura e tecnologia. São negócios dos mais variados segmentos que se agrupam nessas categorias e que se identificam com os movimentos e tendências da inovação e da criatividade. Por ser um campo tão abrangente em diversas áreas, há uma certa facilidade na hora de aumentar as estatísticas de empregados no mundo. São exemplos empresas de desenvolvimento de softwares e videogames, grupos culturais, escritórios de design, artistas plásticos, produtores de artesanato, restaurantes e agências de turismo cultural (ECYCLE, 2020).

O Relatório de Economia Criativa 2010, produzido pela UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), destaca que:

A Economia Criativa se tornou uma questão atual da agenda econômica e de desenvolvimento internacional durante esta década. Estimulada de forma adequada, a criatividade incentiva a cultura, infunde um desenvolvimento centrado no ser humano e constitui o ingrediente chave para a criação de trabalho, inovação e comércio, ao mesmo tempo em que contribui para a inclusão social, diversidade cultural e sustentabilidade ambiental (ECYCLE, 2020).

O relatório da UNCTAD enfatiza ainda que o setor foi um dos menos afetados pela crise econômica mundial, pois se baseia em novos preceitos, adotando relações de trabalho mais igualitárias e políticas de consumo mais justas, sustentáveis e inclusivas. Conceitos como venda direta do produtor para o consumidor, valorização da identidade local, produção sob demanda e consumo de bens personalizados são diretrizes que

impulsionam o mercado criativo, entre eles, destacamos as *lives* dos cantores como Andrea Bocelli e Roberto Carlos e das cantoras como Ivete Sangalo e Paula Fernandes no *YouTube*, além do potencial de crescimento do turismo com criatividade, com conhecimento e com imaginação, o turismo criativo.

3. TURISMO CRIATIVO

O turismo foi o setor mais prejudicado com a pandemia do COVID-19. Os principais dados relacionados aos impactos mundiais do novo coronavírus mostrou que a pandemia paralisou a economia, afetou cadeias globais de suprimentos, fechou fronteiras, derrubou bolsas, cancelou eventos no mundo e colocou países em recessão.

Como não há barreiras geográficas para conter a propagação do novo coronavírus, o crescimento do contágio se dá de forma acelerada e alarmante em todo o planeta. Em apenas três pregões, logo após o recesso de carnaval, o Ibovespa, principal índice da bolsa de valores brasileira, a B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), registrou queda de 8,43%, a maior desde a crise financeira de 2008.

O dólar disparou de forma assustadora frente ao real, atingindo na quinta-feira (5 de fevereiro de 2020) sua maior cotação histórica: R\$ 4,63. A moeda brasileira foi a terceira moeda que mais perdeu valor com o coronavírus, atrás das moedas da Argentina e do Chile, países sul-americanos em que a crise econômica vem se agravando desde o ano passado.

O turismo era o setor econômico que estava mais perto de apresentar nível de volume de receitas semelhante ao de 2014, no período anterior à crise econômica. Certamente isso iria ocorrer até o final do ano. Mas agora esse já é um dos segmentos que mais sofre com o coronavírus. “Neste ano e até mesmo no ano que vem, será muito difícil voltar ao patamar anterior à recessão”, de acordo com Fábio Bentes, economista da Confederação Nacional do Comércio (CNC).

O turismo criativo será o carro chefe do turismo mundial pós pandemia do COVID-19. Os destinos turísticos mais criativos atraem mais turistas nacionais e internacionais, além de gerar mais negócios nas cidades. O turismo criativo foca em viagens com experiências. Os turistas internacionais demandaram da cadeia produtiva do turismo certos serviços turísticos com características do turismo criativo, ou seja, participação ativa na cultura local dos residentes nas cidades criativas.

4. DIVISOR DE ÁGUAS NA ECONOMIA MUNDIAL

A economia criativa é um divisor de águas na economia mundial. A economia criativa contribuirá para os novos rumos da economia global pós pandemia do COVID-19. A inovação e a adaptação nutrem a criatividade humana.

A criatividade individual colabora muito na produção de bens e na prestação de serviços nas indústrias criativas. Os empreendimentos criativos dependem muito do capital humano e das novas tecnologias.

A economia criativa e seu impacto representam novas formas de se enxergar soluções inovadoras. Ter profissionais criativos dentro da empresa, especialmente em cenários de crise sanitária, crise econômica e crise política como no Brasil. Por isso, é importante identificar colaboradores que tenham esse perfil e empoderá-los dentro das empresas.

Para que a economia criativa possa prosperar, é preciso investir cada vez mais em soluções criativas. Por isso, projetos incentivados por programas de ideias podem ser uma alternativa para impulsionar e motivar profissionais que prezam pela criatividade em seus processos.

Agregar valor não é somente um diferencial. Com a economia criativa tendo força e sendo incentivada, seus clientes e seus projetos poderão ser estruturados de forma inovadora e sustentável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criatividade é um insumo crucial para todas as empresas e uma excelente oportunidade de mercado de trabalho e de novos empreendimentos.

Portanto, esse é o momento de pensar, repensar e pensar de novo como participar ativamente e de forma estratégica da ampliação da economia criativa no Brasil em plena pandemia do COVID-19.

Necessitamos, urgente, de diversos eventos com muita arte, muita cultura, muita inovação, o uso de tecnologia avançada e ao mesmo tempo promover os atuais e futuros negócios.

Em suma, vamos criar mais redes de economia criativa no Brasil.

REFERÊNCIAS

AEVO. **Economia Criativa: Relevância e seu potencial para os negócios**. Disponível em: <https://blog.aevo.com.br/a-importancia-da-economia-criativa-e-seu-potencial-para-os-negocios/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

ECYCLE. **Economia Criativa foca na troca de experiências**. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/6136-economia-criativa>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

EXTRA GLOBO. **Coronavírus: turismo será o setor mais afetado pela crise e levará mais tempo para se recuperar**. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/economia/coronavirus-turismo-sera-setor-mais-afetado-pela-crise-levara-mais-tempo-para-se-recuperar-rv1-1-24365867.html>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

FIA. **Economia Criativa: O que é, importância e características**. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/economia-criativa/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

ISTO É DINHEIRO. **Crise? A economia criativa não sabe o que é isso**. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/crise-economia-criativa-nao-sabe-o-que-e-isso/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

ISTO É DINHEIRO. **O impacto do coronavírus no turismo**. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/o-impacto-do-coronavirus-no-turismo/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

ROCK CONTENT. **O que é Criatividade e TUDO o que você precisa saber para se tornar mais criativo em apenas 11 passos**. Disponível em: <https://comunidade.rockcontent.com/criatividade/>. Acesso em: 10 de Março de 2018.

MEU SUCESSO. **O que é Economia Criativa?** Disponível em: <https://meusuccesso.com/artigos/empreendedorismo/o-que-e-essa-tal-de-economia-criativa-1406/>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO NA ECONOMIA QUE QUEREMOS

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹⁹

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Concordamos com o estimado economista paraibano Rafael Bernardino de Sousa, ex-presidente do Conselho Regional de Economia da Paraíba (CORECON-PB), na primeira Webinar do CORECON-PB intitulada A ECONOMIA QUE QUEREMOS!, no dia 17 de junho de 2020, ao afirmar que o potencial turístico é uma das maiores forças da Paraíba e ao defender entre 11 Arranjos Produtivos Locais (APLs), o APL do Turismo, no segmento da Gastronomia.

Este artigo é oriundo da minha primeira Webinar em 24 de junho de 2020, em João Pessoa, como mediador o economista João Bosco Ferraz de Oliveira, conselheiro titular do CORECON-PB e do Conselho Federal de Economia (COFECON). Início a transcrição parcial e atualizada da segunda Webinar do CORECON-PB denominada A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO NA ECONOMIA QUE QUEREMOS.

Concordamos também com o atual presidente da Associação Comercial do Estado da Paraíba (AscomPB), Rafael Bernardino, ao enfatizar que duas das maiores fraquezas da Paraíba são a falta de planejamento de longo prazo e a descontinuidade administrativa. Muito visível as duas fraquezas no turismo brasileiro, nordestino, paraibano e pessoense.

“O APL é um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, desenvolvendo atividades econômicas correlatas e que apresentam vínculos de produção, cooperação, interação e aprendizagem”, de acordo com a Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico (SETDE).

O APL do Turismo traz vantagens competitivas para as micro, pequenas e médias empresas da cadeia produtiva do turismo na Paraíba, o décimo nono estado mais rico do Brasil e o sexto do Nordeste, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁹Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

O mortal COVID-19 surgiu na cidade chinesa de Wuhan em 2019 e a então epidemia propagou-se em progressão geométrica nas cidades dos cinco continentes. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou uma pandemia do novo coronavírus, o SARS-CoV-2.

O setor mais afetado foi o turismo. Precisamos promover debates que possam contribuir com o turismo pessoense e o setor turístico foi o primeiro a parar com o Decreto Municipal nº 9.456 em 16 de março de 2020 e será o último a voltar com data incerta. O turismo paraibano foi a primeira cadeia produtiva a cair forte com o Decreto Estadual nº 40.122 em 13 de março de 2020 e será a última a recuperar nos próximos trimestres ou anos.

Lembrando que a Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN), decretado pelo Ministério da Saúde, pelo então ministro Luiz Henrique Mandetta, por meio da Portaria nº 188, de 03 de janeiro de 2020, em virtude da disseminação global da infecção pelo novo coronavírus (COVID-19) foi muito antes do Decreto Estadual nº 40.289 de 30 de março de 2020, que decretou a situação de emergência e de isolamento social, nos municípios de João Pessoa, Cabedelo, Conde, Bayeux, Santa Rita, Caaporã, Alhandra e Pitimbu.

Neste cenário caótico de crise sanitária, crise econômica e crise política no Brasil, a minha singela contribuição é pensar nos novos rumos, com a maior ou menor flexibilização das medidas de isolamento social. Portanto, vamos aos números da Economia do Turismo no mundo, no Brasil, na Paraíba e em João Pessoa, em pleno São João.

2. NÚMEROS DA ECONOMIA BRASILEIRA

A economia brasileira segue em direção a sua terceira recessão econômica nos últimos seis anos, conforme os números do Quadro 1. Em relação ao contingente populacional, houve crescimento de 204,5 milhões de habitantes em 2015 para 210,1 milhões de habitantes no ano de 2019. A projeção do Banco Safra é uma população brasileira de 211,8 milhões de habitantes no final do ano de 2020.

O Produto Interno Bruto (PIB) nominal do Brasil cresceu de 5,9 trilhões de reais em 2005 para 7,3 trilhões de reais em 2019. A previsão do Banco Safra é um PIB nominal de

R\$ 6,9 trilhões no ano de 2020, revelando uma nova retração econômica. A variação real do PIB foi negativa no biênio 2015-2016, com recessão econômica de 3,5% em 2015 e 3,3% em 2016, respectivamente. Foram três anos consecutivos de recuperação econômica muito lenta no triênio 2017-2018-2019, o PIB cresceu 1,3% em 2017, 1,3% em 2018 e 1,1% em 2019, respectivamente. A projeção do Banco Safra é uma nova recessão econômica no Brasil de 5,7% em 2020.

Segundo o IBGE, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, a taxa de desemprego no Brasil, que mede o contingente de pessoas com idade para trabalhar (acima de 14 anos de idade) que não estão trabalhando, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho formal no mercado de trabalho, subiu de 8,5% da população economicamente ativa (PEA) em 2005 para 11,9% da PEA no ano de 2019. Com esses números, podemos afirmar que aumentou o número de pessoas na fila por um emprego formal nas cinco regiões do País. A projeção do Banco Safra é uma taxa de desemprego de 14,1% em 2020.

Indicador	2015	2016	2017	2018	2019	2020*
População (em milhões)	204,5	206,1	207,7	208,5	210,1	211,8
PIB nominal (em R\$ trilhões)	5,9	6,2	6,5	6,8	7,3	6,9
Variação real do PIB (em %)	-3,5	-3,3	1,3	1,3	1,1	-5,7
Taxa de Desemprego (em %)	8,5	11,5	12,7	12,3	11,9	14,1
IDH	0,755	0,757	0,760	0,761	sd	sd

Quadro 1. Principais indicadores do Brasil, 2015-2020.

Fontes: IBGE e PNUD.

Notas: (*) indicam projeções do Banco Safra para o ano de 2020. (sd) indica sem dados.

Os números do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) revelam que somos um país de desenvolvimento humano alto, com IDH de 0,755 em 2015 e crescendo para 0,761 em 2018. A pandemia do COVID-19 afetou profundamente a economia brasileira e sobretudo, a saúde da população brasileira. Quando o PNUD divulgar o Relatório sobre o Desenvolvimento Humano 2021, com ano base de 2020, com certeza, teremos uma queda abrupta no IDH e no ranking mundial.

A economia brasileira não é competitiva com mais de 90 tributos, exatamente 92 tributos. É preciso conhecer os principais impostos, taxas e contribuições pagos pelas famílias e empresas brasileiras diariamente, mensalmente e anualmente.

IMPOSTOS	TAXAS	CONTRIBUIÇÕES	TOTAL
13	34	45	92
14,13%	36,96%	48,91%	100%

Quadro 2. Número de tributos no Brasil, 2020.

Fonte: Portal Tributário.

O Brasil tem 13 impostos, sendo sete impostos federais, três impostos estaduais e três impostos municipais: IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados); II (Imposto sobre a Importação); IE (Imposto sobre a Exportação); ITR (Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural); IOF (Imposto sobre Operações Financeiras); IRPF (Imposto sobre a Renda Pessoa Física); IRPJ (Imposto sobre a Renda Pessoa Jurídica); ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços); IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores); ITCMD (Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação); IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano); ISS (Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza); ITBI (Imposto sobre a Transmissão de Bens Imóveis). É um absurdo o IOF desde 1990 com o Plano Collor.

O Brasil tem 34 taxas, entre elas, são: Taxa de alvará municipal; Taxa de autorização do trabalho estrangeiro; Taxa de coleta de lixo; Taxa de combate a incêndios; Taxa de conservação e limpeza pública; Taxa de controle e fiscalização ambiental; Taxa de licenciamento anual de veículo; Taxa de fiscalização de sorteios, brindes ou concursos; Taxa de serviços metrológicos; Taxa de fiscalização de anúncios; Taxa de outorga a rádios comunitárias; Taxa de utilização do Sistema de Comércio Exterior (SISCOMEX); Taxa do registro do comércio (em Juntas Comerciais); mais 21 outras taxas. É um absurdo!

O Brasil tem 45 contribuições, entre elas, são: FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço); PIS (Programa de Integração Social); PASEP (Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público); CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido); CIDE (Contribuição de Intervenção do Domínio Econômico); SENAC (Contribuição ao Serviço Nacional de Aprendizado Comercial); SESC (Contribuição ao Serviço Social do Comércio);

SEBRAE (Contribuição ao Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena Empresa); SESI (Contribuição ao Serviço Social de Aprendizado Industrial); SENAR (Contribuição ao Serviço Nacional de Aprendizado Rural); SEST (Contribuição ao Serviço Social do Transporte); COFINS (Contribuição Social para o Financiamento da Seguridade Social); CCCCN (Contribuição à Comissão Coordenadora da Criação do Cavalos Nacional); e mais de 32 outras contribuições. É um absurdo!

3. NÚMEROS DA ECONOMIA PARAIBANA

A economia paraibana baseia-se principalmente no setor terciário, no qual o turismo faz parte ao lado do comércio e dos serviços. A economia paraibana tem passado nos últimos seis anos importantes transformações em sua estrutura produtiva. Mas a participação da economia paraibana frente à economia brasileira é muito pequena, apenas 0,9% do PIB nacional (IBGE).

A Paraíba é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Tem uma área territorial de 56.585 km² e com 223 municípios localizados em 4 mesorregiões e em 23 microrregiões.

Indicadores	Paraíba
Área Territorial (em km ²)	56.585
Municípios (quant.)	223
Mesorregiões (quant.)	4
Microrregiões (quant.)	23
População (em milhões)	4,0
PIB (em R\$ bilhões)	62,387*
Participação no PIB brasileiro (em %)	0,9*
PIB per capita (em R\$)	15.498*
Variação real do PIB (em %)	-0,1*
Esperança de vida ao nascer (em anos)	73,8**
IDH	0,722*

Quadro 3. Principais Indicadores na Paraíba, 2019.

Fontes: IBGE e PNUD. Notas: (*) em 2017 e (**) em 2018.

O PIB paraibano foi de R\$ 62,387 bilhões e o PIB per capita alcançou R\$ 15.498 em 2017, de acordo com os dados oficiais do IBGE. Os estados da Paraíba, Rio de Janeiro e Sergipe foram os únicos com queda do PIB em 2017 e acumularam o terceiro ano seguido negativo, de acordo com o IBGE. A variação real do PIB paraibano foi negativa de 0,1% em 2017 e foi explicado pela retração no setor industrial, puxado sobretudo pela queda na construção civil e nas indústrias de transformação.

A população paraibana na atualidade sofre muito com os efeitos do novo coronavírus, com 221 municípios com casos de COVID-19 já confirmados, com mais de 67 mil pessoas infectadas e mais de 1,5 mil óbitos confirmados (Secretaria de Estado de Saúde, 20 de julho de 2020). Como podemos ver no Quadro 3, a população paraibana é de 4,0 milhões de habitantes, poderia ser bem maior, devido as emigrações para as regiões brasileiras, sobretudo, a Sudeste e, as imigrações para países da Europa como Portugal e Espanha.

Mesorregiões	Microrregiões (quant.)	Municípios (quant.)	Participação (em %)
Sertão Paraibano	7	83	37,22
Agreste Paraibano	8	66	29,60
Borborema	4	44	19,73
Mata Paraibana	4	30	13,45
Paraíba	23	223	100

Quadro 4. As mesorregiões e microrregiões na Paraíba, 2020.

Fonte: IBGE.

A Paraíba tem quatro mesorregiões: Sertão Paraibano, Agreste Paraibano, Borborema e Mata Paraibana. No Sertão Paraibano estão localizadas 7 microrregiões: Patos, Piancó, Serra do Teixeira, Itaporanga, Cajazeiras, Souza e Catolé do Rocha. Em Pombal, no Sertão Paraibano, nasceu o maior economista brasileiro de todos os tempos, Celso Monteiro Furtado, em 26 de junho de 1920.

O Agreste Paraibano tem 8 microrregiões: Guarabira, Itabaiana, Umbuzeiro, Campina Grande, Esperança, Brejo Paraibano, Curimataú Ocidental e Curimataú Oriental.

Em Pilar, no Agreste Paraibano, nasceu um dos maiores romancistas brasileiros de todos os tempos, José Lins do Rego Cavalcanti, em 03 de junho de 1901.

Na Borborema estão localizadas 4 microrregiões: Cariri Ocidental, Cariri Oriental, Seridó Ocidental Paraibano e Seridó Oriental Paraibano. Em Monteiro, na Borborema, nasceu um dos renomados sanfoneiros brasileiros, Flávio José Marcelino Remígio, em 01 de setembro de 1951.

A Mata Paraibana tem 4 microrregiões: João Pessoa, Sapé, Litoral Sul e Litoral Norte. Em João Pessoa (antiga Parahyba), na Mata Paraibana, nasceu o maior dramaturgo brasileiro de todos os tempos, Ariano Vilar Suassuna, em 16 de junho de 1927.

Estado	Taxa de Desemprego (1º trimestre de 2020)	Número de Desempregados
Paraíba	13,8%	228 mil

Quadro 5. A taxa de desemprego na Paraíba, 2020.

Fonte: IBGE, PNAD Contínua.

É muito triste o retrato no mercado de trabalho na Paraíba com o desemprego em alta. A taxa de desemprego é de 13,8% da população economicamente ativa (PEA), com cerca de 228 mil desempregados, no primeiro trimestre de 2020, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) Contínua do IBGE.

O setor de turismo foi muito afetado com a pandemia do COVID-19, no primeiro trimestre de 2020, sobretudo no setor de alimentação. Muitos bares, lanchonetes e restaurantes encerram as suas atividades econômicas na Paraíba, demitindo funcionários e pagando pesados encargos trabalhistas.

4. NÚMEROS DO TURISMO NO MUNDO

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo no mundo abrange 52 setores na atualidade: Hotelaria, Operadoras Turísticas, Agentes de Viagens, Restaurantes, Bares, Lanchonetes, Transportadoras Marítimas, Transportadoras Aéreas, Transportadoras Terrestres, Órgãos Governamentais, Parques Temáticos, Extrativismo Mineral, Extrativismo Vegetal, Tecnologia do Lazer, Tecnologia de Equipamentos, Indústria de Alimentos, Artesanato, Guias de Turismo, Sinalização, Indústria Têxtil,

Pecuária, Comunicações, Avicultura, Vestuário, Pesca, Agricultura, Construção Civil, Urbanização, Agroindústria, Shoppings Centers, Equipamentos Culturais, Equipamentos de Lazer, Bancos, Comércio, Casas de Câmbio, Saneamento Básico, Serviços, Energia, Segurança, Calçados, Infraestrutura, Formação de Mão de Obra, Empresas de Eventos, Universidades, Organizações Turísticas, Postos de Gasolina, Marketing, Farmácias, Casas Noturnas, Táxi, Serviços de Interpretes e Serviços de Capacitação.

Na Paraíba, destacamos os setores hoteleiro, gastronômico e de artesanato nas cidades de João Pessoa e de Conde, dois dos principais destinos turísticos paraibanos. Mas, antes da pandemia do COVID-19, a falência da Avianca em julho de 2019 já afetava o turismo na Paraíba. A Crise do COVID-19 é uma crise sem precedentes no turismo paraibano. Sem turistas nacionais e internacionais, sem reservas nos hotéis e pousadas, sem vendas de pratos deliciosos, sem artesãos vendendo seus belos produtos de artesanato. João Pessoa é uma das 264 cidades criativas do mundo e uma das dez cidades criativas do Brasil pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Segundo a OMT, o turismo no mundo corresponde a mais de 60 segmentos distintos nos dias atuais: Turismo de Sol e Praia, Turismo Nacional, Turismo da Melhor Idade, Turismo de Eventos, Turismo Histórico, Turismo Popular, Turismo de Luxo, Turismo Aéreo, Turismo Rodoviário, Turismo Ferroviário, Turismo Marítimo, Turismo Náutico, Turismo Espacial, Cicloturismo, Turismo Local, Turismo Regional, Turismo Alternativo, Turismo Social, Turismo de Mergulho, Turismo Internacional, Turismo de Negócios, Turismo de Solteiros, Turismo de Casais, Turismo de Famílias, Turismo de Grupos, Turismo de Fronteira, Turismo Emissivo, Turismo Receptivo, Turismo de Neve, Turismo de Montanha, Turismo de Campo, Turismo Arqueológico, Turismo de Intercâmbio, Turismo de Naufrágio, Turismo Cultural, Ecoturismo, Turismo Religioso, Turismo Infante-Juvenil, Turismo Científico, Turismo de Congresso, Turismo de Águas Termais, Turismo Gastronômico, Turismo Rural, Turismo de Caça, Turismo Étnico, Enoturismo, Turismo de Massa, Turismo Cívico, Turismo de Esportes, Turismo de Lazer, Turismo de Interior, Turismo de Férias, Turismo de Saúde, Turismo de Pesca, Turismo de Aventura, Turismo de Repouso, Turismo Esportivo, Turismo Desportivo, Turismo Urbano, Turismo de Compras, Turismo Comunitário, Turismo Místico, Turismo LGBT e outros segmentos.

Ano	Chegadas de Turistas Internacionais	Variação Anual	Receita Cambial	Variação Anual
2014	1,141 bilhão	-	US\$ 1,100 trilhão	-
2015	1,195 bilhão	4,73%	US\$ 1,221 trilhão	11,00%
2016	1,240 bilhão	3,76%	US\$ 1,245 trilhão	1,96%
2017	1,329 bilhão	6,93%	US\$ 1,346 trilhão	7,63%
2018	1,401 bilhão	5,65%	US\$ 1,451 trilhão	7,98%
2019	1,455 bilhão	3,85%	US\$ 1,513 trilhão	4,59%

Quadro 6. Fluxo de turistas internacionais no mundo, 2014-2019.

Fonte: OMT.

Nos últimos seis anos o número de turistas internacionais no mundo passou de 1,141 bilhão em 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil, para 1,455 bilhão em 2019, ou seja, um crescimento absoluto de 314 milhões e um aumento relativo de 27,52%. Já a receita cambial cresceu de US\$ 1,100 trilhão em 2014 para US\$ 1,513 trilhão em 2019, ou seja, um aumento absoluto de US\$ 413 bilhões e um crescimento relativo de 37,55%.

Todavia, o turismo mundial enfrenta a pior crise da história, com até 1,4 bilhão a menos de turistas internacionais viajando em todo o mundo em 2020, segundo a OMT, com sede em Madri, na Espanha. A Crise do COVID-19 provocou um colossal declínio nos voos internacionais entre 58 e 80% no ano de 2020 (OMT, 2020). As empresas aéreas projetam uma perda de US\$ 252 bilhões em 2020, conforme a Associação Internacional de Transportes Aéreos (IATA).

Sem voos, sem turistas internacionais nos hotéis, pousadas, resorts, restaurantes, bares e lanchonetes representa uma queda financeira nas receitas de exportação do turismo de no mínimo de US\$ 320 bilhões (OMT, 2020). O fluxo de turistas internacionais cairá entre 60 e 80% em 2020, em consequência da pandemia do novo coronavírus e das sérias restrições de movimentos de passageiros em todo o planeta (OMT, 2020).

Em todo o mundo já há mais de 9,2 milhões de pessoas infectadas pelo COVID-19 e mais de 478 mil mortos, em 188 países, segundo a Universidade de Johns Hopkins (24/06/2020). Os Estados Unidos da América (EUA), o país mais rico do mundo, lidera o ranking mundial do número de casos do COVID-19. Em segundo lugar encontra-se o Brasil, a oitava maior economia do planeta, no número de casos de COVID-19.

O impacto do novo coronavírus no turismo mundial é muito drástico, muito brutal. Mas, sabemos que a pandemia vai passar. Antes precisamos realizar pesquisas sobre os impactos do COVID-19 no setor turístico e sobretudo, na reabertura. As chegadas de turistas internacionais caíram 22%, nos três primeiros meses de 2020, provocando 67 milhões a menos de turistas, ou seja, US\$ 80 bilhões em exportações perdidas (OMT).

Ranking	Países	2015 (milhões)	2016 (milhões)	2017 (milhões)	2018 (milhões)	2019 (milhões)
1°	França	84,5	82,6	86,9	86,9	90,0
2°	Espanha	68,2	75,6	81,8	81,7	83,0
3°	EUA	77,5	75,6	75,9	76,9	80,0
4°	China	56,9	59,3	60,7	60,7	65,0
5°	Itália	50,7	52,4	58,3	58,5	62,0
46°	Brasil	6,3	6,5	6,5	6,6	6,3

Quadro 7. TOP 5 principais destinos do turismo mundial, 2015-2019.

Fonte: OMT.

Os TOP 5 dos maiores destinos turísticos no mundo é liderado pela França com 90 milhões de turistas internacionais em 2019, segundo a OMT. Em segundo lugar, a Espanha com as chegadas de 83 milhões de turistas estrangeiros. Em terceiro lugar, os EUA com 80 milhões de turistas internacionais. Em quarta e quinta colocações, a China e a Itália, com 65 e 62 milhões de turistas estrangeiros, respectivamente.

Ranking	Países	Receita Cambial
1°	EUA	US\$ 181,6 bilhões
2°	Espanha	US\$ 58,6 bilhões
3°	França	US\$ 52,3 bilhões
4°	Tailândia	US\$ 49,6 bilhões
5°	Reino Unido	US\$ 44,1 bilhões
47°	Brasil	US\$ 5,9 bilhões

Quadro 8. TOP 5 receitas cambiais no turismo mundial, 2017.

Fonte: OMT.

A receita cambial do turismo mundial é liderada pelos EUA, o país mais rico do planeta. Os gastos dos turistas internacionais nos EUA foram de US\$ 181,6 bilhões no ano de 2017. Este excepcional desempenho na receita cambial foi resultado dos gastos dos turistas estrangeiros nos cassinos de Las Vegas, nos parques temáticos da Walt Disney World, nos shoppings centers de Nova York e nos restaurantes de Los Angeles.

Ranking	Países	Gastos por turismo
1°	China	US\$ 226,1 bilhões
2°	EUA	US\$ 118,4 bilhões
3°	Alemanha	US\$ 78,2 bilhões
4°	Reino Unido	US\$ 62,6 bilhões
5°	França	US\$ 36,3 bilhões
17°	Brasil	US\$ 5,9 bilhões

Quadro 9. TOP 5 países por gastos por turismo no mundo, 2017.

Fonte: OMT.

A República Popular da China é o país mais populoso do planeta e a segunda maior economia do mundo. Os chineses estão viajando para os cinco continentes, e sobretudo, os seus gastos por turismo alcançaram cerca de US\$ 226,1 bilhões no ano de 2017. Os turistas chineses serão mais exigentes nos novos destinos turísticos e sempre buscando protocolos de segurança sanitária com a pandemia do COVID-19.

5. NÚMEROS DO TURISMO NO BRASIL

O Ministério do Turismo (MTur) foi inaugurado em 01 de janeiro de 2003 pelo então presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. O atual ministro do MTur é Marcelo Álvaro Antônio desde 01 de janeiro de 2019 no governo do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.

Em 17 anos consecutivos foram 14 ministros do Turismo sem planejamento turístico de longo prazo, sem forte promoção turística internacional, revelando a descontinuidade administrativa e a incapacidade de atrair 10 milhões de turistas internacionais para o 5° maior país em extensão territorial do mundo.

Ano	Chegadas de Turistas Internacionais	Variação Anual	Receita Cambial	Variação Anual
2014	6,429 milhões	-	US\$ 6,8 bilhões	-
2015	6,305 milhões	-1,93%	US\$ 5,8 bilhões	-14,70%
2016	6,546 milhões	3,82%	US\$ 6,0 bilhões	3,45%
2017	6,588 milhões	0,64%	US\$ 5,8 bilhões	-3,33%
2018	6,621 milhões	0,50%	US\$ 5,9 bilhões	1,72%
2019	6,353 milhões	-4,10%	US\$ 4,0 bilhões	-31,8%

Quadro 10. Chegadas de turistas internacionais ao Brasil, 2014-2019.

Fonte: MTur.

De acordo com os dados oficiais do MTur, em média, o Brasil atraiu 6,474 milhões de turistas internacionais. Já em relação a receita cambial, o Brasil, a oitava economia do mundo, só conquistou em média, US\$ 5,7 bilhões. Com a taxa de câmbio em 23 de junho de um dólar americano equivalente a R\$ 5,15 isto significaria uma receita cambial de R\$ 29,3 bilhões, em média, só com os gastos de turistas internacionais no Brasil.

Ranking	Países	Chegadas de Turistas Internacionais	Participação
1°	Argentina	2.498.483	37,73%
2°	Estados Unidos	538.532	8,13%
3°	Chile	387.470	5,85%
4°	Paraguai	356.897	5,39%
5°	Uruguai	348.336	5,26%

Quadro 11. TOP 5 chegadas de turistas internacionais ao Brasil, 2018.

Fonte: MTur.

Os turistas argentinos são os turistas estrangeiros que mais visitaram o Brasil no ano de 2018, segundo os dados do MTur. Os mais de 2,4 milhões de turistas argentinos realizaram muitas viagens a lazer pelo belíssimo litoral brasileiro, viagens a negócios ao maior parceiro da Argentina na América do Sul, além de viagens a eventos no país vizinho.

Os cinco países que mais enviam turistas estrangeiros para a Paraíba são a Argentina, EUA, Chile, Paraguai e Uruguai, que aproveitaram muito bem suas férias nas lindas praias do Conde como a Praia de Tambaba e a Praia de Coqueirinho; contemplando as belezas naturais de Cabaceiras, a Roliúde Nordestina, com o seu belíssimo pôr-do-Sol no Lajedo de Pai Mateus, além da Pedra da Boca, com 336 metros de altura, ideal para a prática de rapel, trilhas e escaladas em Araruna.

6. NÚMEROS DO TURISMO NA PARAÍBA

A Paraíba tem lindas praias, Sol, clima tropical, deliciosa gastronomia, belíssimo artesanato, além de hospitalidade atraindo anualmente mais de 1,8 milhões de turistas, de acordo com os dados da Empresa Paraibana de Turismo S.A (PBTur). O melhor mês na Paraíba é janeiro, alta estação, sempre atraindo mais de 209 mil turistas.

MÊS	2015	2016	2017	2018	2019	2020
JAN	198.056	201.846	206.404	206.510	209.650	216.254
FEV	134.890	139.616	142.721	150.790	152.872	160.210
MAR	140.032	151.392	149.921	152.292	156.282	sd
ABR	132.470	123.097	146.288	143.227	148.928	sd
MAI	122.450	126.925	127.250	118.800	124.336	sd
JUN	137.836	163.718	159.100	160.100	165.304	
JUL	156.902	162.158	169.593	178.786	173.458	
AGO	127.445	135.117	144.784	150.864	156.928	
SET	139.440	133.347	140.344	144.694	144.550	
OUT	156.120	152.036	152.068	148.570	153.176	
NOV	137.543	138.258	140.714	145.076	146.324	
DEZ	141.322	146.010	153.704	159.218	157.020	
PB	1.724.506	1.773.520	1.832.891	1.858.927	1.888.828	376.464

Quadro 12. Fluxo global estimado de turistas na Paraíba, 2015-2020.

Fonte: PBTur. Nota: sd indica sem dados.

O destino turístico da Paraíba atraiu 1.724.506 turistas em 2015 cresceu para 1.888.828 turistas em 2019, ou seja, um aumento absoluto de 164.322 e um crescimento relativo de 9,53%, conforme os dados da PBTur.

Mais de 1,7 milhão de turistas viajaram para conhecer as belezas naturais da Paraíba desde 2015 até 2019. As praias são as principais atrações turísticas, outros destaques turísticos são o Vale dos Dinossauros em Sousa e as Pedras de Itacoatiaras em Ingá, além do Forte de Santa Catarina no município portuário de Cabedelo.

Entre os TOP 5 de turistas nacionais, destacam-se: São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Norte e Distrito Federal. As praias atraem os turistas do estado mais rico e mais populoso do Brasil. Já entre os TOP 5 de turistas internacionais, destacam-se: Argentina, EUA, Itália, Portugal e Espanha. Os países ibéricos desde a colonização ainda são atraídos pelas belezas naturais da Paraíba, entre elas, o pôr-do-Sol na Praia do Jacaré, ao som do Bolero de Ravel tocado pelo Jurandy do Sax, de roupa branca numa canoa.

REGIÕES*	MH**	Participação	UH***	Participação	Leitos	Participação
JOÃO PESSOA	118	23,01%	4.770	43,18%	11.938	42,97%
LITORAL NORTE	90	17,54%	670	6,07%	1.876	6,75%
SERTÃO	78	15,20%	1.639	14,84%	3.535	12,72%
LITORAL SUL	70	13,65%	1.013	9,17%	3.257	11,72%
CAMINHOS DO FRIO	31	6,04%	470	4,25%	1.398	5,03%
CAMPINA GRANDE	27	5,26%	1.539	13,93%	3.527	12,70%
BAYEUX	1	0,20%	3	0,03%	10	0,04%
OUTRAS REGIÕES	98	19,10%	942	8,53%	2.243	8,07%
PARAÍBA	513	100%	11.046	100%	27.784	100%

Quadro 13. Oferta hoteleira na Paraíba, 2020.

Fonte: PBTur. Notas: (*) em 13/02/2020, (**) MH (Meio de Hospedagem) e (***) UH (Unidade Habitacional).

O estado da Paraíba tem 513 meios de hospedagem, com 11.046 unidades habitacionais e 27.784 leitos nas 23 microrregiões, segundo a PBTur. O município de João Pessoa lidera no ranking paraibano com 42,97% dos leitos na Paraíba. A microrregião do

Litoral Sul, com destaque o município do Conde, com 11,72% dos leitos paraibanos. E no município de Campina Grande, o maior São João do mundo, com 12,70% do total.

Em 24 de junho, a Folha de São Paulo, divulgou que a região “Nordeste terá prejuízo de mais de R\$ 1 bilhão sem festas de São João”. A crise causada pelo novo coronavírus prejudicou fortemente as maiores festas juninas de quatro dos nove estados nordestinos: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a Folha de São Paulo, “As cidades de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB), que realizam as duas festas de São João mais famosas do Brasil, deixaram de movimentar, juntas, R\$ 400 milhões durante o período junino”.

Estamos em um momento muito incerto por conta da crise sanitária atual. A economia mundial nos dias de hoje é repleta de incertezas. A crise do novo coronavírus exigirá inovação tecnológica para encontrar as soluções atuais e futuras para diversas cadeias produtivas. O turismo paraibano foi seriamente afetado pela primeira onda da pandemia do COVID-19, e sobretudo, poderá ser mais afetado com o início da segunda onda do SARS-Cov-2 nos países asiáticos como a China, o Japão, a Coreia do Sul e a Índia.

7. NÚMEROS DO TURISMO EM JOÃO PESSOA

A belíssima capital do estado da Paraíba atraiu mais de 1,2 milhão de turistas no ano de 2019, conforme a PBTur. O município de João Pessoa tem lindas praias urbanas, um belíssimo nascer do Sol na Ponta do Seixas, o ponto mais oriental das Américas e é uma das melhores capitais para se morar no Brasil, além de um lindo pôr do Sol no Hotel Globo, no Centro Histórico da terceira capital mais antiga do Brasil, com 434 anos.

João Pessoa oferece praias e passeios turísticos inesquecíveis como das Piscinas Naturais do Seixas e das Piscinas Naturais de Picãozinho. João Pessoa tem a orla mais bonita do Nordeste, segundo a revista Viagem e Turismo. A bela capital paraibana tem lindas paisagens, hotéis e pousadas com diárias baratas, além do sossego que encantam os turistas nacionais e internacionais.

O belo artesanato paraibano é comercializado pelos artesãos em diversos locais em João Pessoa, destacam-se: Mercado de Artesanato Paraibano (MAP), Feirinha de Artesanato de Tambaú, Centro de Artesanato de Tambaú - Júlio Rafael e Museu Casa do Artista Popular. Os turistas nacionais e internacionais sempre compram lembrancinhas

da cidade como chaveiros de couro, além de camisas de algodão colorido e objetos de decoração.

João Pessoa é conhecida mundialmente como a cidade onde o Sol nasce mais cedo nas Américas. Todavia, a bela e secular capital paraibana sofre muito por conta da pandemia do COVID-19, é visível o número crescente de desempregados, além de pedidos de falências e de recuperação judicial nas empresas que atuam no turismo.

MÊS	2015	2016	2017	2018	2019	2020
JAN	130.382	141.542	146.877	149.606	153.466	158.148
FEV	95.050	92.136	93.288	98.940	100.344	104.880
MAR	98.656	96.990	98.882	103.052	108.126	sd
ABR	93.146	84.132	96.540	93.788	96.790	sd
MAI	86.410	84.130	87.100	81.004	84.202	sd
JUN	88.502	94.344	94.300	92.728	94.206	
JUL	111.120	112.478	114.952	121.412	116.352	
AGO	89.922	91.572	92.964	93.986	98.874	
SET	98.134	98.634	101.004	102.032	103.336	
OUT	110.748	103.105	108.926	106.544	109.490	
NOV	99.890	97.980	99.200	102.038	100.818	
DEZ	99.048	100.591	108.600	114.180	112.968	
JPA	1.210.008	1.197.634	1.242.633	1.259.310	1.278.974	263.028

Quadro 14. Fluxo global estimado de turistas em João Pessoa, 2015-2020.

Fonte: PBTur. Nota: sd indica sem dados.

Entre os TOP 5 de turistas nacionais em João Pessoa, destacam-se: São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Já os TOP 5 de turistas internacionais na terceira capital mais antiga do Brasil: Argentina, EUA, Portugal, Alemanha e Paraguai.

Em João Pessoa, já podemos afirmar que em decorrência da crise da COVID-19, a queda do faturamento no setor de alimentação ultrapassou 80%, exatamente 84%, segundo os dados oficiais do Sindicato das Empresas de Hospedagem e Alimentação de João Pessoa (SEHA-JP). Nos últimos 90 dias, já podemos afirmar também que 88% dos

meios de hospedagem já estão temporariamente com suas portas fechadas desde março. Dos meios de hospedagem que mantiveram as portas abertas, a taxa de ocupação hoteleira média é de 4% dos leitos. As demissões nos dois segmentos chegaram a mais de 1.500 pessoas em maio, segundo o SEHA-JP.

Mais de 100 dias de isolamento social e os guias de turismo estão sofrendo muito com o sumiço dos turistas brasileiros e estrangeiros na Grande João Pessoa, eles não usam mais os serviços de guias em buggies, vans e ônibus para o City Tour na 3ª capital mais antiga do Brasil, nem tão pouco, utilizam as lanchas e os catamarãs nos passeios para as Piscinas Naturais de Picãozinho e do Seixas.

Recentemente, os guias de turismo reivindicaram em carreata um auxílio emergencial da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP). Nós, do CORECON-PB, apoiamos a campanha S.O.S. empresas do Turismo paraibano.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com menor ou maior flexibilização das medidas do isolamento social na Paraíba e em especial, em João Pessoa, cidade secular, litorânea, verde, repleta de belos atrativos turísticos, as minhas sugestões em ações necessárias para o crescimento econômico com inclusão social sem degradação ambiental, são:

i) Promover a APL do Turismo para uma redução dos 228 mil desempregados na PB, com foco no turismo interno e regional;

ii) Refazer o planejamento turístico a longo prazo com cooperação de relatórios anuais dos agentes econômicos atuantes na cadeia produtiva do turismo;

iii) Desenvolver webconferências para compartilhar os principais indicadores da Economia do Turismo na Paraíba;

iv) Proceder com novos protocolos de segurança sanitária para as empresas se adaptarem ao reabrir na primeira onda e, sobretudo, na segunda onda da pandemia do COVID-19; e

v) Defender a reforma tributária. Chega de 92 tributos no Brasil!

Em suma, o setor de turismo na Paraíba tem sofrido grandes impactos econômicos com a pandemia do COVID-19. O desemprego aumenta e a distância entre os mais ricos e os mais pobres nunca foi tão grande. Portanto, S.O.S as empresas do turismo na Paraíba!

REFERÊNCIAS

IBGE. **O que é o PIB**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em 24 de junho de 2020.

IBGE. **Panorama de João Pessoa**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Nordeste terá prejuízo de mais de R\$ 1 bilhão sem festas de São João**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/sem-festas-de-sao-joao-nordeste-tera-prejuizo-de-mais-de-r-1-bilhao.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em 24 de junho de 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Dados e Fatos do Ministério do Turismo**. Disponível em: www.dadosefatos.turismo.gov.br/. Acesso em: 24 de junho de 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO; FIPE. **Estudo da Demanda Turística Internacional Brasil – 2018**. Brasília: MTur, junho de 2018.

OMT. **Panorama OMT del Turismo Internacional Edición 2019**. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284421237>. Acesso em 30 de junho de 2020.

PARAÍBA, Governo do Estado da Paraíba. **Decreto nº 40.122 de 13 de março de 2020**. Disponível em: <http://www.pm.pb.gov.br:1919/xmlui/bitstream/handle/123456789/297/DECRETO%20N%C2%BA%2040.122%20DE%2013%20DE%20MAR%C3%87O%20DE%202020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 21 de junho de 2020.

PARAÍBA, Governo do Estado da Paraíba. **Decreto nº 40.136 de 21 de março de 2020**. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/janeiro/marco/diario-oficial-21-03-2020-suplemento.pdf>. Acesso em 21 de junho de 2020.

PBTUR. **Indicadores Turísticos da PBTur**. Disponível em: <https://www.pbtur.pb.gov.br>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

PNUD. **Human Development Report 2019**. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2019.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2020.

PMJP. **Decreto nº 9.456 de 16 de março de 2020**. Disponível em:

http://www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2020/03/2020_Edi%C3%A7%C3%A3o_Especial_16-03-1.pdf. Acesso em 21 de junho de 2020.

SEHA-JP. **Salvar empresas e empregos é também salvar vidas**. Disponível em:

<https://www.facebook.com/SEHAJPoficial/videos/252271252510261/>. Acesso em 21 de junho de 2020.

OS 84 ANOS DA TEORIA GERAL DE KEYNES

GALVÃO JÚNIOR, Paulo²⁰

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No ano de 2020 participamos das comemorações alusivas aos 84 anos da obra prima de John Maynard Keynes (1883-1946), um revolucionário livro denominado *The General Theory of Employment, Interest and Money* (A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda).

A Teoria Geral, abreviatura da obra prima de Keynes, é muito importante para os primeiros passos na Teoria Macroeconômica. A Macroeconomia estuda o comportamento do sistema econômico, analisa a produção, o nível de emprego, a poupança, o investimento, o consumo, o nível geral dos preços, etc.

Em defesa da intervenção do Estado na economia capitalista e contra os pensamentos clássicos e neoclássicos (Lei de Say, *laissez-faire*, desemprego voluntário, mão invisível, etc.) o economista inglês John Maynard Keynes, em 14 de fevereiro de 1936, publicou sua obra prima nas comemorações alusivas aos 160 anos de nascimento de Thomas Robert Malthus (1766-1834).

A Teoria Geral é considerada uma das dez mais importantes obras de Economia de todos os tempos, focou no fim da Grande Depressão e mudou o rumo do mundo. A obra revolucionária de Keynes tem 6 livros e 24 capítulos, e foi considerada a mais influente da Economia no século XX, tendo lançado as bases conceituais da Macroeconomia.

Ao longo dos últimos 84 anos a grande obra de Keynes, em língua inglesa, com tradução na língua portuguesa, tem prefácio do próprio Keynes (1983, p.3):

Este livro é dirigido principalmente a meus colegas economistas. Espero que ele seja inteligível a outros, também, mas o propósito primordial dele é tratar de questões difíceis de teoria e, só em segundo lugar, das aplicações dessa teoria à prática.

Nas comemorações alusivas aos 84 anos da Teoria Geral de Keynes, o maior economista do século XX, pretendemos revelar que a visão keynesiana era muito

²⁰Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

particular e revolucionária, baseada em três princípios: eficiência econômica, justiça social e liberdade individual.

2. O PENSAMENTO ECONÔMICO DE KEYNES

A política econômica defendida pelo economista britânico John Maynard Keynes para escapar da Grande Depressão dos anos 30 foi a política fiscal expansionista. O Governo Federal aumenta os gastos públicos e baixa os impostos na economia de mercado, provocando o crescimento da demanda agregada a curto prazo.

Foi a enorme necessidade de uma forte intervenção do Estado na economia de mercado com o objetivo principal de garantir o pleno emprego dos fatores de produção. Lembrando que o desemprego sobe muito por causa da insuficiência na demanda agregada, isto é, uma inundação de bens sem consumidores.

Uma economia capitalista está totalmente ligada aos agentes econômicos, as famílias, as empresas, o Governo e o resto do mundo. Então se acontece uma forte retração das atividades econômicas as famílias logo irão diminuir o consumo, por sua vez, as empresas diminuirão os seus investimentos e perderão muito dinheiro sem consumidores, sem clientes, assim teremos um grande número de desempregados.

O desemprego involuntário sobe muito durante a retração das atividades econômicas na economia capitalista. Keynes estudou muito a importância da demanda agregada na economia de mercado. No modelo keynesiano surge a capacidade ociosa, os preços são rígidos no curto prazo e as quantidades variam e elas dependem da demanda agregada a curto prazo.

Keynes refutou a Lei de Say, de 1803, e inverteu a famosa e clássica lei, enfatizando que a demanda que assegura a oferta. Segundo o economista clássico Jean-Baptiste Say, “A oferta cria a sua própria demanda”. Reafirmando, para Keynes, a procura cria sua própria oferta.

A Grande Depressão dos anos 30 levou o surgimento de um pensamento revolucionário de Keynes, refutando o pensamento dos economistas clássicos como Adam Smith e David Ricardo, além dos economistas neoclássicos como Alfred Marshall e Arthur Pigou. Keynes foi um economista extraordinário, com uma visão muito diferente dos economistas da sua época.

O renomado professor de Economia da *University of Cambridge* e autor do renomado livro intitulado *Principles of Economics* (Princípios de Economia), Alfred Marshall (1842-1924), se aposentou e foi substituído por seu brilhante aluno John Maynard Keynes. Atualmente, podemos encontrar muitos livros de Economia na *The Marshall Libray of Economics*, entre eles, a famosa obra prima de Keynes, o pai da Macroeconomia, que completou 84 anos em 2020.

3. A CRISE DE 1929 E A CRISE DO COVID-19

A Crise de 1929 provocou um período de muita instabilidade na atividade da economia americana, em seguida, na economia mundial, isso ocorre porque a crise na economia capitalista é cíclica. De acordo com Keynes (1983, p.293):

Por movimento cíclico queremos dizer que, quando o sistema evolui, por exemplo, em direção ascendente, as forças que o impelem para cima adquirem inicialmente impulso e produzem efeitos cumulativos de maneira recíproca, mas perdem gradualmente a sua potência até que, em certo momento, tendem a ser substituídas pelas forças que operam em sentido oposto e que, por sua vez, adquirem também intensidade durante certo tempo e fortalecem-se mutuamente, até que, alcançado o máximo desenvolvimento, declinam e cedem lugar às forças contrárias. Todavia, por movimento cíclico não queremos dizer simplesmente que essas tendências ascendentes e descendentes, uma vez iniciadas, não persistam indefinidamente na mesma direção, mas que acabam por inverter-se. Queremos dizer, também, que existe certo grau reconhecível de regularidade na sequência e duração dos movimentos ascendentes e descendentes, ou seja, em alguns momentos existe crescimento e em outros declínio na produtividade econômica.

Desde março de 2020, estamos em pleno isolamento social no Brasil, logo, as atividades econômicas não essenciais são suspensas, apenas atividades essenciais abertas como padarias, supermercados e farmácias. As pessoas em vulnerabilidade social precisam de mais apoio das políticas públicas de renda do Governo Federal.

O cenário econômico nacional está repleto de mudanças em função da pandemia do COVID-19, que mudaram definitivamente os rumos da economia brasileira, a maior economia da América do Sul e da América Latina. Os impactos dos casos de SARS-CoV-2 mudaram completamente a forma de trabalho das famílias em seus lares e impactando na produção de bens ou prestação de serviços das empresas, sobretudo, as micro e pequenas empresas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, Keynes defendeu a intervenção do Estado na economia capitalista, através de uma política fiscal expansionista, fundamentada em investimentos públicos, com a finalidade de elevar a demanda agregada a curto prazo. Porque “A longo prazo, estaremos todos mortos”, finaliza Keynes.

Por fim, o pensamento econômico de Keynes segue sendo relevante nos dias atuais em plena Crise do COVID-19. A forte intervenção do Estado na economia brasileira é necessário para a recuperação econômica a curto prazo. O cenário pandêmico do COVID-19 exige um Estado empreendedor e regulamentador para salvar vidas humanas e auxiliar as pessoas mais vulneráveis, além de gerar empregos formais.

REFERÊNCIAS

KEYNES, John Maynard. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

AS CONSEQUÊNCIAS DO COVID-19 PARA O FIM DO CICLO ECONÔMICO ATUAL

SANTOS, Kleyton Santos²¹

GALVÃO JÚNIOR, Paulo²²

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 JUSTIFICATIVA

O desejo de escrever sobre o tema, que será tratado em três capítulos, surgiu do interesse e paixão do autor e do coautor na economia mundial. Também da preocupação com a atual situação de incerteza que vivenciamos atualmente, devido a pandemia do COVID-19, que traz, junto ao problema sanitário, o surgimento de uma nova crise econômica.

O presente artigo tem como tema o fim do ciclo econômico atual. O mortal COVID-19 age como o martelo que crava o fechamento de mais esse evento na história da economia mundial.

Os atuais estudos sobre a Teoria Austríaca do Ciclo Econômico (TACE) procuram explicar o ciclo econômico através de ideias detidas e debatidas pela Escola Austríaca. Assim como, evidenciar as consequências atuais e possivelmente futuras do impacto da pandemia do novo coronavírus na economia mundial.

1.2 PROBLEMÁTICA

Seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), cada autor está escrevendo o relevante artigo em sua própria casa, mas em parceria, e o diálogo on-line pelo WhatsApp e pelo e-mail ocorrem em momento de isolamento social, utilizando as ferramentas e os instrumentos disponíveis da Tecnologia da Informação (TI) no mundo cada vez mais digital, cada vez mais globalizado, cada vez mais desigual.

Como correlação aos eventos sociais e econômicos vigentes, surge a relevante questão: Haveria uma crise econômica a nível mundial caso o novo coronavírus não impedisse os mercados de operar em sua normalidade?

²¹Estudante de Ciências Contábeis na Faculdade Estácio de Sá. E-mail: kleyton1202@hotmail.com

²²Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

1.3 OBJETIVOS

Objetivo geral: Entender os impactos do mortífero COVID-19 em relação ao fim do ciclo econômico mundial.

Objetivos específicos:

- (i) Trazer dados que corroborem com a teoria da conclusão do ciclo econômico;
- (ii) Elencar as consequências da pandemia do novo coronavírus no sistema econômico;
- (iii) Compreender e analisar as dificuldades da recessão técnica.

2. O FIM DO CICLO ECONÔMICO

Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), a pandemia de coronavírus fez a economia mundial entrar em declínio. Está claro que entramos em uma recessão e que será pior do que em 2009 após a crise financeira global, aponta a diretora-geral do FMI, a economista búlgara Kristalina Georgieva (G1 ECONOMIA, 2020).

Os impactos na economia ampliam a crise sanitária mundial, reforçada em larga escala pelo colapso dos sistemas de saúde dos países e pela insegurança e imprevisibilidade da retomada do curso normal da produção econômica, ou até, se a retomada restabelecerá novos rumos na atividade econômica.

Este estudo se concentra na análise dos condicionantes que denotam a TACE relacionando assim a economia mundial nos dias atuais. Assim como, pretende evidenciar as consequências da crise que se estabelece em virtude da pandemia do coronavírus.

A relevância, diante do tema e suas consequências diretas na vida da população, se fazem necessárias para a elaboração desse estudo. Tendo em vista que, logo no início da crise, a taxa de desemprego se mostra em crescimento expressivo, devido as medidas de distanciamento social, isolamento social e *lockdown*, esse é apenas um dos motivos para a ostensiva problemática causada pelo SARS-CoV-2.

O cenário de crise causada na saúde pela ascensão inesperada e acelerada nas maiores economias do mundo, alavancaram além da preocupação sanitária, recessões econômicas e diversas crises políticas pelo mundo. Em virtude da fuga de capital

acentuada e má gestão pública tanto da seriedade do problema, quanto ao repasse da informação, que se torna muito importante ao combate da crise, alguns países, como a Itália e os Estados Unidos, tiveram agravamentos na contenção da caótica situação.

O estudo não trata da eficácia ao combate da pandemia em seus âmbitos políticos e econômicos, mas sim, analisar as consequências na economia geral, provocado pelos meios utilizados ao combate ao COVID-19 que resultam, ao nosso ver, no fim de mais um ciclo da economia mundial, relacionando assim a teoria dos ciclos econômicos.

2.1 CICLOS ECONÔMICOS: INÍCIO, AUGE E FIM

Na história da economia mundial ocorreram inúmeras crises econômicas ao longo dos séculos. Longos períodos de estabilidade e prosperidade trazem a ilusão do controle dos ciclos e da minimização dos efeitos recessivos. E de tempos em tempos, mudanças bruscas no padrão de expectativas tendem a denunciar sinais que desorganizam a produção, trazem volatilidade nos preços, desorganizando o modelo econômico e cravando períodos de crise.

Na atualidade, há diversas teorias dos ciclos econômicos no decorrer da história das crises. Atualmente, uma teoria de muita visibilidade no meio acadêmico, com diversos estudos e ensaios sendo produzidos tomando como norte seu pensamento, é a TACE, fundamentada na Escola Austríaca.

Para Sandroni (2008, p.302), “Também conhecida como Escola de Viena, a Escola Austríaca é constituída por um grupo de economistas que lecionou na Universidade de Viena e sustentou algumas ideias comuns, mais tarde englobadas no marginalismo”.

A Escola Austríaca enfatiza o poder espontâneo do mecanismo de preços, afirma também que a complexidade das escolhas humanas aleatórias faz com que seja correlativamente indefinível a modelação do mercado em movimento, defendendo uma abordagem de *laissez-faire* para a economia.

Como disse um dos principais representantes brasileiros dessa renomada Escola, o economista e professor Ubiratan Jorge Iorio, em sua obra “Ação, tempo e conhecimento”:

Podemos sintetizar o universo da teoria econômica da Escola Austríaca na frase: a economia é ação humana ao longo do tempo, nos mercados, sob condições de incerteza genuína. [...] Mises denominou de praxeologia (termo originado de práxis) ao estudo da ação humana, sob o ponto de vista de suas implicações formais. E, como ação, no sentido que lhe dá a Escola Austríaca, significa qualquer

ato deliberado (que tanto pode se fazer, como deixar de fazer alguma coisa), com o intuito de se passar de um estado menos satisfatório para outro mais satisfatório, segue-se que todos os atos econômicos, como por exemplo, os de trocar, comprar, vender, produzir, poupar, investir, consumir, emprestar, tomar emprestado, exportar, importar, etc., estão contidos no conceito seminal de ação humana (Iorio, 2011, pp.61-62).

Os defensores da TACE acreditam que um longo período de taxas de juro baixas e crédito excessivo induzem um ciclo volátil e instável. As taxas de juro baixas estimulam a concessão de crédito, aumentando assim a oferta de dinheiro circulante ou estoque monetário (ativos monetários de fácil acesso advindos de instituições financeiras ou pelo governo). Diante desse aumento de oferta, as oportunidades de investimento se tornam progressivamente menos rentáveis. Esse *boom*, decorrente da fácil oferta de crédito e juros baixas leva a produção progressiva de investimentos mal sucedidos.

Por fim, a recessão segue pela correção da inflação causadora do *boom*, chamada de *credit crunch* ou crise creditícia, onde a oferta contrai-se de forma acelerada, as taxas de juros voltam a subir e os investimentos deficitários são levados a serem liquidados, estimulando assim, os mercados a remanejar os recursos mal alocados no período de *boom*, em outras palavras, momentos de prosperidade econômica, de recuperação econômica ou de expansão econômica.

2.2 AS CONSEQUÊNCIAS DO COVID-19 PARA O FIM DO CICLO ECONÔMICO ATUAL

O novo coronavírus surgiu em dezembro de 2019 na República Popular da China e em muito pouco tempo demonstrou seu grau de letalidade, seu poder de destruição em diversos países, por exemplos, a Itália e a Espanha. A gravidade da doença que subiu no ranking de epidemia para pandemia em aproximadamente 4 (quatro) meses, provocando a necessidade de medidas drásticas para a contenção da propagação do COVID-19.

O momento atual de medo, de pânico, os agentes sociais buscam soluções para impedir o colapso do sistema de saúde em muitos países, logo, tornou-se necessárias medidas que paralisam a economia em escala mundial. Esse tipo de comportamento repentino causa mudanças no mercado que alteram os costumes de consumo e modelos de produção ao redor do mundo.

A China, onde o coronavírus se originou, divulgou dados do Centro de Estatística da China, entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2020, que registra quedas recordes na

produção industrial, varejo e investimentos em ativos fixos, que somados a outros índices, indicam uma retração coordenada no seu setor econômico geral como podemos constatar em quatro indicadores econômicos como a taxa de desemprego, o investimento em ativo fixo, as vendas no varejo e a produção industrial.

A taxa de desemprego na China subiu de 5,0% da PEA em janeiro de 2018 para 6,2% em fevereiro de 2020. O investimento em ativo fixo caiu drasticamente de 7,9% nos meses de janeiro e fevereiro de 2018 para -24,5% no bimestre de janeiro e fevereiro de 2020. Já as vendas no varejo sofreram uma queda vertiginosa de 9,7% nos meses de janeiro e fevereiro de 2018 para -20,5% no bimestre de janeiro e fevereiro de 2020. Enquanto a produção industrial chinesa desceu extraordinariamente de 7,2% em janeiro e fevereiro de 2018 para -13,5% no bimestre de janeiro e fevereiro de 2020.

Os indicadores mundiais, mostram que a disseminação da terrível pandemia para fora do continente asiático fez com que a crise da saúde impactasse economias de todo o mundo. Nunca passamos por situações nas quais somos obrigados a enfrentar, nenhuma nação estava preparada para uma parada estrutural e repentina dos mercados.

Como resposta à crise, a taxa de juros no mundo está em queda constante, governos criam pacotes de crise baseados na concessão de crédito fácil, injeção de capital em determinados setores ditos “estratégicos”, além de compra de títulos de dívida privada. O Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central do Brasil (BACEN) sinaliza queda da taxa de Sistema Especial de Liquidação de Custódia (Selic), a taxa básica de juros do Brasil, que já iniciou o ano em 4,25% ao ano, prevendo uma diminuição até o fim do ano de 2020 até 3%. Recentemente, o BACEN cortou a taxa Selic em 0,75 pontos percentuais, chegando a 3% ao ano. Essa política monetária expansionista provocará novas renegociações de dívidas e novos financiamentos imobiliários.

O *Federal Reserve* (FED), banco central norte-americano já injetou mais de US\$ 1,5 trilhão no mercado para tentar mitigar as perdas nas bolsas de valores. Intervenções agressivas as bolsas de valores ocorrem diariamente no mercado mundial. Além de medidas de injeção de capital, o FED zerou os juros para tentar aliviar a tensão no mercado mundial e impedir a desvalorização expressiva e inevitável do câmbio.

Ações como estas são indícios claros de recessão, anúncios de mais um ciclo que se encerra na economia mundial. O economista franco-irlandês Richard Cantillon, autor de *Essai sur la Nature du Commerce en Général* (Ensaio sobre a Natureza do Comércio Geral)

demonstrou em seu livro que inspirou precursores da Economia Austríaca como Carl Menger (1840-1921), o fundador, e Ludwig Edler von Mises (1881-1973), o maior economista da Escola de Viena, a fundamental incapacidade de todas as tentativas de estabilizar uma economia por meio de políticas monetárias que visam estabilização do nível de preços, explicando o problema inerente da não-neutralidade da moeda.

O economista escocês John Law (1671-1729) foi o fundador do sistema bancário no mundo, e grande defensor do papel-moeda e dos títulos de crédito lastreados em terra. John Law disse:

É um fato inquestionável que um banco, com a cumplicidade de um ministro, seja capaz de estimular o preço das ações públicas e de reduzir a taxa de juros ao bel-prazer deste ministro, e, com isso, pagar a dívida do Estado. O excesso de notas, feitas e emitidas nessas ocasiões, não perturba a circulação de bens e serviços porque está sendo usado para a compra e venda de ações que não servem para as despesas dos consumidores, além de não serem transformadas em prata. Mas se algum pânico ou crise imprevista levar os titulares a exigirem prata do banco estatal, a bomba iria estourar e então ver-se-á que estas são operações perigosas (CANTILLON, 1755, p.487).

Diante da paralisação da economia provocada pelas medidas de contenção ao mortal COVID-19, a curto prazo, a necessidade da intervenção do Estado para estabilizar e impedir o colapso da economia é visível. As medidas que buscam proteger os empregos, as empresas e o mercado de forma geral, nesse momento, devem ser aliadas a uma análise intrínseca das consequências desses impactos.

A visão de longo prazo para pensar em medidas que possam impedir a formação de bolhas e mal investimentos é essencial para que a alocação de recursos do Estado a economia seja realizada de forma responsável e igualitária. O economista Ludwig Von Mises, conhecido por seus trabalhos no campo da praxeologia e crítico a medidas intervencionistas, ressalta veementemente a necessidade dessa análise de consequências precisas nas ações econômicas:

A ação visa a substituir um estado de coisas menos satisfatório por outro mais satisfatório. Para saber se o resultado de uma ação será considerado mais ou menos satisfatório, é preciso prever corretamente todas as consequências, tanto a curto como a longo prazo (MISES, 1949, p.332).

Ludwig von Mises, em seu livro *A Ação Humana* (1949), descreve com eficácia três razões pelas quais o intervencionismo deve se findar. Mesmo se tornando necessário em momentos de crise aprofundada, como o momento da pandemia do coronavírus, essas

três razões procuram esclarecer a razão na qual se torna impossibilitado conduzir um sistema de organização da sociedade por meios de intervenção na economia.

Primeira: Quaisquer que sejam os argumentos apresentados em favor de determinadas restrições ou proibições, tais medidas em si não podem jamais constituir um sistema social de produção. Segunda: Todas as variedades de interferência nos fenômenos do mercado não só deixam de alcançar os objetivos desejados como também provocam um estado de coisas que o próprio autor da intervenção, do ponto de vista do seu próprio julgamento de valor, considera pior do que a situação que pretendia alterar. Terceira: o intervencionismo pretende confiscar o que uma parte da população tem de “excedente” e distribuí-lo a uma outra parte. Uma vez que esse excedente já tenha sido totalmente confiscado, torna-se impossível prosseguir com essa política (MISES, p.667).

O isolamento social provocado pelo COVID-19 mudou os rumos da economia mundial no ano de 2020 e nos próximos anos. Ocorreram uma redução tão drástica no turismo internacional, no consumo de bens de luxo, como também, no total de dinheiro que está circulando na economia mundial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber o esforço claro das instituições financeiras e bancos centrais do planeta para tentar minimizar os reflexos negativos causados pela cruel e inesperada pandemia do COVID-19 que assola no momento tão caótico. São medidas diárias e acentuadas que irão atenuar as dívidas públicas dos países, que trarão como consequência intervenções ainda mais incisivas do Estado por meio de afrouxamentos da política de controle fiscal e intervenções constantes na política cambial.

É fato que vivemos um momento inesperado e conturbado, nesses momentos, a opinião pública é tomada por argumentos desesperados e influenciados pela carga emocional e, principalmente, pela pressão política e social que momentos de crise em seu comum já trazem para o “hall” de alternativas para a tomada de decisão das autoridades responsáveis por algo tão importante para como vivemos, a economia.

Em suma, é extremamente necessário que os gestores, assim como a opinião pública e os órgãos sociais que causam pressão na tomada de decisão, avaliem os riscos das intervenções aplicadas como medida de contenção ou minimização a recessão que está chegando no âmbito da economia mundial.

Concluimos essa análise, que traz dados e denota sinais do fim do ciclo econômico mundial, buscando tomar como aprendizado os ensinamentos dos economistas

austríacos citados como referência. É necessário compreender que uma das principais características da economia é a adaptação. Enfim, há uma forte chance de presenciarmos um novo ciclo econômico, uma nova estrutura e modelo de mercado que irá mediar novos comportamentos e novas demandas no mundo pós pandemia do COVID-19.

REFERÊNCIAS

CANTILLON, Richard. **Ensaio sobre a Natureza do Comércio Geral**. Irlanda: Segesta Editora, 2002.

G1 ECONOMIA. **Desaceleração global por coronavírus será ‘muito pior’ do que crise financeira, diz FMI**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/03/desaceleracao-global-por-coronavirus-sera-muito-pior-do-que-crise-financeira-diz-fmi.ghtml>. Acesso em 01 de maio de 2020.

IORIO, Ubiratan Jorge. **Ação, tempo e conhecimento**. São Paulo: Instituto Mises Brasil, 2011.

MISES, Ludwig E. von. **A Ação Humana**. Nova York: LVM Editora, 2017.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. Record: São Paulo, 2008.

UOL ECONOMIA. **Fed NY injeta mais de US\$ 1,5 trilhão no sistema financeiro**.

Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/03/12/fed-ny-injeta-mais-de-us-15-trilhao-no-sistema-financeiro.htm>. Acesso em 02 de maio de 2020.

VALOR ECONÔMICO. **Dados mostram colapso da economia chinesa e indicam PIB negativo**. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/03/17/dados-mostram-colapso-da-economia-chinesa-e-indicam-pib-negativo.ghtml>. Acesso em 02 de maio de 2020.

XP INVESTIMENTOS. **Selic vai a 3% ao ano em 7º corte seguido do Banco Central; entenda o cenário**. Disponível

em: <https://conteudos.xpi.com.br/economia/relatorios/selic-vai-a-3-ao-ano-em-7o-corte-seguido-do-banco-central-entenda-o-cenario/>. Acesso em 02 de maio de 2020.

LER, RELER E LER DE NOVO EM PLENO ISOLAMENTO SOCIAL

GALVÃO JÚNIOR, Paulo²³

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata do isolamento social decorrente da pandemia global do COVID-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, e ao mesmo tempo é um relato de experiência de um docente dos cursos de Ciências Contábeis, Administração, Gestão Financeira e Gestão de Recursos Humanos (RH) no Centro Universitário UNIESP, localizado na cidade portuária de Cabedelo.

É um breve relato de um docente muito sensibilizado com a atual crise econômica no mundo e no Brasil, que provoca prejuízo em diversos setores, em especial o turismo, falência de empresas, desemprego em massa, elevada inadimplência, aumento da pobreza e crescimento da fome nos cinco continentes do planeta e nas cinco regiões do País.

Esse inédito artigo revela a importância do uso das *videoconferências* nas aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira, desde 17 de março de 2020 até os dias atuais, com a suspensão das atividades acadêmicas nos blocos do UNIESP.

Esse artigo tem como objetivo principal relatar algumas experiências de aulas em acesso remoto, além de incentivar a leitura de *e-Books* entre os jovens universitários, além de objetivos específicos como ajudar na tarefa de permanecer o máximo possível em casa com o uso de aulas remotas e de Olimpíadas por *Whatsapp*, além de retratar cronologicamente a aplicação de ferramentas tecnológicas como *Webex*.

Este artigo é uma pequena contribuição ao valioso *e-Book* do UNIESP, oriundo do meu relato de experiência na transição das aulas presenciais para as aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira; na mudança das provas para as atividades avaliativas; na passagem das Olimpíadas UNIESP de Economia e de Economia Brasileira em sala de aula para Olimpíadas por *Whatsapp*; na transição da Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado para a Biblioteca Virtual do UNIESP; e em *home office* no uso das novas

²³Economista formado pela UFPB, Especialista em Gestão de RH pela UNINTER e Professor de Economia e de Economia Brasileira nos cursos de Ciências Contábeis, Administração, Gestão Financeira e Gestão de RH no UNIESP.

ferramentas tecnológicas e das novas metodologias para compartilhar sobre os ciclos econômicos.

2. DESENVOLVIMENTO

A metodologia utilizada neste estudo foi descrever com qualidade a transição das aulas presenciais para aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira. Podemos relatar vários momentos tensos como a falta de energia elétrica, como também, momentos engraçados como os latidos dos cachorros durante a explicação da recessão econômica.

Foi descrever precisamente como ocorreu esta rica experiência em pleno isolamento social. Salientamos as várias dificuldades de enviar as atividades avaliativas pela plataforma do Aluno *Online* por parte dos discentes, sobretudo porque ficava o sistema caindo o tempo todo, além de relatar a minha experiência contextualizando-a com a realidade da economia brasileira.

As aulas presenciais foram suspensas no UNIESP. Em seguida, começaram as aulas remotas, logo, os professores e os alunos atravessaram sérios problemas socioeconômicos no Brasil. A crise econômica é grave, mas toda crise é cíclica. Toda crise econômica tem início, meio e fim. Em tempos econômicos difíceis é necessário estudar muito a duração da recessão econômica em forma de letras V, U, W, L ou I no Brasil.

A minha previsão é uma recessão econômica de 4,3% a 8,3% em 2020. A taxa de desemprego subirá para 17,2% da PEA no final do ano. O contingente de pessoas na pobreza aumentará significativamente por causa da pandemia do COVID-19. A crescente miséria elevará o Índice de Gini que revela anualmente a nossa absurda desigualdade. A inadimplência de pessoas físicas e jurídicas crescerá cada vez mais nos próximos meses com 92 tributos vigentes em todo o Brasil. Milhões sem Auxílio Emergencial de R\$ 600 este mês, sem R\$ 20 por dia, logo, mais geladeiras vazias, mais contas atrasadas, mais fome.

2.1 DAS AULAS PRESENCIAIS PARA AULAS REMOTAS

O meu relato sobre a experiência de ensino de Economia e de Economia Brasileira, inicia-se, exatamente na quarentena em minha residência, no bairro dos Expedicionários, na secular capital paraibana. Após 14 dias consecutivos sem notícias da vacina oral contra o mortífero COVID-19, no dia seguinte, estamos em tempos de isolamento social. Neste

momento tão sombrio é fundamental uma reflexão crítica sobre o Ensino à Distância (EaD) em um país lusófono que lê muito pouco em comparação com os países emergentes como a Argentina e a Índia ou com os países desenvolvidos como o Canadá e a França.

“Dos 21 volumes lidos em média por ano na França, 17 são em versão impressa e 4 em versão digital” (UOL, 2019). Já o brasileiro lê, em média, menos de 5 livros por ano. Outra certeza, esta estatística já mudou com a pandemia do SARS-CoV-2. Portanto, é necessário ler, reler e ler de novo em pleno isolamento social.

É evidente que o estudante universitário lê pouco nos 26 estados federados e no Distrito Federal (DF). Com este inédito e inesquecível isolamento social, o estudante brasileiro começou a ler mais, com mais tempo disponível no computador, notebook, celular ou smartphone com acesso à *Internet*.

Do dia 03 de fevereiro até 16 de março de 2020 ocorreram às aulas presenciais de Economia e de Economia Brasileira no UNIESP, com aperto de mãos e contato visual, com ênfase na leitura das obras primas de Adam Smith (1723-1790) e de Celso Furtado (1920-2004).

O economista escocês Adam Smith escreveu sua obra prima intitulada **Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações**, mais conhecida mundialmente como **A Riqueza das Nações**, em março de 1776, ou seja, 244 anos atrás, em pleno século XVIII.

Segundo o Pai da Economia moderna, o economista escocês Adam Smith (1983, p.50) a iniciativa privada deveria agir livremente:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua auto-estima, e nunca lhe falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles.

O economista brasileiro Celso Furtado publicou sua obra prima denominada **Formação Econômica do Brasil**, em janeiro de 1959, ou seja, 61 anos atrás, em pleno século XX.

O célebre livro foi escrito quando o economista paraibano Celso Furtado estudava no *King's College* da famosa Universidade de *Cambridge*, em *Cambridge*, na Inglaterra, a

convite do professor e economista inglês Nicholas Kaldor (1908-1986), discípulo de Keynes.

O interesse maior de Celso Furtado era compreender a especificidade do Brasil e o grande atraso de um país com tantas potencialidades, no qual levou-o a buscar uma explicação dos ciclos econômicos, desde o século XV até o século XX. Na Introdução da sua obra prima, Celso Furtado (1999, p.1) escreveu, “O PRESENTE LIVRO pretende ser tão-somente um esboço do processo histórico de formação da economia brasileira”.

A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda do economista inglês John Maynard Keynes (1883-1946) foi publicada em fevereiro de 1936, ou seja, 84 anos atrás, e mudou completamente os rumos da economia mundial, com sua defesa de forte intervenção do Estado na economia de mercado. Conforme Keynes (1983, p.102), “A verdadeira dificuldade não está em aceitar ideias novas, mas em escapar das velhas ideias”.

O brasileiro permanece conectado à *Internet* em média de 9 horas e 29 minutos por dia (Canaltech, 2019). Com certeza, esta estatística já aumentou com a propagação geométrica do novo coronavírus. É fundamental utilizar ferramentas digitais de webconferência como *Zoom Cloud Meetings*, *Jitsi Meet*, *Cisco Webex Meetings* e *Google Meet* para incentivar o salutar hábito de leitura entre os futuros contadores, administradores, gestores financeiros e gestores de RH do quinto maior país em extensão territorial do planeta.

As aulas remotas podem ser realizadas por várias ferramentas digitais como *Skype*, *Hangouts Meet*, *GoToMeeting* e *Google Forms*. Entre 18 e 19 de março de 2020 iniciaram as minhas primeiras aulas remotas pelo *Instagram*, através de três *lives*, mas com sérias dificuldades de interação com o aluno, devidas apenas uma hora de duração, além de demora de todos os alunos adicionarem o professor no *Instagram* para poder assistir sua primeira aula virtual.

Entre 23 e 26 de março de 2020, na segunda semana de quarentena, as minhas aulas remotas migraram para o *Zoom Meetings*. Instalei o aplicativo em meu notebook da *Gateway* e ao mesmo tempo no meu celular da *Samsung* pelo *Android*. Foi a minha primeira experiência com webconferências e o *Zoom* é um aplicativo grátis de computador para videoconferências (ZOOM, 2020). O *Zoom* é uma plataforma *online* de

videoconferência para empresas, profissionais liberais e agora sendo usados por docentes e discentes do UNIESP.

A modalidade gratuita do *Zoom* tem limitações de participações, apenas 100 (cem) alunos, e sobretudo, tempo para ministrar aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira com no máximo 40 (quarenta) minutos. De 10 até 20 de abril as minhas aulas remotas foram redirecionadas pelo aplicativo *Jitsi*, com interação com os discentes em tempo real nos horários de aula presencial, mas com várias dificuldades com esta nova plataforma, sobretudo, problemas de som, mas sem problemas de segurança e privacidade do *Zoom*.

Do dia 22 de abril de 2020 até os dias atuais, as aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira foram realizadas da minha casa, no famoso *home office*, pelo excelente aplicativo *Webex*, com ênfase na leitura da A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda, a obra prima do economista inglês *John Maynard Keynes*, o Pai da Macroeconomia moderna.

O *Webex* (2020) é gratuito, sem precisar de cartão de crédito nem de débito, excelente para uma aula remota com 100 (cem) alunos, com videoconferências simples, mas eficientes e de fácil acesso ao *link* pelo *e-mail*, *Whatsapp* ou *web.Whatsapp*. O meu *link*²⁴ de acesso rápido para aulas remotas é disponibilizado e é fácil iniciar uma reunião (leia-se aula remota) e compartilhar conteúdos como e-Books, vídeos, apostilas e artigos de Economia e de Economia Brasileira.

Nessa sessão do relato de experiência devo acrescentar as novas impressões dos discentes sobre a importância da leitura em sua vida acadêmica durante o isolamento social. Todavia, estamos todos morrendo de saudades das aulas presenciais e das provas em sala de aula no UNIESP.

2.2 DAS PROVAS PARA ATIVIDADES AVALIATIVAS

No Centro Universitário UNIESP utilizamos um sistema chamado Professor *Online*. Estar disponível um *Chat* no Professor *Online* para enviar e receber mensagens acadêmicas. Pelo Professor *Online*, o docente envia suas provas ou atividades avaliativas para os

²⁴Disponível em: <https://meetingsamer13.webex.com/join/paulogalvaojunior>. Acesso em: maio 2020.

discentes, além de possibilitar o acesso aos *eBooks*, apostilas, conteúdos complementares, Trabalho Efetivo Discente (TED) e outras atividades acadêmicas.

Em sala de aula, as provas de Economia e de Economia Brasileira têm 20 (vinte) questões, sendo 18 (dezoito) de múltipla escolha e 2 (duas) questões abertas, sendo cada questão certa vale 0,5 (meio) ponto, sem direito a consulta. As provas sempre são realizadas uma semana depois das Olimpíadas UNIESP de Economia e de Economia Brasileira.

O aluno e a aluna do UNIESP precisam ter consciência que tem 86 bilhões de neurônios e que é muito inteligente. Eu sempre incentivo à leitura de livros, de livros digitais, artigos, revistas e sites de Economia. Eu sempre revelo ao discente que o seu maior inimigo é o tempo e o seu maior aliado é o sonho de ser contador, administrador, gestor financeiro e gestor de RH no sexto país mais populoso do mundo.

Nesse período de isolamento social para prevenção ao novo Coronavírus, surgem as atividades avaliativas, com 2 (duas) questões abertas, cada questão valendo 5 (cinco) pontos e que são enviadas pelo Professor *Online* e, posteriormente, o próprio discente encaminham as respostas pelo sistema Aluno *Online*, utilizando a sua matrícula e a senha.

2.3 DAS OLIMPÍADAS EM SALA DE AULA PARA OLIMPÍADAS POR *WHATSAPP*

A Olimpíada UNIESP de Economia em sala de aula sempre ocorre nos Blocos A e D, nos turnos diurno e noturno, com três grupos distintos, Vermelho, Branco e Preto. Já a Olimpíada UNIESP de Economia Brasileira ocorre também em sala de aula, no Bloco A, no segundo andar, nos turnos diurno e noturno, com três grupos diferentes, Verde, Amarelo e Azul.

A disputa da Olimpíada de Economia em sala de aula acontece através de uma prova de 20 (vinte) questões, sendo 18 (dezoito) delas de múltipla escolha e 2 (duas) discursivas. Os participantes são divididos em três grupos, que respondem às perguntas no limite do tempo da aula e com direito a consulta de uma única questão pelo líder e em consenso com o grupo. A equipe com mais questões corretas é a vencedora, utilizando como critério de desempate o tempo de entrega do gabarito oficial pelos três líderes. Os integrantes do grupo campeão recebem medalhas de ouro e 2,0 pontos na prova da disciplina de Economia, além de kits UNIESP, ao passo que o segundo e terceiro colocados recebem 1,5 e 1,0 ponto, respectivamente, e também medalhas de prata e bronze das

mãos do coordenador de Ciências Contábeis e de Gestão Financeira ou da coordenadora de Administração e de Gestão de RH.

No período 2020.1 ficou combinado entre o professor, os alunos e os coordenadores, a estimada coordenadora Suellem Pinto e o estimado coordenador Thyago Henriques, a entrega dos troféus Economista Adam Smith e Economista Celso Furtado, numa atividade acadêmica que incentiva aos alunos ao trabalho em equipe. A Olimpíada UNIESP de Economia acontece desde o semestre 2014.2 no Curso de Graduação em Ciências Contábeis e é uma aula bem dinâmica, cujo objetivo é incentivo ao trabalho em equipe. Apesar de ser uma competição muito disputada, todos ganham, porque a disputa gera conhecimento.

Infelizmente, em 24 de março de 2020, o Japão adiou as Olimpíadas de Tóquio de 2020, devido a pandemia do novo coronavírus e não a descoberta da vacina oral contra o mortal COVID-19. Em pleno isolamento social, realizamos seis Olimpíadas UNIESP de Economia e quatro Olimpíadas UNIESP de Economia Brasileira por *Whatsapp*. Os comentários dos alunos e das alunas pelo *WebChat* das turmas de Economia, diurno e noturno, são verdadeiros incentivos, sinceros elogios, portanto, eu estou no rumo certo ao exercer a profissão mais importante do mundo, o professor:

([23/03/2020 09:53:53 A](#)²⁵). Bom dia Prof Paulo, muito honrada em participar da primeira Olimpíadas Online de Economia.

([23/03/2020 09:56:39 B](#)). bom dia Professor, muito feliz com nossa olimpíada. Feliz com o nosso ouro! Independente disso, meus parabéns a toda turma.

([23/03/2020 10:04:50 C](#)). Bom dia, Professor. Agradeço pela experiência. Tenho certeza que todos aqui tiramos aprendizados, muito além do conhecimento herdado pelo estudo.

([23/03/2020 20:23:41 D](#)). Parabéns a todos! Foi muito boa esta experiência.

([23/03/2020 20:25:43 E](#)). Já queremos a próximaaaa.

([23/03/2020 20:26:59 F](#)). ansiosa para próxima olimpíada em maio, obrigada pela emoção professor!

([23/03/2020 20:27:21 G](#)). Parabéns a todos! Até a próxima.

²⁵Os participantes são identificados pelos códigos: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P e Q.

[\(23/03/2020 20:29:16 E\)](#). momento ímpar, muita emoção e ação para ganhar esta olimpíada. adoreiii.

[\(23/03/2020 20:35:05 H\)](#). Parabéns a todos, foi incrível e muito produtivo. Amei nossa I Olimpíadas de economia !!!!

[\(23/03/2020 20:35:21 I\)](#). EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA. TOP ESSA OLIMPÍADA!!

[\(23/03/2020 21:01:46 J\)](#). Boa noite, que experiência incrível com nosso grande professor Paulo Smith Galvão! está de parabéns.

[\(23/03/2020 21:05:25 L\)](#). Vlw professor, foi bastante proveitoso, muito disputado !!!!!

[\(23/03/2020 21:06:08 M\)](#). Boa noite! dia de muita emoção nessa olimpíada.

[\(23/03/2020 21:21:34 N\)](#). Boa noite! Foi muito top, maravilhoso.

[\(27/03/2020 19:02:07 O\)](#). Uma experiência única e proveitosa, adquirimos muitos conhecimento. Foi top, parabéns a todos !!

[\(28/03/2020 14:24:16 P\)](#). Boa tarde! Muito bom ter participado das olimpíadas. A on-line foi interessante, mas, aguardo ansiosamente a presencial #Rumoaoouro! Parabéns a todas as equipes e a dedicação do professor.

[\(28/03/2020 20:31:10 Q\)](#). Boa noite! A primeira olimpíada online foi um sucesso! Uma forma de aprendizagem enorme, pois não só testa o conhecimento que temos do assunto, mas também nos prepara para as cobranças que o mercado de trabalho e acadêmico tanto nos cobra!

[\(18/05/2020 20:22:06 E\)](#). Uhu! Novamente o grupo branco é campeão das Olimpíadas de Economia ministrada por esse professor top! Adorei muito, até a próxima.

[\(18/05/2020 20:32:00 G\)](#). Mais uma olimpíada de economia e o grupo branco campeão! Uhu!

A participação e a resiliência dos líderes dos grupos Vermelho, Branco e Preto foram decisivas para o grande sucesso das Olimpíadas UNIESP de Economia por *Whatsapp*. Por isso, meus sinceros agradecimentos aos líderes do grupo Preto (Leandro Gonçalves Pereira Júnior, Natália Gomes da Silva Onório e Henrique Azevedo de Almeida), do grupo Vermelho (Mariana de Araújo Cabral, Jéssica de Souza Cavalcante e Matheus Rodrigues dos Santos) e do grupo Branco (Gerônimo Marco Silva do Nascimento, Eduarda Karla Bastos Marinho Maciel e Maria Clara dos Santos Silva). O líder de um grupo com

vontade de vencer é muito importante para os bons resultados nas Olimpíadas após o envio do gabarito oficial do grupo conforme as regras (exemplo: 1! A! 2! B! 3! C! 4! D! 5! E!).

Ao ler novamente os comentários dos alunos e das alunas no *WebChat* das turmas de Economia Brasileira, diurno e noturno, sobre as Olimpíadas por *Whatsapp*, eles e elas confirmam a minha missão possível de compartilhar o ouro do século XXI, o conhecimento:

[\(26/03/2020 08:53:11 A1²⁶\)](#). *Sou do grupo amarelo. Por mais que no momento a olimpíada foi a distância, eu achei muito bacana a experiência e a interação de todos no grupo.*

[\(26/03/2020 08:53:19 A2\)](#). *Bom dia, com a olimpíadas de economia com o professor Paulo Galvão shooow, grupo amarelo sempre representando.*

[\(26/03/2020 08:54:56 A3\)](#). *Foi muito boa a olimpíada com a participação ativa dos alunos.*

[\(26/03/2020 08:59:48 A4\)](#). *Bom dia! As olimpíadas foi ótima, mesmo distantes teve uma boa interação.*

[\(26/03/2020 09:00:04 A5\)](#). *Muito boa a olimpíada de economia e de grande conhecimento para os demais alunos.*

[\(26/03/2020 09:36:42 A6\)](#). *Bom dia !! As olimpíadas foram excelente! O professor mesmo com a distância soube conduzir bem os alunos !! Adorei.*

[\(26/03/2020 09:46:07 A7\)](#). *Bom dia Professor! Nossa 2 olimpíada com o professor, e a 1 olimpíada online, foi ótima!!!! Uma experiência diferente com um ótimo professor. Obrigada!*

[\(26/03/2020 19:35:04 A8\)](#). *Boa noite, a olimpíada foi ótima, uma nova experiência por ter sido a distância!*

[\(26/03/2020 19:57:54 A9\)](#). *2020.1 Olimpíadas de Economia Brasileira foi bom demais *-*.*

[\(26/03/2020 20:00:06 A10\)](#). *Boa noite Professor! Essa primeira Olimpíadas de 2020 mesmo sendo diferente por ter acontecido online, em meio a essa pandemia não nos deixou de participar, foi ótimo!*

[\(26/03/2020 20:00:42 A11\)](#). *Boa noite professor e turma! Foi um prazer participar da primeira olimpíada de economia brasileira online, foi muito bem organizado e didática, parabéns professor Paulo Galvão Júnior e obrigado por todo seu esforço.*

²⁶Os participantes foram codificados entre A1 a A20.

[\(26/03/2020 20:01:18 A12\)](#). *Olimpíada completamente organizada. Foi ótima!*

[\(26/03/2020 20:02:23 A13\)](#). *Boa noite professor, foi ótimo participar mais uma vez de uma de suas olimpíadas, mesmo estando todos distantes.*

[\(26/03/2020 20:05:38 A14\)](#). *Professor, mesmo diante dessa situação que estamos passando agora, a olimpíada foi ótima!! Que venham outras!!*

[\(26/03/2020 20:49:42 A15\)](#). *Olimpíadas de Economia Brasileira, foi muito top, obrigado professor por compartilhar seus conhecimentos e nos passar. Abraços.*

[\(26/03/2020 20:51:54 A16\)](#). *Boa noite professor, a Olimpíada de Economia Brasileira Online, foi muito organizada e completa.*

[\(26/03/2020 20:54:13 A16\)](#). *Nós alunos, e com a frase, ler, reler e ler de novo, fica mais fácil de aprender !!*

[\(26/03/2020 20:55:00 A17\)](#). *Boa noite professor muito bem organizada a olimpíada parabéns.*

[\(26/03/2020 20:55:17 A18\)](#). *Grande Olimpíada, muito organizada e completa, foi uma honra compartilhar nossos conhecimentos!*

[\(26/03/2020 21:04:13 A16\)](#). *Valeu pela Olimpíada professor Paulo Galvão, a melhor já feita, parabéns todos participantes!*

[\(26/03/2020 21:13:55 A19\)](#). *Ótima olimpíadas professor Galvão!*

[\(27/03/2020 08:20:57 A20\)](#). *bom dia! parabéns professor pela olimpíada muito organizada, os alunos precisa disso de professores dinâmico.*

[\(21/05/2020 09:56:12 A1\)](#). *Adorei a II Olimpíada de Economia a lembranças do Grande Economista Celso Furtado, adquirimos mais conhecimentos e sabedoria, gostei dessa olimpíada porque foi mais rápido que a primeira, muitos amigos do grupo amarelo se ajudando rapidamente. O Ouro do Século XXI É o Conhecimento.*

[\(21/05/2020 11:37:41 A3\)](#). *Muito boa a olimpíada Professor.*

[\(21/05/2020 22:21:27 A18\)](#). *Olimpíada muito boa, organizada e completa!!! Parabéns a Todos.*

Com certeza, a participação ativa e a resiliência dos líderes dos grupos Verde, Amarelo e Azul foram relevantes para o grande sucesso das Olimpíadas UNIESP de Economia Brasileira por *Whatsapp* no Centenário de Celso Furtado. Os líderes poderiam realizar uma única consulta pela senha da pergunta (11! Celso Furtado?) pelo *Whatsapp*.

Meus sinceros parabéns aos líderes do Grupo Amarelo (Joel Maurício da Silva Santos e Jonas Queiroz do Nascimento), do Grupo Verde (Matheus Guilherme da Silva e Johnny Wesley Lins Ferreira) e do Grupo Azul (Giovane de Queiroz Andrade e André Cosme de Lima Júnior), os futuros administradores do Brasil no mercado globalizado e extremamente competitivo.

2.4 DA BIBLIOTECA PADRE JOAQUIM COLAÇO DOURADO PARA BIBLIOTECA VIRTUAL DO UNIESP

A Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado é a mais moderna biblioteca privada do estado da Paraíba e localizada nos 1º e 2º andares do Bloco Central, o bloco mais frequentado no UNIESP. Os estudantes universitários um dia ou dois dias antes das provas, a Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado permanece lotada.

Eu sou o professor universitário que mais frequentava a Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado, sempre em busca do ouro do século XXI. A Biblioteca Padre Dourado tem conceito máximo, conceito 5 (cinco) na avaliação do Ministério da Educação (MEC). O professor tem direito de sete títulos emprestados por 15 (quinze) dias corridos. Na sala multimídia, eu sempre utilizava um computador novo com acesso à *internet* gratuito e com *headphone*, assim realizava, diuturnamente, várias pesquisas para escrever os meus artigos, e, conseqüentemente, os meus *eBooks* de economia.

Com a pandemia do COVID-19, a Biblioteca Padre Dourado está fechada. É o espaço acadêmico que mais sinto falta nos últimos 82 dias. Eu frequento uma biblioteca desde criança com a inauguração da Biblioteca Juarez da Gama Batista no Espaço Cultural José Lins do Rego em 1982. Mas, pelo portal da Biblioteca Virtual do UNIESP podemos ler, reler e ler de novo em pleno isolamento social. Sim, concordamos com o pensamento da estimada reitora da UNIESP, a professora Érika Marques (2020), “Nesse momento de pandemia, a leitura nos ajuda a manter nosso equilíbrio”.

Eu sou também um dos docentes com mais livros digitais na Biblioteca Virtual do UNIESP. No site oficial²⁷ é possível ler oito publicações de minha autoria pela Editora IESP: (i) RBCAI; (ii) Novas reflexões socioeconômicas; (iii) Vamos fazer juntos a economia verde?; (iv) Por que o Brasil é muito desigual?; (v) O ouro do século XXI; (vi) Diversos

²⁷Disponível em: <http://bibliotecavirtual.iesp.edu.br/>. Acesso em: maio 2020.

enfoques econômicos; (vii) Novos enfoques econômicos; e (viii) Liberdade econômica e igualdade social.

Durante o período de isolamento social, pelo *Whatsapp*, enviei para todos os estimados alunos e as estimadas alunas os meus *e-Books* de economia, além de um livro digital de poesias intitulado *O Eclipse*, com lindo posfácio da estimada ex-aluna Ana Formiga de Gestão Financeira. Foi enorme a capacidade de transmissão do conteúdo de Economia e de Economia Brasileira pelos *e-Books* enviados no Dia Mundial do Livro em 23 de abril e no Dia Internacional da Língua Portuguesa em 05 de maio de 2020.

2.5 AS PESQUISAS *ONLINE* EM *HOME OFFICE*

Em plena Quarta Revolução Industrial, estou em casa trabalhando muito no meu escritório repleto de tecnologia. As terças e sextas-feiras eram direcionadas para orientação de sete discentes (duas alunas e cinco alunos) na sua elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou do seu Projeto de TCC pelo *Whatsapp* e pelo *Webex*.

Mesmo em *home office*, ainda encontrei tempo disponível para escrever os meus artigos de Economia para um futuro *e-Book* intitulado *A recessão das nações: Apenas olhe para o lado bom da economia*. Deu tempo para a minha primeira entrevista numa *live* pelo *Instagram* ao ex-aluno de Ciências Contábeis e ex-orientando Vamberto Ricardo, um dos sócios-proprietários da empresa Keep Contabilidade Estratégica, em 19 de maio de 2020, além de realizar uma pesquisa sobre a economia brasileira em pleno isolamento social, através da ferramenta *Google Forms*, com a formulação de um questionário *online* com 10 (dez) perguntas de múltipla escolha.

Aproveitando este artigo para divulgar e compartilhar os dois principais resultados, sem pizzas. Constatamos dos 26 (vinte e seis) entrevistados *online*, que a maioria era do sexo masculino, com 53,8% do total e em segundo lugar, do sexo feminino com 46,2%. A maioria dos entrevistados tem idade de 21 a 25 anos, com 34,6% do total e em segunda colocação, com 23,1% tem de 16 a 20 anos de idade. A maioria dos entrevistados tem ensino superior incompleto, com 57,7% e em segunda posição, com 23,1% do total tem especialização. Percebemos que a maioria dos entrevistados era solteiro com 73,1% do total e em segundo lugar, 26,9% eram casados.

Entre as dez questões, destacamos que na pergunta sobre a previsão de retração das atividades econômicas no Brasil no ano de 2020, 15,4% apontaram para uma queda de 3,5% e 11,5% do total apontaram uma redução de 2,5%. Em 03 de abril de 2020 o Banco Central do Brasil (BACEN) pelo Relatório FOCUS projetava uma retração econômica de 1,18% na economia brasileira no ano de 2020. Em 5 de junho de 2020, o Relatório FOCUS tem projeção de uma recessão econômica de 6,48% em 2020. Todos os discentes recebem pelo *Whatsapp* este Boletim nas segundas-feiras.

Na questão em seguida sobre como combater a pandemia do COVID-19 e ao mesmo tempo recuperar a economia brasileira, a maioria dos entrevistados sinalizou para menos tributos com 57,7% do total e em segundo lugar as menores taxas de juros, com 26,9%.

Na pergunta posterior sobre a taxa de desemprego no Brasil em dezembro de 2020, com 42,3% do total, a maioria apontou para 17,2% da População Economicamente Ativa (PEA), enquanto, na segunda posição, verifica-se a taxa de 15,2% da PEA, com 26,9%.

Já na questão sobre a duração em meses da recessão econômica no Brasil, a maioria dos entrevistados prevê de 35 meses, com 23,1% do total, e empatado com 10 meses, com 23,1%.

Na pergunta seguinte sobre o maior medo do entrevistado até o final do ano de 2020, ficar doente pelo COVID-19 em primeiro lugar com 42,3% do total e com 23,1% foi ficar desempregado. Esta liderança reflete o medo em tempos de pandemia do novo Coronavírus. Segundo o Prêmio Nobel de Medicina de 1958, o médico americano Joshua Lederberg (2016), “A única e maior ameaça ao domínio do homem sobre o planeta é o vírus”. O Doutor PhD. Joshua Lederberg (1925-2008) descobriu que as bactérias podem acasalar e trocar genes que tornam resistentes aos antibióticos. A gripe espanhola surgiu no mundo em 1918, com mais de 40 milhões de mortos no final de 1920. E quase cem anos depois, assola o COVID-19 em 2019, na China, com até agora 400.225 mortos no planeta (Universidade de Johns Hopkins, 2020). Em que abismo sanitário caímos desta vez?

Finalmente, na última e décima questão da pesquisa *online*, então, foi perguntado e já pensando em 2021, qual era a previsão do entrevistado para a economia brasileira. As maiorias dos entrevistados informaram que irá piorar, com 50% do total e em segundo lugar, não sabe responder, com 23,1%.

Estamos num estado de emergência em saúde pública no Brasil desde 04 de fevereiro de 2020 e sabemos que nas adversidades econômicas não vence o mais forte, mas os que se adaptam melhor ao novo ciclo econômico da economia brasileira.

2.6 OS CICLOS ECONÔMICOS NAS WEBCONFERÊNCIAS

O Brasil à beira de uma recessão econômica e os principais impactos negativos do COVID-19 na economia brasileira são, por exemplos, os choques de oferta como a falência de fábricas, lojas, restaurantes, bares, hotéis, pousadas, barbearias e salões de beleza, como também, os choques de demanda como a forte redução dos gastos das famílias brasileiras.

Nas aulas remotas utilizei muito o tema dos ciclos econômicos, inicialmente pelo *Zoom*, em seguida pelo *Jitsi*, e, sobretudo, pelo aplicativo *Webex*. As quatro fases cíclicas são a prosperidade, a recuperação, a recessão e a depressão. A prosperidade econômica é a melhor fase cíclica, é o pico do ciclo econômico e a economia alcança o seu ponto máximo na produção de bens e na prestação de serviços. A recuperação econômica é a retomada do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) após uma fase cíclica de recessão econômica ou de depressão econômica. A recessão econômica é a fase cíclica de forte diminuição das atividades econômicas e de forte elevação do desemprego e tecnicamente inicia quando o PIB retrai por dois trimestres consecutivos. Já a depressão econômica é a pior fase cíclica, é o fundo do poço de uma economia, pois indica que a economia de mercado apresenta um nível muito alto de desemprego e baixíssimos níveis de produção, de consumo e de investimentos, além de severa redução dos salários.

Na Teoria Macroeconômica, são consideradas duas fases de expansão (prosperidade e recuperação) e duas fases de retração (recessão e depressão). A expansão é mais conhecida internacionalmente como *boom* e a retração como *bust*.

Uma pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) foi realizada com 10.384 empresários brasileiros, microempreendedores individuais (MEI), proprietários de microempresas e de pequenas empresas em 26 estados e no DF. Para 48% do total, acreditam que a economia brasileira irá se recuperar no prazo de um a seis meses. Já 37% acreditam que a economia brasileira deve recuperar no período de 07 a 12 meses. Os 15% restantes apontam que a recuperação irá demorar mais de um ano (Revista PEGN, 2020).

Para o SEBRAE, no Brasil, os pequenos negócios são mais 99% de todas as empresas do País e respondem por quase 30% do PIB brasileiro (REVISTA PEGN, 2020). Logo, as microempresas e as pequenas empresas são os dois pulmões da economia brasileira. Com a crescente falência de micro e pequenas empresas nos dias atuais, a economia brasileira está sem fôlego, sem ar para se recuperar o mais rápido possível.

As micros, pequenas e médias empresas geram muito trabalho formal nas cinco regiões do País. Infelizmente, com o novo Coronavírus, elas foram obrigadas a medidas como a suspensão de contrato de trabalho (29%), a implementação de férias coletivas (23%), a redução da jornada de trabalho com redução de salários (18%) e a redução do salário com complemento do seguro-desemprego (8%), além de 12% dos pequenos negócios tiveram de demitir funcionários de carteira assinada (REVISTA PEGN, 2020).

É preocupante o colossal aumento do desemprego no Brasil. Segundo os dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego já alcançou 12,2% da PEA, ou seja, 12,9 milhões de desempregados no primeiro trimestre de 2020 no País. O elevado desemprego aumentará a desigualdade social no sétimo país mais desigual do mundo. Em um país já muito desigual, o COVID-19 provocará o crescimento dos pedidos de seguro-desemprego nos 5.570 municípios brasileiros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os meus relatos de experiência em pleno distanciamento social foram muito enriquecedores e os resultados observados são relevantes para o Centro Universitário UNIESP. O COVID-19 mudou completamente a relação entre professores e alunos na rubro-negra Paraíba. O SARS-CoV-2 mudou radicalmente as rotinas, as atividades, os diálogos e os espaços entre docentes e discentes na rubro-negra UNIESP.

Jamais esqueceremos desse período de atividade *online* no UNIESP. Jamais esqueceremos das aulas remotas no *Webex*, das Olimpíadas por *Whatsapp*, da Rádio Quarentena FM nos cinco grupos de *Whatsapp* ou das reuniões dos professores com os coordenadores Thyago Henriques e Suelem Pinto pelo *Google Meet*.

Nunca uma frase foi tão verdadeira no início da pandemia em 17 de março de 2020 para os alunos e as alunas do UNIESP: Ler, reler e ler de novo. Esta frase continua muito verdadeira em 8 de junho de 2020, com o Brasil em segundo lugar no mundo no número de casos de COVID-19, com 691.758 pessoas infectadas, atrás apenas dos Estados Unidos

com 1.951.722 pessoas contaminadas pelo novo Coronavírus (UNIVERSIDADE DE JOHNS HOPKINS, 2020).

Estamos em casa. Fiquem em casa, lendo. O isolamento social na Grande João Pessoa e as aulas remotas no UNIESP evitaram milhares de mortes na Paraíba pelo novo Coronavírus. Por favor, se cuidem, lavem as mãos com sabonete ou sabão líquido. Por favor, se protejam com máscaras descartáveis e álcool em gel 70%. Juntos somos mais fortes! Vamos vencer juntos o mortal COVID-19! Vamos juntos superar a recessão de 2020! É fundamental ler mais, estudar mais, pesquisar mais e trabalhar mais para uma recuperação econômica forte do Brasil no pós COVID-19 em 2021.

REFERÊNCIAS

BACEN. **Relatório de Mercado FOCUS**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20200605.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

CANALTECH. **Brasil é o segundo país do mundo a passar mais tempo na internet**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/brasil-e-o-segundo-pais-do-mundo-a-passar-mais-tempo-na-internet-131925/>. Acesso em: 22 maio 2020.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 29. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1999.

HOPKINS, University of Johns. **COVID-19**. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 8 jun. 2020.

IBGE. **Desemprego sobe para 12,2% e atinge 12,9 milhões de pessoas no 1º trimestre**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27535-desemprego-sobe-para-12-2-e-atinge-12-9-milhoes-de-pessoas-no-1-trimestre>. Acesso em: 26 maio 2020.

LEDERBERG, Joshua. **Filme Epidemia ano 1995**. Disponível em: <https://prezi.com/denl3qwpeip4/filme-epidemia-ano-1995/>. Acesso em: 25 maio 2020.

KEYNES, John Maynard. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARQUES, Érika. **Linkedin**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:6675343163672145920/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

PROFESSOR ONLINE. **Webchat**: Converse com o pessoal da sua turma ou um aluno!!!. Disponível em: https://sistemas.iesp.edu.br/PROFESSOR_ONLINE/Chat. Acesso em 8 jun. 2020.

REVISTA PEQUENAS EMPRESAS E GRANDES NEGÓCIOS (PEGN). **Donos de pequenos negócios pedem redução das taxas de juros, impostos e tarifas**. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2020/05/donos-de-pequenos->

[negocios-pedem-reducao-das-taxas-de-juros-impostos-e-tarifas.html](#). Acesso em: 23 maio 2020.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**: Investigação Sobre sua Natureza e suas Causas. Volume I. Introdução de Edwin Cannan. Apresentação de Winston Fritsh. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

UOL. **Franceses leem 21 livros, por ano, cinco vezes mais que brasileiros**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/03/13/franceses-leem-21-livros-por-ano-cinco-vezes-mais-que-brasileiros.htm>. Acesso em: 04 jun. 2020.

WEBEX. **Conferência de vídeo descomplicada que simplesmente funciona**. Disponível em: <https://www.webex.com/pt/index.html>. Acesso em: 07 jun. 2020.

ZOOM. **Como baixar e usar o Zoom no notebook e PC para fazer videoconferências**. Disponível em: <https://www.zoom.com.br/notebook/deumzoom/como-usar-o-zoom-no-notebook-e-computador-pc-para-fazer-videoconferencia>. Acesso em: 22 maio 2020.

FALA BRASIL: CHEGA DE TANTOS TRIBUTOS!

GALVÃO JÚNIOR, Paulo²⁸

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este breve artigo tem como objetivo principal chamar a atenção para as sérias dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias brasileiras e pelas empresas nacionais com a pandemia do novo coronavírus, o SARS-CoV-2. Ao mesmo tempo, apontar uma saída a curto prazo para recuperar a economia brasileira o mais rápido possível: Uma reforma tributária já!

É preciso, urgente, não permitir mais no Brasil, 92 tributos, sendo 13 impostos, 34 taxas e 45 contribuições (Portal Tributário, 2020). Na Internet o Portal Tributário disponibiliza diariamente a lista dos 92 tributos vigentes no País. É um absurdo a quantidade excessiva de tributos no Brasil, um país continental, populoso, emergente e desigual.

Com menos tributos, maior consumo das famílias. Com menos tributos, menor custo de produção para as empresas. Com menos tributos, mais liberdade econômica, mais igualdade social.

Os economistas britânicos Adam Smith e John Maynard Keynes eram contra os elevados impostos no Reino Unido, em séculos diferentes. Chegou a hora dos brasileiros e das brasileiras, em pleno isolamento social, gritar bem alto e escrever com letras maiúsculas: CHEGA DE TANTOS TRIBUTOS!

Estamos todos no mesmo barco, no mesmo país e no mesmo planeta, além das mesmas tempestades. Vamos vencer juntos o mortal COVID-19. Vamos juntos recuperar a economia brasileira em 2021. Estamos em casa, mas à beira de uma recessão econômica. Estamos em *home office*, mas vivendo um cenário socioeconômico nacional mudando drasticamente para o lado negativo. A falta de capacidade de planejamento é visível em muitas cidades brasileiras sem hospitais públicos nem coleta de esgoto.

²⁸Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em MBA Gestão de Recursos Humanos (RH) pela UNINTER. Professor dos Cursos de Ciências Contábeis, Gestão Financeira, Administração e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

2. UM NOVO OLHAR SOBRE O BRASIL

Decorrente a pandemia do COVID-19 o Brasil quase parou e a economia brasileira entrou em colapso, e conseqüentemente, sofre com o aumento do desemprego, a queda da produção industrial, e a forte redução do consumo das famílias de bens e serviços.

É preciso um novo olhar sobre as medidas emergências do Governo Federal como um dos principais caminhos para a retomada da economia brasileira no ano de 2021. É necessário uma política fiscal expansionista, mais gastos públicos necessários e, sobretudo, mais cortes de tributos, para elevar a demanda agregada a curto prazo.

A demanda agregada é o total de bens e serviços que os quatro agentes econômicos (as famílias, as empresas, o Governo e o resto do mundo) desejam comprar na economia de mercado. O crescimento econômico é a melhor saída para o Brasil, urgentemente, necessitamos de ideias, novas ideias e sobretudo, de boas ideias.

A economia de mercado possui dois problemas econômicos opostos, o desemprego e a inflação. Para Keynes, o desemprego involuntário e a inflação de demanda são os principais problemas econômicos. Quando o maior problema econômico é o desemprego é necessário a queda dos impostos, a redução das taxas de juros, o aumento dos gastos públicos e a desvalorização cambial para incentivar a exportação de bens e serviços para o resto do mundo.

Para mitigar os efeitos adversos da recessão econômica é necessário uma forte intervenção do Estado na economia brasileira a curto prazo. Mas, é fundamental para a sua recuperação econômica mais rápida, de forma da letra V, uma reforma tributária. Precisamos implementar o Imposto sobre o Valor Agregado (IVA) e pensar no único imposto no Brasil como na Austrália e no Canadá.

O Brasil é um país democrático, com muita pobreza, um dos mais fechados do mundo, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Índice de Gini altos. O desemprego e a pobreza são crescentes no País, logo, aumentará o número dos atuais 38,0 milhões de trabalhadores na informalidade até fevereiro, baseado nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo o jornal Valor Econômico (2020). É visível também a falta de oportunidades de trabalho formal em pleno isolamento social. Precisamos, urgente, de uma economia vibrante e repleta de novos empregos.

A pandemia do mortífero COVID-19 já matou 63.174 brasileiros e sangrou a economia brasileira. De acordo com o IBGE, o PIB brasileiro retrocedeu 1,5% no primeiro trimestre de 2020 (InfoMoney, 2020). Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o Brasil fechou mais de 860,5 mil postos de trabalho em abril de 2020 (Correio Braziliense, 2020).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma profunda e longa recessão econômica no biênio 2015-2016, o que apontamos é o surgimento da Grande Recessão de 2020 no Brasil. Por isso, olhe apenas para o lado bom da economia, assim encontraremos uma solução em tempos de isolamento social com Internet. O fechamento de milhares de empresas provocou vários impactos econômicos, sociais e ambientais no quinto maior país do planeta.

Em suma, a maioria das famílias e das empresas brasileiras estão conectadas à Internet, mas estão sofrendo com o choque da demanda e com o choque da oferta, além dos 92 tributos. Com certeza, cresceu fortemente o *e-commerce*, o *delivery*, as webconferências e as *lives*. Recentemente participei da *live* no Zoom e no *YouTube* do renomado economista argentino José Luis Espert, em La Plata. A economia argentina cairá 9,9% em 2020, segundo as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI). No país vizinho, o Brasil, a queda do PIB será de 9,1%, de acordo com as previsões do próprio FMI. CHEGA DE TANTOS TRIBUTOS NA ARGENTINA (100) E NO BRASIL (92)!

REFERÊNCIAS

CORREIO BRASILIENSE. **Brasil fecha 860 mil empregos formais em abril**. Disponível em:
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/05/27/internas_economia,858684/brasil-fecha-860-mil-empregos-formais-em-abril.shtml. Acesso em 03.07.2020.

DW. **FMI prevê encolhimento ainda maior do PIB brasileiro**. Disponível em:
<https://www.dw.com/pt-br/fmi-prev%C3%AA-encolhimento-ainda-maior-do-pib-brasileiro/a-53931859>. Acesso em 03.07.2020.

INFOMONEY. **PIB cai 1,5% no primeiro trimestre de 2020 com efeito do coronavírus, em linha com o esperado.** Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/pib-cai-15-no-primeiro-trimestre-de-2020-com-efeito-do-coronavirus/>. Acesso em 03.07.2020.

PORTAL TRIBUTÁRIO. **Os tributos no Brasil.** Disponível em: <http://www.portaltributario.com.br/tributos.htm>. Acesso em 03.07.2020.

VALOR ECONÔMICO. **IBGE: País tinha 38,08 milhões na informalidade até fevereiro, mostra IBGE.** Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/03/31/ibge-pais-tinha-3808-milhoes-na-informalidade-ate-fevereiro.ghtml>. Acesso em 04.07.2020.

OS IMPACTOS ECONÔMICOS E SEUS REFLEXOS NO DIREITO DO CONSUMIDOR EM PLENA PANDEMIA DO COVID-19

DINOÁ, Alexandre²⁹

GALVÃO JÚNIOR, Paulo³⁰

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos dias atuais há muito debate acerca dos impactos da pandemia do COVID-19 no mundo. Em diversos países, inclusive no Brasil, houve um colapso no sistema de saúde, escancarando o já existente sistema precário e ineficiente, devido à falta de leitos, medicamentos, respiradores e profissionais. Além disso, há outro impacto que assola milhões de pessoas nas cinco regiões do País, o retorno da recessão econômica. Essa, inclusive, tende a ser mais profunda do que no biênio 2015-2016. O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê uma queda do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro de 9,1% no ano de 2020 (G1 Economia, 2020).

Sem vacina, o antídoto adotado para combater o novo coronavírus fora o isolamento social no Brasil. Com isso, as indústrias fecharam, as máquinas pararam, as lojas não abriram e os empregados e os empregadores ficaram em casa. Com o passar do tempo, a falta de circulação de bens e dinheiro fez com que milhares de empresas fossem impelidas a optar entre encerrar suas atividades econômicas, reduzir salários do empregados formais ou reduzir o quadro de empregados.

²⁹Advogado, graduado em Direito pela UNIPÊ, com especialização em Direito Processual e Material do Trabalho pela ESMAT-PB e em Direito Público com ênfase em Licitações e Contratos Administrativos pela Faculdade Educacional da Lapa/SC. Vice-presidente da Comissão de Direito do Consumidor da OAB/PB. Professor da Graduação e Pós-graduação do UNIESP. E-mail: alexandre_dinoa@hotmail.com

³⁰Economista, graduado em Ciências Econômicas pela UFPB, com especialização em Gestão em RH pela UNINTER. Professor dos Cursos de Graduação em Ciências Contábeis, Administração, Gestão Financeira e Gestão de RH no UNIESP. E-mail: paulogalvaojunior@gmail.com

Esse cenário implica a perda do emprego e a conseqüente perda de renda, fomentando a diminuição de consumo e, sobretudo, elevando o índice de inadimplência das famílias. Segundo o Instituto Locomotiva, 91 milhões de brasileiros deixaram de pagar pelo menos uma conta em abril de 2020 (ÉPOCA Negócios, 2020). Já em junho, o percentual de famílias com dívidas atingiu o recorde histórico de 67,1%, baseada na Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, realizada pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), de acordo o jornal online Correio do Povo (2020).

Esse panorama de endividamento que já estava em ascensão no Brasil tende a piorar nos próximos meses, sobretudo em razão da permissão do aumento da liquidez dos bancos para que seja possível aumentar empréstimos e conceder suspensões temporárias de pagamentos de determinados contratos de mútuos. A falta de educação financeira atrelada ao desespero de milhões de brasileiros que estão sem renda fazem com que obtenham empréstimos nos bancos e operadoras financeiras sem a necessária instrução e, muitas vezes, em condições que não conseguirão honrar.

Ao tempo em que se preocupa com o superendividamento das famílias brasileiras, o Estado tenta garantir a manutenção dos contratos e relações de consumo, pois sabe que o consumo é parte importante para retomada da economia brasileira. Afinal, se não houver providências eficazes, há um sério risco de diversos credores (com menores garantias) ou até mesmo a maioria deles (muitas vezes são credores sem garantia) nada receberem. Por isso, acredita-se que o mais importante é garantir a relação de consumo.

O presente artigo visa analisar os impactos que a pandemia do COVID-19 causa nas relações de consumo, demonstrando a importância do ramo do direito do consumidor e da educação financeira nas relações econômicas e comerciais. Além disso, analisará os níveis de endividamento e superendividamento que a pandemia do SARS-CoV-2 está causando, bem como as tendências comerciais e medidas legais necessárias para a sobrevivência dos fornecedores em tempos de isolamento social, sob pena de condenar o cenário socioeconômico a um colapso irreversível e de conseqüências deletérias.

Por fim, estruturalmente este artigo é dividido em seis seções. A primeira seção apresenta breves considerações iniciais, a seguir, uma seção acerca do direito do

consumidor como direito fundamental, na sequência, uma seção sobre o efeito do (super) endividamento no Brasil causado pela pandemia do COVID-19, na seção seguinte analisa a educação financeira e as tendências consumeristas e, ao final, uma seção de considerações finais propositivas.

2. DIREITO DO CONSUMIDOR: DIREITO FUNDAMENTAL

Direito do consumidor é um direito de cidadania, logo, pode-se afirmar que é um Direito Fundamental. Ao passo que o direito à cidadania é um fundamento da República Federativa do Brasil (art. 1º), o direito do consumidor também está previsto na Constituição Federal (CF) de 1988, no artigo 5º, XXXII, que está inserido no título II, o qual trata dos “Direitos e Garantias Fundamentais”.

Mais do que a simbologia de estar inserido no artigo 5º da CF, tal dispositivo imputa ao Estado o dever de promover a defesa do consumidor, na forma da lei. Essa previsão constitucional é tida como cláusula pétrea, o que significa que o Estado não pode diminuir os direitos consumeristas já garantidos até então, devendo salvaguardá-los. Quanto à lei à qual se refere o texto constitucional, essa é a de nº 8.078 de 11 de setembro de 1990 – o Código de Proteção e Defesa do Consumidor (CDC).

Apesar de esse status constitucional, aparentemente, não causar impacto na vida das pessoas diretamente, merece tal destaque, pois foi apenas em 5 de outubro de 1988, com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, que o direito do consumidor alcançou tal patamar. Antes disso, pouco se falava em direito do consumidor, cuja relação era eminentemente privada, dependendo da convergência de interesses entre fornecedor e consumidor. Com isso, o consumidor sempre ficava condicionado às políticas internas de cada fornecedor, o que, muitas vezes, ocasionava prejuízo.

Essa relação, historicamente, expôs a vulnerabilidade do consumidor, por ser a parte hipossuficiente, seja pela falta de conhecimento ou informação, seja pela vulnerabilidade técnica e econômica, embora houvesse a preocupação já em 2.800 a.C., com maior razão nos textos do Código de Hamurabi, onde já se denotava a preocupação em garantir a proteção no que concernia à saúde, segurança e qualidade dos serviços prestados.

No Brasil, algumas leis esparsas foram editadas, a exemplo do decreto-lei 869 de 1938, o qual trata de crimes contra a economia popular; o decreto-lei 22.626 de 1943 – Lei de Usura; a lei delegada 4 de 1962, cuja relevância repousa no fato de que se positivou a intervenção estatal no domínio econômico para que fosse assegurada a livre distribuição de produtos de primeira necessidade à população como um todo. Em 1962 passou a vigorar a lei 4.137, conhecida como Lei de Repressão do Poder Econômico.

Entretanto, não havia uma sistematização do direito do consumidor, resumindo-se à edição de leis esparsas e específicas. Ponto em comum nessas leis é que o Estado chama para si a responsabilidade de garantir a proteção aos consumidores. No entanto, apenas em 1988 é que essa proteção alcançou um novo patamar.

Cumprir registrar que, em que pese a proteção e defesa parecerem ser do consumidor, o direito fundamental do consumidor visa garantir, também, a segurança jurídica nas relações de consumo. Isso almeja dar estabilidade e confiança nas relações de consumo para consumidores e fornecedores. Afinal, a relação de consumo não envolve apenas o consumidor, mas também o fornecedor.

Essa proteção à qual a CF de 1988 se refere é dada pelo Estado por meio do seu poder legislativo (criando leis) ou pelo seu poder jurisdicional (resolvendo conflitos). Em tempos de pandemia do COVID-19, tais poderes são ainda mais importantes para garantia da proteção não apenas do consumidor, mas da relação de consumo.

Nesse viés, diante de um caso fortuito, imprevisível e jamais vivido pela atual geração, a pandemia do SARS-CoV-2, o Estado teve de se preocupar em garantir os direitos do consumidor, além de garantir também a sobrevivência dos fornecedores, afinal o momento pelo qual se passa não fora ocasionado por nenhuma das partes da relação de consumo. Por isso, é imprescindível que haja a flexibilização das normas consumeristas a fim de que os contratos possam ser mantidos, sem as devidas multas ou juros em decorrência de atraso de pagamento ou descumprimento de alguma cláusula contratual, bem como deve-se incentivar a negociação bilateral entre as partes a fim de que não haja a ruptura contratual, que trará prejuízos em escala a diversos fornecedores.

Para tanto, essa intervenção estatal, advinda da garantia constitucional supracitada, até junho de 2020, em esfera nacional, foi materializada com a edição da Medida Provisória nº 948/2020 que dispõe sobre o cancelamento de serviços, de reservas e de eventos, de modo a desobrigar o reembolso, por parte dos fornecedores, dos valores pagos pelos consumidores por serviços não prestados. Essa medida, por exemplo, indica 3 (três) opções que o fornecedor pode oferecer ao consumidor para que não haja o reembolso imediato, quais sejam a remarcação do evento ou serviço; disponibilização do crédito a ser usufruído futuramente ou acordo entre as partes.

Como se vê, a intervenção do Estado se deu por medida necessária e justa, pois, nas duas primeiras semanas de quarentena, depois as semanas seguintes de isolamento social, houve procura desenfreada para que houvesse distratos contratuais por parte dos fornecedores, e seus respectivos reembolsos. Isso ocasionaria um prejuízo ainda maior do que o que vemos atualmente. É de sobpesar que alguns seguimentos são ainda mais prejudicados em razão da sua natureza, como por exemplos, o setor cultural, de eventos e de turismo.

Dessa forma, assim como a edição de medidas provisórias e leis a serem criadas pelo Estado, outras medidas deverão ser elaboradas, pois, no contexto de ser considerado um direito fundamental, o direito do consumidor constitui-se em um dever do Estado, cabendo a ele intervir na relação entre consumidor e fornecedor a fim de preservar e manter a relação de consumo vigente, sustentável e possível.

3. (SUPER) ENDIVIDAMENTO NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

De início é preciso tecer a diferença entre endividado e superendividado. Endividado é aquele que faz uma dívida para adquirir um bem ou serviço, enquanto o superendividado é aquele que não consegue pagar todas as suas dívidas e se vê obrigado obter empréstimo para pagar suas contas.

O fato de estar endividado ou contrair dívidas não é um problema por si só. Isso apenas passa a ser caso não se consiga pagá-las. Ou seja, quando se tem ativos suficientes para pagar as dívidas, ou parcelas dessas, não há que se considerar um problema. Porém, quando o número de dívidas superam o orçamento familiar ao ponto de que tenha que

recorrer a empréstimos para saná-las, estar-se-á diante de um problema chamado superendividamento.

Há dois fatores que potencializam o superendividamento: o desemprego e a perda de renda. É justamente o que aconteceu durante a pandemia do COVID-19, haja vista que milhões de pessoas estão desempregadas, exatamente 12,9 milhões de desempregados no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo com a InfoMoney (2020). Ou perderam renda. Aqueles que são autônomos, como uma diarista, uma cabeleireira, por exemplo, estão sem a renda que costumam obter, pois dificilmente alguém está contratando diarista durante o isolamento social e, no caso de salões de beleza, esses estão fechados. Por outro lado, as despesas e dívidas contraídas continuam a chegar.

Embora o Governo Federal tenha se esforçado para garantir os empregos formais ou o mínimo existencial – a exemplo do auxílio emergencial de R\$ 600 – sabe-se que o valor oferecido é muito aquém do que realmente se necessita para pagamento das despesas correntes. Quando se refere ao consumo, os números preocupam ainda mais. Cumpre salientar que a acepção da palavra consumo, neste momento, é utilizada em sentido amplo, não se referindo apenas ao ato de consumir, mas sim consumir e conseguir pagar, pois o fato de consumir e deixar pagar não é assunto apenas da seara consumerista, mas envolve ilícito cível e em certos casos até penal.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), o número de famílias com dívidas ou contas em atraso chegou a 25,4% em junho, atingindo o maior nível desde dezembro de 2017 e registrando crescimento nas bases mensal (+0,3 ponto percentual) e anual (+1,8 ponto percentual). Antes da epidemia, depois pandemia do novo coronavírus decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o IDEC estimava que destes, cerca de 30 (trinta) milhões de pessoas seriam superendividados. Esse número tende a ser ainda maior, pois a crise econômica deve ser mais duradoura que a crise sanitária.

Outro fator que chama atenção durante a pandemia é a disponibilidade de serviços, oferta de novos produtos e o aumento do limite de crédito no mercado por parte dos

bancos e agências financeiras, os quais, sem a devida informação e educação financeira, podem ser facilmente adquiridos pelas pessoas endividadas e ocasionarem prejuízos ainda maiores. Ou seja, ao contrair um empréstimo (nova dívida) somada ao cenário de incertezas sobre o futuro (em relação à renda e trabalho), muitos podem estar passando de endividados para superendividados, em uma verdadeira armadilha econômica.

Por outro lado, os fornecedores veem seus faturamentos despencarem, tendo ainda que cumprir com as suas respectivas dívidas, além de terem que decidir pela manutenção – ou não – dos postos de emprego e, ainda, precisando produzir para sobreviver – economicamente e humanamente. Somando-se a isso, o índice de inadimplência dos seus credores só aumenta com o passar do tempo de isolamento social, o que traz a incerteza sobre o recebimento dos valores a que têm direito.

Assim, o superendividamento deve ser tratado como assunto de interesse comum, pois afeta todos os envolvidos na relação de consumo, bem como as economias brasileira e mundial. É notório que ele atrapalha qualquer plano de retomada da economia, pois não há como estimular o aumento do consumo a uma sociedade superendividada. O Estado, mais uma vez, deverá intervir nas relações de consumo a fim de propor medidas eficazes e eficientes para que a população economicamente ativa (PEA) ainda tenha controle sobre as suas dívidas ou, ao menos, possa planejar o seu pagamento a médio ou longo prazo.

Nesse sentido, há o Projeto de Lei nº 3.515/2015, que vem sendo tratado por alguns como uma “vacina” para salvar as relações de consumo. Embora esse projeto já esteja tramitando no Congresso Nacional há anos, com o advento da pandemia do COVID-19 a discussão foi potencialmente acelerada. Entre suas propostas, a principal é de que os consumidores possam, em juízo, apresentar um planejamento de pagamento de dívidas a todos os seus credores, podendo o prazo para pagamento chegar até 5 (cinco) anos, a depender do caso.

Não é a única solução, mas é uma proposta a ser considerada para que os endividados e os superendividados possam pagar as suas dívidas, mesmo que a longo prazo. É preferível um devedor pagando a dívida, mesmo a longo prazo, do que não pagá-la. Essa proposta, porém, não vem sendo bem aceita pelo setor empresarial, que entende

que essa possibilidade seria uma forma de perdoar as dívidas, mesmo sem que haja qualquer preposição no texto legal que se refira ou permita o perdão de dívidas.

Outro fator que contribui para o superendividamento, como também dificulta a saída desse, é a negativação do nome nos órgãos de proteção e controle de crédito como o SPC Brasil e a SERASA Experian. Embora seja um fator acessório, não há como querer que uma pessoa, desempregada ou com a renda drasticamente reduzida, possa pagar suas dívidas, se ela não puder obter crédito no mercado ou parcelar suas dívidas por mais tempo. Logo, aquele que se encontrava endividado, mas cumprindo seus pagamentos em dia, ao sentir a redução ou a perda de sua remuneração em razão do mortífero SARS-CoV-2, se não puder obter crédito para manter suas dívidas controláveis, certamente será suscetível a ser mais um superendividado.

Destarte, vê-se que os números de superendividados no Brasil já estava em ascensão antes do COVID-19 e, durante a pandemia, esses números estão aumentando de forma acelerada, o que deve ser encarado como um problema econômico prioritário para o Estado, pois isso impactará na necessária retomada da economia que terá que ser iniciada após o fim da primeira e segunda ondas do mortal COVID-19 no Brasil. Caso não o encarem com assertividade e prioridade, muitos consumidores e fornecedores deixarão as relações de consumo para fomentarem os números de pessoas superendividadas.

Assim, deve haver medidas por parte do Estado a fim de que o número de superendividados não cresça em progressão geométrica. Além disso, devem ser incentivadas medidas para facilitar e flexibilizar prazos, juros e multas de dívidas, em decorrência do novo coronavírus. A intervenção estatal e a negociação por acordo entre as partes, na relação de consumo, no que tange às dívidas, deverão ser enxergadas e analisadas de forma especial. Caso contrário, o contingente de endividados ou superendividados irão aumentar e os credores sentirão ainda mais as consequências do não pagamento das dívidas.

4. TENDÊNCIAS COMERCIAIS E OS IMPACTOS NA RELAÇÃO DE CONSUMO

O isolamento social exigiu uma mudança de hábitos na sociedade como nenhum outro fenômeno havia exigido. As transformações que vinham acontecendo gradualmente

mudaram abruptamente e exigiriam, na mesma velocidade, que o aprendizado também as acompanhasse. Em relação ao consumo, os shoppings centers, restaurantes e lojas foram fechadas por decretos municipais e estaduais e, com isso, os frequentes passeios e saídas a esses lugares tiveram que ser substituídas pela navegação em sites na internet ou aplicativos em celulares.

O comércio eletrônico, que já vendia mais que o varejo tradicional, cresceu 100% (cento por cento) durante a pandemia do COVID-19 no Brasil, segundo pesquisa da Konduto em parceria com a Associação Brasileira de E-commerce (COMCIÊNCIA, 2020). Fato interessante é que, embora o comércio eletrônico já fosse uma realidade, é bem verdade que muitos fornecedores e consumidores ainda não o utilizavam, sobretudo aqueles de mais idade, seja por questões culturais e de confiança até mesmo em razão de não utilizam, ou não terem acesso à internet.

Todavia, de uma forma ou de outra, consumidores e fornecedores tiveram que aderir ao comércio eletrônico, pois viu-se que era a única ferramenta eficaz de atender às necessidades de ambos. À exceção dos serviços considerados essenciais, como supermercados, padarias e farmácias, é difícil acreditar que algum comércio tenha sobrevivido sem a adesão ao comércio eletrônico, diante de um isolamento social que já ultrapassou mais de 100 (cem) dias no Brasil.

Outro fator que contribuiu ao comércio eletrônico, foi a restrição do acesso as agências bancárias, fazendo, assim, com que o dinheiro em espécie fosse menos utilizado, inclusive, tal medida, também foi para preservar a saúde das pessoas. Dessa forma, as plataformas de pagamento e transferência de valores tiveram um crescimento entre os meses de março a junho de 2020.

Embora houvesse serviços considerados essenciais e, portanto, pudessem estar de portas abertas, esses também tiveram que se digitalizar a fim de que pudessem atender à demanda solicitada. As padarias, por exemplo, embora abertas a receber pessoas, aderiram ao comércio eletrônico para que as mercadorias chegassem na casa daqueles que, por serem de risco ou por optarem realizar o isolamento social à risca, necessitavam dos produtos disponibilizados. Por exemplo, em abril de 2020, 980.000 pães foram

vendidos pela plataforma *iFood*, uma alta de 133% sobre o mês anterior, afirmou o vice-presidente de estratégia e finanças da empresa, Diego Barreto (Exame.com, 2020).

Quanto aos bares e restaurantes, tal medida se fez ainda mais necessária haja vista serem locais que, geralmente, reúnem muitas pessoas. Antes utilizados como comodidade, as entregas de comidas se tornaram essenciais e, com as portas fechadas, a adesão aos aplicativos de comida foi praticamente inevitável, inclusive para os restaurantes mais tradicionais. O serviço de *delivery* é o que mais cresce no isolamento social em todo o País.

Já em relação aos cinemas, em diversos municípios houve empresas aderindo – ou há quem diga voltando – ao sistema *drive in*, que permite assistir a filmes de dentro do carro em locais abertos, cujo som é transmitido por uma frequência de rádio. Por estar dentre os serviços que, pela sua natureza, exige a reunião de muitas pessoas, é a maneira que se está encontrando para manter as atividades funcionando e, enquanto não houver uma vacina ou algo similar que previna e combata o novo coronavírus, possa ser que essa forma seja permeada por muitos meses.

Por outro lado, a adesão ao comércio eletrônico, por si só, não foi sinônimo de sucesso de vendas. Há produtos que, mesmo aderindo ao comércio eletrônico, o consumidor – por costume, desejo ou necessidade – deseja conhecer melhor ou experimentá-los antes de efetuar a compra, a exemplo de carros, roupas e sapatos.

Segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), em abril de 2020, apenas 55.732 automóveis leves, ônibus e caminhões foram registrados, contra 231.922 em abril de 2019 (TRIBUNA DO NORTE, 2020). Por mais que as concessionárias tenham aderido ao comércio eletrônico, como por exemplo a realização da avaliação de carro usado por meio de fotos para usá-lo como valor de entrada a um novo veículo, ainda há um longo caminho a descobrir e percorrer a fim de que os números de vendas alcancem o patamar da normalidade.

Em relação a serviços, há uma dificuldade natural de colocação no mercado em tempos de isolamento social, em razão da própria natureza. Diaristas, massagistas, cabeleireiras são alguns exemplos de serviços que tiveram uma queda drástica de

contratação. Além desses, os setores de turismo e cultura também possuem dificuldades naturais em inserir-se no comércio eletrônico, ou ao menos se tornarem atrativos.

Houve museus, como o Museu Imperial e o Museu de Belas Artes, localizados no estado do Rio de Janeiro, que disponibilizaram um *tour* virtual pelas casas, entretanto a adesão foi mínima, além de que esses se sustentam sobretudo pelos produtos acessórios que são postos à venda nas próprias casas ou entornos. Na música, em que pese alguns cantores estarem realizando *lives* nas redes sociais, notadamente no *YouTube*, a grande maioria de artistas e pessoas envolvidas no fornecimento de espetáculo, peças e *shows* não são contempladas por essa modalidade.

Professores, inclusive de música, estão dando aulas de forma remota. Com o fechamento dos conservatórios, por exemplo, houve professores de música que conseguiram captar alunos de outros estados, os quais não teriam a oportunidade de aprender algum instrumento, pois nas suas cidades não havia aulas de música. Com isso, mesmo após a pandemia, certamente haverá a continuidade das aulas a distância.

Para os fornecedores, o momento é de reinventar-se e adaptar-se. Milhões de reais estão sendo investidos em soluções para que as práticas comerciais não percam a atratividade que a detêm, sem deixar de garantir o conforto e, principalmente, a segurança dos consumidores durante e após a pandemia do novo coronavírus. Tecnologia da informação (TI), segurança e proteção de dados serão cada vez mais implantados no comércio eletrônico a fim de garantir a compra de produto ou serviço de forma segura.

Para os que já não vão ao supermercado e já não tenham tempo (ou paciência) para escolher item a item de uma feira, já há rede de supermercado investindo em comando de voz nas plataformas, a fim de que, por autenticação da voz, não precise mais o consumidor digitar ou escolher cada produto, fazendo apenas a menção a esse, especificando quantidade e marca. Esse é apenas um exemplo de tantas outras práticas que estão sendo desenvolvidas e aceleradas por setores de TI para disponibilização no mercado.

É bem verdade que outros setores terão mais dificuldades de fornecer os seus serviços e produtos em razão de suas próprias essências, como *shows*, peças teatrais, lojas de roupa, entre outras. Todavia, não se deve subestimar a capacidade humana em

desenvolver métodos e tecnologias capazes de contemplar também tais serviços mesmo a distância em um futuro bem próximo, em plena Quarta Revolução Industrial.

Com a incerteza de como será o “pós-pandemia”, podendo haver inclusive a redução dos números de comércio eletrônico contabilizados durante a pandemia – o que será natural –, certo mesmo é que se trata de um caminho sem volta. Consumidores e fornecedores estão diante de uma nova relação de consumo, com elementos diferentes dos tradicionais – com seus pontos positivos e negativos.

Deve haver mais cuidados na hora de escolher o fornecedor com que queira contratar, observando a segurança das plataformas, aplicativos ou sites utilizados, pois, por exemplo, haverá a disponibilização de informações bancárias para pagamento, bem como o fornecedor deve deixar de forma mais clara a publicidade de seus produtos, com informações precisas e imagens reais a fim de não causar transtornos mais à frente.

As tendências de comércio eletrônico só irão ser acrescentadas e aperfeiçoadas – dificilmente retroagirá –, tentando harmonizar a segurança da informação, a autenticidade dos atores da relação de consumo, com a saúde, segurança e satisfação dos clientes. A relação de consumo jamais voltará ao mesmo patamar encontrado antes da pandemia do COVID-19 no Brasil.

5. EDUCAÇÃO FINANCEIRA DEVE SER UMA POLÍTICA NACIONAL DE CONSUMO

Agora tratando sobre a Educação Financeira ou, na verdade, a falta dela nos 5.570 municípios brasileiros. Os brasileiros sonham em comprar diversos bens de consumo duráveis como uma TV de 50 polegadas, geladeira ou um fogão de cinco bocas, mas a maioria não sabe controlar suas despesas mensais nem tampouco tem hábito de anotar suas receitas por mês.

Muitos brasileiros continuam sem planejamento financeiro a cada final de mês. Esse é um ponto em comum entre aqueles que ganham um salário mínimo ou ganham mais de dez salários mínimos. Muito se gasta, pouco se poupa. A falta desse planejamento contribui para o superendividamento anteriormente abordado.

Com parcelas a perder de vista, as compras parceladas em cartões de crédito trazem a felicidade de poder comprar muito com pouco. Se a renda mensal de uma pessoa permite comprar à vista apenas uma TV de 50 polegadas no mês, com o cartão de crédito, de forma parcelada, ela pode comprar TV, ar-condicionado, geladeira, fogão e outros bens de consumo, pois os valores das prestações menores permitem mais aquisições.

Todavia, essa modalidade de aquisição, sem o devido planejamento financeiro, pode causar diversos problemas no futuro. Afinal, nos meses subsequentes, haverá outras despesas além dessas supostamente assumidas. E, como exemplo do COVID-19, fatos inesperados podem acontecer e ocasionar a perda da renda ou implicar gastos extraordinários, requerendo, assim, a utilização da reserva financeira necessária.

Planejar antes de comprar, realizar pesquisa de preços, controlar o consumo impulsivo e realizar compras à vista são práticas já conhecidas por muitos brasileiros, entretanto poucos as põem em prática. Quanto à reserva financeira, apesar de muitos crescerem ouvindo da necessidade, raros são aqueles que efetivamente poupam alguma quantia mensalmente.

Segundo o Banco Mundial, apenas 3,64% da população brasileira economiza para a aposentadoria, um dos índices mais baixos do mundo: a média na América Latina é de 10,6%, outros países emergentes como México (20,85%), África do Sul (15,93%) e Rússia (14,56%), apresentam números melhores. Além disso, apenas 28% dos brasileiros declaram ter poupado algum dinheiro nos últimos 12 meses, o 14º pior índice do mundo (GAZETA DO POVO, 2020).

Durante a pandemia do COVID-19, muitos brasileiros sentiram as consequências da falta de planejamento financeiro. Apesar de o fato ser extraordinário e imprevisível, todos sabem da necessidade de poupar e criar uma reserva financeira justamente para passar por momentos não esperados. Os brasileiros sabem o que fazer, todavia gastam muito e poupam pouco ou nada.

O planejamento financeiro é uma das práticas derivadas que a educação para o consumo proporciona. Exposta como direito básico do consumidor no inciso II do art. 6º

do CDC, a educação para o consumo não deve apenas ser encarado como um direito do consumidor e, necessariamente, uma obrigação do fornecedor.

A educação para o consumo é muito mais ampla, pois envolve a economia, saúde e bem-estar da sociedade, logo se trata de assunto de relevante interesse social. Cabe ao Estado e à sociedade disporem de iniciativas e práticas educativas que envolvam todos os agentes da relação de consumo. Uma sociedade educada financeiramente para o consumo tende a ser menos superendividada, bem como consome de forma mais consciente e segura, evitando, assim, problemas de saúde, segurança ou judicial em decorrência de uma relação de consumo não planejada ou estudada.

Nesse diapasão, o art. 4º do CDC, dispõe que a Política Nacional das Relações de Consumo tem por princípio a educação e informação aos consumidores e fornecedores, quanto aos seus direitos e obrigações. Não basta apenas informar, pois a educação deve vir antes da informação. Não adianta colocar um Código de Defesa do Consumidor em cada loja, se a população sequer sabe o que lá está escrito.

A falta dessa educação financeira gera o chamado analfabetismo financeiro – expressão usada por diversas universidades brasileiras e instituições como o Banco Central do Brasil (BACEN) –, pois o Brasil apresenta os níveis mais baixos de população considerada educada financeiramente. O analfabeto financeiro é aquele que não tem controle sobre suas receitas e despesas mensais; aquele que prefere o número maior de parcelamentos de uma compra sem saber o quanto pagará de juros ao final; ou aquele que compra por impulso sem antes avaliar a real necessidade da compra.

Isso se deve justamente por não ser inserido no sistema de ensino brasileiro, notadamente na base curricular das escolas públicas e privadas, o ensino da educação financeira a crianças e adolescentes. Para combater esse analfabetismo financeiro, não há outro remédio senão o investimento na educação financeira. Em diversos municípios, há projetos de lei nesse sentido, propondo inserir a disciplina como obrigatória nas bases curriculares, mas, de fato, há pouca efetivação.

Além do consumo consciente e da propensão ao menor endividamento, a educação financeira expande os horizontes das pessoas quanto às formas variadas de investimento.

A maioria das pessoas acreditam que investimento é só para quem tem muito dinheiro e a poupança é o único e melhor investimento do mercado. Isso decorre justamente da falta da educação financeira, pois há diversos ativos financeiros como ações, que rendem muito mais que a poupança.

Dessa forma, a educação financeira para o consumo se torna essencial para um país tão desigual e com taxa de desemprego elevada como o Brasil, a fim de que as lições aprendidas sejam colocadas em prática, contribuindo, assim, para um consumo cada vez mais consciente, planejado, seguro e satisfatório. Ademais, ela expandirá os níveis de conhecimento sobre finanças, mercado e investimento, o que possibilitará as pessoas ampliarem as suas fontes de renda, conseguindo, assim, controlar as despesas e receitas, poupar e planejar um futuro economicamente melhor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O consumo é algo presente no dia a dia de cada pessoa. Há quem consuma mais e outros menos, porém essa é uma prática que inevitavelmente não deixaremos de exercê-la no futuro. A relação de consumo é praticada diversas vezes ao dia, até sem perceber, seja na ida à padaria ou na internet que é consumida diariamente. Daí a importância de educar a sociedade para que esse consumo seja planejado, consciente e satisfatório.

O desemprego e a perda de renda impedem que o consumo seja fomentado nas famílias brasileiras, aumentando o índice de inadimplência no Brasil. Ademais, a falta de planejamento e educação financeira também contribuem para aqueles que, mesmo com renda, não conseguem ter uma vida financeira sustentável.

Esse consumo exagerado, sem o devido planejamento, pode ocasionar diversas consequências negativas nas vidas financeira, moral e psicológica. No âmbito econômico, há o endividamento e o superendividamento, os quais impedem a recuperação econômica das famílias e, conseqüentemente, do País. Oferecer crédito ou aumentar limites são medidas que podem afundar ainda mais aquelas pessoas já endividadas.

Somado a tudo isso, há um fato histórico, imprevisível e de consequências incalculáveis como a pandemia do novo coronavírus, que destrói não apenas vidas, mas

empresas, empregos e renda no Brasil e no mundo. Sem emprego e renda, o consumo também foi devastado pela pandemia nas cinco regiões do País. Medidas urgentes são necessárias a fim de salvaguardar as relações de consumo já existentes.

Embora alguns setores tenham aumentado a produção durante a pandemia do COVID-19 no Brasil, a grande maioria dos fornecedores vivem tempos difíceis e escusos, tendo que se reinventarem para conseguirem manterem abertos. Aos consumidores, o isolamento social impôs a todos a necessidade de, uma vez por todas, realizar cadastros, operações e compras *on-line* a fim de atender às necessidades básicas de consumo.

O avanço tecnológico das plataformas de consumo avançaram consideravelmente durante a pandemia do SARS-CoV-2, até mesmo por ser uma necessidade de sobrevivência. Acredita-se, que esse caminho não tem volta e a sociedade viverá novos tempos nessa relação de consumo digital e tendências não de surgir nos próximos meses.

Por fim, o direito do consumidor, como direito fundamental, exige a atuação do Estado a fim de garantir a relação de consumo de forma segura, sustentável e satisfatória. É necessário que o Estado proponha medidas a fim de salvar as empresas existentes, ao tempo em que deve garantir novas formas de pagamentos e negociações de dívidas para evitar que o número de superendividados cresçam, além de plantar a semente da educação financeira nas crianças e adolescentes de hoje para que, no futuro, mesmo diante de fatos imprevisíveis como a pandemia do COVID-19, a sociedade brasileira sofra menos os impactos negativos que esse novo coronavírus trouxe ao país.

Em suma, educação financeira, reserva orçamentária e consumo consciente são medidas necessárias para escapar do superendividamento no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 23.06.2020.

BRASIL. **Código de Proteção e Defesa do Consumidor**. Disponível em:

<https://www.defesadoconsumidor.gov.br/images/manuais/codigo-de-protecao-e-defesa-do-consumidor.pdf>. Acesso em 23.06.2020.

BRASIL. **Medida Provisória nº 948 de 2020**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Mpv/mpv948.htm. Acesso em 23.06.2020.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 3.515-A de 2015**. Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1570118&filename=Avulso+-PL+3515/2015. Acesso em: 23.06.2020.

BRASIL. **Lei nº 8.708 de 1990**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8078.htm. Acesso em: 24.06.2020.

COMCIÊNCIA. **Isolamento social muda hábitos de consumo e intensifica comércio eletrônico**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/isolamento-social-forca-mudancas-de-habitos-de-consumo-e-intensifica-comercio-eletronico/>. Acesso em 24.06.2020.

CORREIO DO POVO. **Fatia de famílias endividadas sobe a 67,1% e bate recorde em junho, afirma CNC**. Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/economia/fatia-de-fam%C3%ADlias-endividadas-sobe-a-67-1-e-bate-recorde-em-junho-afirma-cnc-1.437869>. Acesso em: 23.06.2020.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **91 milhões de brasileiros deixaram de pagar pelo menos uma conta em abril**. Disponível em:

<https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2020/04/epoca-negocios-91-milhoes-de-brasileiros-deixaram-de-pagar-pelo-menos-uma-conta-em-abril.html>.

Acesso em 02.07.2020.

EXAME.COM. **As empresas estão descobrindo o mundo online, diz Diego Barreto, do iFood.** Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/as-empresas-estao-descobrimdo-o-mundo-online-diz-diego-barreto-do-ifood/>. Acesso em: 23.06.2020.

G1. **Falta de uso da educação financeira faz crescer número de endividados.**

Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/05/falta-de-uso-da-educacao-financeira-faz-crescer-numero-de-endividados.html>. Acesso em 24.06.2020.

G1 ECONOMIA. **Com impacto do coronavírus, FMI prevê queda de 9,1% para o PIB do Brasil neste ano.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/24/com-impacto-do-coronavirus-fmi-preve-queda-de-91percent-para-o-pib-do-brasil-neste-ano.ghtml>. Acesso em 02.07.2020.

GAZETA DO POVO. **Por que o Brasil é um país de analfabetos financeiros – e como isso atrapalha a nossa vida.** Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/brasil-pais-dos-analfabetos-financeiros/>. Acesso em: 24.06.2020.

HORA DO POVO. **Número de famílias com dívidas é recorde.** Disponível em:

<https://horadopovo.com.br/numero-de-familias-com-contas-ou-dividas-em-atraso-e-recorde-em-junho/>. Acesso em: 23.06.2020.

INFOMONEY. **Taxa de desemprego sobe para 12,2% em março e atinge 12,9 milhões, aponta IBGE.** Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/taxa-de-desemprego-sobe-para-122-no-trimestre-e-atinge-129-milhoes-aponta-ibge/>.

Acesso em 02.07.2020.

TRIBUNA DO NORTE. **Fenabreve afirma: 30% das concessionárias de automóveis pode ‘quebrar’ em 15 dias.** Disponível em:

<http://blog.tribunadonorte.com.br/autosemotores/2020/05/09/fenabreve-afirma-30-das-concessionarias-de-automoveis-pode-quebrar-em-15-dias/>. Acesso em: 23.06.2020.

Sobre o autor



Paulo Francisco Monteiro Galvão Júnior, nasceu no dia 13 de maio de 1970. Filho de Paulo Francisco Monteiro Galvão e Maria Verônica Paiva da Silva. É natural de João Pessoa, na Paraíba, no Nordeste do Brasil. Casado com Núbia e pai de duas filhas, Priscilla e Pamella. Possui formação acadêmica na área de Ciências Econômicas (Graduação, UFPB, 1998) e Gestão de RH (Especialização, UNINTER, 2009). Professor de Economia e de Economia Brasileira nos Cursos de Ciências Contábeis, Administração, Gestão Financeira e Gestão de RH no UNIESP. Economista (CORECON-PB 1392), é também Palestrante, Colunista, Autor e Coautor de 210 artigos de Economia publicados em sites no Brasil e no mundo, sobretudo, na Rússia. Eleito pelo CORECON-PB o Economista do Ano 2019 na Paraíba.

Seus eBooks:

- ✓ RBCAI (ISBN 978-85-5597-049-8, 2009);
- ✓ Reflexões Socioeconômicas (ISBN 978-85-5597-050-4, 2010);
- ✓ Novas reflexões socioeconômicas (ISBN 978-85-5597-051-1, 2011);
- ✓ Vamos fazer juntos a economia verde? (ISBN 978-85-5597-052-8, 2012);
- ✓ Por que o Brasil é muito desigual? (ISBN 978-85-5597-048-1, 2013);
- ✓ Economia (ISBN 978-85-5597-047-4, 2014);
- ✓ Economia brasileira: de Pedro Álvares Cabral ao Ajuste Fiscal (ISBN 978-85-5597-046-7, 2015);
- ✓ O ouro do século XXI (ISBN 978-85-5597-045-0, 2016);
- ✓ Diversos enfoques econômicos (ISBN 978-85-5597-044-3, 2017);
- ✓ Novos enfoques econômicos (ISBN 978-85-5597-042-9, 2018);
- ✓ Dia mundial da alimentação: Investindo na Agropecuária, na Pesca e na Aquicultura para Salvar Vidas (Sem ISBN, 2018);
- ✓ Liberdade econômica e igualdade social (ISBN 978-85-5597-107-5, 2019);
- ✓ A força econômica de João Pessoa: crescendo junto com o turismo - 2014-2018 (ISBN 978-65-80641-32-5, 2019).

